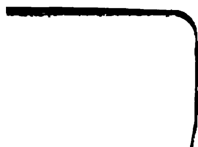



STANFORD UNIVERSITY
LIBRARIES



A RAÇA NEGRA

SOB O PONTO DE VISTA

DA

CIVILISAÇÃO DA AFRICA

USOS E COSTUMES DE ALGUNS POVOS GENTILICOS
DO INTERIOR DE MOSSAMEDES

E

AS COLONIAS PORTUGUEZAS

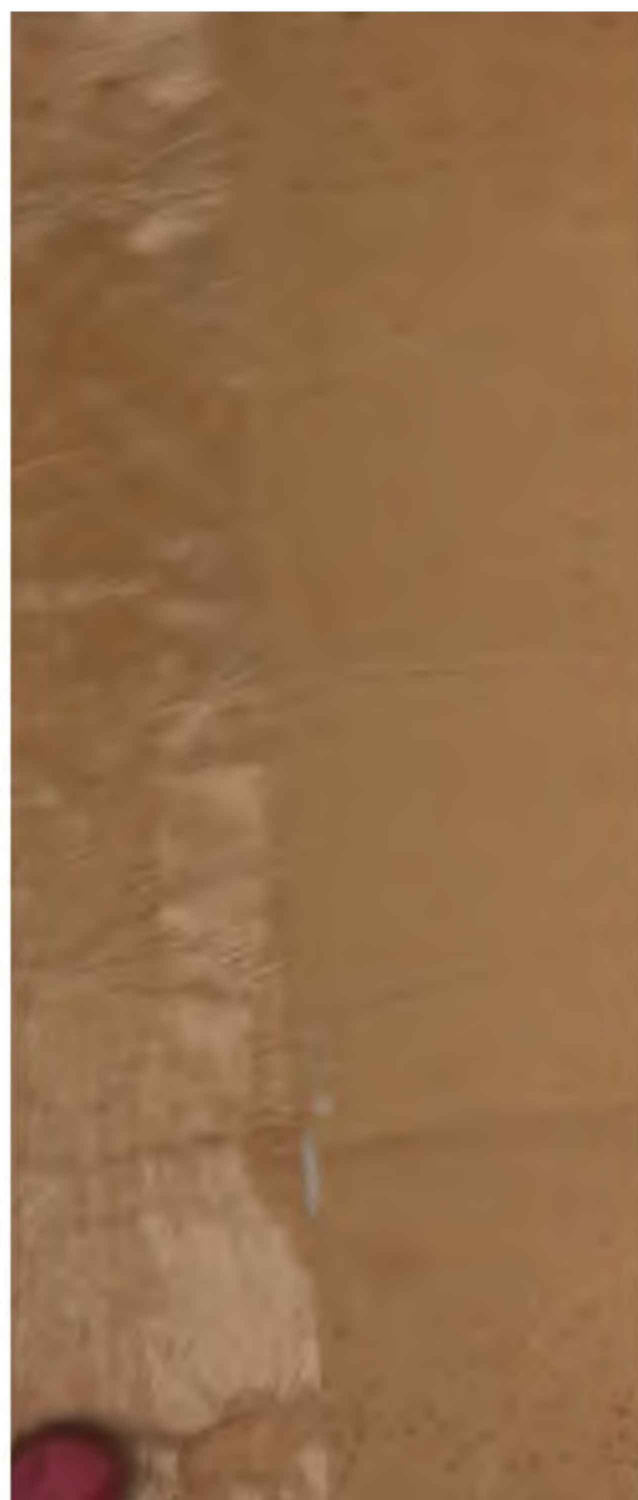
POR

A. F. NOGUEIRA

Socio effectivo
da Sociedade de Geographia de Lisboa,
membro da commissão de exploração e civilisação
da Africa da mesma Sociedade.

LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, RUA NOVA DA PALMA, 154

1881



A RAÇA NEGRA

SOB O PONTO DE VISTA

DA

CIVILISAÇÃO DA AFRICA

USOS E COSTUMES DE ALGUNS POVOS GENTILICOS
DO INTERIOR DE MOSSAMEDES

E

AS COLONIAS PORTUGUEZAS

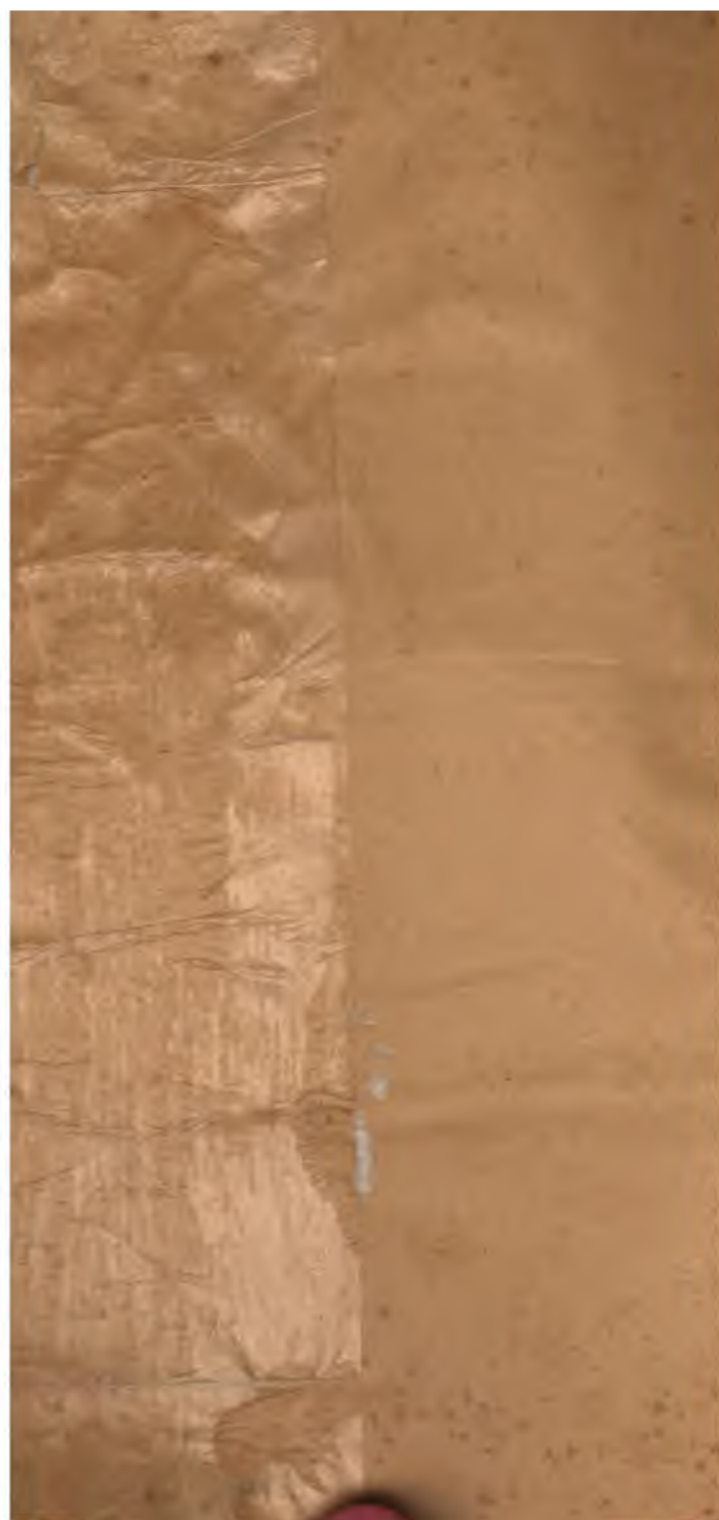
POR

A. F. NOGUEIRA

**Socio effectivo
da Sociedade de Geographia de Lisboa,
membro da commissão de exploração e civilisação
da Africa da mesma Sociedade**

LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, RUA NOVA DA PALMA, 154

1880



RAÇA NEGRA

EXPLICAÇÕES PRÉVIAS

As paginas que vão ler-se foram escriptas com o unico intento de ser util ao meu paiz, e á pobre raça a quem são dedicadas. Ensinou-me a experiencia de vinte e cinco annos em Africa que o Negro não é o ente absolutamente inferior que nós suppomos, e que se o nosso auxilio lhe é necessario, o seu não nos é menos util com relação ao desenvolvimento das nossas colonias africanas.

Para nós o Negro não é um simples instrumento de trabalho, destinado a desapparecer um dia e a ser substituido pelo Branco, é um elemento estavel, duradouro, e «indispensavel» na obra de civilisação que temos a realisar em Africa. Como tal, o problema da sua civilisação impõem-se-nos como uma necessidade indeclinavel.

Não é esta a primeira vez que eu me occupo deste assumpto. Já em tempo tinha procurado mostrar, em

dois artigos que publiquei no *Jornal do Commercio*, «Povos primitivos e povos civilisados», e «Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi, no interior de Mossamedes, a proposito do livro de Sir John Lubbock, *As origens da civilisação*», que os Negros não são o que nós geralmente pensamos, que elles progridem, e revelam aptidões que lhes asseguram um logar importante nos destinos da humanidade.

Mas aquelles trabalhos além do acanhado das suas proporções eram concebidos sob um ponto de vista, que se não era exclusivamente scientifico tinha mais de theorico do que de pratico.

Era pois preciso tratar este assumpto em outro campo adduzindo para o esclarecer o maior numero de provas e de factos.

Eu hesitei por muito tempo em me abalançar a esta tarefa, não só por não confiar nas proprias forças, mas tambem pelo receio que tinha de que a opinião publica no nosso paiz não estivesse sufficientemente preparada para acceitar um trabalho dessa ordem.

Um acontecimento produzido no seio da nossa Sociedade de Geographia veio porém dissipar o meu receio nesta parte.

Tinha o illustre vice-presidente da mesma Sociedade, A. A. Teixeira de Vasconcellos, apresentado na sessão de 7 de janeiro de 1878 uma proposta para se pedir ao governo a creação de um instituto em que se ensinassem as linguas que se fallam nas nossas possessões ultramarinas, e a historia e a geographia coloniaes, e essa proposta sendo impugnada por alguns dos nossos consocios, quanto ao ensino das linguas, por o julgarem pouco pratico, ou menos necessario, deu origem a uma discussão em que eu pude ver o interesse sério que se ia tomando pelos nossos assumptos coloniaes.

A discussão não podéra terminar naquella sessão, e por isso continuára na seguinte, que se realisou a 11 de março. Na primeira fallaram a favor da proposta, entre outros o sr. visconde de S. Januario, vice-presidente honorario da Sociedade, e o sr. Luciano Cordeiro primeiro secretario geral. Na segunda depois de ter fallado o sr. Cunha Rivara tomou a palavra tambem a favor da proposta o proprio presidente da Sociedade o sr. dr. José Vicente Barbosa du Bocage.

O discurso do sabio professor de zoologia, e illustre director do Museu Zoologico de Lisboa foi para mim uma verdadeira revelação. S. ex.ª encarando o assumpto em discussão sob um ponto de vista mais largo expoz com notavel lucidez e á altura do seu grande talento toda a nossa questão colonial, analysou com uma sciencia perfeita, e por vezes com uma intuição maravilhosa, varias circumstancias essenciaes a essa questão, e particularidades que ás vezes escapam aos praticos, verberou os abusos e as injustiças que commettem os Brancos para com as raças selvagens, especialmente na Africa, raças atrazadas mas em geral não degeneradas, e que nós corrompemos mais do que civilisamos, e pugnou pelo estudo das linguas e pelo emprego de todos os meios racionaes, scientificos e humanitarios de civilisarmos aquelles povos.

Por muito que se achasse transviada a opinião entre nós ácerca dos Negros quando a favor do ensino e civilisação destes se pronunciava um homem como o dr. Bocage, a maior authoridade scientifica do nosso paiz, e um dos mais altos representantes da sciencia mesmo lá fóra, podia dizer-se que essa causa, ao menos em principio, estava definitivamente ganha. Restava só conquistar a adhesão publica, indispensavel para os seus effeitos praticos.

Desde esse momento eu resolvi-me a contribuir para esse fim quanto podesse.

Mas por essa occasião uma commissão de serviço publico teve-me occupado e fóra de Lisboa até meado de 1870.

Cessando aquella causa impeditiva pude emfim desempenhar-me desta tarefa do modo como o leitor avaliará.

Isto quanto á origem do livro.

Agora mais algumas palavras, quanto ao seu pensamento ou plano.

Todos sabem que o problema da civilisação da Africa se reduz a uma questão de trabalho. Sobram ali os elementos de riqueza, falta quem os explore.

Em uma parte do continente africano, nas regiões mais altas, e em outras da beira mar, conforme as latitudes, e ainda algumas condições locaes, póde aclimar-se o europeu, em outra não, e é essa justamente a mais importante, tanto sob o ponto de vista da riqueza dos seus productos como da vastidão da sua area.

Esta situação faz lembrar logo o Negro como o natural instrumento ahi de trabalho. Elle é robusto, e vive perfeitamente nesses climas insalubres. Será porém susceptivel de se civilisar?

Dividem-se a tal respeito as opiniões; uns pretendem com o apoio de certa escola naturalista, que o Negro, radicalmente inferior, nem por si, nem com auxilio extranho poderá sair do estado em que tem permanecido, e a que o condemna essa inferioridade; outros, seguindo outros principios sustentam que elle se póde civilisar, e tanto mais depressa quanto mais adequados forem os meios que nós para esse fim empregarmos.

Estas duas opiniões até certo ponto contrabalançam-

se, porque nenhuma apresenta argumentos decisivos contra a outra. Ha de ser um estudo comparativo da sciencia e dos factos quem hade decidir na materia.

Esta questão tem para nós um interesse capital.

A Inglaterra póde povoar algumas das suas colonias d'Africa, especialmente as do Cabo, com gente sua ou da raça branca. Nós não podemos fazer o mesmo nas nossas. Ainda que tivessemos um excesso de população que podessemos desviar para ali, ou dinheiro com que a podessemos introduzir de fóra, o Branco nunca poderia substituir inteiramente o Negro em qualquer das nossas provincias das duas costas africanas. A nossa politica é, pois, quanto ao Negro fatalmente de conservação. E não fallo senão dos principios de utilidade. Outros ha mais elevados, e que não são para desprezar. Que os inglezes no Cabo repillam a raça indigena, que podem substituir, e que lhes levaria muito tempo a civilisar, comprehende-se ainda que se não justifique; o mesmo e por identico motivo, se fez na America, e se faz ainda hoje na Australia; mas nas nossas colonias d'Africa semelhante conducta além de iniqua seria insensata. Repellindo ou aniquilando o Negro só teriamos feito o deserto em torno de nós, só teriamos creado... a esterilidade.

Não basta porém uma attitude passiva neste caso; é preciso mais; é preciso auxiliar o Negro na sua evolução para a vida civilisada.

Em quanto varias nações da Europa, que mais a peito têem tomado a causa da civilisação da Africa fazem percorrer aquelle continente pelos seus exploradores, fundam estações scientificas e commerciaes, protegem o estabelecimento de missões, estudam as linguas, e procuram por todos os meios orientar-se ácerca dos Negros, e trazel-os o mais breve possivel á commu-

nhão dos povos civilisados, é preciso que nós, que outr'ora fomos os primeiros a trilhar essa senda gloriosa, não permaneçamos de braços crusados, não nos deixemos ficar definitivamente para traz.

Este livro tem por fim chamar a attenção publica, e por ventura dos poderes competentes, para este assumpto, para nós da mais alta importancia.

Na primeira parte exponho o que a sciencia professa com relação ao possivel aperfeiçoamento do Negro, e tambem o que ao mesmo respeito nos dizem os factos, quer narrados por alguns viajantes de maior credito, quer por mim mesmo observados.

Estando pouco divulgada entre nós a parte de historia natural que trata do homem, e especialmente as doutrinas que procuram explicar a sua origem, tive de dar a esta materia o desenvolvimento necessario.

Na segunda parte dando uma succinta noticia das nossas possessões indico algumas reformas que me parecem mais urgentes. O ensino e educação do Negro é ainda ahi o assumpto de que principalmente me occupo, e não podia deixar de ser assim em uma obra que lhe é especialmente dedicada.

Tencionava concluir por um vocabulario da lingua que se falla no interior de Mossamedes, mas para não alterar o plano economico deste livro, desejando pol-o ao alcance de todos, resolvi-me a publical-o em outro, se a acceitação deste a isso me animar.

«Os povos civilisados vão por toda a parte substituindo-se ás raças selvagens ou impondo-se a povos menos bellicosos; em presença disto os governos só tem a escolher entre dois meios: ou aniquilal-os, ou tornal-os seus alliados. O primeiro apesar de alguns exemplos recentes, não é admissivel. O segundo é realisavel com a condição de comprehender o genio do povo vencido, suas aptidões e até a natureza da sua raça». *(L'Antropologie* por o dr. Paul Topinard. Paris 1877 paginas 11.)

PRIMEIRA PARTE

A RAÇA NEGRA

I

Importancia dos Negros demonstrada pela estatistica e pela climatologia. — Objecções ácerca do seu aperfeiçoamento. — Asserções de J. J. Virey, A. Maury, e Vivien de Saint-Martin. — Algumas considerações a este respeito. — Hypotheses ácerca da origem do homem. — Monogenismo de M. de Quatrefages.

A raça negra contando cerca de 200:000:000 de individuos, occupando quasi toda a Africa, a maior parte da Oceania, uma parte da Asia, e povoando com a branca algumas regiões da America tem só por esses factos uma importancia muito grande. Mas se attendermos a que só ella póde viver em certas regiões da zona tropical, regiões insalubres, mas das mais ferteis do globo, essa importancia cresce de ponto, e não póde deixar de ser tomada na devida consideração por todas as nações que se propõem a resolver o importante problema da civilisação da Africa.

M. Häckel na sua *Historia da creação natural* querendo demonstrar que a raça branca tende a estender-se e a dominar sobre todas as outras vê-se obrigado a reconhecer que «os Negros, os Cafres, os Nubios, os Malaios, e os Dravidianos entre os tropicos, e nas regiões polares as raças arcticas, são protegidos

contra a invasão dos Indo-Germanicos por uma melhor e mais antiga adaptação, uns a um clima quente, outros a um clima frio.» [1]

Essas raças são pois o elemento natural para a civilisação que se póde desenvolver nesses lugares. São uteis e necessarios. Não são uma excrescencia, um membro inutil no grande corpo da humanidade. Não as podemos suppor desherdadas das mesmas aptidões com as quaes se elevaram as raças hoje mais adiantadas. Se permanecem mais atrazadas é esse um facto que se póde explicar sem que seja preciso consideral-as absolutamente inferiores.

Por mais que se amesquinhe o Negro, por mais que se pretenda rebaixal-o á simples condição de animal elle é um membro importante da familia humana.

Para nós, desde já o declaramos, elle é o homem que começa, não é o homem que acaba.

Mas se uns factos e uns certos dados lhe são favoraveis, outros, mal comprehendidos ou mal interpretados parecem depôr contra elle, e servem de pretexto para as accusações que se lhe fazem.

É assim que alguns naturalistas o apresentam como absolutamente inferior e incapaz de se civilisar.

Virey, por exemplo, tendo declarado que as raças humanas, que habitam as regiões intra-tropicaes eram immutaveis na sua barbaria, diz com relação especialmente ás raças negras: «Fracas, astuciosas e cobardes as castas negras curvam a fronte servil sob um jugo de bronze imposto por o resto dos homens mais civilisados, que as opprimem com audacia, que as perseguem deshumanamente; a sua escravidão aviltante

[1] E. Hœckel. *Histoire de la creation naturelle*. Trad. do dr. Letourneau. Paris 1874, pag. 612.

data dos tempos mais remotos, e nunca uma resolução generosa se produziu no seu estupido coração. A sua infelicidade não tem sido adoçada ou ennobrecida por quaesquer talentos. Homens sem coragem, almas rasteiras, só têem tido sentimentos vulgares e uma intelligencia obscura.» [1]

Em outro livro *La nature et les facultés de l'homme*, o mesmo author, estabelecendo que o genero humano se divide em duas especies, uma branca e outra preta, e com quanto entenda que a inferioridade do Negro não justifica a escravidão odiosa a que o sujeitamos, insiste em que «os habitos do negro revelam uma molleza natural ou uma abjecção innata da alma.» (p. 173).

Outros naturalistas da mesma escola sustentam a mesma opinião ácerca dos Negros. Os transformistas não lhes são mais favoraveis.

Note-se que Virey escrevia aquellas palavras ácerca da submissão ignobil dos Negros para com os seus oppressores quando a França organisava um exercito de nada menos de 20:000 homens, á testa do qual collocava um general como Leclerc, para combater os Negros do Haiti, que se tinham revoltado contra a tyrannia dos Brancos, e por signal esse exercito havia de regressar á França trez annos depois tendo perdido o seu general, e muitos dos seus soldados, e sem poder submetter aquelles «homens sem coragem», e incapazes de qualquer resolução generosa.

Modernamente homens como M. M. Alfred Maury, e Vivien de Saint-Martin escrevem ainda o seguinte a respeito dos Negros: «O estado em que encontramos os povos negros que ficaram entregues a si mesmos, diz o primeiro, prova que não são susceptiveis de

[1] J. J. Virey. *Histoire naturelle du genre humain*. Paris An. IX.

passar o nivel da vida de tribu, e os factos contemporaneos fazem pensar que, sem a tutela dos Europeus não poderiam conservar os beneficios da civilisação. A raça negra existe desde um tempo immemorial na Africa. Certos authores especialmente sir Samuel Baker, olham-na como datando de uma epoca anterior á em que appareceu a raça branca, e a têem por o resto de uma creação que precedeu a fauna actual. Nesta hypothese, os negros seriam contemporaneos da formação do grande plan'alto africano que não participou das ultimas revoluções geologicas. O que é certo é que os Negros existiam já na Africa ha 4:000 ou 5:000 annos. As pinturas pharaonicas representam-os com os mesmos caracteres que offerecem hoje. As inscripções hierogliphicas designam-os com o nome de *Nahasou* ou *Nahasiou*. O propheta Jeremias falla da pelle negra do Ethiope (Cuschita), que não póde mudar.» [1]

E M. Vivien de Saint-Martin: «Os negros são uma raça indolente, inerte, apathica, material, sem iniciativa, sem sentimento algum de progresso.

«Em parte alguma e em tempo algum, antes ou depois das suas relações com os Europeus, passaram dos primeiros rudimentos da vida social. Não só não ha uma communidade negra que se tenha elevado espontaneamente a uma organisação civil e politica, que se possa comparar, mesmo de longe, aos estados civilisados da Europa e da Asia, mas o proprio contacto das civilisações estrangeiras, musulmanas ou christãs, não teve sobre elles a menor acção sob o ponto de vista do seu desenvolvimento intellectual. O que eram ha 10, 20, 40 seculos talvez, são-n'o ainda hoje. Em

[1] *La terre et l'homme*. Paris 1877 pag. 424.

religião têem o fetichismo; em moral os grosseiros instinctos da materia; em politica as fórmas mais embrutecedoras do despotismo. Mesmo no Soudan, onde os arabes, ha seculos, implantaram o seu culto e fundaram muitos dominios, o negro aborigene apenas fez um passo acima da sua condição primeira. O que ha de civilisação nos Estados musulmanos da Negricia é a civilisação dos dominadores; mas essa não desceu até os negros. Em todo o resto da Africa tropical as populações negras têem-se dividido em uma multidão de pequenos reinos ou de tribus hostis, que repellem como inimigo ou reduzem á escravidão tudo o que vem de fóra. As explorações d'estes ultimos annos têem-nos feito conhecer na zona equatorial, desde os confins dos paizes gallas até á visinhança do golfo de Benin, a existencia de populações que parecem mais avançadas a muitos respeitos que os negros do Soudan e da Africa Austral; mas o que se diz ao mesmo tempo da conformação physica destes povos equatoriaes mostra que pertencem a um typo branco (*branco* devendo tomar-se n'um sentido relativo), e sem duvida são ramos destacados da origem omorma (gallas).

«Uma singularidade, accrescenta ainda M. Vivien de Saint-Martin, nas noticias que nos chegam destas populações intelligentes da Africa equatorial, é que a anthropophagia é entre ellas um costume quasi geral. Muitas têem por isso recebido dos seus visinhos o appellido de Nyam-Nyams, que significa comedores de homens. É emfim singular que este abominavel costume da anthropophagia se encontre em muitas das povoações da Guiné e do Congo, e que com uma só excepção, talvez, não exista nas costas orientaes da Africa do sul, o que se deveria attribuir á influencia do islamismo, se este melhoramento

não remontasse muito provavelmente a causas mais antigas.» [1]

É para desanimar o ter de combater taes adversarios, mas por mais difficil que seja essa tarefa, por maior que seja o nosso respeito por esses auctores, não recuaremos, — não porque confiemos nas nossas forças, que bem fracas são ellas, e é quasi uma immodestia o confessal-o, mas porque é esse um dever que as circumstancias e a nossa consciencia nos impõe.

Os Negros, de certo, por causas especiaes, umas que lhes são proprias, sem que todavia attestem a sua inferioridade radical, e outras que nós lhes damos, não têem feito grandes progressos, mas é indubitavel que alguns têem feito, e é temerario e injusto o dizer-se que nenhuns mais são capazes de realisar.

Os factos em que essa opinião se funda explicam-se de um modo muito mais verosimil e natural. Se encararmos o estado de atraso dos Negros sob o seu aspecto verdadeiro veremos que elle nada prova contra a capacidade destes para se civilisarem. Esse estado é apenas uma phase da sua evolução physica e intellectual. O Negro passa presentemente por um estado pelo qual tambem passou o Branco. Como este póde progredir, aperfeiçoar-se.

Esta é a opinião que seguimos, esta a verdade que aqui procuraremos demonstrar, baseando-nos tanto nas indicações da sciencia, segundo nol-as fornecem as authoridades mais competentes, como na attenta observação dos factos.

A objecção mais séria que se apresenta contra o possivel aperfeiçoamento do Negro consiste no seu pre-

[1] *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*, em via de publicação, artigo «Afrique».

tendido estacionamento, que se julga provar pelo seu estado de atraso, affirmando-se ao mesmo tempo que é o representante de uma raça anterior á do Branco.

São estes, pois, os pontos de que principalmente nos occuparemos na discussão que vamos encetar.

E antes de passarmos adiante devemos prevenir o leitor de que é preciso que entremos nesta questão com toda a liberdade e independencia de espirito, sem preoccupações de especie alguma, e procurando unicamente o descobrimento da verdade.

Posto isto entremos desassombradamente na materia.

A natureza e as circumstancias da nossa these obrigam-nos a começar de longe; precisamos de remontar a origem mesmo do homem.

Tres são principalmente as hypotheses que se apresentam a este respeito: a monogenista, a polygenista, e a transformista.

A primeira fundando-se ao mesmo tempo no dogma e nos factos sustenta que o homem constitue uma só especie, e vem de um só par. As especies são immutaveis no seu typo e caracterisadas pela faculdade que têem os seus individuos de só se reproduzirem entre si, sendo estereis com individuos de fóra, circumstancias que se dão exactamente no homem.

A segunda notando que os homens appareceram em logares differentes da terra, entre os quaes não havia communicação, e com caracteres de egual valor aos que destinguem as especies animaes affirma que elles tiveram origens distinctas e constituem verdadeiras especies.

No principio os fundadores desta escola quizeram tambem apoiar-se no dogma, e para isso invocaram as passagens do primeiro livro de Moysés em que este

diz que o Senhor pozera um signal em Caim para que o não matasse quemquer que o encontrasse (G. IV, 15.), e faz distincção entre os filhos de Deus e as filhas dos homens (G. VI, 1, 2 e 4.)[1], mas depois abandonaram este fundamento, de que nunca se deviam ter servido.

E a terceira que os seres vivos descendem uns dos outros, e todos de um só germen primordial, não havendo nos dous reinos organicos verdadeiramente especies, e sim variedades, e não fazendo o homem excepção a essa regra.

Exponhamos com mais individualidade estas doutrinas.

M. de Quatrefages o mais authorizado representante, modernamente, tanto na França como em toda a Europa, do monogenismo, ou para melhor dizer, o creador de um monogenismo novo e verdadeiramente scientifico, sustenta que nunca uma especie deu origem a outra especie, quer por transformação quer por derivação, havendo um só caso no reino vegetal de se ter produzido este ultimo phenomeno, mas não se conservando a especie derivada senão pelo emprego dos maiores cuidados.

Quando, excepcionalmente, se dá um producto entre duas especies esse producto é hybrido.

A variedade hereditaria que apparece na especie constitue a raça.

A sciencia não póde decidir se as especies começaram por um só par cada uma, ou por muitos pares apparecidos simultanea ou successivamente, mas *as*

[1] Zimmermann diz que tambem se invocava uma epistola de Santo Agostinho aos Romanos, em que este diz «que os Judeus descendem com effeito de Adão, mas não dos pagãos.»

cousas são como se, cada especie tivesse tido por ponto de partida um par unico e primitivo.

Quanto á origem das especies nada se sabe, mas tendo estas apparecido em periodos que correspondem a grandes movimentos geologicos, e podendo a *causa desconhecida* que lhes deu nascimento estar ainda em acção em alguma parte do globo é possivel que esse mysterio nos seja ainda um dia revelado.

O homem constitue uma só especie, dividida em tres grandes ramos ou raças principaes: o Branco, o Amarello, e o Negro.

M. de Quatrefages põe clara e francamente esta questão: «o homem é sim ou não, distincto dos animaes por phenomenos importantes, caracteristicos, absolutamente estranhos a estes ultimos?» Ha perto de quarenta annos que elle opina pela affirmativa, e as suas convicções permanecem inabalaveis. «Mas, diz elle, não é na disposição material nem no jogo do seu organismo physico que devemos ir procurar estes phenomenos. Sob esse ponto de vista o homem é um animal nada mais e nada menos. Anatomicamente o homem differe menos dos macacos superiores do que estes dos macacos inferiores. O miscroscopio revela entre os elementos do organismo humano e os do organismo animal semelhanças notaveis, e surprehendentes; a analyse chimica conduz ao mesmo resultado. O jogo dos elementos, dos orgãos, dos apparelhos é exactamente o mesmo no homem como no animal.

«As paixões, os sentimentos, o caracter estabelecem entre os animaes e o homem relações não menos estreitas. O animal ama e aborrece: encontra-se nelle a irritabilidade, o ciume ou a inveja, assim como a paciencia que nada fatiga, a confiança que nada abala.»

O homem e o animal têem uma intelligencia. M. de

Quatrefages admitte que os animaes tenham um senso intimo, ou consciencia dos seus actos, sem que todavia esse sentimento possa egualar o parallelo no homem, e o que diz da intelligencia não duvida dizel-o da linguagem. Só o homem tem a *palavra* é verdade, quer dizer a *voz articulada*, mas duas classes de animaes têem a *voz:* os mamiferos e os passaros. Tanto a respeito da voz como do senso intimo não ha entre nós e os animaes senão um aperfeiçoamento immenso, mas nada de radicalmente novo.

Assim, não sendo nos phenomenos que se ligam á intelligencia que se encontra a verdadeira caracteristica do homem, deve procurar-se na moralidade e na religiosidade, sentimentos que constituem os attributos de um genero, e que se não encontram nas especies animaes.

E aqui não concorda com os psychologistas que attribuem a religiosidade e a moralidade á *razão.*

Não ha, diz M. de Quatrefages, com excepção talvez dos Bachapins (Ba-Xapim?) e dos Bongos (B'Ongo?) raça alguma humana que não tenha algum principio de religião. Os proprios Boschimans [1] segundo Campbell, têem um Deus macho e outro femea.

Na sua opinião o atheismo só se encontra nas raças humanas parcial ou individualmente.

Explicando a variedade de typos que apresenta a especie humana diz M. de Quatrefages, que tendo o homem atravessado duas epocas geologicas, e quando tudo mudava, não podia ficar immutavel. Aperfeiçoou-

1 Os hollandezes deram o nome de *Boschjemans* «homens do matto» e os inglezes o de *Bushmens* no mesmo sentido, a um ramo da raça hottentote, que os cafres designam com o nome de *a batua* «os caçadores», e que no interior de Mossamedes é conhecido com o de *Ba-Kankala.*

se, desenvolveu-se, e a acção dos meios e os crusamentos deram origem ás differentes raças. Todas as modificações de typo que nelle se encontram são devidas a essas causas. O typo humano primitivo deve ter sido um homem prognatha, dolichocephalo, com cabellos lisos, a pelle amarella, a côr do cabello ruiva, e fallando uma linguagem monosyllabica.

O Negro não é anterior ás raças branca ou amarella. A questão da anterioridade das raças, acha-se circumscripta aos Semitas, aos Allophylos, e ao conjuncto das raças amarellas, sendo a raça aryanna, ou indo-europea, a mais recentemente apparecida.

O berço do primeiro homem foi na Asia. A epoca da sua apparição não póde ser bem determinada. Alguns vestigios da industria humana revelam a existencia do homem no periodo terciario. M. de Quatrefages não tem duvida em admittir que o homem possa ter existido até no fim do periodo secundario. Não sendo physicamente mais que um mamifero póde ter vivido com os primeiros destes animaes; mas o que se sabe com certeza é que no periodo quaternario já a especie humana se achava dividida em muitas raças.

O homem passou por trez estados sociaes: o caçador ou pescador, o pastor, e o agricultor, estados que ainda se encontram nas tres grandes raças humanas. Nada ha pois entre estas de absolutamente distincto. Em cada uma se encontram os tres typos sociaes.

O Negro typo póde, por si mesmo, elevar-se a um estado social muito avançado. Os annaes de Amed Baba demonstram que na idade media elle tinha fundado na bacia do Niger imperios pouco inferiores a bastantes estados europeus da mesma epoca.

Quanto ás raças amarellas quando a raça aryanna permanecia ainda inteiramente barbara, a China tinha

já determinado a fórma da terra, e reconhecido o achatamento dos polos.

Comtudo M. de Quatrefages reconhece uma desigualdade *actual* nas diversas raças humanas. O Negro no passado ou *tal como é*, não é o igual do Branco. Se tem uma *historia politica* não se lhe encontra uma *historia intellectual*, que se traduz por monumentos litterarios, artisticos, etc., attestando um progresso continuado. Por si mesma a raça negra nada tem produzido neste sentido.

Observarei a este respeito, que melhor estudada a vida de muitos povos africanos, e examinados com a necessaria attenção os productos da sua industria, e da sua arte, seria facil encontrar os primeiros capitulos dessa historia a que se refere M. de Quatrefages. A fórma que elles dão hoje a muitos objectos do seu uso não é tão imperfeita, como o foi em outro tempo; os ornatos com que guarnecem esses objectos são tambem mais correctos e graciosos; as suas habitações são melhor construidas, muitos usos barbaros tem sido abolidos. Uma primeira fórma do *quippu* systema mnemonico dos Indios da America começa a ser tambem adoptada por alguns povos do interior de Mossamedes.

Mas, diz M. de Quatrefages, se não podemos concluir que todas as raças humanas sejam eguaes absolutamente, que nem todas sejam dotadas das mesmas aptidões para se elevarem ao mesmo grau de desenvolvimento intellectual, tambem não devemos cair no erro opposto de affirmar que ha raças absolutamente inferiores e incapazes de se elevarem acima do estado social em que viveram os seus antepassados.

Os factos que se invocam para sustentar esta asserção, e que dizem respeito principalmente aos indigenas da America do Norte, e aos Australianos, provam

ao contrario que estes povos *collocados em melhores condições* teriam feito grandes progressos.

Pelo que diz respeito aos Pelles-vermelhas a obra de Schoolcraft, e outras, já não deixam duvida alguma ácerca das suas qualidades progressivas.

Os Australianos descriptos como permanecendo em um estado de selvageria absoluta, tinham as suas instituições de povo caçador: a familia, a tribu, a nação achavam-se entre elles organisadas. D'entre os muitos testemunhos que se podiam invocar, como os de Dawson, Blosseville, etc., para provar que os Australianos são susceptiveis de se civilisarem basta recordar o facto das tribus fixadas e civilisadas por Williams Buckley, o soldado desertor.

Os Australianos de resto tem sido das raças mais perseguidas e calumniadas pelos Brancos.

M. de Quatrefages constata que em todos os povos selvagens se encontra a noção mais ou menos desenvolvida do bem e do mal, e diz nisto a nosso ver uma grande verdade.

Com effeito entre todos os povos gentilicos do interior de Mossamedes que eu conheci, e ha-os ali no mais baixo da escala, existe já um principio de moralidade. Esse sentimento eguala por vezes o do homem mais civilisado. Contra a opinião de Sir John Lubbock, e acompanhando neste ponto a M. de Quatefages creio que não ha hoje nenhuma raça humana privada absolutamente de senso moral. Este sentimento, e a palavra, constituem os verdadeiros caracteres que separam o homem actual de todas as especies animaes. A religiosidade é um sentimento de certo exclusivo ao homem, mas que vem depois, produzido pelo desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes. E isto não é discutir a theoria, é consignar simplesmente os factos.

M. de Quatrefages com rasão, adverte, que é preciso entrar neste assumpto com toda a imparcialidade desprendendo-nos de todos os preconceitos, lançando um olhar retrospectivo para a nossa propria historia, e emfim procedendo como o faria «um zoologo examinando os caracteres physicos de um mamifero ou de um passaro». Deste modo reconheceremos «a profunda semelhança que as manifestações moraes estabelecem entre todos os homens tanto para o bem como para o mal, e talvez mais com relação a este. Nota-se com justificado horror os deboches infames de algumas tribus polynesias, e esquecem-se as orgias da Grecia e da Roma antigas, ou ainda as que se dão nos nossos dias nas nossas cidades mais populosas e civilsadas.»

Sob o ponto de vista moral póde dizer-se que o Branco, mesmo civilisado, não vale muito mais do que o Negro, ou do que outro individuo de qualquer raça selvagem. Com effeito a conducta dos Europeus para com os povos, ou as raças, que encontraram na America, na Oceania e na Africa não abona a sua alta moralidade. As palavras trafico e escravidão depõem ainda hoje muito contra os Brancos. Os Brancos aryannos aboliram a escravidão é verdade, mas os Brancos semitas conservam-na, e em todo o caso os primeiros não deixam ainda de a praticar.

M. de Quatrefages cita varios factos de uma narração publicada em 1873 por M. A. H. Markhan, commandante do *Rosario,* e que fôra o encarregado pelo governo inglez de reprimir os actos de que se trata. Mencional-os-hemos aqui pela sua importancia.

Em 1842 as tripulações de dois navios inglezes desembarcaram na ilha Sandwich para explorarem as florestas de sandalo, e como alguns naturaes se lhes oppuzessem fizeram fogo sobre elles, matando-lhes 26,

e destruindo o resto em uma caverna onde se tinham refugiado.

Mas as atrocidades commettidas pelos «ladrões do sandalo», como lhes chama M. de Quatrefages, têem sido excedidas pelas dos celebres piratas que se entregam ao *trafico dos trabalhadores* para as colonias inglezas da Oceania, e a quem se dá o nome de *kidnapping*, expressão consagrada por actos officiaes, e que tambem significa *roubo de creanças.*

A principio parece que essa industria era exercida com uma certa legalidade, mas depois tomou outro caracter. Os *kidnappers* lançaram mão de todos os meios para obterem os seus carregamentos de carne humana. Sendo costume em varias ilhas polynesias os guerreiros fazerem com as cabeças dos seus inimigos vencidos tropheus com que attestam o seu valor, os chefes de algumas dessas ilhas contrataram com alguns capitães de navios a troca de um certo numero de cabeças por outro de trabalhadores, devendo estes ser reconduzidos ao seu paiz ao fim de um certo numero de annos. Em virtude de um desses contratos, um brigue, de uma vez, a pouca distancia da Florida, fez virar uma canoa de naturaes, que se lhe tinha aproximado, e arreando immediatamente os escaleres, os marinheiros agarraram aquelles infelizes, degolaram-os levando-lhes as cabeças, e fizeram-se ao largo.

Escusado é accrescentar, diz M. de Quatrefages, que a maior parte, dos engajados, d'este ou d'outro modo, ficavam na escravidão por toda a vida.

As scenas que se passavam a bordo dos navios que conduziam esses infelizes eram por vezes horrorosas. M. de Quatrefages cita um só dos muitos factos que refere M. Markhan, e que se passou a bordo do *Carl.*

Tinha este navio, a bordo do qual ia como passa-

geiro um dr. James Patrick Murray, que era talvez o proprio chefe da empreza, deixado Melburne em 1871 com o fim de ir engajar trabalhadores negros, e dirigira-se primeiro ás Novas-Hebridas, parece que com o proposito de realisar licitamente o seu negocio. Como porém alli não achasse Negros para contractar resolveu-se a empregar outros meios. Abordando a ilha Palmer, um dos tripulantes vestiu-se de missionario para ver se assim attrahia os insulares a bordo, mas estes não cairam no laço. Então recorreram inteiramente á violencia. Iam afundando as canoas, que encontravam, dos Papous, lançando-lhes dentro barras de chumbo e outros objectos de lastro, e assim conseguiram apprehender uns 80 daquelles individuos. Uma noite estes amotinaram-se. Para os assustar dispararam por cima das suas cabeças um tiro de pistola. Mas na noute seguinte atacaram a escotilha no intento de recuperarem a sua liberdade. Então toda a equipagem poz-se a atirar para o monte até que os Negros socegaram. Quando na manhã seguinte se abriram as escotilhas só cinco poderam subir á tolda. Os mais estavam mortos ou feridos, e 16 destes ultimos foram assim deitados ao mar!

Pergunta M. de Quatrefages: «Haverá em alguma tribu selvagem *industria* mais infame do que o Kidnapping, e feitos mais barbaros e mais crueis do que esses de que se tornaram culpados o dr. Murray e seus emulos? [1]

As camaras inglezas e os governos locaes têem promulgado leis e regulamentos severos para prevenir e

[1] Este dr. Murray achando-se doente e atormentado de remorsos confessou os factos a que se refere M. de Quatrefages. Vid. *O Trabalho Rural Africano* pelo marquez de Sá da Bandeira, Lisboa 1873, pag. 45.

punir os crimes dos Kidnappers, mas os colonos com o interesse de se fornecerem de trabalhadores baratos protegem quanto podem esse trafico infame.

Passando rapidamente em revista o que se dá entre os selvagens actuaes com relação a *propriedade*, ao *respeito da vida humana*, e ao *respeito de si mesmo*, e comparando-o ao que se dá entre nós, de cujo confronto nem sempre é nossa a vantagem, M. de Quatrefages conclue:

«Em resumo se é doloroso reconhecer o *mal moral* entre as raças, entre as nações que chegaram ao mais alto grau de civilisação social, é consolador constatar o *bem* entre as tribus mais atrasadas, e de o ver entre ellas com o que tem de mais elevado, de mais delicado. Em nenhum outro caracter a identidade fundamental da natureza humana se accusa de uma maneira mais evidente. Não que todos os grupos humanos estejam no mesmo nivel com relação a moral. Tanto sob este ponto de vista como sob o ponto de vista intellectual uns podem estar mais acima outros mais abaixo, sem que nenhum desça a zero. E é precisamente esta desigualdade moral que tem para o anthropologista um interesse ao mesmo tempo scientifico e pratico.» [1]

Passemos ás outras duas hypotheses.

[1] A. de Quatrefages *L'Espece humaine*. Paris 1877.

II

Polygenismo e transformismo

O Polygenismo começou, como já dissemos, por uma questão de dogma.

M. de Quatrefages refere-nos assim esse facto.

«Um dogma apoiado na authoridade de um livro que respeitam quasi do mesmo modo christãos, judeus, e musulmanos attribue desde muito tempo a um só pai e a uma só mãi a origem de todos os homens. Todavia o primeiro ataque dirigido a esta antiga crença apoiava-se neste mesmo livro. Em 1655 La Peyrere, gentil homem protestante do exercito de Condé, tomando á letra as duas narrações da creação contidas na Biblia, assim como diversas particularidades da historia de Adão e do povo judeu esforçou-se por provar que só este ultimo descendia de Adão e Eva; que estes tinham sido precedidos por outros homens, os quaes tinham sido creados ao mesmo tempo que os animaes sobre todos os pontos da terra habitavel; e que os descendentes destes *preadamitas* eram os gentios tão cuidadosamente indicados pelos judeus. Vê-se

que o polygenismo geralmente considerado como um resultado do *livre pensamento* começou por ser biblico e dogmatico.

«La Peyrere tinha atacado o dogma adamico em nome do respeito ao texto do livro sagrado. Os philosophos do XVIII seculo fallavam em nome da sciencia e da razão, e é a elles que remonta a escola polygenista actual.»

M. de Quatrefages reconhece com tudo que «ha homens de sciencia desinteressados e sinceros que crêem na multiplicidade das origens humanas.»

Esta questão está mais intimamente ligada ao nosso assumpto do que á primeira vista parece. Ouçamos ainda M. de Quatrefages:

«Ás paixões dogmaticas vieram juntar-se as paixões sociaes e politicas para obscurecerem mais uma questão já de si muito difficil. Nos Estados-Unidos, sobre tudo, os escravagistas e os negrophilos luctaram frequentemente neste terreno. Ainda mais. Em 1844 M. Calhoun, ministro dos negocios estrangeiros naquelle paiz tendo de responder ás representações que a França e a Inglaterra lhe dirigiam a respeito da escravidão, não hesitou em defender as instituições do seu paiz, arguindo as differenças radicaes que segundo elle separavam o Negro do Branco.»

Os polygenistas de certo não quizeram authorisar quaesquer actos injustos e deshumanos, mas não prevendo que as consequencias das suas doutrinas seriam essas, e que um tal resultado era a sua condemnação formal, por que nenhum principio, nenhuma doutrina póde ser verdadeira sem ser moral, commetteram um erro e uma falta de que não podem deixar de ser responsaveis.

Seja dito, porem, em seu abono, e em geral dos na-

turalistas que consideram o Negro como o descendente mais proximo de uma especie simiana, e por isso radicalmente inferior ao Branco, que muitos têem protestado contra a applicação que se tem feito das suas theorias. Burmeister foi um desses, [1] e Virey mesmo, como vimos, declara odiosa a escravidão a que o Negro vive sujeito.

Por outro lado diz-nos o dr. Paul Topinard na sua importante obra, *L'Anthropologie*, que tendo os polygenistas declarado que os Negros eram absolutamente inferiores aos Brancos, e pretendendo os interessados fazer d'aqui uma arma em favor da escravidão, se creára em Londres, em 1838, a primeira sociedade de ethnographia para reagir contra taes doutrinas, e favorecer a abolição da escravidão, para o que com effeito contribuira. [2]

Registemos com prazer estes factos que collocam a sciencia no seu verdadeiro campo.

Os polygenistas vêem nos differentes caracteres que separam as raças humanas, como a côr, a fórma da cabeça, o prognathismo sub-nasal, etc., outros tantos caracteres de especie. O homem, branco na Europa, negro na Africa, vermelho ou acobreado na America não é o mesmo homem *tinto com a côr do clima* como pretendia Buffon. Nem o Branco na Africa, nem o Negro na Europa mudam respectivamente de côr. Desde a mais remota antiguidade nenhum caracter essencial das especies humanas se tem modificado, nenhum novo

[1] *Histoire de la creation*. 8.ª edição, trad. do allemão por M. E. Maupas, pag. 667.

[2] *L'Anthropologie* pelo dr. Paul Topinard 2.ª edição. Paris 1877 pag. 11 a 16.

se tem produzido. O homem é nos seus differentes typos o mesmo que era authenticamente ha 6000 annos. Aos caracteres physicos que os destinguem correspondem caracteres intellectuaes e moraes; umas especies são perfectiveis, outras são absolutamente inferiores. Os Negros estão neste ultimo caso.

Passemos ao transformismo. Esta theoria de origem franceza com Lamarck, combatida a principio com successo pela escola classica monogenista representada por Cuvier, mas definitivamente fundada por Darwin, e seguida por homens como Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, W. Herbert, Hooker, R.do Mathews, Naudin, Keysserling, d'Omalius d'Halloy, Schaaffhausen, Herbert Spencer, Wallace, Huxley, Häckel, C. Vogt, F. Rolle, Lubbock, Büchner, O. Schmidt, etc., tem por principio a transformação successiva dos seres a partir de um germen primitivo e unico.

Não se sabe com certeza como se formaram os primeiros corpos organicos, mas póde suppor-se com a maior verosimilhança que da reunião de alguns atomos de oxigenio, d'hydrogenio, de carbone, e d'azote resultou a primeira celula. Desse pequenino corpo microscopico descendem todos os animaes e vegetaes. Os dois reinos separam-se por uma primeira modificação, que produz os seus typos mais rudimentares. Esses typos variam, e por uma longa serie de transformações chegam à multiplicidade de fórmas em que hoje os vemos representados.

Os dous grandes naturalistas não estão completamente de accordo quanto aos meios por que essa transformação se opera: Lamarck explica-a pela acção dos meios exteriores, Darwin pela superioridade dos individuos nas differentes fórmas de selecção que elle estabelece. Mas esta divergencia em nada prejudica o

systema, antes o completa, e assim muitos naturalistas acceitam ambas as hypotheses.

Os darwinistas dizem, que assim como artificialmente, por uma serie de crusamentos bem dirigidos, se obtem a modificação de um caracter, e por fim uma especie nova, assim naturalmente, e pela concorrencia vital se produz o mesmo resultado.

A «lucta pela existencia» é um facto de ordem natural. Os individuos melhor constituidos vencem e destroem os mais fracos, e assim se aperfeiçoam os typos e criam mesmo as especies. Certas necessidades individuaes são outra causa de variabilidade; assim, por exemplo, se alongou a tromba do elephante e o pescoço da girafa.

Tanto na hypothese de Darwin como na de Lamarck a transformação é lenta. Mas outros naturalistas da mesma escola admittem a transformação repentina, ou os saltos bruscos de uma a outra especie, sem intermediarios, e M. Darwin não deixa de reconhecer que é esse um phenomeno que se deve realisar em muitos casos.

M.me Clemence Royer não concorda com M. Darwin em que todos os seres vivos, possam, pela lei de divergencia dos caracteres ter saido genealogicamente de um germen primordial commum e unico; seria de uma só especie, mas não de um só individuo que todos os organismos se teriam successivamente formado, e de que teriam resultado os seis ou sete typos morphologicos que enviáram até nós os seus descendentes: os vertebrados, os articulados, os molluscos, os infusorios ou amorphos, e entre os vegetaes os agamos [1] e os phanerogamos. [2]

[1] Sem orgãos sexuaes conhecidos, como os cogumelos e as algas.

[2] Com orgãos sexuaes, quer na mesma flor, quer em flores differentes, ou em individuos distinctos.

A theoria da evolução comprehende necessariamente o homem. Este, segundo M. Häckel derivaria immediatamente de um antepassado simio-humano, ainda privado da palavra, e a que deu o nome de *Pithecanthropus*. A sua evolução ter-se-ia realisado atravez de 22 fórmas transitorias principaes, desde o *monero* até á actual e mais perfeita em que hoje se acha.

A julgarmos pelos caracteres que approximam o homem dos anthropoides, os typos primitivos humanos deviam assemelhar-se, pela conformação da cabeça, os dolichocephalos ao gorilla e ao chimpanze, e os brachycephalos ao orango, e pela côr, o branco ao primeiro, o negro ao segundo, e o amarello ao terceiro. Nada porém haveria ahi de identico, e apenas de analogo.

Fazem-se varias objecções ao transformismo. M. de Quatrefages insistindo em que nenhuma especie passou de uma a outra quer por selecção natural, quer por effeito da acção do homem, não se tendo dado em um ou outro caso senão alterações mais ou menos profundas dos caracteres, mas nenhuma desviação ou transformação da especie, accrescenta: «Mas quando apparecesse pela primeira vez uma especie animal produzida por crusamento selectivo ainda assim a objecção não cairia. Com effeito se a especie nova começa sempre por uma *variedade* possuindo no primeiro estado rudimentar um caracter que se vaė accentuando *muito lentamente* em cada geração, os individuos que se succedem não constituem senão variações de raça. Ora entre raças da mesma especie a fecundidade é constante; e por consequencia, na hypothese de Darwin como na de Lamarck, os crusamentos, fecundos em todo o sentido e em todo o grau confundiriam constantemente a especie mãi, e a especie derivada que tenderia a for-

mar-se. O mundo organico offereceria assim a maior confusão em vez da ordem que todos podem notar.»

M. de Quatrefages reconhece comtudo que ha pontos perfeitamente inatacaveis no *darwinismo*, e não comprehende como os phenomenos da *lucta pela existencia* e a *selecção natural*, que d'ahi resulta, podem ter sido postos em duvida.

Nota-se tambem o não ter apparecido sequer o indicio do animal, que segundo esta theoria deve ter constituido o elo entre o homem e o macaco. A differença cerebral entre este e o homem é enorme.

Mas, dizem os transformistas, é todavia um facto adquirido para a sciencia. que os *anthropoides estão anatomicamente mais proximos do homem do que dos macacos seguintes,* o que tem decerto uma grande importancia.

E quanto á falta do intermediario a que se allude — «conhecemos nós, pergunta M. Topinard, o homem miocene revelado pelos silex de Saint-Prest e de Thenay? O primeiro fazia fogo, o segundo não. Não póde este ultimo facto ser devido ao menor volume do cerebro desse homem? Se não conhecia ou não fazia uso do fogo, não devia tambem saber enterrar os seus mortos. Os anthropoides estão neste caso, e por isso não nos deixam os seus restos. É possivel, que os ossos humanos não resistam a uma acção de tempo, tão prolongada. De resto em vista das descobertas que se tem feito nestes ultimos quinze annos não se deve desesperar de encontrar um dia os restos do precursor do homem». [1]

O transformismo triumphante hoje no mundo sabio, principalmente na Inglaterra e na Allemanha, parece

[1] *L'Anthropologie* pag. 545.

a ponto de conquistar a adhesão universal. Alguma gente assusta-se com as consequencias que esta theoria póde trazer para a religião e para a moral. Nós não partilhamos esses receios. Se ella é verdadeira triumphará, e não póde haver ahi nenhum mal, por que nenhuma verdade nos póde affastar de Deus ou dos principios essenciaes em que repousa a nossa sociedade; nesse caso os principios que se diz que ataca conformar-se-hão com ella, como já aconteceu com a astronomia e a geologia; se é falsa cahirá.

Mas parece que são os seus adversarios que cedem. Os partidarios da metaphysica tradiccional, diz M. Alfred Fouillée em um artigo publicado na *Revue Des Deux Mondes* do 1.º de julho do anno corrente, «*La morale contemporaine*», vão tratando de harmonisar as suas doutrinas com os principios da evolução e do transformismo. M. Charles Secretain generalisa o milagre a toda a natureza, e attribue ao homem uma especie de ama simiana, *(Discours laïques)*, e M. Carrau diz que a acção divina em logar de ter produzido um homem segundo a letra da Biblia, póde ter-se manifestado no germen, conciliando-se assim o milagre com a hypothese da descendencia do homem de um antepassado animal, (*Etudes sur l'evolution*), Paris 1879.

Emfim citarei ainda de sir Charles Lyell as seguintes palavras de Agassiz, a proposito da coexistencia do homem com muitos mamiferos extinctos, e tambem contestada. «Todas as vezes que um facto extraordinario se produz na sciencia diz-se primeiro: Não é verdade; depois: É contra a religião; e por fim: Ha muito tempo que toda a gente o sabia.» [1]

[1] *L'Ancienneté de l'homme prouvée par la geologie* trad. do inglez por M. M. Choper. Paris 1870 pag. 115.

III

Primeiras considerações. Caracteres de ordem intellectual e moral communs aos homens e aos animaes segundo M. Darwin, M. Häckel e M.me Clemence Royer.

Do que fica exposto nos capitulos precedentes vê-se, que são profundas as divergencias entre as tres escolas acerca da origem do homem.

Os monogenistas não podendo explicar essa origem por qualquer methodo natural declaram que a sciencia é impotente para resolver esse mysterio, e que a tal respeito nada sabem.[1] Os polygenistas acceitando ou não a theoria transformista limitam-se a constatar que os homens se dividem em mais ou menos especies. E os transformistas fazendo derivar todos os seres uns dos outros, apresentam o homem como o ultimo resultado de toda a evolução animal.

No modo como são julgados os caracteres intellectuaes e moraes que separam as raças humanas, polygenistas e transformistas concordam em que as raças selvagens actuaes, e especialmente a negra, são absoluta-

1 Espèce humaine, p. 88.

mente inferiores. Os monogenistas, ao contrario, sustentam que em todos os tempos o homem apparece já com os caracteres da moralidade e da religiosidade, e para provarem esta asserção exaggeram estes sentimentos nas raças selvagens.

Os polygenistas para mostrarem que nada ha de commum sob o ponto de vista mesmo d'estes caracteres entre as diversas raças humanas deprimem e rebaixam systematicamente as que consideram como absolutamente inferiores; e os transformistas para provarem as ligações de toda a ordem que existem entre o homem e os animaes, reconhecem nestes aptidões e até sentimentos que chegam a negar naquelle!

M. Darwin exprime-se assim a este respeito e devemos confessar que a sua opinião é de todas a que se apresenta sob uma fórma mais moderada.

«O homem, diz elle, é evidentemente distincto por altas faculdades intellectuaes e moraes do resto da creação animal, mas, se se reflectir que entre certos animaes superiores essas faculdades já existem, e que o homem deve ter partido de um estado bem inferior ao actual mais atrasado, essa differença desapparece completamente. Desde que o homem adquiriu a linguagem, faculdade para a qual a sua organisação já o dispunha, deu de certo um grande salto, e dahi com o extraordinario desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes, chegou ás primeiras noções da moral, e depois da religiosidade.» [1]

M. Häckel é mais radical. Não ha para elle, mesmo actualmente, «entre a alma animal mais elevada e a alma humana mais inferior senão uma fraca differença

[1] *La descendence de l'homme.* Trad. de M. Moulinie. 2 vol Paris 1872.

quantitativa», e o mesmo acontece quanto á intelligencia. «Para bem nos convencermos desta verdade, diz elle, é necessario estudar comparativamente a vida intellectual dos povos selvagens e a das creanças. Achamos no grau mais inferior de desenvolvimento intellectual os Australianos, algumas tribus polynesias, e na Africa os Boschimanos, os Hottentotes, e algumas tribus negras. Entre estes povos o principal caracter do homem, a linguagem, ficou no estado rudimentar, e por consequencia o mesmo acontece com a intelligencia. Muitas destas tribus selvagens nunca tiveram uma palavra para dizer animal, planta, som, côr, e exprimir outras idéas simples, ao passo que têem expressões especiaes para designar cada animal, cada planta, cada som, cada côr. Ellas são incapazes da mais simples abstracção. Muitos d'estes idiomas não têem outros nomes de numeros senão um, dois, e tres: nenhuma numeração australiana excede o numero de quatro. Muitos povos selvagens não sabem contar senão até dez ou vinte, ao passo que alguns cães intelligentes têem aprendido a contar até quarenta e mesmo sessenta. E a numeração é o primeiro passo em mathematicas. Algumas das tribus mais selvagens da Asia meridional e da Africa oriental não têem mesmo a idéa dos primeiros rudimentos da mais somenos civilisação humana, como da vida em familia e do casamento. Erram pelas matas e, pelo seu genero de vida, assemelham-se mais a bandos de macacos do que a sociedades humanas.

«Até aqui todas as tentativas feitas para civilisar estas tribus e muitas outras pertencendo ás raças inferiores têem sido infructiferas, ou tem completamente falhado; é com effeito impossivel o fazer germinar a civilisação onde falta o solo apropriado, quer dizer, o aperfeiçoamento cerebral. Nenhuma destas tribus poude

regenerar-se pela civilisação, e a influencia desta só faz apressar a sua desapparição. Ficaram estacionarias em um grau de civilisação que pouco as eleva acima dos macacos, e que as raças humanas superiores transpozeram ha milhares d'annos.»

Para provar que os vertebrados superiores, sobre tudo os passaros e os mamiferos chegaram a um nivel intellectual que eguala se não excede o das raças humanas inferiores, e que as faculdades moraes são communs a uns e a outros desenvolvendo-se sob o imperio das mesmas leis, M. Häckel, depois de varias considerações a este respeito, accrescenta: «Fazei uma dupla comparação: ponde, d'uma parte, as mais bellas intelligencias humanas, as dos Aristoteles, dos Newton, dos Laplace, dos Kant, dos Lamarck, dos Gœth etc., e da outra as dos homens mais pithecoides, dos negros Australianos, dos Boschimanos, dos Andamanos, etc., comparai, por outro lado, estes homens inferiores com os animaes mais intelligentes como os macacos, os cães e os elephantes, e achareis então que nada ha de excessivo em dizer que as faculdades intellectuaes do homem resultam simplesmente do desenvolvimento gradual dos mamiferos superiores.

«Se quizessemos fixar um limite entre estes diversos seres seria entre os homens mais distinctos e os selvagens mais grosseiros que o teriamos de collocar, reunindo os diversos typos humanos inferiores aos animaes.» Esta opinião, diz M. Häckel, é com effeito a de muitos viajantes que observaram por muito tempo no seu proprio paiz estas raças degradadas. E cita os dois seguintes testemunhos, que lhe pareceram os mais authorisados d'entre os que podia citar em sentido contrario: «Um inglez que viajou na costa occidental da Africa escreveu o seguinte: «Quanto a mim o Negro

é uma especie humana inferior; não me posso conformar com a idéa de o considerar como a um homem ou a um irmão, a menos que não tenha de admittir o gorilla na familia.»... «O missionario austriaco Morlang que tentou sem resultado durante alguns annos civilisar os negros pithecoides do Nilo superior, diz expressamente «que entre taes selvagens é completamente inutil uma missão: Elles estão muito abaixo dos animaes privados de rasão; estes ultimos manifestam ao menos uma certa affeição por aquelle que os trat^ bem, em quanto que estes grosseiros selvagens são completamente incapazes de todo o sentimento de reconhecimento.» [1]

Citemos ainda M.me Clemence Royer.

A illustre authora da *Origine de l'homme et des sociétés* nota, que «os macacos vivem em tribus e em familias como os povos selvagens; que os rebanhos de cavallos selvagens vivem em melhor ordem do que as tribus dos Papous, assim como as republicas de abelhas e de formigas são melhor organisadas do que muitas sociedades humanas; que o cão considera talvez o homem como a um Deos, e assim tem já um sentimento religioso; que a abelha mestra deve tambem ser considerada como um ser divino no seu cortiço; que as formigas tendo uma linguagem descriptiva e ideologica tambem podem ter uma mythologia; que o passaro no seu canto matutino adora ou comprimenta o sol, como de certo a philomela dirige o seu culto á lua ou as estrellas; que sem a existencia de uma lei moral instinctiva profundamente gravada no organismo mental dos animaes, seria impossivel conceber a dedi-

[1] E. Hackel. *Histoire de la creation naturelle.* trad. do allemão por o dr. Letourneau. Paris 1874.

cação das mães pelos filhos, dos machos pelas femeas, e sem que essa lei moral fosse observada com amor, com fanatismo, as sociedades de abelhas e de formigas seriam inexplicaveis; emfim que todas as faculdades, instinctos e sentimentos do homem se encontram nas diversas especies de animaes, consistindo sómente a differença em que no primeiro se dá o conjuncto, a complexidade, a diversidade d'estas faculdades ao passo que nos animaes só se encontram mais ou menos separadas.»

A crença mesmo na immortalidade da alma «não é a expressão de uma faculdade propria do homem, é ao contrario uma prova de impotencia da intelligencia humana, ainda sujeita ao instincto dominador da conservação essencialmente animal, e de que todo o animal é dotado. Se nós podessemos penetrar o pensamento d'um passaro, d'um peixe, d'um mollusco, vel-o-iamos convencido da sua immortalidade, isto é absolutamente incapaz de conceber, que «sendo» possa deixar de ser como é.»

Emfim as raças selvagens nem são progressivas por si, nem podem sel-o com o contacto das raças civilisadas. «O Negro da Africa ha tanto tempo em relações com as nossas raças civilisadas está sempre encerrado na sua barbaria; o indio americano e o negro australiano recuam diante da nossa civilisação em logar de a adoptarem. Desapparecem e não se transformam.» [1]

É triste o ter de registar estas opiniões, que parecem mais o echo de preconceitos vulgares do que a conclusão logica de um estudo serio e imparcial.

[1] *Origine de l'homme et des societes*, por Madame Clemence Royer. Paris MDCCCLXX.

A paixão e o espirito de systema obscurecem assim, por vezes, os mais elevados espiritos, e que só o amor da verdade devia guiar.

As pobres raças selvagens deprimidas, maltratadas no meio destes interesses de escola, destes fanatismos de seita, desta cegueira de principios são como que a *anima vili* em que todos experimentam as suas forças, ou exercitam as suas armas. Aos monogenistas devem porém mais justiça e humanidade.

E tudo isto bem desnecessario para os principios que se queriam sustentar.

Para que o homem saia do seio da creação como a obra mais perfeita do Creador não é preciso rebaixal-o ao nivel ou abaixo dos brutos. O homem actual, diga-se o quo se disser, distanciou-se já enormemente dos animaes mais superiores. O selvagem mais atrasado, possuindo uma linguagem, não póde ser comparado a um animal.

A observação de que ha cães que *aprendem* a contar até quarenta e sessenta, ao passo que alguns selvagens só *sabem* contar até quatro, parece-nos pelo menos, pueril. Eu posso affiançar a M. Häckel por que sou disso testemunha, que os individuos das raças mais atrasadas, os Boschjemans, por exemplo, homens ou mulheres, aprendem tudo o que se lhes ensina, conforme o serviço a que os querem destinar. Eu vi no districto de Mossamedes homens e mulheres d'aquella raça, (Ba-Kankala), na condição de libertos, fallando correntemente o portuguez, contando até 100 e mais, e executando varios serviços, sem grande differença dos Negros das outras raças. As mulheres Ba-Kankala aprendem a coser, a bordar, e outros misteres delicados.

No meio d'esta exaggeração de principios já alguma

luz se vae fazendo. O leitor terá já ahi notado um certo numero de factos.

Não é porém chegada a occasião de concluirmos. Outros dados nos são ainda necessarios.

IV

Escala zoologica. — O homem em historia natural. — Classificação das raças humanas.

Na escala zoologica a unidade fundamental é a especie. O conjuncto de muitas especies semelhantes constitue o genero; o conjuncto de muitos generos a familia; o conjuncto de muitas familias a ordem; o conjuncto de muitas ordens a classe, e estas formam as primeiras e grandes divisões do reino animal. Entre o genero e a especie admittem-se ás vezes sub-generos; entre o genero e a familia a tribu; entre a familia e a ordem a sub-ordem, etc.

A palavra raça tem uma significação muito ampla: tanto póde significar a simples variedade hereditaria a que se referiu M. de Quatrefages, como a mesma especie. «Na linguagem commum, diz M. Topinard, ella tem um sentido vago, e deixa todas as questões pendentes.»

Mas estas divisões são mais artificiaes que naturaes, e assim os naturalistas não poderam ainda chegar a um plano de classificação geral e commum.

Cuvier divide o reino animal em quatro grandes grupos fundando-se nas modificações do systema nervoso: — OS VERTEBRADOS — OS ARTICULADOS OU ANNELLADOS — OS MOLLUSCOS — e OS ZOOPHYTOS OU RADIARIOS. Os tres primeiros grupos mantêm-se; mas o ultimo foi dividido por Frey e Leuckart em ECHINODERMES (estrellas do mar, etc.) e ZOOPHYTOS (esponjas, medusas, coraes, etc.) E Siebold separou ainda d'ahi os infusorios e os rhisopodes formando com elles um novo grupo, o dos PROTOZOARIOS, animaes primarios, que parece estabelecerem a passagem para as cryptogamas do reino vegetal.

Os vertebrados dividiam-se em quatro classes: os *mamiferos*, as *aves*, os *reptis*, e os *peixes*. Hoje junta-se-lhes uma quinta classe, a dos *batracheos*, separando-a dos reptis.

Cuvier dividira tambem os mamiferos em tres *grupos primordiaes*, tomando por base a conformação dos dedos: os *onguiculados*, os *ongulados* e os *ichthyoides* ou *pisciformes*, e em nove ordens. Agora dividem-se em duas sub-classes: os *monodelphos* e os *didelphos*. Os primeiros subdividem-se em onze ordens: os *bimanos*, os *quadrumanos*, os *carnivoros*, os *amphibios*, os *cheiropteros*, os *insectivoros*, os *roedores*, os *desdentados*, os *pachydermes*, os *ruminantes*, e os *cetaceos*, todos caracterisados por os filhos attingirem todo o desenvolvimento fetal no ventre das mãis, nutrindo-se do sangue destas, por meio da placenta e do cordão umbilical; e os segundos em duas ordens: os *marsupiaes* assim chamados do nome de dous ossos que lhes servem para sustentar um sacco abdominal externo, situado em torno das mamas, e onde os filhos passam a segunda phase da sua vida fetal, como as *sarigueias* e os *kangurus*; e os *monotremes*, que têem como os precedentes, ossos

marsupiaes, mas não o sacco abdominal, e são caracterisados, por terem um só orificio para a saida dos excrementos e da ourina, etc., disposições estas analogas ás dos passaros, com os quaes se assemelham ainda por outros caracteres, como o bico de pato no ornithorhynco, a conformação dos ossos dos hombros, etc., e sendo por isso considerados por muitos naturalistas como constituindo a passagem dos mamiferos para as aves. Mas esta mesma classificação não se mantem, dividindo alguns naturalistas os didelphos em duas sub-classes, uma com o nome de didelphos propriamente ditos, que são os que têem o sacco abdominal, e outros com o de ornithodelphos, e cada uma com uma só ordem.

Se descermos aos generos e ás especies a confusão é muito maior. M. Häckel diz que é muitas vezes impossivel o distinguir entre as chamadas «boas» e as «más» especies, entre as «verdadeiras» e as «falsas». Estamos pois muito longe daquella ordem que alguns naturalistas vêem nos differentes grupos animaes. Se ahi ha uma ordem não é a que separa esses grupos por barreiras insuperaveis, é a que lhes estabelece uma perfeita escala hierarchica, é a que fez dizer a Linneu : *Natura non facit saltum*.

Com relação ao homem, para uns, em attenção á origem que lhe attibuem e aos caracteres que o separam das especies animaes, deve formar uma ordem e um reino á parte com o nome de *reino hominal*. Para outros pelas relações de todo o genero que o ligam ás especies animaes, e mais proximamente aos macacos superiores, deve ser incluido com estes em uma só ordem, a dos *primatas*, tomando ahi o primeiro logar. Notemos que Linneu fôra o primeiro a reunir o homem e os macacos, e ainda os morcegos, (*cheiropte-*

ros) em uma só ordem com o nome de primatas. M. Topinard adverte que «os lemures, ou macacos inferiores, formam a transição dos macacos ordinarios para os diversos generos disseminados nas ordens seguintes, que na familia dos anthropoides o gibbon estabelece a passagem para os pithecos, e que entre os cebios alguns desempenham o mesmo papel para com os homens.»

Por mais que os nossos escrupulos, senão os nossos prejuizos, protestem, os factos que aproximam o homem do grupo superior dos quadrumanos e o entroncam em toda a serie animal são evidentes e manifestas. «O modo como a membrana natatoria, diz M. Topinard, citando M. M. Ch. Martin, e Durand (de Gros) se transforma em membro de cotovelo no mesmo sentido como na tartaruga, depois em sentido opposto, como no homem, o modo como se segmenta em columnas longitudinaes que se engrossam ou atrophiam para formar a perna do cão, do javali, do cavallo ou do macaco, são cousas maravilhosas. Agassiz comprazia-se a mostrar em um quadro aos seus auditores em Nova York, «como em contornando isto e alongando aquillo» se chegava a fazer um peixe, um reptil, um mamifero, um macaco.»

Os orgãos rudimentares ou vestigios d'orgãos, que apparecem em alguns animaes, como os germens de dentes nos embryões das baleias e dos ruminantes, os rudimentos de membros locomotores em alguns mamiferos pisciformes, em varios peixes e nas serpentes, os olhos que não vêem por serem de animaes destinados a viver nas trevas, como as toupeiras, algumas serpentes e peixes, as azas incapazes para voar, como no avestruz, etc.; — phenomenos identicos que se observam no homem como a prega semi-lunar dos olhos,

os musculos do pavilhão do ouvido, o appendice ileo-cecal, etc., orgãos nelle atrophiados, e que se acham mais desenvolvidos em varios animaes, tudo nos indica que os seres vem uns dos outros sem excepção do homem.

As especies ou vem umas das outras, ou appareceram espontaneamente nos differentes periodos geologicos. Esta segunda hypothese é completamente absurda e insustentavel. A primeira é a que tem por si o maior numero de presumpções senão de provas.

Não ha um animal que não descenda de outro animal. Mesmo nos mais inferiores em que a reproducção se opera por simples segmentação ou gemmiparidade já houve um progenitor. Só a primeira cellula póde ter sido produzida espontaneamente, se todavia se póde dar este nome ao acto que determinou a reunião e combinação dos elementos a que ella deve a sua existencia. Um animal já dotado de orgãos, não é, nunca foi de certo creado espontaneamente.

Mas, objecta-se, os individuos de uma especie são infecundos com os de outra, ainda que proxima. Será isto bem certo? M. Topinard affirma que «os crusamentos entre as especies são communs e ferteis; os mestiços ora são estereis como a mula, procedendo do cavallo e da jumenta, ora fecundos como os filhos da lebre e do coelho, do cão e do lobo, do chacal e da raposa, dos dois camellos, da alpaca e do lama, do cavallo e da zebra, do bisão e do boi europeu, etc.»

Primeiro negaram-se estes factos, e depois quando se não poude duvidar da sua realidade disse-se que essas especies eram variedades. Os dous camellos, o cão e o lobo, a lebre e o coelho, diz M. Topinard, têem assim de formar, respectivamente, uma variedade.

Mas entre generos mesmo tem-se dado crusamentos fecundos. M. Topinard cita os seguintes factos: «Do crusamento da cabra montez dos Pyreneos com a cabra domestica houve um producto que foi descripto em 1873 por M. de Bouillé. Nos Alpes chilenos, entre os Péhuelhes, o bode e a ovelha domestica dão mestiços vivazes e fecundos, com cujas pelles se faz um commercio importante.»

A especie por tanto ao menos pelos crusamentos dá origem a outras especies, e tudo nos faz crer que não é esse o unico meio pelo qual esse phenomeno se produz.

Nós não queremos dizer que a theoria da selecção explique tudo ácerca da origem e successivo desenvolvimento dos seres. Ha mesmo ahi lacunas, duvidas, sombras, umas que se esclarecerão algum dia, outras que nenhuma sciencia poderá esclarecer. As especies transformam-se, mas dando-nos a explicação dos ultimos actos pelos quaes se opera esse phenomeno, a theoria transformista nada nos diz quanto á verdadeira causa que o produz. A adaptação e a hereditariedade não podem ser causa e effeito ao mesmo tempo. São o resultado de leis anteriores não são as proprias leis. Quando as primeiras fórmas organicas estavam por crear, ou eram extremamente rudimentares, que selecção, que concorrencia vital seria ahi possivel, e como podem esses factos, que ainda se não produziam, dar conta dos primeiros phenomenos da vida? Por mais que dêmos aos orgãos a faculdade de se modificarem, por mais que a influencia dos meios possa actuar sobre elles, por mais que a hereditariedade possa reproduzir a fórma modificada, a funcção não é, nunca foi o factor exclusivo do orgão. Nem as leis de Darwin nem quaesquer outras explicam sufficientemente a con-

tinuidade e successivo aperfeiçoamento que se nota não só no imperio organico mas em todas as fórmas da natureza. Tudo vem pois de uma causa anterior, que a nossa sciencia não explica, nem poderá explicar nunca, mas que podemos e devemos reconhecer. Deus tem sido o seu nome até aqui, e os sabios ainda lhe não poderam achar outro.

Mas subordinando os factos que temos indicado a esse principio eterno e creador, é certo que o homem nos apparece na escala animal como derivando das fórmas anteriores.

«Ou o homem, diz M. P. Topinard, nasceu do nada, por encanto, ou provem do que existia antes». E este illustre anthropologista conclue a paginas 193 do seu livro, que nós devemos assim considerar toda a escala animal: «1.º um typo geral commum a todos os mamiferos; 2.º um sub typo geral commum a todos os macacos propriamente ditos, ao anthropoide e ao homem; 3.º um typo particular commum a estes dous ultimos; 4.º o typo humano.»

Com relação a classificação das raças humanas as divergencias não podiam ser menores.

Da obra de M. Topinard extraimos a este respeito o que se segue.

Foi um francez, M. Bernier, quem, em 1772, fez o primeiro ensaio de classificação, dividindo os differentes grupos humanos em, — Brancos na Europa, Amarellos na Asia, Negros na Africa, e Lapões ao norte.

Linneu dividiu o seu genero *homem* em *homo sapiens*, comprehendendo o Europeu, o Asiatico, o Africano, e o Americano, — *homo ferus* que é mudo, erriçado de pellos, e anda de quatro pés, e *homo monstruosus* que comprehende os microcephalos e os plageocephalos.

«A primeira divisão que adquiriu algum prestigio foi a de Blumenbach. O professor de Gœttingue descreveu cinco variedades humanas: a caucasica, a mongolica, a ethiopica, a americana, e a malaia. Blumenbach é o author do epitheto de *caucasica* que se tem mantido até hoje, e que provém de ser o Caucaso visinho do monte Ararat onde poisou a arca.

«Mas do diluvio universal só tres casaes humanos sobreviveram; era preciso que todas as raças actuaes descendessem delles.

«Cuvier admitte pois tres raças: a branca ou caucasica, a mongolica, e a negra. Tranquilisado a este respeito, divide as duas primeiras em muitos ramos, nada diz das divisões da terceira, e não sabendo onde collocar os Malaios, os Papous, os Lapões, os Esquimaus e os Americanos, deixa-os fóra do quadro sem dar mais explicação, ou dizendo apenas que «a coloração vermelha dos Americanos não era sufficiente para lhes dar o caracter de raça.»

Os classicos acharam-se assim divididos entre a authoridade de Cuvier, e a de Blumenbach, optando uns pelas 3 raças do primeiro, outros pelas 5 do segundo.

Virey em 1801, foi o primeiro que ennunciou que o genero humano se compunha de duas especies, a branca e a negra, dividindo-se cada uma em seis raças, e estas em familias.

Bory de Saint-Vincent sustentou que o genero humano se divide em 15 especies, comprehendendo muitas raças. A. Desmoulins pelo mesmo tempo, ou antes, elevou o numero dessas especies a 16.

As classificações de Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, de Huxley, e de M. Quatrefages merecem a M. Topinard mais particular attenção. O primeiro fez duas classificações: uma fundada na natureza dos cabellos,

na fórma achatada ou saliente do nariz, na côr da pelle, na fórma dos olhos, e no volume dos membros inferiores, e constando de 11 raças principaes; e outra posterior em que admitte typos humanos assim caracterisados: um caucasico com o rosto oval e os queixos verticaes (orthognatha); outro mongolico com a cara larga em consequencia da proeminencia dos pomulos (eurygnatha); outro ethiopico com os queixos salientes (prognatha); outro hottentote com os pomulos affastados e os queixos salientes (eurygnatha e prognatha).

As bases desta classificação são excellentes.

M. Huxley divide todos os homens em dois grupos principaas: os *ulotrichi* de cabellos crespos, cujos typos são os Negros d'Africa e os Papous; e os *leiostrichi* de cabellos lisos, estes subdividindo-se em *australianos* (Australianos, Negros do Dekkan e talvez os antigos Egypcios), *mongoloides* (Chinas, Polynesios, Esquimaus, Americanos), *xanthochroides* (Slavos, Teutonicos, Scandinavos, Celtas louros), e *melanochroides* (Ibericos, Celtas pretos, Berberes).

Referindo-se ao plano de classificação de M. de Quatrefages, diz M. Topinard que o «eminente professor de anthropologia do Museu de Paris considera o conjuncto das raças humanas, «puras ou olhadas como taes», como partindo de uma só fonte e emittindo tres troncos (o branco, o amarello e o negro), que a seu turno se dividem em ramos secundarios, sobre os quaes se collocam as familias divididas em grupos. Os ramos do tronco branco são o aryanno, o semitico, o allophylo (Estonios, Caucasicos, Ainos); os do tronco amarello o mongol ou meridional e o ugre ou boreal: e os do tronco negro, o negro, o melanesio, o africano e o saab (Hottentotes)». «M. de Quatrefages admitte além

d'isso grandes raças ligando-se mais ou menos a um dos tres troncos. Assim entre as do tronco amarello podem admittir-se raças «de elementos justapostos» (os Japonezes), e raças «de elementos fundidos» (os Malaio-Polynesios).»

O defeito de algumas classificações é de serem demasiadamente exclusivas, como por exemplo a de M. F. Muller, que é essencialmente linguistica.

M. de Quatrefages vae a todas as fontes, só não attende talvez sufficientemente aos caracteres physicos que aliaz como naturalista lhe deviam merecer a maior attenção.

Vejamos agora no seguinte capitulo o que podemos inferir dos caracteres craneanos e linguisticos com relação á unidade ou multiplicidade das raças humanas.

V

Caracteres craneanos e linguisticos

Recorremos ainda aqui a M. Topinard.

A craneologia tem uma importancia de primeira ordem na sciencia anthropologica. Ella divide-se em dois ramos: a *cranioscópia* que se regula pela fórma particular de cada craneo, e emprega, para a sua analyse, os meios de exame mais simples, e a *craniometria*, que se serve de meios mais rigorosos. Esta parte da craniologia pertence mais propriamente á *anthropometria*, que é o estudo geral do corpo humano pelas suas medidas, e da qual fazem parte a *osteometria*, a *pelvimetria*, etc.

A capacidade craneana das raças mais atrasadas, é menor do que a das raças mais adiantadas. É este um facto hoje averiguado pelas diversas medições a que se tem procedido em muitos craneos humanos de differentes epocas e de differentes raças. A capacidade media do Negro da Africa occidental é de 1372 centimetros cubicos (Broca), a do Australiano de 1347 (Topi-

nard), a do Hottentote de 1290 (Broca). Dahi passando aos anthropoides, achamos, segundo M. Topinard, no gorilla 531 c. c., no orango 439, no chimpanzé 421. A capacidade craneana do homem branco actual, pondo de parte os casos pathologicos, como a hydrocephalia, a microcephalia, etc., póde elevar-se a 1650 c. c., segundo M. Welcker, ou mais, segundo M. Topinard, mas a sua media é de cerca de 1500. Mas nas raças selvagens apparecem ás vezes desenvolvimentos cerebraes extraordinarios. M. Bertillon encontrou em 7 craneos de cafres a capacidade craneana media de 1453 c. c., capacidade enorme para Negros, diz M. Topinard. E lamenta que se não conheça a dos Ma-Kololo do Zambese, que parecem differir dos cafres pelo physico ainda que se lhes assemelhem pela lingua.

M. Topinard aventa a hypothese de que estes povos sejam o resto de um typo antigo, e diz que infelizmente elles diminuem com uma rapidez prodigiosa. Em outra parte do seu livro, tratando da «causa da extincção das raças,» e depois de ter indicado alguns povos que se extinguiram «naturalmente e recentemente» cita os Ma-Kololo entre os primeiros a desapparecerem.

Ora estes povos como diz mesmo M. Topinard a paginas 506 da sua obra, são um ramo da grande familia Be-Xuana, destacado da tribu dos Ba-Suto. Emigrando com o seu chefe Xibitano em 1824 para o alto Zambeze, como nos diz Casalis no seu livro *Les Bassoutos* a paginas XVI, conseguiram fundar ahi um imperio, mas foram destruidos ha alguns annos pelos Ma-Kalaka e outros povos que tinham subjugado, achando-se a esse tempo já muito enfraquecidos e reduzidos em numero pelas febres que reinavam naquella região, e que desconheciam no seu paiz.

Esta é a causa do seu desapparecimento; mas an-

tes que esse facto se désse tinha-se um grupo de Ma-Kololo destacado para as regiões do Rua, ou Lua, ao sul do Nyassa onde os encontrou em 1877 Elton, como observa o sr. Carlos de Mello em uma interessante nota a pag. 136 do livro do sr. M. Ferreira Ribeiro, *As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto*, prosperos, humanos, e laboriosos. O chefe d'este ramo dos Ma-Kololo tomou o nome de Xipitula, que me parece significar «o que saiu».

Quanto ao peso do cerebro observa M. Topinard, que o seu augmento corresponde á maior actividade que se imprime a esse orgão. Tem se notado que a alienação e certas paixões correspondem a desenvolvimentos extraordinarios do cerebro. Mas sendo a intelligencia o resultado mais natural do seu exercicio, é por essa especie de actividade physiologica, que elle mais se desenvolve. A mulher tem hoje um cerebro mais leve do que teve em outro tempo porque, deixando de partilhar com o homem os cuidados e os encargos da vida exterior, limitou mais o exercicio e a applicação das suas faculdades.

O cerebro de Cuvier pesava 1830 grammas, mas a media do peso do encephalo, nos individuos de raça branca, e na idade de 30 a 40 annos, que é quando tem chegado ao seu maximo crescimento, é de 1410 grammas nos homens e 1272 nas mulheres, segundo Huschke. A proporção do peso do cerebro da mulher para o homem é de 100 para 112 grammas.

Na raça negra o peso dos cerebros de 8 Africanos daria a media de 1289 grammas, e o de 2 Africanas a de 1067 grammas, segundo M. Broca. M. Peacoch diz que a media de outras duas Africanas foi de 1232 grammas.

O peso do cerebro de uma mulher *boschjeman*, se-

gundo Marshall, foi de 872 grammas. Parece ser este o minimo encontrado na especie humana.

Mas para que os dados fornecidos por este meio sejam seguros é preciso operar em grandes series, o que até aqui se não tem podido fazer, sobre tudo com relação ás raças selvagens, e portanto os dados mais seguros são os que offerece a medida da capacidade craneana.

Os caracteres craneometricos diz M. Topinard, «pelas suas variações crescentes ou decrescentes levar-nos-iam a crer n'um apeifeiçoamento gradual do organismo, como se todas as raças humanas derivassem de um mesmo typo inferior. Os Boschjemans por um grande numero de caracteres occupariam o mais baixo da escala; seguir-se-iam os Melanesios, os Negros da Guiné, os Cafres, as raças amarellas, etc. Mas este modo de ver, justo com relação a certos caracteres, é absolutamente contradicto por outros.»

Vejamos agora o que nos diz a linguistica.

Alguns naturalistas affirmam, e especialmente os monogenistas, que a linguagem humana pelas suas tres fórmas, monosyllabica, agglutinativa, e *de flexão*, fórmas que revelam outras tantas phases do seu desenvolvimento, remonta a uma origem commum, a uma lingua-mãi fallada primitivamente por todos os homens. A unidade da lingua estaria assim de accordo com a unidade da especie.

É a tendencia em todos estes systemas de subordinarem os factos ao raciocinio, e não o raciocinio aos factos. Uma vez que a humanidade descende de um só par, como querem os monogenistas, ou de uma só especie, como querem alguns transformistas, como não hade ter tido primitivamente uma só lingua?

Assim, M. de Quatrefages cita com muita satisfação

M. W. D. Whitney, que diz: «Pretender para explicar a variedade das linguas que o poder de se exprimir foi virtualmente differente nas differentes raças; que uma lingua conteve desde a origem, e nos seus materiaes primitivos, um principio formativo que não se encontrava em nenhuma outra; que os elementos empregados para um uso formal, eram formaes por natureza, e assim por deante é pura imaginação». M. Whitney porém concordára com Crawford e com Hovelacque que «existem familias de linguas que se não podem ligar a uma origem commum» como confessa o proprio M. de Quatrefages; e em todo o caso elle só concluira pela «incompetencia da sciencia linguistica para decidir sobre a unidade ou diversidade das raças humanas.» [1]

Logo o apoio que ahi buscou M. de Quatrefages foi de bem pouca importancia.

M. Darwin diz-nos que antes dos primeiros homens se separarem já deviam possuir uma linguagem, ainda que muito rudimentar, e da qual não teriam ficado vestigios. Era esta realmente a unica hypothese que M. Darwin podia apresentar; mas os factos?

M. Häckel affasta-se aqui um tanto da opinião de M. Darwin, e nisto nos parece que com melhor criterio. A linguagem humana, diz elle, só deve ter apparecido nos differentes grupos de homens depois da sua dispersão pelas differentes regiões do globo, e cita em apoio desta opinião Schleicher e F. Müller.

M.me Clemence Royer não se pronuncia; diz: «As lingoas tendo origens absolutamente diversas provêm, por evolução, de especies animaes anthropoides distinctas, se bem que estreitamente alliadas, ou provindo

[1] *La Vie du langage.* Paris 1877. pag. 222.

da mesma especie animal divergiram do seu typo commum para tomarem caracteres distinctos.» [1]

M. Topinard ao tratar deste caracter das raças diz: «No momento em que o homem tomava a qualidade de homem pela acquisição da linguagem, devia achar-se disperso por grupos ou raças distinctas na superficie do globo. Ora o numero d'estas linguas irreductiveis é enorme, sem fallar das extinctas e que não deixaram vestigios.» E em outra parte accrescenta, «que ha linguas profundamente differentes que exigem gargantas e entendimentos especiaes para as pronunciar e conceber.»

Ja sabemos a opinião de Whitney, e tambem que as de Schleicher e F. Müller são favoraveis á pluraridade da linguagem humana.

Max Muller inclina-se para a hypothese de uma só lingua primitiva; todavia observa que em algumas linguas não ha umas certas letras, que certos povos não podem destinguir ou emittir certos sons [2]; e sob o ponto de vista dogmatico insurge-se contra a opinião dos que vêem na hypothese da pluralidade das linguas um desmentido aos textos biblicos, por quanto ahi se diz que fôra Adão, e não o Creador, quem pozera os nomes aos animaes e vegetaes, (G. II. 19) e assim, accrescenta elle, os que defendem a Biblia neste ponto são os seus verdadeiros contraditores. [3]

M. Abel Hovelacque é pela pluralidade das linguas.

[1] *Origine de l'homme et de la societé.*

[2] Max. Muller. *Nouvelles leçons sur la science du langage,* trad. do inglez por M. M. Harris, e G. Perrot, Paris. 1867 1.º vol. pag. 201 a 248.

[3] Idem *La science du langage,* trad. pelos mesmos. Paris 1864, pag. 31.

Este distincto linguista citando M. Chauve, que diz que «para scientificamente se considerarem duas linguas como creações radicalmente separadas é preciso que as suas palavras simples ou irreductiveis não offereçam absolutamente nada de commum, tanto nas suas propriedades sonoras, como na sua constituição phonetica, e que as leis que presidem ás primeiras combinações destas palavras simples diffiram absolutamente nos dois systemas comparados,» accrescenta que é esse o caso justamente das linguas semiticas e das linguas indo-europeas, assim como de um numero consideravel de systemas linguisticos.

Se a linguagem humana, observa ainda, sendo unica na sua origem tivesse começado em um só grupo de homens ainda reunidos, teria deixado em todas as linguas que d'ahi derivassem signaes mais ou menos claros dessa origem commum. Mas não é isso o que acontece, e como por outro lado, as principaes familias irreductiveis de linguas correspondem d'um modo geral ás grandes raças da humanidade, não deve restar duvida de que tanto esses grupos de linguas como as raças humanas que as fallam tiveram origens distinctas. Assim o diz tambem o general Faidherbe, que tem estudado muito estes assumptos.

Se a lingua é, como se não póde duvidar, «um producto da natureza, a funcção de um novo orgão, é evidente que dois systemas linguisticos irreductiveis entre si indicam dois orgãos productores differentes.»

«Quanto mais remontamos no curso das idades, mais independentes são as familias linguistas que encontramos. E o mesmo acontece com as raças humanas. Póde sustentar-se sem temeridade que o primata precursor do homem devia ter adquirido em bastantes pontos ao mesmo tempo, ou successivamente, a faculdade da

linguagem articulada que devia eleval-o á condição de homem. A linguistica leva-nos, com effeito, a esta conclusão, ensinando-nos a multiplicidade dos systemas linguisticos irreductiveis.»

M. Topinard, depois de analysar na sua obra todos os caracteres que distinguem as raças humanas; notando que entre ellas se encontram typos intermediarios, naturaes ou devidos aos crusamentos, que lançam ahi uma certa confusão; mas tomando os typos faceis, geraes, e bem constatados, como o Branco, o Amarello, e o Negro de cabellos lanosos; e, abstraindo de que se trata do homem, e regulando-se pelos caracteres que distinguem certas especies animaes, o genero *ursus*, por exemplo, que se compõe de quinze ou dezeseis especies, algumas contestadas, mas seis descriptas por Cuvier, que é authoridade na materia—concliie, que se estes grupos d'homens não constituem verdadeiros generos, o que está por decidir, constituem ao menos especies, cujos typos seriam: «*a*) um brachycephalo, de pequena estatura, com a pelle amarella, a cara larga e chata, os olhos obliquos, as palpebras curtas, o cabello raro, duro e de secção redonda; *b*) um dolichocephalo, alto, com a pelle branca, o rosto estreito e saliente sobre o perfil, o cabello abundante, claro, macio, e de secção elliptica media; *c*) um mais dolichocephalo, muito prognatha, com a pelle negra, o cabello de secção chata e enrolado em espiraes apertadas, o radius mais longo, as nadegas mais proeminentes, os seios compridos e pendentes.» [1]

E a pagina 546 da sua obra analysando o que resta da antiga discussão entre monogenistas e polygenistas põe assim perfeitamente esta questão: «Os typos hu-

[1] *L'Anthropologie*, p. 257

manos mais elementares aos quaes se possa remontar, os typos irreductiveis de alguma sorte, quer tenham o valor de generos quer de especies, no sentido habitualmente dado a estas palavras, descendem de muitos antepassados anthropoides, pithecoides ou outros, ou derivam de uma unica fonte representada por um só dos seus generos, actualmente conhecido ou não? Os dados anthropologicos a que se tem referido parecem-lhe mais favoraveis á primeira opinião, admittindo ao mesmo tempo a hypothese transformista. As raças melhor caracterisadas, vivas ou extinctas, não formam uma serie ascendente comparavel a uma escada ou a uma arvore, mas, reduzidas á sua mais simples expressão, uma serie de linhas parallelas.»

Esta é com effeito a conclusão que a sciencia e os factos impõem como a unica verdadeira, racional e logica.

VI

Analyse das doutrinas e opiniões precedentemente expostas

As raças humanas na acepção mais lata que se póde dar a esta palavra, e que nós lhe temos dado até agora, não descendem pois de um só par, nem de uma só especie. São irmãs no grupo natural em que se filiam, mas esse grupo chama-se genero senão familia.

O Branco por mais que digam monogenistas e transformistas não póde ter descendido do Negro, o Negro do Branco, ou o Amarello de qualquer destes.

A hypothese da descendencia do Negro de uma raça amarella, ou de «côr mais clara» como diz M. de Quatrefages, não assenta em dado algum seguro.

Diz este illustre anthropologista, que o argumento consistindo em oppor o Branco ao Negro tem perdido muito da sua força desde que se reconheceu que eram numerosos os intermediarios entre um e outro typo. Semelhante facto, porém, em si, nada nega ou affirma.

Que o Branco, o Amarello e o Negro tenham produzido raças mestiças quem o duvida? Mas o facto importante é que os tres typos primitivos ficam. Ainda, que o Amarello descendesse do Branco e do Negro poderia á primeira vista admittir-se, se outros caracteres, além do da côr, não os separassem profundamente, mas os Brancos e os Negros como hão-de descender de um typo amarello com cabellos ruivos e lisos?

Citando M. Elisée Reclus e o abbade Brasseur, que dizem que os descendentes do Negro, ou do Branco, na America, serão Pelles-Vermelhas ao fim de certo tempo, diz M. de Quatrefages que se não deve todavia esperar que o Branco deixe de permanecer Branco e o Negro Negro, e só que modifiquem alguns dos seus caracteres no sentido dos Pelles-Vermelhas. Nem isso se verificou, e pelo contrario sabe-se que as raças puras não soffrem modificação alguma sob a influencia do clima. Com os allemães tem-se verificado isso nos Estados-Unidos, como o demonstrou M. C. Vogt, e M. Topinard cita entre outros, o facto decisivo dos judeus que residem em Coçhim, na costa do Malabar, ha pelo menos dez seculos, e permanecem brancos.

M. Darwin sossobra tambem completamente neste ponto. Os seus methodos tão simples, tão racionaes para outros casos, são da mais pasmosa insufficiencia neste. Elle confessa que nem a acção do clima, como o demonstrou Pallas, nem a acção especial da humidade, ou do calor, como o observaram d'Orbigny na America do Sul, e Livingston na Africa, nem a immunidade em relação a algumas molestias, como parecia poder suppor-se, mas como o contestaram o dr. Daniel, que viveu muito tempo na Africa occidental, o dr. Nicholson, e M. J. M. Harris, explicam sufficientemente a differença da côr da pelle nas raças humanas; a se-

lecção sexual tambem a não explica satisfactoriamente, e todavia M. Darwin vê-se obrigado a attribuir a essa mesma selecção sexual, e em parte, a causa desse phenomeno. [1] É que por mais que pretendam subordinar esse facto ao ponto de vista das suas doutrinas, a côr da pelle é um caracter essencial, e verdadeiramente distinctivo das raças humanas. A fórma do cabello, a conformação da cabeça, e sobre tudo a linguagem não têem menor valor. Nenhum facto prova que a influencia dos meios tenha produzido algum destes caracteres.

M. Häckel faz descender por selecção natural do homem ainda privado da palavra, alalo, (o *Pithecanthropus* a que já nos referimos), diversas especies ha muito extinctas, e das quaes só duas teriam triumphado na lucta pela existencia, uma caracterisada principalmente por os cabellos lisos, e outra por os cabellos annelados. Desses dous typos, *lissotricho*, e *ulotricho*, teriam descendido todas as raças humanas actuaes, raças que M. Häckel divide em 12 especies, 4 *ulotrichas* com a face prognatha e o craneo dolichocephalo, e 8 *lissotrichas*, e em 36 raças. Mas o seu embaraço é visivel quando pretende fazer descender os Cafres e os Negros dos Hottentotes, e os Nubios dos Semitas.

Todavia M. Häckel declara que sob o ponto de vista puramente anthropologico a idéa polygenista é a que offerece mais verosimilhança, por se referir a uma certa phase de algumas especies ou raças humanas, ou ligar-se a alguns dos seus caracteres distinctivos.

Ainda outra consideração nos confirma na hypothese da pluralidade das raças humanas. Se todas descendessem de um só par, ou de uma só especie conver-

[1] *La descendence de l'Homme.* vol. 1.º pag. 266, vol. 2.º pag. 401.

giriam no passado para um só typo, e não é isso o que acontece. A divergencia dos seus caracteres é attestada pelos fosseis mais antigos.

Duvida nenhuma pois nos póde restar, de que as raças humanas correspondem a typos como ellas distinctos.

Posto isto, que devemos pensar dos seus *habitats*? Foi um só, ou foram muitos?

Os factos levam-nos ainda a optar por esta ultima conjectura. Agassiz observou que as principaes raças humanas occupavam na superficie do globo as mesmas provincias zoologicas que habitavam especies e generos de mamiferos tambem distinctos.

Os dolichocephalos, diz M. Topinard, são originarios da Europa e da Africa, respectivamente, segundo a côr, e os brachycephalos da Asia. A mais antiga raça dolichocephala da Europa parece ser contemporanea de outra mesaticephala da America.

Monogenistas e transformistas em vão se esforçam por achar o berço primitivo do homem. Os primeiros opinam pela Asia, mas divergem quanto á região. Os segundos ora hesitam entre a Asia e a Africa (Darwin) ora se pronunciam pelo continente, hoje submergido, entre a Asia e a Africa, a que Sclater deu o nome de Lemuria (Häckel). Darwin na sua hesitação observa que durante o periodo miocene superior existia na Europa um macaco quasi do tamanho do homem, semelhante aos hylobatos anthropomorphos (gibbons), que ainda hoje se encontram na Asia austral, e ao qual Lartet deu o nome de *dryopithecus*.

E destes factos o que havemos de concluir senão que as raças humanas, descendendo de typos distinctos, appareceram tambem em differentes regiões do globo, e naturalmente em periodos successivos?

As condicções da vida, não só nas primeiras epocas geologicas, mas naquellas em que já se admittia a existencia do homem, foram tão variaveis, tão difficeis, que a genese humana deve ter sido forçosamente muito laboriosa e longa. Primeiro que os tres typos humanos se fixassem quantos ensaios não teria em vão feito a natureza? Differentes circumstancias, conforme o lugar, deviam ter apressado ou retardado esse resultado definitivo.

M. Darwin declara que a sua theoria «não suppõe nenhuma lei fixa de desenvolvimento, obrigando todos os habitantes de uma zona a mudarem bruscamente, simultaneamente, ou de um modo egual.»;... «a variabilidade de uma especie é completamente independente da das outras.» Essa variabilidade depende de muitas causas, que M. Darwin enumera, e que se podem dar em maior ou menor grao conforme os lugares onde essas especies habitam. [1] Nada ha pois de radicalmente opposto entre esta hypothese e a doutrina transformista.

Com relação á theoria monogenista, poderiamos perguntar: se Deus estabeleceu leis para tudo por que havia de fazer o homem fóra dessas leis? mas no ponto de vista mesmo dessa theoria perguntaremos: se a *causa desconhecida*, como diz M. de Quatrefages, que deu origem ás especies vivas e extinctas se manifestou por differentes vezes, e por intermittencia, na superficie da terra, podendo ainda estar em acção em alguma parte, porque razão essa causa não poderá ter produzido o homem senão uma vez? O que Deus fez uma vez não o poderá ter repetido outras? A creação do homem em differentes epocas e em differentes lugares do mundo

[1] *Origines des especes,* pag. 342

não póde ter sido tão necessaria ao plano do Creador como a sua divisão em differentes typos? Que sabemos nós de bem preciso e definido, quer das leis naturaes, quer do pensamento divino em tal sentido? É por ventura bem necessaria á crença elevada do homem de sciencia a hypothese da descendencia de todas as raças humanas de um só par primitivo?

Agassiz, de cujos sentimentos religiosos se não póde duvidar, sustentou que as raças humanas constituiam uma só especie, mas que o homem tinha apparecido em nove centros de creação differentes.

Não são os nossos principios, que ás vezes se oppoem ao reconhecimento de umas certas verdades, são os nossos prejuizos.

Se o homem começou por ser perfeito, sob o ponto de vista dos caracteres moraes, se nunca foi absolutamente selvagem, como é então que algumas das suas raças permanecem em um estado tão atrasado? Estacionaram? Mas nesse caso são absolutamente inferiores contra o que os monogenistas affirmam.

Se se pretende provar a inferioridade radical dessas raças, por esse mesmo estado de atraso, como fazem os polygenistas e os transformistas, como se hade explicar o facto, por outro lado evidente, do aperfeiçoamento que se vae realisando em algumas?

Entre estas theorias e os factos ha pois um desacôrdo que só pelo exagero, senão pelo erro dessas theorias se explica.

Diz-se que a raça branca é a mais moderna, e deve ser assim se se quer dizer que ella representa a ultima evolução de uma creação mais antiga.

Os caracteres que aproximam o Negro de uma especie simiana, e em que se quer ver uma prova da sua inferioridade radical, só revelam a sua derivação

mais recente. A raça branca não foi tambem tão perfeita como é hoje.

Nenhum fossil de Negro attesta que elle precedesse o Branco ou o Amarello.

Resumindo as nossas considerações a este respeito parece-nos que o unico modo de conciliar o facto da perfectibilidade do Negro com uma theoria scientifica é o de admittirmos o seu apparecimento mais recente.

Longe de mim a idéa de estar aqui a apresentar uma theoria minha; nada do que digo é novo, nem eu me colloco no campo positivamente da sciencia, e sim no do puro raciocinio.

Se a sciencia é o facho que nos alumia, se é o arbitro que devemos respeitar, os seus processos e os seus methodos, ao menos no que têem de theorico, estão sob o dominio da rasão e da critica. Sendo para nós incontestavel que o Negro se aperfeiçoa não vemos outra rasão que possa explicar o seu estado de atrazo senão a que emittimos.

Nesta hypothese, pois, o primeiro typo apparecido seria o Branco, depois o Amarello e finalmente o Negro. Destes tres typos primitivos, e fundamentaes, teriam resultado pela acção dos meios e dos crusamentos os sub-typos em que elles se dividem.

Esta questão tem para o nosso assumpto uma importancia decisiva.

Se com effeito a raça negra fosse, não digo já a mais antiga, como pretende Sir Samuel Baker, mas a contemporanea da branca, o seu estacionamento só se poderia explicar por uma inferioridade com effeito absoluta. Se ao contrario essa raça é mais recente, se ao menos ha lugar para uma hypothese nesse sentido, não podemos consideral-a absolutamente inferior, sem

risco de commettermos além de um grande erro uma gravissima injustiça.

E de que ha lugar para essa hypothese vamos certificar-nos no seguinte capitulo.

VII

Dados geologicos, paleontologicos e archeologicos ácerca da antiguidade do homem — O homem terciario em Portugal — Conclusão ácerca da hypothese do successivo apparecimento das raças humanas.

Todos sabem que a theoria que prevalece, ácerca da origem e formação do nosso planeta é a do fogo central, perfeitamente indicada n'estas palavras de Descartes: «A terra é um sol incrustado.» Com effeito tem-se demonstrado, demonstraram-no sobre tudo Leibnitz e Laplace, que a fórma e o estado primitivo da terra fôra um globo gazoso e incandescente. Não me deterei com a exposição desta theoria. Basta dizer que formada. por um resfriamento successivo, uma primeira pellicula em torno desse globo, as aguas em que se resolveram os vapores até ali suspensos cobriram-no inteiramente. Essa crusta pouco a pouco consolidada pelos depositos sedimentares que se iam accumulando na sua superficie, e elevada pela expansão interior, pôde afinal constituir as primeiras fórmas geographicas, em uma primeira phase ilhas, depois continentes. No seio desse mar, com rasão por alguem chamado «o utero da natu-

reza» surgiu a vida, ahi appareceram e dahi passaram para a terra os primeiros animaes, á medida e segundo as condições em que esta se ia constituindo. Mas como os primeiros systemas geographicos foram frequentemente alterados, abysmando-se no todo ou em parte, assim desappareceram muitas gerações de seres, dos quaes uns apparecem fossilisados nas camadas posteriormente elevadas, outros jazem soterrados no fundo do mar, e se perderam talvez para sempre. Entre estes podem estar os restos do antepassado do homem.

Os geologos classificaram os terrenos de que se compõe a crusta terrestre em plutonicos se de origem ignea, e neptuninos se de origem sedimentar; e dividiram-nos em quatro grupos principaes: *primario, secundario, terciario, e quaternario*. Aos dos primeiros, e a partir de baixo para cima deram os nomes de *louenciano, cambriano, siluriano, devoniano, carbonifero e permeano;* aos do segundo *triassico, jurassico* e *cretaceo;* aos do terceiro *eocene, miocene* e *pliocene;* aos do quarto *diluvio* e *alluvio*, ou *alluviões antigas* e *alluviões modernas*. As camadas de que elles se compõem só nos mais recentes se encontram horisontalmente dispostas, com quanto essa fosse a disposição primitiva de todas. Varias causas, eruptivas ou erosivas, as inclinaram em differentes sentidos, e até misturaram e confundiram. As rochas vulcanicas encon-

[1] Lourenciano, de S. Lourenço do Canada, cambriano de Cambria, nome antigo do paiz de Galles, siluriano de Silures, povos que habitavam a parte meridional d'este mesmo paiz, devoniano do Devonshire; carbonifero; permeano de Perm na Russia, triassiaco por ser constituido de tres camadas principaes, jurassico do Jura, cretaceo por ser formado principalmente de gredas, eocene, miocene e pliocene correspondendo a dados conchyologicos, etc.

traim-se em todas ellas pelas erupções que as injectaram na sua massa ou jorraram na sua superficie.

Reuniremos agora os dados geologicos e os paleontologicos.

No primeiro dos terrenos a que nos referimos, e que é constituido quasi exclusivamente de rochas vulcanicas, apparece o primeiro animal conhecido, um foraminifero, a que se deu o nome de *eozoon* (animal aurora). — No segundo em que ainda preponderam os elementos do precedente, as fórmas animaes attingem alguns typos inferiores dos molluscos e dos crustaceos, e nos vegetaes apparecem alguns fucos, que aliás devem datar da epoca anterior. — No terceiro, onde ainda predominam as rochas metamorphicas, e cuja camada superior é constituida de calcareos argilosos, gres micaceos, etc., os gasteropodos e os cephalopodios apparecem a par dos molluscos acephalos, bem como os primeiros peixes, ainda que de estructura cartilaginosa, os *placoides*. Os olhos apparecem pela primeira vez em um crustaceo, a trilobite. Os vegetaes são representados por mais algumas variedades de fucos, algas e lichens. — No quarto caracterisado superiormente por uma camada de gres vermelho, a que se deu o nome de *velho gres vermelho*, apparecem já peixes com rudimento de escamas, e outros com placas osseas, os *ganoides*, que iniciam verdadeiramente a criação ichthyologica. Neste tempo já muitas ilhas tinham emergido do seio das aguas, e ahi se tinham desenvolvido os primeiros vegetaes terrestres, calamites, fetos, lycopodiaceas, etc. Dos depositos destes vegetaes, e tambem dos marinhos, se formou, pelo contacto da materia em fusão, o combustivel a que damos o nome de *anthracite*, e ao mesmo tempo se converteram em marmores as camadas calcareas em que esses depositos se sobrepunham.

—No quinto constituido tambem de gres vermelho, calcareos, schistos bituminosos, etc., apparecem os primeiros sauros, que formam a transição dos peixes para os reptis, e os *labyrinthodons*, especie de rans com cabeças parecendo-se com as dos crocodilos. Nota-se tambem ahi o apparecimento de escorpiões e de varios insectos. Entre os peixes um novo typo da familia dos esqualos assemelha-se aos tubarões. A vegetação cerrada e gigantesca, ainda que de constituição muito simples, da epoca precedente, e que ainda mais se desenvolve nesta, fórma as vastas accumulações da hulha. A temperatura devia então ser uniforme em todo o globo, e muito quente. As ilhas dos periodos anteriores começam a ligar-se para formar os primeiros continentes.—No sexto que contem camadas calcareas e schistosas, etc., a vida tanto animal como vegetal pouco se desenvolve, mas alguns amphibios vão passando ao estado de reptis terrestres.

No segundo periodo o primeiro terreno, triassico, é constituido de diversos calcareos, marnes, etc. Os sauros multiplicam-se, e attingem grandes dimensões. O *teleosauro*, por exemplo, especie de jacaré, mede cinco metros de comprimento. O mesmo se nota nos labyrinthodons, cujo craneo tendo sido primitivamente de 1 ½ a 7 pollegadas chega agora a 4 e 6 palmos. Apparecem os *dicynodons*, crocodilos e tartarugas, os *rhynchosauros*, tartarugas e passaros, os *pterodactylos*, reptis e aves, e que são outros tantos esboços de fórmas, que se hão-de fixar posteriormente. Nos vegetaes as coniferas, já do fim da epoca devoneana tem-se multiplicado em especies differentes, assim como as cycadeas. — No segundo, jurassico, constando de gres, marnes, calcareos argilisos, etc., acabam algumas especies inferiores animaes, e os sauros adquirem o seu maximo

desenvolvimento. É o mundo dos reptis como diz M. Oscar Schmidt. *O ichthyosauro,* que é aquatico, e que pela cabeça se assemelha aos golfinhos, pelos dentes aos crocodilos, e pelas mãos ás baleas, tem dez metros de comprimento. Alguns individuos do grupo dos *dinosauros* como o *megalosauro,* etc., que devem ser terrestres, medem de 17 a 23 metros! Os *enaliosauros* formam a passagem para os cetaceos. Os labyrinthodons desapparecem e apparecem verdadeiras tartarugas. A par dos pterodactylos, que se extinguem na epoca seguinte, verdadeiros passaros povoam já os ares. Nos vegetaes são numerosos os pinheiros e os cedros, as palmeiras, etc. Mas o facto capital desta epoca é a apparição dos primeiros marsupiaes, que iniciam a fauna mamalogica, de que o homem ha de ser o coroamento final. — No terceiro, cretaceo, constituido principalmente de gredas, branca, verde, etc, argilas e calcareos, e desde cuja epoca as camadas apparecem em stratificação concordante, muitos animaes povoam já a terra, e apparecem os primeiros mamiferos marinhos. Os esqualos da epoca devoneana attingem agora 20 a 25 metros de comprimento, e tendem a substituir os sauros, que diminuem. Muitas arvores do typo das cupuliferas (carvalhos, avelleiras, castanheiros, faias, etc), e das juglandeas (cujo typo é a nogueira) enriquecem a flora. A par destas as palmeiras, os fetos arboreos, as pandaneas dão idéa do clima, assim como do solo naquella epoca. É daqui que M. de Quatrefages admitte como possivel a existencia do homem.

No terceiro periodo, cujos terrenos constam geralmente de formações marinhas ou lacustres, e se apresentam em camadas regularmente sobrepostas, chegamos ás fórmas definitivas da creação. Haverá ainda modificações, aperfeiçoamentos, mas estão por assim

dizer, desenhados todos os typos. Dos animaes que então viviam são ainda hoje representantes o tapir, o rhinoceronte, o elephante, o cavallo, o javardo, a gazella, o gato, o cão, etc. Os pachydermes preponderam na primeira epoca, e affectam differentes fórmas entre o cavallo, o tapir, o porco, o camello, etc. O gato apparece já representado no *palœonictis gigantea*, as balêas no *zeuglodon*, mamifero marinho, que tem 17 metros de comprimento. Aos reptis juntam-se os ophidios (serpentes). «Quasi todas as ordens e familias de animaes herbivoros e frugivoros que habitam hoje a terra, diz M. A. Maury no seu livro *L'Homme et la terre*, d'onde extrahimos parte destes dados, contavam então especies, sem exceptuar os macacos (*Macacus eocenus*) que povoavam as florestas.»

O mastodonte e o aceratherio, primeiros typos do elephante e do rhinoceronte, apparecem na Europa na segunda epoca, miocene, com quanto já na anterior tivesse apparecido na Asia um verdadeiro elephante, que havia de ser representado na Europa mais tarde pelo *elephas meridionalis*, e na America outro typo de rhinoceronte. A fauna aproxima-se dos typos actuaes com quanto conserve ainda algumas fórmas de transição, como o *hipparion*, entre os solipedes e os pachydermes, o *oreodon*, entre estes e os ruminantes, o *anthracotherium*, entre os mesmos e os carniceiros, o *ancylotherium*, entre o rhinoceronte e o mastodonte, etc.; e nos mamiferos marinhos os *cetodontes*, balêas ainda com dentes.

É deste tempo que datam os mais antigos vestigios do homem.

Na epoca pliocene o cão, o urso, a hyena, o boi, o cavallo, o veado, o elephante, etc., são numerosos na Europa, bem como outros animaes hoje exclusivos dos

paizes intertropicaes, como o elephante, a girafa, o hippopotamo, etc. Desde o fim da epoca miocene começára a baixar a temperatura na Europa e talvez em todo o hemispherio septentrional, e baixando mais rapidamente pelo fim da epoca pliocene estas regiões vieram a ficar cobertas de neve, emigrando d'ahi varios animaes, e com elles naturalmente o homem. Melhorando este estado de cousas novos animaes e vegetaes povoaram a Europa, mas uma nova crise da natureza da precedente, ainda que menos intensa, veio outra vez sepultal-a na neve. O homem que já ahi tinha voltado consegue desta vez resistir-lhe refugiando-se nas cavernas. O degelo que se segue produz as ultimas modificações do solo.

Temos visto que assim como geologicamente ha uma progressão continua, assim nos dous reinos animal e vegetal as fórmas mais superiores succedem ás mais inferiores. Aos primeiros molluscos seguem-se os crustaceos, e assim successivamente pelos vertebrados, peixes, reptis, aves, até os mamiferos, e destes até o homem. O cavallo, por exemplo, tem por antecessor o *hipparion*, este o *anchiterion*, este o *paleotherido*, etc. A datar da epoca terciaria os mamiferos herbiveros precedem os carnivoros, os macacos apparecem antes do homem. Entre os vegetaes as cryptogamas precedem as phanerogamas, os pinheiros as arvores foliaceas, etc.

A coexistencia do homem com os animaes do principio do periodo quaternario, o mammuth ou elephante primitivo (*elephas primigenius*), o rhinoceronte boreal (*rhinoceros tichorinus*), o rengifer (*cervus tarandus*), é um facto authentico, e de que já ninguem póde duvidar. Por mais que se negasse a existencia do homem fossil, o homem fossil appareceu, e fez immudecer

os incredulos. O craneo encontrado em 1857 em Neanderthal (Baviera rhenana), e que era de um homem contemporaneo do mammuth, a lamina de marfim descoberta em 1864 por M. Lartet no Perigord, e em que estava gravada uma figura do mesmo animal, os ossos humanos encontrados por M. Boucher de Perthes em 1863 e 1864 no diluvio de Abbeville, os silex lascados encontrados em Saint-Acheul, e ainda outros muitos factos que podiamos citar não deixam mais duvida alguma a este respeito. No nosso paiz mesmo, o sr. Nery Delgado encontrou na gruta da Forminha, em Peniche, um fragmento de condylo com um silex do typo dos de Saint-Acheul, que attestam a existencia do homem naquella localidade no tempo do urso das cavernas.

Mas é certo que o homem existiu no periodo terciario.

Em 1863 M. Desnoyers encontrou nas areias pliocenes de Saint-Prest, ossos de *elepas meridionalis* com varias estrias e incisões feitas por um instrumento cortante.

Em Pouancé M. Delaunay encontrou em uma camada de terreno da epoca miocene umas costellas de *halitherium*, cetaceo herbivoro, com signaes semelhantes.

O abbade Bourgeois descubriu em 1867 na communa de Thenay, em uma camada de terreno miocene, silex trabalhados pela mão do homem, e que attestam a sua existencia naquella epoca.

Outras muitas descobertas se tem feito neste mesmo sentido. Na Italia o sr. Capellini, descobriu proximo de Sienna, em um terreno pliocene, differentes ossos de balœnotus em que se vêem varias incisões, algumas circulares, e como sendo o resultado de um instrumento que se empregasse para separar a carne daquelles ossos.

No nosso paiz está egualmente demonstrada a existencia do homem terciario da epoca miocene.

Foi o nosso eminente geologo, o sr. Carlos Ribeiro quem fez essa descoberta, e della se acaba de occupar o congresso internacional anthropologico e de archeologia prehistorica que se reuniu este anno em Lisboa.

Eis como se deu tão importante facto:

Desde 1863 que o sr. Carlos Ribeiro tinha descoberto nas camadas terciarias lacustres do valle do Tejo, e principalmente na larga depressão que se estende desde o Carregado até Otta, no concelho de Alemquer, varios silex lascados em que elle reconheceu o trabalho do homem. Não podia com effeito haver duvida para quem despreoccupadamente examinasse aquelles silex, e menos para o illustre geologo. Eram pontas de lança, facas, laminas para diversos usos, *rascadores* ou serras, armas de arremesso, etc. Em uma excellente memoria que dirigiu á Academia das Sciencias de Lisboa, e que tem a data de 1871, fez o sr. Ribeiro uma minuciosa exposição da sua descoberta, e perante o congresso anthropologico de Bruxellas, bem como do que se reuniu por occasião da ultima exposição de Paris, apresentou-se a communicar o mesmo facto. Dividiram-se nas duas assembléas, as opiniões, mas a existencia do homem terceario em Portugal ficou desde logo reconhecida por muitos sabios. Ao reunir-se agora o ultimo congresso em Lisboa, para o que decerto a descoberta do sr. Ribeiro muito contribuiu, convidou este os seus membros a pronunciarem-se, e o congresso para ajuizar com segurança resolveu visitar os proprios lugares, dirigindo-se para esse fim a Otta.

Na sessão de 25 de setembro ultimo [1] apresentando

[1] O congresso começou as suas sessões em 19 de setembro, e encerrou-as em 29 do mesmo mez.

a commissão que fôra encarregada de dar conta das investigações feitas naquella excursão o seu trabalho ahi se pronunciaram a favor da descoberta do sr. Ribeiro muitos membros do congresso, entre os quaes os srs. Mortillet, Capellini, Schaaffhausen e Bellucci. Alguns admittindo que os terrenos fossem terciarios e da epoca que se lhes assignava manifestaram duvida, sobre se os silex trabalhados pertenciam á mesma epoca, por serem encontrados na superficie, ao que respondia o sr. Bellucci apresentando um silex encontrado por elle na propria camada, outros duvidavam que os terrenos fossem terciarios, porque se pareciam com outros de identico aspecto em outras partes, que tinham como quaternarios, argumento que se podia inverter para provar exactamente o contrario, outros emfim não tinham a certeza se as fórmas que affectavam os silex eram effectivamente devidas ao trabalho humano, podendo sel-o a outras circumstancias, mas a intencionalidade da pancada manifestava-se no modo como esses silex estavam lascados, e na fórma que dahi resultava apropriada para diversos usos. O sr Virchow foi dos que teve duvidas, todavia quando o sr Capellini para justificar o facto da existencia do homem no periodo terciario apresentou alguns dos ossos de balêa a que nos referimos, aquelle illustre physiologista declarou que naquelle momento, e em presença de um documento daquella ordem, não tinha que responder, e accrescentou espirituosamente que nenhuma prevenção tinha contra o homem terciario.

Por proposta ainda deste illustre sabio o congresso resolveu occupar-se da questão do homem terciario no proximo congresso, resolvendo-a segundo as provas que ahi se apresentassem.

A sentença porém está de antemão lavrada. Os fa-

ctos são por si mesmo bastante eloquentes a este respeito. O homem foi o contemporaneo não só das especies extinctas do principio do periodo quaternario, mas dos mastodontes, do halitherium e do aceratherium que viviam na epoca miocene.

M. Hamy combinando os differentes elementos de apreciação que até aqui temos exposto, geologicos, paleontologicos e archeologicos compõe o seguinte quadro, que dá idéa das epocas prehistoricas que o homem tem atravessado.

Periodos	Epocas		Idades	Typos
Archeolithico...	Miocene — Extinctos..........		*Aceratherium*......	Thenay
			Mastodontes.......	Thenay
			Halitherium.......	Pouancé
	Pliocene....................		*Elephas meridionalis*	Saint-Prest
	Post-pliocene...	Extinctos, emigrados e actuaes........	*Ursus spelæus, Elephas primigenius, etc.*............	Saint-Acheul, Abbeville, le Moustier
		Emigrados e actuaes	*Cervus tarandus etc.*	Grenelle, Aurignac, Savigne, etc.
Neolithico	Recente — Animaes actuaes....		....	[1]

Advertindo que na designação de animaes actuaes são comprehendidos não só os actuaes, mas os que foram destruidos pelo homem, como a danta, o boi selvagem, o urso, etc.

É impossivel precisar estas epocas em um numero determinado de seculos. Apenas alguns calculos mais ou menos aproximados são possiveis.

Sir Charles Lyell, o grande geologo, diz-nos que se o seu calculo do tempo minimo da formação do delta actual do Mississipe é exacto, e se o osso pelviano encontrado por M. Dicheson, em Natchez, com ossos do

[1] E. F. Hamy. *Precis de paleontologie humaine.* Paris 1870.

mastodon ohiuthicos, de uma especie de *megalonix*, etc, é com effeito de um homem contemporaneo destes animaes, a raça humana teria povoado a America do norte ha mais de mil seculos; e a mesma epoca, pelo menos, attribue aos utensilios de silex encontrados em Saint-Acheul no valle do Somme.

«O tempo que deve ter decorrido diz Sir C. Lyell, e notemos este facto, entre os dous niveis do terreno do valle do Somme, em que foram encontrados utensilios de silex de fórmas analogas mas predominando no mais recente a oval, leva-nos a concluir que o estado das artes nestes tempos primitivos permaneceu estacionario durante periodos quasi indefinitos» [1]

Este mesmo illustre geologo tentando avaliar a duração da epoca glaciaria chega por um calculo minimo ao algarismo de 224:000 annos!

E sir John Lubbock referindo-se a estes e a outros calculos de Sir C. Lyell, declara que nada ha nelles de exagerado, e que mal se póde fazer idéa da antiguidade que indicam os factos geologicos. [2]

M. Joly para mostrar como a idade mais remota que se possa attribuir ao homem não está em opposição com a chronologia biblica, cita as seguintes palavras de M. Ed. Lartet: «Não se encontra no Genese nenhuma data limitativa do tempo em que appareceu o primeiro homem; são os chronologistas que, ha quinze seculos se esforçam por fazer entrar os factos biblicos na coordenação dos seus systemas. É assim que ácerca da data da creação se tem produzido mais de cento e quarenta opiniões, e que ha um desacordo de 3194 an-

[1] *L'Ancienneté de l'homme prouvée par la geologie*. trad por M. M. Choper. Paris 1870.

[2] *L'homme avant l'histoire*, trad. de M. E. Barbier. Paris 1870.

nos sómente com relação ao periodo entre o principio do mundo e o nascimento de Jesus Christo. Esta differença diz respeito principalmente á parte do intervallo mais proximo da creação. Não havendo pois motivo para considerar a questão das origens humanas subordinada ao dogma, deve ficar o que realmente é, uma these scientifica accessivel a todas as discussões, e, a todos os pontos de vista, susceptivel de receber a solução mais conforme aos factos e ás demonstrações experimentaes. (*Annales des sciences naturelles, 4.ª serie, t. XV pag. 256*)» [1]

Emfim M. Häckel, seguindo naturalmente a opinião do barão de Bunsen, que é fundada em dados linguisticos, diz que é um facto averiguado que a existencia do genero humano remonta a mais de 20:000 annos, «com quanto, accrescenta elle, mais de 100:000, talvez centos de mil annos, tenham decorrido desde a origem do homem.» [2]

Ora tomando por base este calculo, e se o primeiro typo humano data de 20:000 annos, basta admittirmos que o segundo date de 15:000 e o terceiro de 10:000 para acharmos a explicação da differença que se nota entre as tres grandes raças que hoje os representam.

O argumento do estacionamento do Negro perde assim toda a sua força.

O Branco permaneceu tambem por muito tempo *estacionario*. Ainda ha 2:000 annos os povos germanicos viviam em guerras continuas, não tinham nenhuma das instituições dos povos civilisados, eram polygamos, compravam as mulheres, ou pelo menos tinham uma fórma de casamento que não era superior á actual dos

[1] *L'Homme avant les metaux.* Paris 1879.
[2] *Histoire de la creation naturelle,* pag. 590.

Negros, e no entanto são hoje dos mais civilisados. Fizeram daquelle tempo para cá um grande progresso, mas primeiro que ahi chegassem quantos milhares de annos não permaneceram mergulhados na mais completa barbaria? Quando os Egypcios chegados a um alto gráo de civilisação, viam em torno de si, barbaros ou selvagens, os povos que haviam de ser os futuros gregos e romanos, quanta rasão teriam, a guiarem-se por um raciocinio egual ao que nós agora empregamos, para supporem esses povos completamente inferiores e incapazes de se elevarem acima desse estado?

Longe de estacionar, como se diz, o Negro progride.

Eu observei no interior de Mossamedes, como Livingston, Magyar, e outros o poderam notar em outros pontos d'Africa, differenças extraordinarias physicas e intellectuaes, de povo para povo, ou de raça para raça, e ainda dentro de cada povo ou raça, e sem que ahi tivessem havido crusamentos com individuos de raças superiores. O prognathismo sub-nasal chega quasi a desapparecer, bem como todos os caracteres inferiores que approximam o Negro de uma especie simiana; o gráo da intelligencia corresponde sempre ao do aperfeiçoamento physico. A não querermos explicar estes factos pela degeneração, havemos de concluir pela inversa, isto é, que o Negro se aperfeiçoa.

Mas é esta uma asserção que eu tenho ainda de provar em outro campo.

VIII

Estado social dos Negros.— As asserções de M. M. Alfred Maury e Vivien de Saint-Martin, e os factos.—Algumas considerações. — Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi.

Vamos entrar no campo propriamente dos factos. Recordando as asserções de M. M. Alfred Maury e Vivien de Saint-Martin, mencionadas no primeiro capitulo deste livro, somos os primeiros a reconhecer, que não sendo taes asserções baseadas na observação propria não póde caber a esses authores toda a responsabilidade dos erros em que incorrem. Essa responsabilidade recahe principalmente nos viajantes que tão fantasiosas noticias espalham ácerca dos usos e costumes dos povos do interior d'Africa.

De todas as noticias que se publicam ácerca dos Negros as que nos dão os missionarios são ordinariamente as mais escrupulosas e exactas.

É verdade que o reverendo Morlang citado por M. Häckel, emitte uma opinião ácerca dos Negros do Nilo superior que é pelo menos exagerada, mas assim como o facto que elle affirma se fosse verdadeiro não deporia

contra todos os Negros, tambem sendo menos exacto não depõe contra todos os missionarios.

Alem d'isso o caso a que nos referimos, e outros de identica natureza, têem uma explicação até certo ponto natural. É sabido que os padres vêem geralmente no Negro um descendente de Cham, e que lhe chegam a negar até a alma emquanto o não convertem ao christianismo. Para elles não só o Negro mas em geral todos os selvagens são homens degenerados. O homem não começou por um estado inteiramente selvagem. Partindo destes principios não admira que lancem á conta exclusiva dos Negros os seus insuccessos de propaganda e catechese; mas admittindo a regeneração desses individuos, e empregando os meios mais adequados para a realisarem prestam-lhes um serviço que resgata quaesquer pequenos erros da sua parte. A natureza do seu ministerio, o tempo que se demoram em Africa, as relações que chegam a estabelecer com os indigenas, tudo os habilita a poderem-os julgar com mais justiça e imparcialidade, e é o que frequentemente fazem.

Pela sua parte os viajantes, devemos tambem reconhecel-o, nem sempre podem fazer um juizo exacto ácerca dos factos que observam em Africa. Encarregados de missões que não sahem ordinariamente do dominio da geographia physica, pouco se importando da ethnographia e da ethnologia, para cujo estudo não vão mesmo preparados; não sabendo a lingua nem tendo tempo de a aprender praticamente nos lugares; tendo de se fazer comprehender por meio de interpretes que começam por os não entenderem a elles; soffrendo muitas vezes da acção morbida e excitante do clima, a que se acham mais expostos do que os missionarios pelas longas viagens que são obrigados a

fazer, não admira que os seus juizos ácerca de um certo numero de factos se resintam destas circumstancias.[1] Comprehende-se ainda, que para darem ás suas narrações um interesse que lhes attraia um maior numero de leitores, visto que ha leitores que preferem a fantasia á verdade, se vejam obrigados a exagerar um pouco, a darem a essas narrações um tanto do caracter dos romances de Julio Verne. O que porém se não comprehende nem explica por nenhuma destas causas é o seu empenho constante em rabaixarem os Negros, em interpretarem tudo o que lhes diz respeito sempre do modo mais desfavoravel.

Nem sequer certas considerações os advertem da injustiça que commettem. Esses Negros acompanharam-os, guiaram-os, conduziram-os atravez d'esses sertões da Africa, onde de outro modo não poderiam penetrar; foram os instrumentos, obscuros, mas efficazes, da gloria que ahi foram buscar; soffreram com elles os incommodos, as fadigas, os contratempos dessas viagens, exposeram e algumas vezes sacrificaram as suas vidas por elles; pois nada disso prova a seu favor. Se um Negro commette uma qualquer falta, ou acção criminosa, accusa-se logo toda a raça, se commette uma

[1] O dr. Dutrieux em um interessante *Estudo ácerca das doenças e da aclimação dos Europeus na Africa intertropical*, publicado nos *Extractos dos relatorios dos viajantes da Associação internacional africana*,. fasc. n.º 3, 1880, diz que se não póde fazer idea nos paizes temperados do ponto a que chega a excitabilidade do systema nervoso no viajante em Africa.» — «D'ahi esta desigualdade d'humor, accrescenta elle, esta irascibilidade, esta *hypocondria*, esta *melancolia* que teem experimentado ou observado tantos viajantes, e que chegando em alguns até a misanthropia, tem, pelo abuso da quinina, e sob a influencia de vivas emoções moraes, produzido mesmo o suicidio.»

acção boa é um facto individual, não tem importancia. Parece que a preoccupação constante é esta: o Negro é um ente absolutamente inferior, é preciso não desmentir esta sentença da opinião e dos sabios. E esta é a explicação mais favoravel para a conducta desses viajantes.

Os combates que se dizem obrigados a sustentar, e que querem lançar á conta dos Negros são devidos na maior parte dos casos á sua propria imprudencia, foram elles ordinariamente que os provocaram. Eu fui até umas 80 ou 90 leguas para o interior de Mossamedes, o que é o mesmo que ir muito mais longe, por que os costumes e o estado de civilisação dos povos do interior d'Africa em geral são os mesmos, e nunca me foi preciso recorrer a taes violencias. Cannecattim, Missionario capuchinho, e Perfeito das Missões de Angola e Congo, no principio deste seculo, relata o facto significativo e constante no seu tempo de dous soldados que desertaram de Benguella, atravessaram toda a Africa de O. a E. e foram ter a Moçambique. Na epoca em que os Brancos da Europa se achavam em um estado social analogo ao actual dos Negros daquella parte da Africa não sei se seriam mais respeitadores do direito alheio do que estes o foram para com aquelles dous homens. E o que se póde ao mesmo tempo inferir deste facto é que são muitas vezes os meios de força de que dispoem os viajantes,—as numerosas comitivas de que se fazem acompanhar, que provocam ou de qualquer modo determinam os conflictos com os gentios.

Mas ha um facto mais importante.

A communicação entre o Zanzibar e o lago Tanganika, pelo *Ougogo* era até ha muito pouco tempo extremamente difficil, não só pela hostilidade dos gentios, como pela deserção dos carregadores. A expedição da

Associação Internacional Africana, que por ali passou em fim de 1878 para estabelecer a primeira estação em *Tabora* parece que ainda soffreu muito por essas causas. Pois em seguida M. Popelin, commandando outra expedição, e acompanhado do dr. Van den Heuvel fez o mesmo trajecto «sem encontrar difficuldades sérias na sua marcha», diz o illustre Secretario da Commissão Belga da mesma Associação, M. Strauch, no seu relatorio com relação aos trabalhos executados no anno de 1879, e «sem que a deserção lhe fizesse perder um só dos seus carregadores»,—«facto bem digno de notar-se», accrescenta elle ainda, e o é de certo.

A causa todavia é obvia. Os carregadores eram convocados nos mesmos lugares dos da expedição anterior, o methodo para com elles é que foi outro.

Eu não duvido avançar,—e digo isto não por ter visitado um ou outro ponto de qualquer das costas d'Africa, ou por ter atravessado simplesmente uma ou outra região, mas por ter residido muitos annos entre as populações do interior, ter ahi aprendido a sua lingua, e conhecido o seu caracter e a sua indole, que na maior parte dos casos em que os Negros procedem irregularmente para comnosco foram provocados por algum acto de injustiça da nossa parte. Contou-me um cavalheiro de Loanda que de uma vez apparecera na costa da Guiné um Branco amarrado a uma arvore e todo mutilado. Grande indignação e os epithetos do costume contra os Negros; averiguado o caso soube-se que aquelle Branco tinha o costume de castigar os Negros ao seu serviço ora cortando-lhes uma orelha, ora um dedo, ora a extremidade do nariz ou de um beiço, etc., e foi a final o mesmo que os Negros lhe fizeram. Fôra victima da sua propria crueldade.

E para os casos em que o Negro procede sem pro-

vocação, e com uma intenção verdadeiramente criminosa, quantos factos de identica natureza se não praticam entre nós sem que d'ahi se conclua contra toda a nossa raça? Ainda ha pouco na Hespanha se deu um desses casos que um jornal desta cidade noticiava da maneira seguinte: «*Selvageria*: Nas cordilheiras de Gaitanes, foi cobardemente maltratado um allemão que tinha ido a Hespanha para estudar os seus costumes. Parece que o indicado estrangeiro quiz fazer uma expedição áquelles escarpados montes, onde foi accommettido por uns camponezes que depois de lhe roubarem o relogio, a cadeia, e uns 20 a 30 duros, o deitaram por terra dando-lhe algumas facadas e deixando-o por morto. Os salteadores cobriram a victima com uma grande porção de feno e deitaram-lhe fogo para assim encobrirem o seu crime.» [1]

Poderão os allemães daqui concluir que os hespanhoes são todos selvagens?

Seja qual fôr a voz da paixão ou do preconceito o que é certo é que os bons ou os maus sentimentos não são exclusivos desta ou daquella raça, e que a raça negra não é menos bem dotada a esse respeito do que qualquer outra. O seu caracter mesmo prima pela docilidade, pela resignação ao soffrimento, e é notavel que ao passo que nos querem apresentar o Negro como uma féra quando se vinga, se procure ainda rebaixal-o quando se resigna explicando essa conducta pelas suas «baixas virtudes», pela sua «inferioridade moral!»

O Negro selvagem está mais exposto a ser mau por que está mais sujeito a errar, mas não será mau só-

[1] *Jornal do Commercio* n.º 8:052 de 17 de setembro de 1880.

mente por ser ignorante nem pelo *defeito* da côr. Se o selvagem tem como diz Sir John Lubbock «o caracter da creança com as paixões e a força do homem», tem tambem a docilidade daquella,—tem-na no mais eminente grau o africano.

Não é o facto simplesmente de se ir á Africa que nos dá o conhecimento do que é aquelle paiz, sobre tudo no que diz respeito aos costumes e ao caracter dos seus habitantes.

O missionario Casalis que fallava com 23 annos de experiencia diz o seguinte referindo-se aos Ba-Suto:[1]» Para se chegar a conhecel-os e a comprehendel-os é preciso deixar de ligar uma idéa de miseria á sua cabana e ao seu manto de chacal; é preciso tornar-se o seu commensal, estar bem no seio da sua familia, sympathisar com elles. Desde que estas relações se estabelecem tudo se simplifica. O indigena não tem mais segredos para aquelle que vê sorrir a seus filhos e dormir pacificamente a seu lado. O missionario por sua parte, acha encantos na sociedade dos seus novos amigos. Se até alli os julgou insensiveis é porque não conhecia o caminho dos seus corações, se lhe pareceram estupidos é porque a confiança não tinha ainda descerrado os seus labios.» [2]

Livingstone diz approximadamente o mesmo referindo-se a outros povos do interior d'Africa.

Estes conselhos porém não são ouvidos.

[1] Casalis escreveu *Bassoutos*, bem como *Bechouanas*, etc. Estando o plural formado pelos prefixos Ba e Be eu não sigo esta orthographia. Acerca deste nome de Ba-Suto veja-se no fim deste livro o appendice «Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi».

[2] Casalis *Les Bassoutos*. Paris 1859.

O criterio com que os viajantes scientificos que agora percorrem a Africa ajuizam dos costumes dos Negros é pouco mais ou menos o seguinte. Chega um desses viajantes a uma povoação gentilica e como alli não vê um templo que indique um culto, ou um sacerdote que recorde alguma das religiões conhecidas conclue que não ha religião alguma; como não ha padres para celebrarem o casamento nem authoridades que lhe dêem ao menos a fórma de um contrato, isto é, como não ha o casamento sob alguma das fórmas adoptadas nas sociedades civilisadas não ha o proprio casamento; como não ha o casamento não ha a familia, e assim por diante até negarem tudo, mesmo o que é essencial e não póde deixar de existir em qualquer sociedade humana.

M. Topinard cita a este respeito um facto curioso, e que se póde dizer caracteristico. Burchell pergunta por meio de um interprete a uns pretos Boschjemans, «que differença havia entre uma boa e uma má acção», e como a resposta não foi satisfactoria «concluiu que eram uns brutos, porque não tinham sabido responder a uma pergunta tão simples.»

É assim que se diz que os indigenas do interior de Borneu vivem absolutamente no estado de natureza, sem se associarem nem constituirem a familia (Dalton); que os Mandingas effectuam as suas uniões sem nenhuma ceremonia, e que os homens nem sequer se riem para as suas mulheres (Caillie); que o casamento não existe na Abyssinia, na Uganda, no Congo, em Angola, e entre os Achantis (Bruce, Speke, Hutton, Astley); que o amor não entra por cousa alguma nas uniões conjugaes dos Hottentotes, dos Cafres Kussas, e dos indigenas do Yariba (Holbein, Lichstenstein, Lander); emfim que nem mesmo existe a consciencia en-

tre os povos da Africa oriental, e entre os habitantes da costa occidental no Yoruba (Burton). [1]

É ainda assim que se tem dito que os Negros não trabalham, que são as mulheres que supportam exclusivamente esse encargo, que é geral a prostituição entre estas, que impera ali absolutamente o direito do mais forte, etc. De um ou outro facto isolado conclue-se assim pela regra, quando mesmo esse facto foi bem constatado.

Eu estive doze annos entre varios povos do interior de Mossamedes, e confesso que nada vi que confirme as asserções que ahi deixo expostas.

O estado dos povos a que me refiro apresentando todas as gradações, desde a vida verdadeiramente selvagem, errante ou nomada, até a sedentaria e agricola, nada offerece por onde se possa concluir, que elles sejam absolutamente incapazes de se elevarem á vida civilisada. Se uns permanecem no mais baixo da escala, outros sobem muito alto e mostram-se aptos para passarem a um gráo muito mais elevado.

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi [2], por exemplo, são

[1] *Les Origines de la civilisation* por Sir John Lubbock. trad do inglez. Paris 1873.

[2] Os prefixos *ba*, *be*, ou *ban*, no plural, e *mu* ou *mun* no singular, são exclusivos de gente, e applicados a um nome de terra designam os habitantes ou o habitante dessa terra, sem designação de sexo, não havendo mais que um genero nesta lingua. Ás vezes são substituidos por *ma*, *man* ou *bin* no plural. e *xi* no singular, quando as appellações se referem a uma alcunha como em *Ma-Kalaca* «os da côr do carvão» etc., e outras accumulam-se como em Ba-Man-Guato, mas só quando a clareza do sentido assim o exige. Ainda em alguns casos empregam a expressão *Bana*, «filhos» para designar uma collectividade de povos, ou mesmo de individuos, como em *Bana-Cutuba*, povos de além do rio Cunene, que se distinguem por uma parte do seu vestuario, a que dão aquelle nome.

povos agricultores e pastores, perfeitamente sedentarios, doceis, hospitaleiros, amigos dos Brancos, principalmente os Ban-Kumbi, possuindo uma riqueza consideravel em gados, tendo uma fórma de governo que se aproxima já da monarchica mais inferior; com os seus tribunaes, a sua côrte, a sua pequena arte, mas arte já, que se revela nas primeiras fórmas do desenho, da esculptura, da musica, da poesia, com certos conhecimentos da astronomia, da medicina, da mechanica, e com algumas industrias como a serralharia, a ceramica, etc.

O seu estado politico e social não é o que se tem dito; vêem-se ali verdadeiras associações politicas governadas por potentados que são soberanos legitimos e hereditarios. Estes potentados têem o nome de Hámba (Nó-Hámba no plural) e não o de *Sóba*, corrupção de *Sóma*, titulo dos regulos do Nanno.

O caracter destes povos nada tem de feroz e despotico, pelo contrario é inclinado ao bem e á justiça. A melhor qualidade que podem descobrir em uma pessoa é a de «gostar de gente», o peior defeito o de «ser orgulhoso». Ha mesmo entre elles um preceito que lhes impõe o respeito do proximo. *Ó bánto bá cóla,* dizem elles, litteralmente «a gente é forte», mas como se dissessem «a creatura humana é sagrada.»

No appendice a este livro encontrará o leitor uma noticia mais desenvolvida ácerca d'estes povos; agora limitar-me-hei a indicar a posição que elles occupam, bem como a de alguns outros que se lhes avisinham.

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi occupam, no interior de Mossamedes, a região que vae do alto da Xella até á margem direita do rio Cunene, confinando por E., com os Bana-Cutuba, que se dividem em Ba-Quanhama, Ba-Quamatui, Ba-Bale, Ba-Quambi, Ba-Cafima, Ban-

Gangella e outros, raça energica, valente, e da qual os Ban-Gangella são pela sua actividade e espirito cosmopolita considerados como uma especie de Ba-Bie do sul; pelo N. com os Ba-Nanno, ou Bin-Bundo, raça composta tambem de muitos povos independentes, e a mais numerosa e adiantada de todas; pelo S. com os Be-Himba ou Ba-Simba «os da margem», povos nomades e pastoris que occupam a margem esquerda do rio Cunene no seu curso inferior; e pelo O. com os Ba-Cubale, comprehendendo as tribus dos Ban-Dombe e dos Ba-Hacaôna, povos nomades, e a que se seguem os Ba-Korcka, no mesmo estado social; e na beira mar, errantes, nutrindo-se de peixe e dormindo nas cavidades dos rochedos, como os antigos troglodytas, os Ba-Kuisse, raça pouco numerosa e inoffensiva.

Entre as terras destes povos, vagueia uma outra raça, esta exclusivamente caçadora, os Ba-Kankala e, como os Ba-Kuisse, de caracter docil. Eu encontrei-os por muitas vezes ao atravessar de Gambue para a Kamba ou Mullondo, e estive alguns momentos com elles, sem que se assustassem de me ver, e antes se acercassem de mim familiarmente, pedindo-me tabaco, mas por gestos, pois ninguem ali entende a sua lingua. Os Ba-Kankala são, como já se tem dito, e eu mesmo os descrevi, de pequena estatura, de côr amarello-palida, com os pomulos salientes, o nariz achatado, os olhos um pouco obliquos, os beiços grossos, os queixos salientes, os cabellos lanosos mas pouco densos, e o ventre protuberante. Pertencem evidentemente ao grupo dos Boschjemans. Para além do Cunene encontram-se outras tribus desta mesma raça, algumas das quaes menos pacificas, e com nomes differentes; a este grupo pertencem os *Kassequere*, a quem se referiu o nosso viajante Serpa Pinto.

Negar que alguns povos africanos jazem em um estado de barbaria extrema, e que outros, verdadeiramente degradados, tendem a extinguir-se seria negar a evidencia. Os Ba-Kankala e os Ba-Kuisse, são talvez deste numero. Ás vezes das raças mesmo mais adiantadas destaca-se um grupo que retrograda. Casalis cita os *Balala* da grande familia Be-Xuana, da qual descendem os Ma-Kololo, e que erram ao accaso nos desertos nutrindo-se, como os Boschjemans, de caça e de fructos silvestres. Notemos que Ba-Lala quer dizer «os que dormem.»

Mas estas são as excepções, não são a regra.

Entre as causas que podem influir no desenvolvimento social dos povos selvagens parece-me ser uma das principaes a do modo como elles se estabelecem nos logares que escolhem para ahi habitar.

A emigração é, como se sabe, um facto de ordem social commum a todos os povos, e que resulta da necessidade do seu bem estar, isto é, da propria lei do seu aperfeiçoamento. No interior d'Africa realisa-se ainda esse phenomeno em larga escala, e são conhecidas algumas das principaes correntes que essas emigrações têem seguido, tanto de N. para o S. como de E. para O. etc.

Se um povo emigrando de uma região para outra encontra um paiz onde se estabelece sem lucta, se lhe não é preciso defendel-o contra quaesquer inimigos, esse povo permanece, ou torna-se, se o não era já, docil, pacifico, hospitaleiro, e mesmo laborioso. Taes são os *Luchares*, os *Amboelas* e outros a quem se refere o nosso viajante Serpa Pinto, taes os que Livingstone encontrou no alto Xire, taes os Ba-Bie conhecidos em toda a Africa austral pelos seus costumes pacificos e laboriosos, taes no interior de Mossamedes varios dos

povos a que me referi, com especialidade os Ban-Kumbi e os Ban-Gangella, taes emfim muitos outros em differentes pontos d'Africa.

So ao contrario esse povo tem de conquistar o paiz que cubiçou, se tem depois que o defender contra inimigos internos ou externos, então chega pelo excitamento das paixões, que nenhuma educação modera, á pratica e ao habito dos maiores excessos. Taes são os terriveis Ma-Tebele, os sanguinarios Dahomeys, e ainda alguns outros.

A estas causas juntam-se muitas outras, exercendo a sua influencia tanto para o bem como para o mal. M. Topinard cita o facto dos Peruvianos civilisados por Manco Capac, e observa que talvez os Australianos tivessem progredido muito se tivessem encontrado um homem como aquelle que os guiasse.

Com effeito desde que um povo, ou uma raça, attinge um certo gráo de desenvolvimento cerebral qualquer incidente favoravel na sua historia, mesmo a influencia de um homem, póde determinar a sua evolução mais rapida.

Feitas estas considerações, que julgamos indispensaveis, passemos á exposição e analyse dos factos que constituem a nossa resposta a M. M. Alfred Maury e Vivien de Saint-Martin.

IX

Estado social dos Negros. — As asserções de M. M. Alfred Maury e Vivien de Saint Martin e os factos.— A escravidão entre os Negros. — Carta de Stanley a Sociedade Americana contra a escravidão.— Idéas religiosas. — Casamento. — Posição da mulher na sociedade e na familia. — Fórmas politicas de governo. — Anthropophagia.

Comecemos pelo costume que maiores e mais merecidas censuras levanta, — a escravidão.

Esta instituição que apparece nas primeiras epocas da historia de todos os povos, e por tanto que não é exclusiva dos Negros, como parece que se quer inculcar, não tem entre estes um caracter mais barbaro do que tem ou teve entre os povos civilisados.

Livingstone cita a este respeito o que diz o reverendo Thomaz referindo-se aos Ma-Tebele, povo alias desapiedado e cruel nas suas guerras. «Aquelle que foi capturado na guerra é considerado como filho na tribu, e assim chamado e tratado. Póde transitar livremente com tanto que não saia do paiz. É servo, mas a posição que occupa, sobre tudo no paiz de *Mosilikatsi* não desperta a idéa da escravidão. Com ordem e actividade póde tornar-se a seu turno senhor, e adquirir mais bens do que o proprio que o escravisou.»...«O se-

nhor africano, observa ainda o mesmo missionario, não exige a pontualidade, a promptidão, a habilidade, o trabalho e a perfeição que exige o senhor civilisado.» «É por isso, accrescenta M. Livingstone, que a escravidão que resulta dessas guerras não tem o cunho odioso que toma logo entre o Branco.» [1]

Aqui está a vida horrorosa do Negro escravo entre os seus; aqui está por que elle prefere ser escravo lá a ser *livre* entre nós.

Stanley o grande explorador americano, em uma carta dirigida á *Sociedade Americana contra a escravatura*, e de que mandou copia ao Secretario da nossa Sociedade de geographia, o sr. Luciano Cordeiro, procurando explicar as causas da escravidão entre os Negros diz:

«A venda de entes humanos, faz-se ainda de uma para outra tribu, porém os vendidos são individuos a quem a pena de morte foi commutada na de escravidão.

«Por exemplo um homem que furta uma ave de creação ou uma cabra está sujeito a ser morto salvo se poder ser vendido.

«Os mestres de feitiçaria são tão detestados, que poucos escapam ao terrivel destino que espera o infeliz accusado de feitiço.

«Por varias vezes teem accudido europeus por caridade, a salvar da morte as desgraçadas victimas da superstição, comprando-as.

«Uma vez que os europeus lhes restituem a liberdade, deveriamos exoneral-os da accusação de alimentar a escravatura.

«São porém tão poucos estes europeus liberaes que

[1] *Exploration du Zambeze* pag. 243 e 424.

nem a vigesima parte das victimas que poderiam ser salvas, são remidas da morte.» [1]

Eis o que diz Livingstone ao mesmo respeito. «Primeiro ella (a escravidão) é uma penalidade; só os culpados podem ser vendidos, e póde ver-se ahi um acto de justiça. Mas bem depressa passa aos accusados de feitiçaria, e aos que se não podem remir de uma divida, ou de uma multa, isto ainda a titulo legal e em nome do chefe. Depois vem os ladrões que furtam as creanças, vem as guerras de represalia, etc. Os compradores animam e estimulam a actividade dos fornecedores de escravos, e somos nós os europeus, que, sem o querermos, desenvolvemos esse trafico offerecendo-lhe vastos mercados.» [2]

Esta descripção é a mais conforme com o que nós tambem observámos no interior de Mossamedes.

Livingstone só erra nas considerações que accrescenta, attribuindo a portuguezes o que só era praticado por homens, de cuja conducta não podemos ter a menor responsabilidade.

Stanley faz-nos a este respeito mais justiça.

No interior de Mossamedes o grande factor da escravidão é a guerra; só depois, e em proporções muito menores vem os crimes de roubo e feitiçaria. A pena de morte só é applicavel a este ultimo crime, mas rarissimas vezes executada, obtendo geralmente os condemnados a commutação na de venda para fóra da terra. Por crime de furto nunca se matou alguem. Os delinquentes, n'este caso, ou restituem o objecto roubado e pagam a correspondente multa, ordinariamente o decupulo da cousa roubada, ou são entregues ás par-

[1] *Jornal do Commercio* n.º 7361 de 24 de maio de 1878.
[2] *Explorations du Zambeze et de ses affluents*, pag. 548.

tes offendidas como seus escravos. Estas não teem o direito de os matarem, não só por que a maxima pena de tal delicto é a de escravidão, mas por que, «ninguem póde derramar sangue na terra do Hamba.»

Se alguma vez um Branco resgata uma dessas victimas da ignorancia e da superstição, desinteressadamente, para a livrar da morte, esse acto merece de certo o nosso louvor e o nosso respeito, mas se o Branco sob pretexto de caridade *resgata* o Negro para o escravisar, e quer ainda que lho agradeçam, esse acto de refinada má fé e hypocrisia merece a reprovação e o stygma de todos os homens de bem, e sinceramente amigos da humanidade.

O beneficio que dahi parece resultar para esses desgraçados converte-se quasi sempre no mais atroz dos supplicios.

Achar-se-ha isto excessivo? Eu poderia aqui mostrar com factos que nada ha de exagerado na asserção que deixo expendida; não o farei por que o meu fim não é irritar e sim convencer.

Perguntarei sómente: o estado em que o homem póde ser obrigado a açoutar o seu proprio filho ou a sua mulher, e ás vezes sabe Deus por que motivo!...; em que o capricho, o temperamento, a paixão, do senhor são a suprema lei, e o desgraçado, que se lhe submette, ha de ainda justificar pela baixesa da sua conducta os maus tratos de que é victima; em que pela mais monstruosa inversão das leis moraes a infamia hade tomar o lugar da virtude, e esta hade ser considerada um crime; em que o serviço e a dedicação se pagam com o desprezo, e em que o estimulo é a tortura; emfim em que a consciencia mesmo não póde existir, este estado, perguntarei, não é um martyrio muito maior do que o da privação da vida?

E não nos digam que o Negro não pensa ou não sente assim, ou que são excepcionaes os casos a que nos referimos; quando o Negro assim não pensasse não tinhamos por isso mais direito de o opprimirmos e tyrannizarmos; mas elle sente perfeitamente o mal que lhe fazem, e por mais que se pretenda disfarçar estes factos a verdade é a que ahi deixamos indicada.

E, cousa notavel, sendo, ou tendo sido assim, entre nós, a escravidão, é ainda entre os Negros que ella é mais benigna!

Já que se apresenta esta abominavel instituição como um recurso quasi providencial para salvar da morte as victimas da superstição comprando-as, e não me refiro a Stanley, cujo caracter respeito, e que não tinha interesse em deturpar a verdade, mas aos interessados hypocritas que invocam os mesmos factos para os seus nefandos designios, saiba-se o que valia a troca.

Livingston contestando a opinião de que a escravidão seja um caracter especial da raça negra, e que se possa explical-a pela influencia do clima, como alguem pretende. observa que «é impossivel fazer um escravo de um Krumano que habita a parte baixa e insalubre da costa occidental, ou de algum membro das tribus cafres que occupam uma região mais elevada e completamente differente. — Disseram-me pessoas que conheciam bem estes povos, accrescenta elle, que uma pancada dada, mesmo brincando, por um europeu em algum delles era logo retribuida com outra. [1]

Entre os Ba-Hinga, os Ban-Dongona, os Ba-Cubale, e outros povos do interior de Mossamedes não ha escravos.

[1] *Explorations du Zambeze*, etc. pag. 552.

Os Negros levam o seu amor á liberdade até praticarem ás vezes acções como a seguinte.

«Tendo uma *Barotse*, diz Livingstone (Mu-rotse, ou Mu-Lui, que é o mesmo, se devia dizer), rapariga muito formosa, recusado em casamento um homem que não amava, o chefe em um momento de despeito, deu-a como escrava a uns tranficantes de Benguella; assim que ella viu que a ameaça era seria tomou a lança de um dos que a queriam levar, feriu-se com ella e caiu morta.» [1]

No interior de Mossamedes os Ba-Cubale, e os Ba-Simba preferem ás vezes a morte a deixarem-se conduzir como prisioneiros de guerra para fóra das suas terras.

Passemos á religião.

Já em outro logar tivemos occasião de notar o que os factos nos dizem ácerca do modo como as idéas religiosas apparecem e se desenvolvem nos povos primitivos.

De um primeiro estado que podemos chamar da *natureza*, de que ainda se encontram vestigios nas raças mais atrasadas, mas em que nenhuma actualmente permanece, e que não corresponde de certo á sonhada *edade d'ouro* da lenda, o homem elevou-se a um segundo em que as suas faculdades intellectuaes e moraes se desenvolveram, e a que podemos chamar da *consciencia;* dahi tendo podido combinar um certo numero de idéas, tendo reconhecido um plano e uma ordem na natureza, e por tanto um Creador, chegou á primeira phase verdadeiramente religiosa. Até ahi póde ter imaginado cousas absurdas e impossiveis, póde ter creado um mundo de superstições, o

[1] *Explorations du Zambeze* pag. 553.

que não póde é ter sentido, pensado, concebido o quer que seja que se assemelhe de perto ou de longe a uma religião. Sem base moral não ha religião, e essa base não existia nos instinctos todos de conservação, nos terrores e fraquezas que o homem só podia experimentar nos primeiros tempos, e que originavam essas superstições. Que a religião seja o complemento da moral, nada mais certo, que ella abriu ao homem horisontes novos, fortaleceu o seu espirito, e lhe deu a verdadeira consciencia de si mesmo é tambem incontestavel, mas que precedesse os primeiros desenvolvimentos da moral seria o mesmo que admittir que o effeito precedesse a causa. As proprias religiões têem sido progressivas; começando pelas fórmas mais inferiores, mais rudimentares do polytheismo, sem todavia poderem encabeçar no fetichismo, elevaram-se ao monotheismo e dahi ao christianismo, fórma ultima, e a mais perfeita de todas. É isto o que nos dizem os factos, despreoccupadamente analysados, e contra os quaes não ha replicas nem subtilezas possiveis. Nós sinceramente acreditamos que a religião nada perde com isto.

Entre os Negros ha povos que permanecem naquella segunda phase, isto é, que não têem religião alguma; no interior de Mossamedes os Ba-Kuisse e os Ba-Kankala são desse numero.

Não sei se estes povos poderão subir muito acima desse estado; talvez não. Mas o que importa agora para o nosso assumpto é que em geral os Negros teem já um principio de religião.

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi designam com o nome de *Huco*, ou *Suco*, conforme os dialectos, um Deus invisivel que vê o que nós fazemos, que ouve o que nós dizemos, que sabe o que nós pensamos. Não lhe prestam culto ou adoração alguma, mas se alguem es-

capou de algum perigo dizem: «foi por Deus que tal não aconteceu», ou, «foi Deus que lhe acudiu», *Suco iė mu popira.* Não teem por emquanto uma idéa da outra vida com premios ou castigos, mas acreditam de certo modo na immortalidade da alma.

Na pratica as suas idéas religiosas manifestam-se em uma especie de pantheismo grosseiro, em que todavia se póde ver a transição para uma fórma religiosa mais perfeita.

O viajante que ahi passar e julgar pelas apparencias dirá que entre elles não ha religião alguma.

Livingstone diz o seguinte a respeito da religião dos africanos: «Ainda que seja triste a um christão dizel-o a religião do africano é geralmente doce. Se em um ou outro ponto tem degenerado em superstição atroz, se no Dahomey o sangue humano toma o logar das plantas propiciatorias é isso sobre um unico ponto do continente; e o despreso insensato da vida humana citado por Speeke é completamente excepcional. Em duas ou trez partes offerecem ao espirito do mundo diversas partes do corpo humano; mas taxar de crueldade a religião africana, em razão destes abusos, não seria mais justo do que accusar todos os Negros de anthropophagia porque se come carne humana em um ou dous pontos d'Africa.» [1]

É um padre que assim falla, o testemunho não póde ser mais insuspeito.

Se uma ou outra vez alguma victima é sacrificada á cegueira destas crenças lembremo-nos que não são poucas tambem na nossa historia as victimas do fanatismo religioso. Ainda não ha muito tempo um jornal que se publica nesta cidade noticiava que na Russia,

[1] *Explorations du Zambeze*, etc. pag. 484.

districto de Tichwin, uns vinte camponezes acabavam de queimar viva uma pobre velha de nome Agrafena Ignetieva por a supporem feiticeira. [1] E mais recentemente ainda outro jornal dava noticia de um facto identico acontecido em Hespanha. Ahi a supposta feiticeira era tambem uma velha, ou mulher idosa, a qual foi morta a punhaladas por que se lhe attribuiu o apparecimento de umas serpentes. [2]

A instituição da familia existe, e não póde deixar de existir em todas as sociedades humanas, e portanto nos Negros.

E eu avanço esta proposição porque mesmo entre os Ba-Kankala e os Ba Kuisse, em Mossamedes, não se póde dizer que essa instituição não exista. Não tem fundamento algum a opinião de que entre estes ultimos «as mulheres têem ao acaso relações fortuitas com uns e com outros, sem distincção nem intenção determinada». O exagero desta asserção é evidente. A familia que se encontra já rudimentarmente em varios animaes, não póde deixar de existir no homem, e sob uma fórma muito mais elevada. Só no homem, deixam de existir as ligações consanguineas, ao menos entre pais e filhos. Este caracter do homem na sua phase actual, podemos dizel-o, dá-se tambem entre os Ba-Kankala e os Ba-Kuisse. Por mais que façam não poderão rebaixar nenhuma raça humana ao nivel dos irracionaes. Se o homem dahi vem, se physicamente é um animal, intellectual e moralmente elevou-se já muito acima. Entre o homem e o animal ha hoje um verdadeiro abysmo. Negar isto é negar os factos, é negar a evidencia.

Entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi a familia existe

[1] *Jornal da Noute* de 21 e 22 de novembro de 1879.

[2] *Jornal do Commercio* n.º 8:052 de 17 de setembro de 1880.

já sob uma fórma relativamente superior, com quanto caracterisada pela polygamia. O homem póde ter um certo numero de mulheres, mas uma só é legitima, e compartilha das suas honras. Essa mulher tem o nome de *Tembo*. As outras têem o de *Ban-banda*, no singular *Mum-banda*, expressão que se póde traduzir por «que accumula». As tembos dos Hambas reinantes decidem ou interveem nas questões de adulterio, e outras de identica natureza.

O casamento contrata-se por meio de um presente que o pretendente dá aos pais da noiva, e que serve como de penhor, sendo devolvido ao dono no caso de repudio, faculdade que não é arbitraria, e se acha regulada pelos costumes, consistindo principalmente na incompatibilidade de genios, ou na esterilidade da mulher. Um sentimento mais ou menos intimo de affeição, principalmente nos jovens, é quasi sempre a causa dessas uniões. E note-se que tendo a palavra amor, *xihola*, não podiam deixar de conhecer o sentimento que essa palavra exprime.

M. Darwin diz que pedindo informações a M. Wimwood Reade ácerca do modo como se effectuava o casamento entre os indigenas da costa occidental d'Africa onde elle residia havia muitos annos, este lhe respondeu, «que ao menos entre as tribus pagãs mais intelligentes as mulheres não tinham difficuldade em obter os maridos que preferiam, ainda que se considerasse como pouco digno que a mulher pedisse a um homem para casar com ella. Ellas são muito capazes de experimentar o amor, de formar uniões ternas, apaixonadas, e fieis.» «As mulheres conclue daqui M. Darwin, e conclue muito bem, não estão assim em uma posição tão abjecta no casamento como se suppõem » [1]

[1] *La descendence de l'homme.*

Casalis apesar de dizer que o casamento entre os Ba-Suto reduz a mulher a um estado muito proximo da escravidão, adverte que «os naturaes repellem com indignação o epitheto de «compra» que applicamos frequentemente á sua fórma de casamento.» [1]

Livingstone referindo-se ao casamento entre os Ma-Kololo diz: «Ainda que o casamento tenha a apparencia de uma compra, a mulher não é vendida nem comprada.»

M.me H. Loureau, traductora do livro de Livingstone, adverte, em uma nota, que ha nisto uma subtileza do author, tendo dito em outro escripto (*Missionary travels* p. 623) «que o casamento era virtualmente uma venda, mas que os actores não o encaravam assim, «o que prova, todavia, accrescenta M.me Loureau, a aptidão dos Makololos para se civilisarem.» E observa: «Quando uma rapariga em França acceita o marido pela posição que este lhe assegura não se considera esse casamento como uma venda.» [2]

Em um *Codigo dos milandos cafriaes* publicado no Boletim da Sociedade de geographia de Lisboa n.º 3, de junho de 1878, e referente ao destricto de Inhambane, na nossa provincia de Moçambique, diz se que: «Quando o pai recebe o quantitativo pelo casamento de sua filha, considera-a já como vendida e por isso obrigado a mandal-a ao marido, etc.» Eu não sei dos costumes a que se refere o author do mencionado *codigo;* noto que ahi mesmo, logo no artigo seguinte se diz: «Depois da mulher unir-se ao marido não póde separar-se d'elle, senão por algum motivo forte, que a possa salvar da multa respectiva, e vem a ser, primeiro quando o ma-

[1] *Les Bassoutos* pag. 191.
[2] *Explorations du Zambeze* pag. 264.

rido a maltrata com pancadas injustamente; segundo com falta de comedorias tendo-as em casa. O marido que der lugar a algum dos motivos declarados neste artigo é obrigado ao ir buscar a mulher, a levar comsigo, *miquama*, que quer dizer signal de boca ou multa, podendo esta ser um *capotim*, enxada ou *adrian;* e vice-versa, a mulher tambem é sujeita a esta multa quando aconteça retirar-se de casa do marido, a não ser por algum motivo legal, ou por falta aos seus preceitos e costumes.» E mais adiante: «Acontecendo a mulher não querer viver mais com o marido, ainda que o pai a isso a obrigue, e principalmente quando este não tenha fazendas para restituir ao tal marido, o pai em taes casos é obrigado a dar um signal a que chamam *muci* ao genro, o qual lhe confere o direito para vender sua mulher, ou dispor della como lhe convier», mas ahi mesmo se accrescenta: «não podendo todavia praticar com ella offensa pessoal.»

Se estas indicações dos *milandos cafriaes* são exatas, e se se encontra nellas uma certa apparencia de compra, devemos, por outro lado, confessar, que são bastantes as restricções que a attenuam senão annullam. Mas eu persisto em crer que não ha ahi verdadeira intenção de compra, e que o facto de ser permittido ao marido vender sua mulher quando o pai, ou a familia desta não póde restituir o penhor que recebeu, é por uma applicação do seu direito commum, que lhes permitte de vender o devedor insoluvel.

Entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi, a posição da mulher no casamento não é a da escrava; o marido em caso algum a póde vender. Desde que uma mulher é repudiada pelo marido, ou que ella o repudia, casos aliás pouco frequentes, só é obrigada a entregar-lhe o presente ou penhor que os pais receberam, sem o que

não póde tornar a casar, e se se ligar a algum homem o marido tem direito a haver deste a multa competente por esse delicto. Satisfeito o penhor ella fica completamente livre.

Se em alguma parte, entre os Negros, o marido adquire sobre sua mulher verdadeiros direitos de senhor, esse costume não é ao menos tão geral como se diz.

Tem-me perguntado alguma gente se os Negros amam os filhos? Parece que se hesita em conceder este sentimento aos Negros quando se não contesta, e antes reconhece, nos brutos.

Dos Negros do interior de Mossamedes posso eu dizer que amam extremamente seus filhos, com quanto os seus herdeiros sejam os seus sobrinhos filhos de irmã.

As mãis são tão dedicadas, tão carinhosas para seus filhos como quaesquer outras.

Livingstone conta a este respeito o seguinte facto. «Os Boers do Transvaal faziam bastantes incursões no paiz dos Bechuanas independentes para lhes roubarem gente para escravisarem. De uma vez fizeram prisioneira uma criança filha de um dos chefes, mas em seguida mandaram-lha entregar receando as consequencias. A criança vinha muito queimada por a terem deixado cair no fogo. A mãi e outras mulheres que com ella se achavam receberam-na cahindo-lhes as lagrimas em torrentes.» [1]

A mulher é excluida da herança, mas póde adquirir bens, e estabelecer-se independentemente. Em alguns povos herda o governo do estado.

O soberano do Gangella no interior de Mossamedes,

[1] *Explorations dans l'Afrique australe*, pag. 129.

no meu tempo, era uma mulher. Nas terras dos Ba-Nhaneca e dos Ban-Kumbi uma parte do paiz é governada pela mãi ou irmã do Hamba reinante.

Em outros pontos d'Africa como no Lui, em Nyango, nas terras do alto Xire, etc., a soberania é tambem exercida pelas mulheres. Em algumas dessas terras segundo diz Livingstone, a influencia da mulher chega a preponderar sobre a do homem. [1]

O trabalho não é um encargo exclusivo da mulher. Se a esta pertence o fazer certos serviços, outros incumbem ao homem. A divisão do trabalho é que é differente da nossa.

A mulher cultiva a terra, o que é um serviço relativamente leve, porque consiste em abrir de espaço a espaço, com uma enxada que se maneja com uma mão, um pequeno buraco na terra, onde se lança a semente, mas o homem foi quem primeiro desbravou esse terreno, quem o rodeou de uma cerca de espinhos, e é elle ainda quem auxilia a mulher nesse serviço, principalmente por occasião das colheitas.

A mulher tem mais a seu cargo, além do serviço da cultura dos campos, que todavia lhe não é exclusivo, o serviço domestico, como acontece a todas as mulheres. Nesse serviço é auxiliada por suas escravas se as tem.

Não sei como os que tanto se sensibilisam com a sorte da mulher africana não vêem na Europa a da mulher albaneza ou montenegrina, que além de supportar os mais rudes encargos da vida domestica, verga ao peso de enormes fardos, em quanto o homem conduz fidalgamente as suas armas. Será por que essa

[1] *Explorations du Zambeze*, pag. 509

sensibilidade se ligue exclusivamente á circumstancia da côr?

O homem exerce varias industrias, apascenta os gados, e vai á guerra. É elle quem edifica a habitação, quem traz á tarde a lenha, quem faz emfim todos os serviços mais rudes e pesados.

Entre os Ba-Suto, os Ba-Péle, e os Ma-Tebele do Natal, segundo Casalis, «homens e mulheres entregam-se ao serviço da agricultura com egual ardor.» [1]

Livingstone diz o mesmo dos Man-Ganja, e outros povos da região do Xire.

O estado de guerra entre muitos povos negros, mas não em todos, é com effeito um estado mais ou menos permanente, isto é, é o mesmo que foi entre nós não só em uma epoca equivalente da nossa historia, mas ainda em epocas subsequentes e quasi recentes; mas não se póde dizer que impere ali absolutamente o direito do mais forte.

As guerras entre elles teem sempre um fundamento. Nas relações de uns estados para com os outros ha já creado como um principio de direito internacional, e que todos respeitam. Junto a cada Hamba reside um enviado de cada Hamba amigo e visinho, encarregado de manter as boas relações entre os dous estados, e que tem o nome significativo de *Mu-quandira*, «o dos caminhos.»

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi só fazem as guerras propriamente de rapina aos Ba-Simba.

Como estes povos não teem uma fórma de governo regular, julgam elles que teem o direito de os expoliarem em seu proveito. Fazem até certo ponto o mesmo

[1] *Les Bassoutos* pag. 167.

que fazem os Boers para com os Hottentotes e outros povos com quem confinam.

Todavia tratam bem os vencidos.

Havia uma tribu, os Ba-Imba, ou os Ban-Dimba, que se tinha estabelecido nas proximidades de Gambue e Kumbi entre estes e os Ba-Simba, e como estava no caso que precedentemente indicamos foi atacada pelos Ban-Gambue, e pelos Ban-Kumbi. Resistiram por algum tempo, mas por fim submetteram-se, indo uma parte habitar as terras dos Ban-Gambue, outra as dos Ban-Kumbi, sujeitando-se ás leis de cada paiz, mas formando duas communidades á parte, com os seus usos e costumes, e que os vencedores respeitam.

Em moral os Negros não estão nos «grosseiros instinctos da materia», como se disse. Certas comparações comnosco são-lhes mesmo favoraveis. Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi, por exemplo, não conhecem ou não praticam os vicios contra a natureza. Certos crimes como o parricidio e outros são-lhes desconhecidos. Os incestos são entre elles rarissimos.

Livingstone diz que a idea do bem e do mal entre os africanos não differe da nossa. «Nós não esperamos os Brancos, dizem os mais intelligentes, para saber que a maledicencia, o odio, a mentira, a desobediencia ás ordens paternas são grandes faltas.» [1]

Quanto a terem em politica «as fórmas mais embrutecedoras do despotismo», é esta uma asserção que do mesmo modo se não sustenta. M. Livingstone muito mais authorisado para julgar em tal materia, diz-nos a este respeito o seguinte: «Acontece por vezes que o chefe é despota até o assassinio, até á loucura sanguinaria; o povo todavia submette-se e obedece-lhe, tanto é o seu

[1] *Explorations du Zambeze*, pag. 483.

respeito por quem governa; mas em geral a authoridade é doce.» [1]

Casalis declara que durante os 23 annos que esteve entre os Ba-Suto, o chefe não condemnou ninguem á morte por algum motivo pessoal. «E durante o mesmo tempo, diz elle, apenas me chegou aos ouvidos a noticia de duas execuções nos povos visinhos.» [2]

No tempo em que eu estive no interior de Mossamedes só o Hamba de Mullondo era menos benevolo no modo como governava os seus subditos, e ainda assim não se póde dizer que desprezasse a justiça. Nos mais estados d'aquem do rio Cunene o governo era exercido pelos respectivos Hambas, não só com moderação, mas até com benignidade e indulgencia. Os estrangeiros eram respeitados e bem tratados.

M. Livingstone referindo-se aos povos que encontrou no alto Zambeze, diz: «Nas populações da costa um fugitivo é quasi sempre vendido. Aqui, o homem que vem procurar asylo conserva o logar que tinha no seu paiz.» [3] Isto responde a asserção de M. Vivien de Saint-Martin de que: «Em toda a Africa tropical, exceptuando os estados musulmanos da Negricia, as populações negras repellem como inimigo ou reduzem a escravidão tudo o que vem de fóra.»

A respeito da anthropophagia, que se julga tão geral, ou mais particular na raça negra, não existe nos povos do interior de Mossamedes. Apenas entre os Ban-Gambue ha uma ceremonia em que uma pequena porção de carne humana, que deve ser de um prisioneiro de guerra, é ministrada com outra, a um certo numero

[1] *Explorations du Zambeze* pag. 553.
[2] *Les Bassoutos* pag. 232.
[3] *Explorations du Zambeze* pag. 243.

de iniciados. Essa ceremonia só se repete por occasião da subida ao poder de um novo Hamba, e começa a cair em desuso. Se a anthropophagia existiu em tempos remotos entre os Ban-Gambue, e talvez entre todos os Ba-Nhaneca não é menos certo que pelo seu proprio aperfeiçoamento abandonaram tão horrivel costume. Eu observei que é geral entre elles o horror pelo cannibalismo. A anthropophagia, como diz Sir John Lubbock, «não é uma condição rigorosa de um certo estado primitivo». Os Ba-Kankala, e os Ba-Kuisse, com effeito, sendo dos povos mais atrasados da Africa e do mundo, não são anthropophagos. Devida geralmente á fome a anthropophagia conserva-se pelo habito, e extingue-se com o aperfeiçoamento dos costumes. Não é um caracter particular de uma raça. Na antiguidade varios povos da raça branca foram anthropophagos. A historia menciona os Massagetas, os Issedonios, os Lestrygonos, etc. O sr. Capellini na Italia, R. Owen na Escocia, Spring na Belgica, e outros em outras partes da Europa, encontraram e reconheceram signaes de anthropophagia. O sr. Nery Delgado demonstrou perante o ultimo Congresso Anthropologico que esse costume existiu no nosso paiz no fim da epoca neolithica.

Finalmente quanto á vida «miseravel» dos Negros, e grandes vantagens da nossa, diz Livingstone impressionado com o quadro que presenciou entre os Ba-Lunda: «Quando se tem visto a penosa existencia das classes pobres nos paizes civilisados do velho mundo, o rude trabalho a que estão sujeitas e as privações que soffrem, a vida dos habitantes deste paiz parece-nos não só facil mas brilhante.» [1]

Nenhum povo do interior, ou do litoral de Mossa-

[1] *Explorations dans l'Afrique*, etc. pag. 359.

medes, sem excluir os Ba-Kankala anda, como se disse, completamente desprovido de vestuario.

Concluirei a respeito do estado social dos Negros apresentando alguns factos que comigo se deram entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi, e que podem dar uma idea do estado intellectual e moral a que elles chegaram.

X

Varios factos testemunhando ácerca do caracter social dos Negros

Achando-me na Kamba [1] em 1852, um incendio produzido pela explosão de cerca de 30 kilogrammas de polvora consumiu a casa em que eu habitava, e tudo quanto eu possuia. Era hora adiantada da noute quando isto aconteceu, todavia de todos os lugares proximos os gentios correram em nosso auxilio. A perca porém foi total. Fiquei, bem como um companheiro que comigo habitava, somente com a roupa do corpo. Nós estavamos naquella terra havia apenas um mez e por isso poucos conhecimentos tinhamos, no entanto todos os Negros nos queriam levar para suas casas, havendo só difficuldade na escolha, para não offender os que se julgavam com mais direito de nos receberem. A final

[1] Kamba, ou Camba, uma das terras dos Ban-Kumbi, situada na margem direita do rio Cunene entre Kumbi e Mullondo.

decidime pela casa do *Muene-Xicondeixo,*[1] chefe da localidade, e que era meu visinho.

A *Tembo* do Muene-Xicondeixo, Pépa, fez-nos logo os primeiros curativos, e aos seus cuidados durante mais de vinte dias devemos o não ter ficado aleijados. O seu tratamento era essencialmente hydrotherapico. Todos os dias de manhã lavava as nossas feridas com agua muito fria, que para esse fim deixava ao relento da vespera. Depois cobria-as com o pó de umas ervas até o dia seguinte, em que as crustas formadas durante as 24 horas eram de novo arrancadas para nova lavagem, e applicação de novo pó, e assim successivamente. Escusado é dizer que este curativo foi acompanhado, no principio, de outras applicações e ceremonias para nos tirar o feitiço, que podesse ter concorrido para aquelle mal.

Além de nos curarem davam-nos, não só o preciso para nosso sustento, mas do melhor que tinham, e toda a gente da terra, começando pelo Hamba, se associou a esta obra de caridade trazendo-nos uns ovos, outros gallinhas, etc., até tabaco para fumarmos, com quanto este seja alli raro e caro. Como o meu companheiro não podia fazer uso das mãos, por estar muito queimado, uma preta mettia-lhe o comer na boca; outra estava sempre ao nosso lado para nos enxotar as moscas. É bom advertir que nós não tinhamos escravos.

Emfim eramos tratados com um carinho, com uma dedicação como se fossemos membros da familia. Toda a minha vida me recordarei com reconhecimento dos

[1] *Muene* «dono ou senhor», *Xicondeixo*, o nome da localidade, querendo assim dizer «Senhor do Xicondeixo», e sendo este um titulo que os Hambas dão aos chefes que os representam nos diversos districtos.

beneficios que naquella occasião recebi daquella boa gente.

Já o nosso curativo ia bastante adiantado, quando passou por aquella terra dirigindo-se ao Quanhama o conhecido escriptor e viajante sertanejo Ladislau Magyar, o qual sabendo do nosso estado veiu ver-nos e demorou-se comnosco uns 30 dias até completar a nossa cura.

A companhia do distincto viajante além de me ser muito util com relação ao estado em que me achava foi-me muito agradavel. Ladislau Magyar era superiormente instruido, e de trato familiar e ameno. Informava-se muito dos usos e costumes do gentio, mas não sabia a lingua, nem a podia aprender, segundo dizia.

No anno seguinte ainda nos encontramos em Gambue, mas por occasião de ser invadida aquella terra por uma guerra do Nanno, e tendo de fazer com outros Brancos, uma penosa viagem de 12 dias atravez do paiz montanhoso dos Ba-Cubale até o Bumbo.

Aquella conducta por parte dos Ba-Kamba para comnosco era perfeitamente desinteressada, já porque nos suppunham reduzidos á mizeria, como com franqueza diziam, já por que não tendo idéa alguma de uma outra vida com premios e castigos tambem dahi não podiam esperar recompensa.

Ora se o verdadeiro principio da moralidade consiste na parte desinteressada que tomamos pelos males dos outros, porque toda a acção que fôr determinada pela esperança de uma recompensa ou pelo receio de um castigo só repousa n'um sentimento de egoismo, como diz Schopenhauer, [1] o procedimento dos Ba-Kamba

[1] A. Schopenhauer. *Le fondement de la morale*, trad. do allemão por M. A. Burdeau. Paris 1879. Pag. 7, 104, 115 e 118.

para comnosco foi um verdadeiro acto de moralidade, e ainda mais, como os que raramente se praticam entre nós.

*
* *

Estando havia já algum tempo em Mullondo fui um dia chamado á presença do Hamba, e encontrei este potentado muito irritado contra mim. Aquelle Negro não era mau, mas quando se achava embriagado, e era esse infelizmente o estado em que o encontrei, e que lhe era habitual, era capaz de commetter os maiores desatinos. Acompanhava-me nessa occasião um Branco, que era meu hospede, o sr. F. C. Vasconcellos Horta, e que reside actualmente em Lisboa. O Hamba ao ver-me manifestou a sua colera por uma serie de improperios contra todos os Brancos, e em especial contra mim, mas sem dizer o motivo, nem eu lh'o perguntando attento o seu estado. Como não tivesse tido questão alguma com elle attribui aquillo a effeito da embriaguez. Dos Negros que estavam presentes, e que eram talvez uns 100, só um, e esse era um foragido de uma terra proxima, apoiava o Hamba, lisongeando-o e incitando-o contra mim. Os outros conservavam-se silenciosos, ou mesmo intercediam a meu favor, batendo as palmas, signal entre elles de agradecimento ou de supplica.

Mas o Hamba excitado pelos applausos do Negro crescia em furor e por mais de uma vez me ameaçara com a morte, e lançára os olhos a uma zagaia que se achava por de traz delle. A situação tornava-se realmente critica, e já eu me lembrava de um pequeno punhal, de fabricação indigena, que por acaso trazia comigo, não para me defender que isso seria impossivel, mas para vender a vida o mais caro que podesse,

e acabar com ella por minhas proprias mãos, antes do que deixar-me ultrajar e assassinar barbaramente, quando um Negro que se achava mais perto do Hamba, e que eu não conhecia, mas que soube depois ser genro deste, tomou resolutamente a minha defeza. Começando por apostrophar o conselheiro imprudente que assim arrastáva o Hamba a praticar uma acção má e certamente injusta, dirigiu-se depois a este e invocando as mais bellas qualidades do seu caracter, pediu-lhe que visse bem se eram fundados os motivos de queixa que tinha contra mim. Elle não me conhecia, mas não lhe constava que eu tivesse maltratado alguem, antes ouvia dizer que eu era *amigo de gente*. Mas quando o Hamba tivesse realmente motivos para não estar satisfeito comigo, o que lhe competia era mandar-me embora, e não maltratar-me, pois que o resultado seria, quando não uma guerra por parte dos Brancos, pelo menos represalias, e eram os seus filhos, quem lhes haviam de soffrer as consequencias. «Se tu não gostas do Branco, concluiu elle, despede-o, manda-o embora, que é o mais que podes fazer, mas que se não diga que o Pumba de Mullondo [1] foi o primeiro que mandou matar um Branco que era seu hospede, e que vindo estabelecer-se na sua terra lhe confiára a sua vida e as suas fazendas.»

O effeito daquellas palavras no animo do Hamba, apezar do seu estado, foi prompto e notavel. Tendo ouvido o seu subdito com uma attenção crescente, o Hamba ficou por um instante pensativo, depois chamou-me para

[1] Em todos os estados ha um nome destinctivo, e hereditario, para os Hambas reinantes : assim todos os Hambas da Camba são *Gongas*, todos os de Mullondo *Pumbas*, todos os de Kumbi *Xiahungos*, todos os de Gambue *Pahos*, todos os de Lupollo *Nangollos*, etc.

junto de si, e dali a pouco levantou-se prazenteiro e como se tudo se tivesse dissipado no seu espirito.

Eu retirei-me com o meu companheiro cuidando que o incidente ficava terminado, e attribuindo mais que nunca á embriaguez do Hamba aquella sua conducta para comigo.

Mas a causa fôra outra, como eu em breve pude ver.

Passados poucos dias depois da scena que acabo de referir fui avisado muito em segredo por um dos Brancos que moravam na mesma terra, e que eu tinha por meu amigo, que o Hamba persistia no seu intento de me matar, e que eu corria um grande risco conservando-me ali. Acreditando na sinceridade deste aviso resolvi retirar-me, mas como precisava de um guia que me ensinasse o caminho para a Kamba dei parte do occorrido ao chefe da localidade, *Muene-Xiaca*, Negro de um excellente caracter, e que me foi sempre muito dedicado. Este ouviu com visivel incredulidade a minha confidencia. «Olha Branco, me disse elle, eu não acredito que isso seja assim, porque se o Hamba te quizesse matar não o andava a dizer a toda a gente para que tu fugisses; nunca nas nossas terras se matou um Branco, e isso nem mesmo achando-se o Hamba embriagado podia acontecer. No que eu creio é em alguma intriga da parte dos Brancos *teus amigos*, para tu saires da terra, visto que tu só fazes mais negocio do que todos elles. No emtanto eu tenho amigos junto do Hamba e vou lá saber disso. Se a noticia for verdadeira, esta noute mesmo tu, eu, minhas mulheres, meus filhos e meus gados partimos para a Kamba; é a unica maneira de te salvar a vida sem sacrificar a minha; se a noticia fôr falsa, dá-se parte ao Hamba do occorrido para que castigue quem anda a levantar essas intrigas.» Eu acceitei o alvitre do Muene-Xiaca, menos na

ultima parte, pois não queria, quando tal caso se verificasse, levar perante o Hamba uma questão que a todos nos envergonhava, ainda que por differentes motivos.

O resultado foi como o Muene-Xiaca previra ; o Hamba nada tinha dito. O Muene-Xiaca, depois de informado a este respeito, communicou-lhe o meu receio, e a minha intenção de sair da terra. O Hamba mandou-me logo chamar e deu-me todas as seguranças da sua amisade, protestando não tornar a dar-me o menor desgosto, e querendo por força despedir da terra os Brancos que me tinham intrigado (creio que o Muene-Xiaca sempre lhe revelou alguma cousa nesse sentido), ao que eu me oppuz formalmente, declarando-lhe que nesse caso tambem me retiraria. «Tu não és um Branco como os outros» me disse elle, e cedeu. Dali por diante aquelle regulo tornou-se o meu melhor amigo, chamava-me o *seu Branco*, e só comigo fazia o seu negocio. Depois que me retirei da sua terra e fixei a minha residencia, primeiro em Gambue, depois em Mossamedes, mandava-me visitar todos os annos, até o do seu fallecimento, ahi por 1865.

Estes dous factos dizem alguma cousa, me parece, a respeito da indole e caracter dos Negros. No primeiro um homem que me não conhece, e movido por um sentimento de justiça toma generosamente a minha defesa, sem se acobardar com o perigo a que se expõe no estado em que se achava o Hamba. No segundo outro Negro em cumprimento de um simples dever de amizade, dispõe-se a abandonar a sua terra, os seus amigos, a sua posição para me salvar a vida.

Em individuos da nossa raça seria esta conducta nobre, generosa, muito para louvar; não o será naquelles em *rasão* da côr?

*
* *

Outro facto. Dirigindo-me de uma vez de Gambue para a Kamba, mas seguindo pelo caminho do Kumbi, ao longo do rio *Caculo-Bále*[1] por ser na estação secca, e não haver agua no caminho mais curto e directo entre aquelles dous pontos, cheguei ao Lumbonde, fronteira de Kumbi para o lado da Kamba, onde fui muito bem acolhido pelo chefe da localidade, em cuja residencia pernoitei. No dia seguinte dispunha-me a continuar a minha viagem quando no momento da partida fui impedido por uns emissarios do Hamba que me traziam em nome deste dous bois por uns objectos que eu levava, e ordem ao Muene-Lumbonde para me não deixar seguir no caso de recusa.

Eu levava com effeito aquelles objectos mas destinando-os ao Hamba da Kamba recusei vendel-os, tendo assim de ficar á espera que se me deixasse seguir a minha viagem.

A residencia do Hamba, *On Bala*[2], era dali a uns 15 kilometros, porisso só no dia seguinte voltaram os emissarios trazendo mais um boi, e a declaração do Hamba

[1] Varias pessoas escrevem Caculo-Var, e assim se acha nos mappas, mas é erro. Caculo-Bale quer dizer «Velho ou antigo Bale.»

[2] On-Bala é o nome especial das residencias dos Hambas, as quaes consistem em um vasto agglomerado de casas, tendo ao centro o curral, e sendo rodeadas exteriormente por um cercado de madeira. Ás outras habitações dão o nome de *má-ûmbo*, (*é-umbo* no singular), destinguindo-se das primeiras sómente em serem mais pequenas e defendidas exteriormente por uma cerca de espinhos. Ao espaço occupado ahi por cada familia, e respectivas casas, ordinariamente tres, cozinha, casa de mantimentos e casa de dormir, dão o nome de *é-pata*, de que os Brancos fizeram *libata* generalisando este nome a todo o *é-umbo*, e chamando assim ás habitações dos Negros em geral *libatas*, e ás dos Hambas *libatas-grandes*.

de que estava prompto a dar mais bois se eu quizesse, mas que me não deixava seguir sem eu ter annuido ao seu desejo.

Eu respondi o que já tinha dito na vespera, que tendo destinado aquelles objectos para o Hamba da Kamba, a quem já os tinha promettido, era o mesmo que não fossem meus, e por tanto não os podia vender.

No dia seguinte nova *embaixada* com mais um boi, e nova recusa da minha parte.

As cousas começavam a azedar-se não desistindo o Hamba, nem cedendo eu, quando ao quinto recado, o Muene-Lumbonde que até ali se tinha conduzido com a maior reserva, nada dizendo ou manifestando que podesse revelar a sua opinião, nos mandou chamar ao sitio onde costumava dar as suas audiencias. Dirigindo-nos ali encontramol-o sentado, e tendo adiante de si enterrada no chão pela haste a sua zagaia. Mal nos viu voltou-se para os emissarios do Hamba e perguntou-lhes se conheciam aquella zagaia. O tom e o modo como foi feita esta pergunta surprehendeu-nos a todos. Com a resposta affirmativa dos emissarios, apezar de formulada nos melhores termos, o Muene-Lumbonde com a voz tremula revelando uma forte commoção interior disse: «Pois esta zagaia herdei-a eu dos meus antepassados; é a zagaia de F. e F. (citou os nomes de varios dos seus antepassados), que com ella praticaram taes e taes acções, (alludiu a algumas das façanhas por elles praticadas); é a zagaia com que eu mesmo tenho servido o Xiahungo, com que eu defendo aqui a sua terra, neste lugar da fronteira (os logares da fronteira como os mais perigosos são confiados aos chefes mais fieis e valentes), que elle confiou á minha guarda. O Hamba é meu senhor; tudo o que eu tenho lhe pertence; póde dispor de mim e do que é meu

como lhe aprouver. Mas saiba-o elle, e ouvide-o vós: se eu sou o leão para o defender não cuide que sou o cão a quem se enxota com o pé. O Branco que aqui está é meu hospede. Este homem, disse pondo-me a mão no hombro, as suas fazendas, tudo e todos que o acompanham são para mim sagrados, e eu deixar-me-hei antes matar como um homem do que insultar como um cão. O Branco é tão senhor das suas fazendas como o Hamba o é dos seus bois. Se lh'as quer tirar pela força vá esperal-o ao caminho, vá ahi praticar essa façanha, na qual, demais, não ha perigo...; aqui não o consinto. Ide dizer isto ao Xiahungo». Estas são quasi textualmente as palavras do Negro, e como com pouca differença as poderia repetir naquella lingua. Conservo-as de memoria porque a impressão que ellas produziram no meu espirito foi das mais profundas que tenho experimentado. Aquelle homem naquelle momento assumia para mim as proporções quasi de um heroe. Com effeito quem assim affrontava a colera de um regulo tão poderoso como o Xiahungo, que dispunha de dez ou doze mil homens de combate, e que o podia anniquilar n'um instante; quem arriscava a sua vida, a sua fortuna, a sua posição, por um estrangeiro que mal conhecia, e só porque era seu hospede; quem punha assim a sua dignidade, o seu dever, o seu brio acima de todas as considerações e do seu proprio interesse, possuia decerto uma grande alma e um grande coração, possuia as qualidades excepcionaes, que em toda a parte, e em todos os tempos fizeram os homens *d'elite*.

Isto passava-se ao anoitecer: os emissarios do Xiahungo retiraram-se e eu fiquei com bastante cuidado, não já por mim, mas pelo Muene-Lumbonde, por quem não podia deixar de sentir o mais vivo interesse.

No dia seguinte pela manhã voltaram os emissarios do Hamba, dando em nome deste ao Muene-Lumbonde algumas satisfações, o que eu estimei e bastante me surprehendeu, mas insistindo na compra dos taes objectos, e offerecendo desta vez por elles o numero de bois que eu quizesse.

O Muene-Lumbonde reflectiu um instante; depois dirigindo-se aos emissarios perguntou-lhes: «Não estais cançados?» E com a resposta affirmativa delles: «Pois ide-vos embora; e tu Branco segue o teu caminho. Dizei ao Hamba, continuou dirigindo-se áquelles, que fui eu quem deu esta ordem.» Os emissarios do Hamba obedeceram, e eu segui o meu caminho. Apenas cheguei á Kamba mandei logo saber se tinha acontecido algum mal ao Muene-Lumbonde. Felizmente o Xiahungo tinha comprehendido a nobreza daquelle procedimento, no que mostrou um espirito recto, ao mesmo tempo que bastante tino politico. Se elle sacrificasse o Muene-Lumbonde por aquelle motivo esse acto seria reprovado por todos os seus subditos.

*

* *

Ainda um e ultimo facto.

Achava-me em Gambue em 1855, e por esse tempo não havia ainda alli authoridade nossa, ou a que havia era como se não existisse, pois nem sequer era conhecida pelo Hamba. Tendo um chefe indigena, Muene-Luheque, permittido, ou pelo menos, não tendo impedido, que na sua presença alguns seus familiares entrassem na casa de um Branco, e dalli roubassem algumas peças de fazenda fui convidado para tomar parte em uma representação ao Hamba por aquelle motivo. Eu conhecia o Muene-Luheque, de quem até era amigo, e não me parecia que fosse capaz de praticar ou autho-

risar o que se dizia, no entanto de tal modo se me asseverou o facto que eu acabei por o acreditar e tomei parte na representação alludida. Levamos pois nossa queixa ao Hamba, e marcado o dia para comparecermos na sua presença, bem como o Muene-Luheque, ahi nos apresentamos.

O tribunal que se fórma para estes julgamentos é constituido pelos conselheiros do Hamba em serviço, dos quaes uns são permanentes, e outros se revesam de tempos a tempos. Em muitas terras presidem os proprios Hambas. Em Gambué com quanto o Hamba assista, o presidente, propriamente, é um daquelles conselheiros, o Muene-Luhenje, a quem todos se dirigem. O tribunal reune-se ordinariamente, estando bom tempo, ao ar livre, debaixo de alguma grande arvore, e os juizes sentam-se em semi-circulo, sobre pedras, ficando-lhes em frente os litigantes. Ao tribunal dá-se o nome de *on-pera*, e ás causas que se julgam, qualquer que seja a sua natureza o de *on-daca*. Os oradores fallam de pé e ligeiramente inclinados para diante.

Como parte accusadora foi-nos dada em primeiro lugar a palavra.

O nosso interprete, que era um Negro do Zaire, mas que fallava bem a lingua do paiz, foi ouvido com attenção ao principio, mas animado com este resultado, ou por que quizesse dar mais força aos seus argumentos começou a empregar termos picantes e mesmo injuriosos para o Muene-Luheque. Então produziu-se na assembléa um reviramento completo; a palavra foi retirada ao interprete, e nós intimados a procurar outro que o substituisse.

Nós não tinhamos previsto aquelle incidente, e ficamos preplexos, sem saber como sair da difficuldade, não tendo alli outro interprete que advogasse a nossa

causa com o mesmo conhecimento dos factos que aquelle tinha.

Eu ainda não sabia bem a lingua, e hesitava em me apresentar para fallar; mas afinal não houve outro remedio. Os Negros admiraram-se da minha resolução, que era quasi um arrojo, mas concederam-me a palavra, e permittiram-me mesmo que fallasse sentado.

Eu expuz as nossas queixas simplesmente, com bastante difficuldade, mas fazendo-me entender, começando por declarar que não ia-mos alli para aggravar ou offender alguem, e sómente para nos defendermos; que nós eramos homens de paz, e que nada querendo do alheio, tambem não queriamos que se nos tirasse o que era nosso ou se menosprezassem os nossos direitos; depois narrando o facto como me tinha sido referido ponderei que aquella conducta dos familiares do Muene-Luheque, e delle por a ter consentido, constituia um verdadeiro crime, e como tal devia ser punida; e finalmente que havendo um só soberano na terra, e não nos fazendo este mal, antes protegendo, era estranho que um seu subdito, ainda que fosse o Muene-Luheque, se julgasse com direito de proceder de um modo contrario.

O meu arrasoado com quanto muito incorrecto e dando por vezes lugar a que os juizes se rissem, não deixou de os convencer da nossa justiça, e isto era o essencial.

O Muene-Luheque fallou em seguida. Confessou os factos arguidos, por confiar disse elle, na minha palavra, mas negando que para elles tivesse concorrido, pois se achava embriagado, bem como os que os tinham praticado, sendo essa a explicação desses mesmos factos, e a causa porque os não tinha impedido. Accrescentou que só depois de apresentada a queixa

ao Hamba tivera tido conhecimento delles, e por isso os não reparara particularmente, indemnisando os Brancos.

Invocou o meu proprio testemunho para que eu dissesse se algum dia em minha casa tinha praticado. ou deixado praticar, qualquer acto que revelasse a sua falta de respeito para com os Brancos, ou por o que lhes pertencesse, e acceitando a responsabilidade material dos factos arguidos declarou que estava prompto a pagar os damnos causados conforme os *bá cúlo* (velhos litteralmente, mas em um sentido tambem commum «superiores», e neste caso «juizes») o estabelecessem. Estes apoz uma pequena discussão, em que cada um expoz a sua opinião, com as circumstancias que julgou aggravarem ou attenuarem o delicto, recolheram-se a uma casa com o Hamba, d'onde dahi a pouco voltaram, proferindo a sentença, que condemnava o Muene-Luheque a pagar aos Brancos offendidos já não me lembra quantos bois.

Eu fazia do Muene-Luheque uma boa idéa, e esperava que elle se justificasse ao menos até certo ponto, mas a sua conducta, cheia de uma nobre franqueza, excedeu toda a minha expectativa. E elle fez mais. No dia seguinte foi procurar-me, e disse-me que não estivesse resentido com elle, ou receiasse que elle o estivesse comigo; que comprehendia perfeitamente o passo que eu tinha dado; que eu tomára o partido dos outros julgando defender a causa propria, mas que não era assim; que nem elle authorisara o facto de que eram accusados os seus rapazes, nem elles o teriam praticado se se achassem em seu juizo, pois sabiam que elle o não consentiria, antes castigaria severamente, não podendo tolerar que se fizesse a um Branco o que não consentiria que se fizesse a qualquer mum-gam-

bue ; que os Brancos não eram só hospedes do Hamba, mas delle, e de toda a terra, tendo todos obrigação de os protegerem, e que pelo que me dizia respeito particularmente, sendo meu amigo, e querendo sel-o não queria que eu fizesse nenhuma má idéa delle. Segundo o costume deu-me um presente em signal de reconciliação, o qual eu lhe retribui com o valor em fazendas.

As nossas relações de amizade continuaram a ser as mais cordeaes, e quando mais tarde, durante a nossa occupação militar, sobrevieram conflictos e difficuldades entre as nossas authoridades e o Hamba, o Muene-Luheque advogou sempre junto deste uma politica de paz e conciliação com os Brancos, e a mim particularmente prestou-me serviços importantissimos.

Aqui estão os homens que M. Alfred Maury e outros descrevem com tão feias côres. Aqui está o «odio de raça» que se diz que elles nos têem.

Digam o que quizerem, inventem o que quizerem, o Negro em geral, em quanto o não pervertermos ou tyrannisarmos é como se póde inferir dos factos que ahi deixamos singelamente narrados.

XI

Progressos intellectuaes dos Negros.

Os Negros não têem feito de certo grandes progressos mas é incontestavel que alguns têem feito e que estão destinados a fazel-os. São geraes entre elles as tradições de terem passado por estados muito mais atrasados do que aquelle em que actualmente se acham, e não só com relação a epocas muito remotas mas até bem recentes. Ainda não ha muitos annos os Ban-Kumbi usavam, quando estavam a fabricar manteiga, — serviço que consiste em empellir em um movimento de vai-vem cabaças cheias de leite e suspensas de um pau collocado horisontalmente a pouca altura do chão, — de uma vara passando pelas cartilagens do nariz, e que obrigava os homens que se empregavam nesse serviço a impellirem de cada lado as suas cabaças ao mesmo tempo, e esse costume está hoje completamente abolido.

Entre os Ba-Suto, os Ma-Kololo, e outros povos, se-

gundo Casalis e Livingstone, tem-se dado factos identicos.

A polygamia, fórma geral do casamento entre os Negros, succedendo á polyandria e á promiscuidade primitiva é já uma phase relativamente adiantada.

A sua linguagem agglutinativa, manifesta outro progresso.

Pela descoberta e uso dos metaes elevaram-se espontaneamente acima da edade da pedra.

Muitas raças negras mostram-se já preparadas para passarem a um estado de civilisação superior.

Os missionarios capuchinhos ensinaram a ler e a escrever a um certo numero de indigenas na nossa provincia de Angola. Os habitantes de Ambaca parece terem sido os mais favorecidos: depois esse ensino afrouxou, mas os *ambaquistas* continuaram a ensinarem-se mutuamente.

O padre Antonio de Macedo e Silva author de um livro pouco conhecido, mas excellentemente escripto, e interessante a muitos respeitos, os *Annaes do Municipio de S. Thiago do Cacem*, tratando da instrucção publica naquelle concelho em 1863 observa com justa magoa que de 5:877 individuos das freguezias ruraes no caso de aprenderem a ler apenas 170 sabiam soletrar e escrever o seu nome, ao passo que no concelho de Ambaca, em Angola, de uma população de 55:820 individuos 16:659 sabiam ler e escrever, como constava de um documento official publicado no *Diario do Governo* (n.º 113 do anno de 1868). Para os primeiros a proporção era de 1 para 33, para os segundos de 1 para 3 quasi!!! [1]

[1] *Annaes do Municipio de S. Thiago do Cacem.* Lisboa. 1869. pag. 110.

O nosso explorador Serpa Pinto conta-nos que os Ba-Manguato se acham em um estado de civilisação relativamente avançado.

Diz o nosso explorador: «Chegado aqui, a uma região ao sul do lago Ngami, encontrei um chefe muito curioso, o celebre Cama, chefe dos Ba-Manguato.

«É christão e o seu povo tambem.

«A cidade é Shoshong, e tem 30:000 habitantes. São 30:000 pessoas que vão ouvir no campo a missa do missionario protestante. Os homens cultivam a terra, servindo-se de charruas, acceitam lettras e cheques inglezes, havendo negociantes que mandam recebel-as ao Natal ou ao Cabo. A civilisação deste povo deve-se principalmente a tres padres protestantes Price, Mackenzie e um outro.» [1]

Ora os Ba-Manguato achavam-se ainda em 1849 quasi inteiramente selvagens como nos diz Livingstone. [2]

Casalis diz o seguinte a respeito dos Ba-Suto:

«Este paiz que nós achamos quasi deserto (em 1833) tem-se coberto de aldeias rodeadas de campos em plena productividade. Não se veem mais animaes selvagens e começa a sentir-se a grande accumulação de gado.

«Os indigenas sem abandonarem a cultura dos seus antigos productos teem geralmente adoptado a dos nossos cereaes e das nossas principaes arvores de fructo. Ao abrigo das montanhas que formam o ponto culminante da Africa austral, o seu paiz goza de chuvas regulares durante toda a estação do verão, desde o mez de outubro até o mez de abril.

[1] *Conferencia da Trindade* publicada no *Commercio de Lisboa*, n.º 143 de 27 de junho de 1879.

[2] *Explorations dans l'interieur de l'Afrique australe*, 1840-1856. Paris 1873, trad. de M.me Loreau pag. 71 e 149.

«Os gafanhotos que devastam tão frequentemente as terras do governo do Cabo, param raramente nesta região priviligiada, quer por que não gostem das hervas que ali encontram, quer porque receiem depor os ovos no solo, que é muito humido. Não faltam pois geralmente as colheitas, e a quantidade de grãos que se colhe excede muito a que os habitantes podem consumir. Esse excedente acha uma facil extracção na colonia, e constitue, com a venda do gado, o fundo de um commercio importante.

«Os nossos esforços pelo desenvolvimento da agricultura não podiam ser coroados de um melhor exito.» [1]

Livingstone diz o seguinte dos Griquas até certo ponto civilisados pelos missionarios, e que estes encontraram em um estado atrasadissimo. «Hoje estes mesmos individuos vão á Igreja pobremente vestidos mas cobertos, e portam-se ahi melhor do que se portavam os inglezes em Londres no tempo de M. Samuel Pepys. Não deixam nunca de guardar o domingo; fazem conferencias religiosas todas as semanas nos logares onde ha missionarios; os mais instruidos da parochia dão lições de leitura aos outros; e ninguem é admittido a receber o baptismo sem saber ler e comprehender os preceitos da religião christã.» [2]

Aqui estão alguns exemplos de que os Negros recebem com fructo o ensino que se lhes ministra.

Agora vejamos qual foi a conducta dos Brancos, para com aquelles mesmos Ba-Suto. Falla ainda Casalis.

«É doloroso dizel-o, diz o honrado missionario, mas a verdade a isso nos obriga; a obra da regeneração

[1] *Les Bassoutos*, pag. 113 e 114.

[2] *Explorations dans l'interieur de l'Afrique australe*. pag. 111 e 112.

dos Bassoutos parecia apresentar menos difficuldades e fazer mais progressos ha 12 annos do que hoje. É que nessa epoca quasi toda a familia do chefe se achava convertida, e elle mesmo parecia só esperar mais alguns progressos do seu povo para renunciar aos antigos usos, e regular a sua vida e a sua administração pela lei christã. Os Bassoutos ignoravam ainda os grandes escandalos que se dão na politica egoista das nações que se chamam christãs. Os nossos neophytos pensavam que onde era conhecida a suprema authoridade da palavra de Deus deviam acabar as guerras, e acreditavam naturalmente que nada mais tinham a receiar da raça branca. Esta convicção tinha adquirido entre elles uma tal força que os exercicios militares cahiam em desuso. O paiz dos Bassutos fornecia á colonia do Cabo um grande numero de trabalhadores, que facilmente achavam que fazer, tal era a sua boa conducta. Lembra-nos que por esse tempo um publicista da colonia do Cabo perguntava ironicamente, se os missionarios protestantes francezes eram *quakers*, pois que os seus discipulos andavam por toda a parte sem armas, e traziam em suas viagens apenas um pau e um pequeno sacco com livros.

«Ah! crueis decepções deviam produzir uma reacção que não tardou a inspirar aos nossos detractores outra linguagem. As usurpações da nossa raça iam reanimar o instincto bellicoso dos indigenas e levar um grande numero delles a não ver mais no christianismo senão uma serie de factos sem alcance, e de theorias sem applicação.»

Tendo os inglezes promulgado a lei que abolia a escravidão nas suas colonias, os Boers, para se não sujeitarem a ella, emigraram para fóra da colonia, e uma parte delles foi estabelecer-se entre os Ba-Suto. Ao

principio nada fizeram que inquietasse os indigenas, ao contrario mostravam-se rasoaveis, doceis, até submissos, e só pediam para residirem por algum tempo no paiz. Mas engrossando em numero bem depressa tiraram a mascara, e pretenderam tornar-se os senhores. Rebentou a guerra e intervieram os inglezes. O governo do Cabo proclamou a soberania da Inglaterra, mas soberania apenas moral, e que se devia limitar a proteger igualmente Brancos e Negros, ficando as cousas, quanto a posse dos terrenos, no estado em que elles as tinham encontrado, o que envolvia desde logo uma grande injustiça, porque era sanccionar as usurpações feitas. Emfim os Brancos seriam governados por authoridades inglezas. Os indigenas governar-se-iam pelas suas leis.

Os usurpadores dos territorios dos Ba-Suto, Boers e alguns chefes negros, que se tinham mettido na contenda, tinham todo o interesse em fazerem passar este estado de soberania moral para o de soberania material. Procederam pois como em paiz conquistado. Os Ba-Suto porem perdendo a paciencia tomaram de novo as armas. Seguiu-se uma guerra que durou perto de quatro annos, e em que elles reconquistaram parte dos territorios que tinham perdido.

A Inglaterra vendo que o prestigio do seu nome não bastava para manter a paz e a ordem entre os Ba-Suto e os Boers, e não tendo interesse em sustentar uma guerra que lhe não dava nem proveito nem gloria, retirou d'alli as suas tropas e as suas authoridades.

Mas deixando os Boers deixava os elementos da desordem, e o desfecho daquella lucta foi a annexação do paiz dos Ba-Suto a colonia ingleza do Cabo.

A politica ingleza no Cabo, diz Casalis, tem sido constantemente determinada pelas usurpações dos Boers.

O seu dominio vai assim augmentando sem grande vantagem para a metropole, antes onerando o thesouro com despezas inuteis. Muita gente lamenta este estado. Casalis faz a este respeito as seguintes reflexões: «Este mal só terá remedio quando, estudando-se seriamente a condição material e moral destes povos, se adoptar para com elles uma politica paternal, que os socegue ácerca do seu futuro, e se deixe de legislar sem se ter a menor idéa do seu passado, dos seus sentimentos e das suas necessidades.»

E erguendo a voz contra os prejuizos que nos fazem olhar a raça negra com desprezo termina :«Cicero recommendava ao seu amigo Atticus que não quizesse escravos Bretões, visto que a sua estupidez era tal, que se não podia conseguir delles qualquer serviço. Eis uma apreciação que deve parecer bem ridicula aos lettrados e aos industriaes do paiz de Galles, ou da patria de Chateaubriand. O prejuizo de que os negros são victimas não é mais bem fundado. Prasa ao ceu que a nossa raça mude de pensar antes que tenha consumado um fraticidio inutil e irreparavel.» [1]

E aqui está não como se fomenta, ou se protege uma civilisação nascente em Africa, mas como se apaga. E digo como se apaga por que sujeitar o africano a uma civilisação que lhe não convem, que não póde ser a sua, ao menos no momento actual, é contrarial o no seu desenvolvimento, é collocal-o em um meio em que a sua concorrencia com o Branco por força lhe hade ser fatal.

E este tem sido sempre o nosso erro.

Diz-se que os Negros nos Estados-Unidos depois de libertados não teem avançado tanto em civilisação como

[1] *Les Bassoutos*, pag. 122 a 128.

era de esperar. Mas sabe-se como essa liberdade lhes era e é ainda hoje garantida, ou como os Brancos a respeitam? Ouçamos em primeiro logar M. E. Duvergier de Haurenne, testemunha insuspeita e occular de muitos dos factos que relata. [1]

«Antes da abolição da escravidão nos Estados-Unidos, diz este escriptor, o Negro era tratado com a indulgencia que se póde ter por um animal util, por exemplo, por um cavallo, ou por um boi, mas depois de emancipado, os Brancos olharam-no como um inimigo e perseguiram-no com um encarniçamento feroz.» No Mississipe, um governador «envia á respectiva Assembléa legislativa uma mensagem aconselhando-a a fazer leis que assegurem a inferioridade eterna dos Negros». Um jornal do mesmo estado o *Jackson-News* pede uma legislação que faça sentir aos *ex-escravos a sua inferioridade natural*, e ameaça abertamente com a lei de Lynch os «*northerners* que levem o Negro a resistir ao seu antigo senhor». No Alabama é recusado aos Negros o direito de depor como testemunhas «de sorte que só lhes fica nos tribunaes o logar de reus». Ahi mesmo esteve a ponto de ser votada uma lei com o pretexto de impedir a vadiagem dos Negros, que era um modelo de tyrannia e iniquidade. Para obterem que os Negros fossem sujeitos a um estado que equivalesse ao da escravidão, os Brancos allegaram que os Negros não só eram de sua natureza indolentes e inimigos do trabalho, mas imprevidentes e dissipadores, citando alguns casos de individuos desta raça que tendo adquirido alguns bens os tinham dissipado deixando de trabalhar.

[1] *Lettres et notes de voyages*, 1864–1865, publicadas na *Revue des Deux Mondes* de 1865 e 1866.

Pergunta M. E. Duvergier de Haurenne quem dera aos Negros uma tão falsa idéa da vida «mostrando-lhes o trabalho como um oppobrio, e a liberdade inseparavel da ociosidade e do vicio?»; e se os Brancos «tinham o direito de os reprehender pela ignorancia e pela imprevidencia em que os tinham conservado?» Se o Negro descera á degradação que os Brancos diziam, quem senão estes eram os authores desse estado? «Quem vendera as mulheres, separára os esposos, arrancára os filhos ás mães? Quem lhes fechára as escolas e as egrejas, e lhes ensinára a considerar a religião como um farça burlesca?»

E quanto á agitação de alguns que se allegava como pretexto para os opprimir, como se não queria que elles protestassem e mesmo revoltassem contra as violencias de que eram victimas, e contra o jugo que se pretendia impor-lhes sobre tudo depois de excitados pelas promessas de liberdade que se não cumpriam?

Não bastava para emancipar a raça negra prometter-lhe a liberdade. «De que servia proclamar a abolição se os negros tivessem de ficar excluidos da sociedade politica e civil, affastados systematicamente das escolas, banidos dos tribunaes de justiça, perseguidos como animaes, sob pretexto de vadiagem e mendicidade, internados á força nas plantações, sujeitos ao seu antigo labor com o nome de trabalhadores livres, mas por salarios irrisorios, fixados por seus antigos senhores,— azorragados, maltratados, expostos sem defensa a todos os caprichos dos brancos?»

Esta era a situação dos Negros nos Estados-Unidos ao terminar a guerra da seccessão, e já depois de livres! Vejamos agora como eram tratados muitos annos depois. Um só facto nos instruirá sufficientemente a esse respeito.

Diz M. Cucheval de Clarigny na *Revue des Deux Mondes* de 15 de setembro de 1876: «Estava uma companhia de milicianos negros a fazer exercicio em uma rua de uma pequena cidade da Carolina do Sul, Hamburg, em 8 de julho ultimo, quando em frente della parou uma carruagem descoberta em que vinham dous ou tres Brancos. A rua era bastante larga para que a carruagem podesse passar por um dos lados, mas os Brancos não quizeram passar senão pelo meio. Seguiu-se uma altercação, e os milicianos, tendo perguntado os nomes das pessoas que occupavam a carruagem affastaram-se deixando seguir os Brancos por o meio da rua como elles queriam. Bastou isto para que no dia seguinte de todas as partes chegassem a Hamburg muitos Brancos armados até os dentes. Os milicianos inquietos juntaram-se em uma casa onde costumavam reunir-se, mas não tardou que ahi fossem cercados, e intimados para entregarem as suas armas, sob pena de os fazerem saltar com a casa pelos ares. Vendo que era inutil a resistencia, entregaram as armas, mas apenas tinham feito isto, os Brancos escolhendo alguns, cujos nomes traziam em uma lista, fuzilaram-os immediatamente. Os outros fugiram mas não sem serem perseguidos, e sem que lhes matassem ou ferissem um certo numero.»

Tendo o senado pedido ao presidente da republica, nesse tempo o general Grant, esclarecimentos a respeito deste facto, este respondeu: «A scena que se passou em Hamburg, esse acto cruel, sanguinario e gratuito, que nenhuma circumstancia provocou, que nada justifica, não foi, por mais odioso que pareça senão a repetição do que se tem passado ha alguns annos em outros estados do sul, e particularmente no Mississipe e na Luisiania.»

Em outubro do anno passado uma folha periodica desta cidade dava a seguinte noticia:

«*Emigração na America.* Teve ultimamente lugar nos Estados-Unidos um verdadeiro exodo de Negros.

«Milhares delles, homens mulheres e crianças abandonaram as suas velhas plantações da Luisiania e do Mississipe (os mesmos estados citados precedentemente) e foram para os Estados do Oeste, principalmente para Kansas, que julgam ser como uma terra promettida.

«O movimento de emigração que parece devia derigir-se tutalmente para a Liberia, tomou a direcção norte com uma tal inergia, que os Estados do Sul estão em risco de ficarem sem braços para a cultura do algodão, do assucar e do tabaco.

«Os negros queixam-se dos preços exorbitantes por que lhes são alugadas as terras no sul, onde não encontram outras garantias de segurança sufficientes, visto a gente da sua raça estar constantemente exposta a ameaças, e a ser victima de assassinatos impunes.

«Estes desgraçados não pódem todos chegar a Kansas por falta de recursos; os que lá chegam não encontram onde se empregarem, nem têem dinheiro para comprarem terras.» etc. [1]

Este é o pretendido *meio favoravel* onde, segundo alguns escriptores, se devia desenvolver a civilisação do Negro.

[1] *Commercio de Portugal,* n.º 96 de 17 de outubro de 1879.

XII

Progressos intellectuaes dos Negros. Continuação, e conclusão

Tantos defeitos se notam nos Negros, tão bem se vê tudo quanto os póde rebaixar no nosso conceito, só se não vê o que os póde elevar, e lhes dá mesmo um justo titulo á nossa consideração.

Vemos as hecatombes do Dahomey, vemos os costumes barbaros de outros povos africanos, só não vemos nessa mesma Africa um paiz de fundação recente, e que é tambem um documento de que o Negro não só se aperfeiçoa, mas póde mesmo elevar-se a um lugar honroso na escala dos povos civilisados.

Refiro-me á Liberia, a esse paiz em que quasi ninguem falla, que quasi ninguem conhece, e que todavia lá vai surgindo para a civilisação no seu caminhar modesto mas incessante.

Pois esse paiz é uma pagina de historia, é um facto que nos diz tambem o que é o Negro, e o que se póde esperar delle.

A Liberia fundada em 1821 pela Sociedade Americana de colonisação para o estabelecimento de gente de côr, livre, está situada na costa occidental d'Africa, entre o Scherboro e o Cabo de Palmas, e comprehende uma superficie de 24:800 kilometros quadrados. Prosperando rapidamente a pequena colonia proclamou em 1847 a sua independencia, a qual lhe foi logo reconhecida pela Inglaterra e outras nações da Europa, e só em 1861 pelos Estados-Unidos em consequencia da opposição dos escravagistas.

A sua população é de 18:000 habitantes civilisados, e 700:000 indigenas.

A constituição da Liberia, feita por um americano, estabelece a igualdade de todos os cidadãos perante a lei, o jury, o *habeas corpus*, a liberdade de cultos, a liberdade de imprensa, prohibe a escravidão, etc. O poder executivo é confiado a um Presidente eleito por dous annos. Ha um senado composto de oito membros, e uma camara dos Representantes de treze.

Não ha exercito permanente mas todos os cidadãos de 16 a 50 annos são alistados em uma milicia.

O clima da Liberia não é bom, sobre tudo para os Brancos, e os seus rios são pouco navegaveis, mas o seu solo é muito fertil. O algodão dá ali duas colheitas, e ha importantes estabelecimentos agricolas dedicados a esta cultura, bem como á do café, da cana saccharina e outras.

Entre os seus portos de mar, que são sete, faz-se um commercio muito activo, e as suas relações commerciaes externas estendem-se á Inglaterra, á Allemanha, á França, e a varios paizes da America.

A instrucção publica merece ao governo da Liberia a maior sollicitude. Ha em Monrovia, capital da republica, um collegio e trez escolas superiores. Está decre-

tada uma escola de instrucção primaria para cada povoação de 300 habitantes.

A imprensa periodica representada por varios jornaes, conta entre estes o *The Liberian Herald*, que data de mais de 40 annos.

A receita da Liberia, em 1875, foi de 111:457 dollars, e a despeza regulou pela mesma importancia.

O marquez de Sá da Bandeira no seu livro *O Trabalho Rural Africano*, referindo-se á Liberia cita uma notavel publicação ingleza, *The Quarterly Review*, de abril de 1861 onde se lê: «Nos ultimos 40 annos o progresso deste povo (os habitantes da Liberia) difficilmente terá sido excedido na historia da civilisação, e póde dizer-se com verdade que os Negros têem desmentido a asserção dos pedantes ethnologos, que allegando a sua natural inferioridade, os declaram incapazes de cuidarem de si mesmos.»

Aqui está pois um facto que depõe eloquentemente a favor dos Negros.

O Negro ali, educado pelo Branco, mas livre da oppressão deste, caminha desassombradamente no sentido do impulso recebido.

No Haiti o Negro tambem não degenera.

O leitor conhece decerto a historia deste paiz, no emtanto recordaremos aqui alguns factos.

A ilha do Haiti, que tem cerca de 600 kilometros de comprimento por 27 a 230 de largura, e que é a maior das Antilhas depois de Cuba, era occupada antes de descoberta em 1492 por Christovão Colombo por uma população de raça caraiba, que os hespanhoes destruiram apesar do bem que os tinha recebido, substituindo-a por Negros d'Africa, importados como escravos, e que eram mais vigorosos e trabalhadores.

Os hespanhoes cederam á França em 1697 a parte

occidental da ilha, a qual prosperou rapidamente. Em 1789 o numero alli dos colonos era de 40:000, e o dos escravos de 500:000, ao passo que na parte hespanhola havia ao todo cerca de 125:000 individuos.

Actualmente a população de toda a ilha é de cerca de 1.200:000 habitantes.

Em 1722 os escravos em consequencia do excessivo rigor com que eram tratados revoltaram-se, mas foram promptamente reprimidos. Em 1790 tendo a Convenção Nacional Franceza decretado a igualdade de direitos civis e politicos entre os Brancos e os homens de cor, livres, das suas colonias, os Brancos no Haiti oppozeram-se a que esta lei fosse executada.

Os interessados tendo em vão reclamado o seu direito revoltaram-se, sendo acompanhados pelos escravos. Em 1793 foi alli abolida a escravidão, e no anno seguinte em todas as colonias francezas (decreto de 4 de fevereiro, ou 16 pluviose anno II). Mas alli como na ilha Bourbon os Brancos insurgiram-se contra uma medida em que viam a violação do seu direito, e de que receiavam a sua ruina. No Haiti chegaram a chamar os hespanhoes e os inglezes em seu auxilio. Os Negros porém, já disciplinados e commandados por chefes habeis venceram os Brancos e expulsaram os estrangeiros. A revolta communicou-se a toda a ilha, e quando em 1795 a Hespanha cedeu á França o seu dominio na parte oriental, Toussaint Louverture, o principal chefe dos Negros, apoderava-se d'essa parte da ilha.

Em 1802 o governo consular da França enviou ao Haiti o general Leclerc com 20:000 homens, e a missão de repor tudo no anterior estado de cousas, sem excluir a escravidão, restabelecida por uma lei recente. [1]

[1] A escravidão só foi abolida definitivamente nas colonias francezas em 1848.

Leclerc consegue por astucia apoderar-se de Toussaint Louverture, o qual é enviado a França onde morre em 1803; mas este acto longe de atemorisar os Negros exaspera-os, e a lucta recomeça com mais furor. O exercito francez ao cabo de tres annos de lucta sem resultado, já muito desimado, e tendo perdido o seu general, ve-se obrigado a abandonar a ilha. Os Negros proclamam a sua independencia (janeiro de 1804). Dessalines, um dos generaes de Toussaint, faz-se proclamar imperador do Haiti, mas é assassinado logo em seguida (1806). Seguem-se guerras intestinas em que os chefes da revolta triumphante disputam o poder entre si. Christovão apodera-se da maior parte da ilha, e faz-se acclamar rei com o nome de Henrique 1.º Pethion chamado *o pai da patria* toma o titulo de presidente ao sul, e mantem o governo republicano. Boyer succede a Pethion e submette em 1822 toda a ilha. Em 1825 a França reconhece a independencia do Haiti mediante uma indemnisação para os antigos colonos de 150 milhões de francos, depois reduzida a 60.

Em 1843 Boyer é expulso accusado de tyrannia; succedem-lhe outros chefes até o bem conhecido e terrivel Soulouque que se faz proclamar imperador em 1849 com o nome de Faustino 1.º

A Soulouque, destronado em 1859, succede Geffrard, e o governo republicano é de novo restabelecido.

Desde 1844 a antiga parte hespanhola da ilha tinha-se constituido em estado independente com o nome de *Republica Dominicana.* Em 1861 este estado submetteu-se voluntariamente á Hespanha, mas tornou-se a separar em 1865.

É esta a summula da historia do Haiti.

Apesar dos incidentes que se tem dado na sua curta vida politica, e que são inherentes a todos os periodos

de recomposição não se pode dizer que os Negros do Haiti retrogradaram do estado de civilisação em que se achavam ao proclamarem a sua independencia; pelo contrario aperfeiçoando modernamente os methodos de ensino com o auxilio de professores europeus, e desenvolvendo a instrucção publica teem entrado em uma via franca de progresso.

Em Port-au-Prince, capital da republica, ha um conservatorio, uma escola de medicina, e diversos estabelecimentos de instrucção secundaria.

O commercio do Haiti é consideravel. Em 1877 a importação, em dollars, foi de 8:082:648, e a exportação de 7:965:072. Port-au-Prince está em communicação directa por differentes linhas de vapor com a Inglaterra, a França e os Estados-Unidos.

A receita do Haiti em 1876-1877 foi de 4.194:988 dollars, e a despeza de 4.023:687.

Se os Haitianos descendentes de uma raça exhausta pelos maus tratos e pela fadiga precisam de seculos para se regenerarem, é certo com tudo que se manteem em uma posição honrosa, e não tardará porventura que o seu progresso se accentue.

A asserção de que o Negro recua diante da civilisação, de que é indolente, inerte apathico, etc., se se pode sustentar com relação a algumas das suas raças mais atrazadas, com relação a outras é completamente infundada e injusta.

«Nos campos de diamantes do Cabo, diz M. Emile Montegut, trabalham 30:000 Cafres, Boschimans ou Bassoutos sob a direcção de 15:000 Brancos. No Natal e no Transwaal, no primeiro sobre tudo, todos os trabalhadores, jornaleiros, creados de servir, ou mesmo operarios — pedreiros, carpinteiros, ferreiros — são Cafres ou Zulus.»

Com os salarios que recebem do seu trabalho nas minas de diamantes os Cafres e os Be-Xuana compram charruas. «De 28:000 charruas, que se contam na colonia do Cabo, os Cafres possuem 9:000 e os Bassoutos nestes ultimos annos teem comprado milhares»... «Graças a estes salarios, accrescenta M. E. Montegut augmentam os seus rebanhos e conseguem uma producção superior as suas necessidades; na colonia do Cabo, em 1875, os Cafres possuiam 1.108:346 carneiros e tinham produsido 2.249:000 arrateis de lã.» [1]

M. Emile Montegut faz notar «a immensa transformação moral de que só este facto de ordem puramente economica é a causa e o instrumento.» E nos chamamos tambem para o mesmo facto a mais seria attenção do leitor.

Singular inercia, singular indolencia, e singular modo este de recuar diante da civilisação!

Como as raças selvagens e especialmente os Negros, recuam diante de nós, sabemol-o todos perfeitamente.

Na Tasmania foi destruindo systematicamente os indigenas até o ultimo. [2]

Na Australia foi repellindo os naturaes a tiro. Na Africa austral foi movendo aos povos que ali habitavam uma guerra «das mais implacaveis, diz M. Emile Montegut, que tem havido entre as raças civilisadas e as raças selvagens.»

[1] *Les Boers et le gouvernement colonial anglais*, artigo publicado na *Revue des Deus Mondes* de 15 de Abril e 1 de Julho de 1879, fundado nos livros *South Africa* by Anthony Trollope, London 1878, e *Ayer's Housekeeping in South Africa* by Lady Barker, London 1877.

[2] A Tasmania, ou Terra de Van-Diemen, descoberta em 1642 pelo hollandez Abel Tasman era povoada por uma raça negra interessante a muitos respeitos. Os inglezes occuparam aquella ilha

E todavia na Tasmania, na Australia, e no Cabo os Negros não eram maus para comnosco. É sobre modo instructivo o que diz Casalis no seu livro *Les Bassoutos* acerca do procedimento dos primeiros hollandezes que se estabeleceram no Cabo em 1652.

Do diario do chefe desta colonia, Van Riebeek, publica Casalis as seguintes linhas: «Hoje escrevia Van Riebeek em 1652, os hottentotes conduziram para proximo das nossas hortas milhares de cabeças de gado, e fizeram-as alli pastar. Esta gente ja não nos quer vender cousa alguma. Apenas se poude obter delles duas vaccas e sete carneiros. Não querem mais saber do nosso cobre. Se isto assim continua por que lhes não havemos de tirar de um golpe de mão seis a oito mil bois? A empresa seria facil, por que apenas dous ou tres homens acompanham ás vezes milhares de bois, e alem d'isso elles são timidos e teem a maior confiança em nos.» etc. «Mais tarde, diz Casalis, o ingenuo flibusteiro consignava nas suas notas observações relativas a um outro genero de espoliação.

«Os hottentotes, escrevia elle em abril de 1660, teem notado que nos lhes vamos tomando cada dia maior porção de terras. Por isso perguntaram-me se no caso de serem elles que se fossem estabelecer na Hollanda nós os deixariamos proceder assim. Se vós vos contentasseis com o forte, disseram elles, mas

em Outubro de 1803, e a 3 de Maio de 1804, sem que da parte dos indigenas houvesse a menor provocação, fizeram fogo sobre elles» inaugurando o systema de perseguição, a que deram o nome de «guerra preta», e que teve por consequencia a destruição completa dos indigenas. Em 1876 fallecia o ultimo individuo daquella raça, uma mulher de nome Truganina. Os inglezes são hoje os primeiros a reprovarem e a lamentarem aquella conducta, mas no principio houve quem visse ali um castigo divino!

vindes ao interior do paiz e tomais as nossas melhores terras sem quererdes saber se isso é da nossa vontade. Respondendo-lhes que era por que não havia bastante herva para o seu gado e para o nosso disseram: «Ahi esta por que devemos impedir-vos de ter gado. Se tivesseis muito fal-o-hieis pastar com o nosso, e depois dirieis que o paiz não chegava para vós e para nós!» [1]

Zimmermann diz que os Boers «roubaram aos hottentotes ou aos bogismans mais de um milhão de cabeças de gado, e redusiram á escravidão 50:000 homens e 10:000 mulheres». E accrescenta: «Por toda a parte, onde os Negros teem entrado em relações com os Europeus teem mostrado disposições pacificas, sem mesmo exceptuar os Mandingas, visinhos dos sanguinarios Dahomeys. Mungo Park chegou á terra d'elles fugitivo, sem vestuario, acabrunhado pela doença, e elles receberam-no com o maior desinteresse, sustentaram-no, trataram-no o melhor que poderam durante sete mezes, e depois, quando se retirou foram em grande numero acompanhal-o até o mar.» [2]

Com todas as raças chamadas inferiores a nossa conducta tem sido a mesma.

Todos sabem, por serem factos muito recentes, como na America a raça conquistadora, anglo-normanda, com o seu espirito pratico e positivo, ás vezes excessivamente pratico e excessivamente positivo, encontrando um paiz onde se podia acclimar, votou ao exterminio as raças indigenas. A famosa maxima *time is money* não lhe permittia esperar nem empregar os meios proprios para que essas raças se civilisassem. Era muito mais *pratico* destruil-as.

[1] Casalis *Les Bassoutos* pag. VI e VII.
[2] Zimmermann. *L'Homme.* Nouvelle edition Paris.

Vejamos agora como procederam os hespanhoes na America do sul. São factos que apezar de occorridos ha seculos offerecem ainda hoje um grande interesse, e por ventura uma lição util.

Diz M. Emile Daireaux na *Revue des Deus Mondes* do 1.° de novembro de 1876 — *Les races indiennes de l'Amerique du sud:*

«Os povos que os hespanhoes encontraram ha tres seculos naquella parte da America dividiam-se nos Quichuas que habitavam os valles dos Andes ao oeste da cordilheira, e se achavam submettidos á authoridade dos Incas; — nos Guaranis que occupavam as margens ferteis dos grandes rios e uma grande parte do Brazil actual; — nos Araucanos, que habitavam a parte sul dos Andes, e as florestas do Arauco; — emfim nos povos caçadores ou pescadores que sob o nome de Patagonios, Fuegianos, Pampeanos, occupavam ou percorriam sem se fixar n'um logar determinado, a parte menos fertil e menos hospitaleira do continente.» Em geral estes povos eram serviçaes e hospitaleiros; recebiam por toda a parte os hespanhoes com a maior affabilidade, e offereciam-lhes do que tinham. Reduzidos á escravidão revoltaram-se. Os hespanhoes vendo ahi um pretexto para punirem a sua «selvageria» redobraram de excessos e de rigores. Foi então que elles appelaram para a resistencia armada, e combateram os hespanhoes com a mesma perfidia e a mesma crueldade que tinham aprendido delles. As cousas exarcebaram-se a tal ponto, e a perseguição por parte dos hespanhoes tomou um tal caracter que um hespanhol mesmo, official do exercito, dirige ao rei Philippe II o seu testamento, em que para repouso da sua alma, faz as mais tremendas e horriveis revelações a cerca do procedimento dos seus compatriotas para com os Indios:

«Nós reduzimos pela força grandes senhores á condição de escravos; eu confesso-me e arrependo-me da parte que tomei nestes actos. Com os nossos maus exemplos aviltamos seres d'uma grande sabedoria, homens e mulheres, incapazes de commetterem um delicto ou um excesso; quando estes naturaes viram que entre nós havia ladrões e homens que levavam para o mal as suas mulheres e as suas filhas, tomaram-nos em grande desprezo, e o nosso mau exemplo produziu sobre elles tão funesto resultado que a sua ignorancia do mal se converteu em esquecimento do bem. É preciso um remedio a esta situação, e a vossa magestade cumpre applical-o.»

A escravidão dos Indios começára por um pretexto de civilisação e de religião. Os hespanhoes desde o principio da conquista repartiam entre si os Indios dos logares que iam occupando, mas isto era um abuso, e tratou-se de obter uma lei que o sanccionasse. Para este fim de tal modo se exposeram as cousas á rainha Isabel a Catholica, que em 20 de dezembro de 1503 essa lei foi emfim concedida. Ella ordenava que cada hespanhol se encarregasse da educação moral e religiosa de um certo numero de familias, fazendo-as trabalhar algum tempo, mas sob condição de lhes pagar, etc. «Foi esta lei, diz M. E. Daireaux, que desviada do seu verdadeiro sentido entravou o progresso da colonia produzindo uma diminuição rapida na população; em seu nome separaram os maridos das mulheres esmagando estas sob os trabalhos mais rudes, e deixavam-lhes raramente a possibilidade de se visitarem; frequentemente o marido morria nas minas, e a mulher fatigada e exhausta pelos trabalhos da terra, dava ao mundo filhos mortos ou debeis. Las Casas affirma que em tres mezes morreram 7000 filhos d'Indias em Cuba

na epoca em que elle ali esteve. Se os desgraçados tentavam escapar pela fuga a estes crueis tratamentos imaginavam-se os castigos mais atrozes para os amedrontar. O mesmo bispo cita factos da ultima barbaridade que se commetteram quasi sob os seus olhos: um chefe militar, por exemplo, para punir uma evasão d'este genero, fez amarrar treze Indios pelo pescoço aos ramos de uma arvore deixando-os ahi suspensos, e os soldados entretiveram-se a experimentar nelles as suas armas!»

Estes horrores nenhumas circumstancias os attenuam.

E aqui está como as *raças inferiores* desapparecem ou não se civilisam ao nosso contacto, aqui está como ellas recuam diante da civilisação! O escarneo junto ao crime!

A sciencia que acceita e invoca estes factos para mostrar a superioridade da raça que venceu, no que falsamente neste caso chama a *lucta pela existencia*, sanccionando assim o direito do mais forte, commette um erro e uma injustiça, que não podem estar de accordo com o seu principio, se este é verdadeiro. A sciencia e a moral completam-se não se excluem. Deste modo o roubo e o assassinato achariam uma explicação natural, uma justificação mesmo, e isto não pode ser.

Se se pode admitir que o homem em algum tempo luctasse exclusivamente no campo da força, hoje, que se transformou, hoje, que o proprio selvagem está muito acima do homem primitivo, e immensamente distanciado do animal, essa lucta só é legitima, e só se pode admittir no campo do trabalho honroso e licito, no campo da intelligencia, no campo da virtude. Os factos em contrario embora numerosos, que se possam allegar, são excepções da regra, são meras

aberrações. Ou havemos de aceitar estes principios, ou então havemos de negar a nossa civilisação, a nossa moralidade, a nossa intelligencia.

Temos concluido a primeira parte deste nosso trabalho.

Dos dados e factos expostos parece-nos poder-se concluir, pelo menos é a nossa convicção, que a raça negra, com quanto no estado mais atrasado, não é radicalmente inferior; que esse estado se explica, entre outras causas, pela do seu apparecimento mais recente; que essa raça faz e tem feito progressos, e emfim que a sciencia e a rasão, o dever e a justiça, e até o nosso proprio interesse, nos levam a olhal-a como uma raça irmã,—util segundo o ponto de vista da civilisação, necessaria segundo o plano do Creador.

SEGUNDA PARTE

As Colonias Portuguezas

I

Divisão politica, superficie, população e finanças das nossas colonias. — Dados identicos com relação a Portugal. — Commercio com as colonias. — Varias considerações.

Desde que os territorios da Guiné Portugueza, que d'antes faziam parte do governo geral de Cabo-Verde passaram a constituir uma provincia autonoma (carta de lei de 18 de março de 1879), são sete as provincias em que se dividem as nossas possessões ultramarinas.

Eis o resumo da sua superficie e população segundo as mais recentes estatisticas.

Provincia de Cabo-Verde, comprehendendo as 10 ilhas do archipelago deste nome: superficie 2:929 kilometros quadrados, população 90:704 habitantes.

Provincia da Guine, comprehendendo parte do archipelago de Bijagoz (ilhas das Gallinhas, de Bolama e de Orango): superficie, aproximadamente 8;400 kilometros quadrados, população 6:154 habitantes.

Provincia de S. Thomé e Principe, comprehendendo as duas ilhas destes nomes e o estabelecimento de S. João Baptista de Ajuda na Costa da Mina : na primeira, superficie cerca de 900 kilometros quadrados, população, em 1875, 28:700 habitantes; na segunda, super-

ficie cerca de 125 kilometros quadrados, população em 1874 2:438 habitantes. A população desta ilha em 1844 segundo Lopes de Lima (*Ensaios sobre a statistica das possessões portuguezas*) era de 4:854 individuos, e a de S. Thome de 12:753.

Provincia de Angola: superficie cerca de 500:000 kilometros quadrados, população, segundo uma estatistica publicada em 1871 pelo sr. E. de Balsemão na sua *Historia do governo do Contra Almirante F. A. G. Cardoso* 442:341 habitantes.

Provincia de Moçambique, comprehendendo todos os territorios portuguezes na Africa oriental: superficie aproximadamente 1.200:000 kilometros quadrados, população cerca de 300:000 habitantes.

Estado da India, composto de Gôa, Diu, e Damão: superficie 5:510 kilometros quadrados, população 444:617 habitantes.

Macau e Timor: superficie em Macau cerca de 4 kilometros quadrados, ou 375 hectares, população em 1871, 71:834 habitantes; em Timor, na parte portugueza da ilha, superficie 17:400 kilometros quadrados, população cerca de 200:000 habitantes.

O que dá um total, quanto a superficie, de cerca de 1.735:268 kilometros quadrados, e quanto a população de 1.586:788 habitantes.

O orçamento da receita e despeza das mesmas provincias para o anno economico de 1880-1881 (*Diario do Governo* de 5 de maio de 1880), offerece-nos os seguintes dados quanto ao estado financeiro de cada uma.

Cabo-Verde:

Total da receita	166:420$000
Idem da despeza..................	155:195$837
Saldo positivo.....................	11:224$163

S. Thome e Principe:

Total da receita	125:620$000
Idem da despeza	126:570$701
Saldo negativo	950$701

Angola:

Total da receita	433:202$000
Idem da despeza	586:658$685
Saldo negativo	153:456$685

Moçambique:

Total da receita	221:520$000
Idem da despeza	362:913$991
Saldo negativo	141:393$991

Estado da India:

Total da receita	478:762$775
Idem da despeza	497:765$031
Saldo negativo	19:002$256

Macau e Timor:

Total da receita	455:475$000
Idem da despeza	347:071$109
Saldo positivo	108:403$891

Guiné:

Total da receita	52:678$000
Idem da despeza	100:104$780
Saldo negativo	47:426$780

O deficit resultante do encontro destes diversos saldos era de réis 242:602$359.

Esperava o ministro, ao apresentar este orçamento, que o Estado da India désse um saldo positivo de 78:539$800 réis elevando-se a receita em virtude do recente tratado com a Inglaterra, com quanto a despeza tivesse tambem de subir; mas por outro lado ha-

vendo a contar com um accrescimo na despeza com a organisação do governo da Guiné, o deficit total do orçamento não poderia ser muito attenuado, e a metropole teria de levantar os fundos necessarios para o supprir.

Em 1870 o orçamento da receita e despeza das mesmas colonias para o exercicio de 1870-1871 (*Diario do Governo* n.° 157 de 18 de Julho de 1870) fôra:

Cabo-Verde comprehendendo a Guiné:

Receita	137:926$500
Despesa	163:533$415
Saldo negativo	25 606$915

S. Thomé e Principe:

Receita	80:875$000
Despeza	62 575$660
Saldo positivo	18 299$340

Angola:

Receita	280.741$000
Despeza	299:444$126
Saldo negativo	18:703$126

Moçambique:

Receita	177:179$000
Despeza	187:013$835
Saldo negativo	9:834$835

Estado da India:

Receita	446:308$120
Despeza	383:540$068
Saldo positivo	62 768$052

Macau e Timor:

Receita	341:262$000
Despeza	286:800$497
Saldo positivo	54:461$503

O que dava um saldo a favor no total da receita e da despesa de 81:384$019 reis, em vez do saldo negativo que dá hoje; mas se o rendimento fôra então de 1.464:001$620 reis hoje é de 1.933:677$775 reis.

Vejamos agora o que nos dizem os dados estatisticos de natureza identica com relação a Portugal.

A superficie de Portugal no continente do reino é de 89:625 kilometros quadrados, ou mais rigorosamente, de 8.962:531 hectares, e a sua população, segundo o censo de 1878, de 4.348:451 habitantes. Nas ilhas adjacentes (archipelago dos Açores) a superficie é de 2.597 kilometros quadrados, proximamente, e a população de 264:352 habitantes. Nas ilhas da Madeira, e Porto Santo a superficie é de cerca de 550 kilometros quadrados, e a população de 132:221 habitantes. O que dá um total de 92:772 kilometros quanto a superficie, e de 4.745:024 quanto aos habitantes.

A população de Portugal em 1732 era de 1.793:000 habitantes, em 1801 de 2.966:000, em 1835 de 3.076:000, em 1864 de 3.978:713. O augmento de 1864 a 1878 no continente do reino e ilhas adjacentes foi, como nota o sr. J. da C. Brandão e Albuquerque (*Censo de 1878*), de 93:335 fogos e 401:189 almas, ou 9,23 %.

A emigração annual media é de 10:000 a 12:000 individuos. [1]

A população especifica no continente de Portugal em 1864 variava desde 12 habitantes por kilometro quadrado no districto de Beja, e pouco mais no de Evora e de Portalegre, até 59 no de Lisboa, 75 e 76 nos de

[1] Luciano Cordeiro, *Colonias portuguezas em paizes estrangeiros*, Lisboa, 1880. G. A. Pery. *Geographia de Portugal e Colonias*, Lisboa 1875

Viseu e Aveiro, e 114 e 164 nos de Braga e Porto. Com relação porem ao destricto de Lisboa deve notar se que, na zona d'aquem do Tejo, que comprehende a capital, e em uma superficie de 264:631 hectares, encontravam-se segundo o ultimo recenceamento, 408:317 habitantes, e na zona d'alem do Tejo em uma area de 454:897 hectares apenas 103:810.

A Belgica com uma superficie de 2.945:594 hectares tinha em 1870 uma população de 5.087:105 habitantes. A densidade da sua população dava a media de 173 habitantes por kilometro quadrado, mas subia em algumas provincias mais industriaes a 241 e mesmo a 268!

Abatendo da superficie que mencionamos, no continente, a parte que é occupada pelas povoações, pelas estradas, rios, ribeiros, e a area cultivada, ficam cerca de cinco milhões de hectares incultos dos quaes 2.731:999 «poderiam facilmente ser aproveitados na lavoura dos cereaes» diz o padre João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal antigo e moderno* (supplemento), pag. 333.

E notemos, que o valor dos cereaes de procedencia estrangeira comprehendendo aveia, centeio, cevada, milho e trigo, importados e despachados para consumo pelas alfandegas do continente e ilhas adjacentes nas epocas abaixo mencionadas foi:

Annos	Quantidades em kilos	Valores
1868...........	53.300:380	3.842:616$300
1869...........	41.935:858	2.312:020$000
1876...........	88.973:061	3.747:304$000
1877...........	45.018:679	1.989:475$000

Parte daquelles terrenos são proprios para a cultura

do arroz; a importação deste farinaceo para consumo nos annos a que nos acabamos de referir foi:

Annos	Quantidades em kilos	Valores
1868...........	9.467:382	518:599$000
1869...........	8.335:967	506:575$000
1876...........	12.747:070	656:756$000
1877...........	11.725:445	601:444$000 [1]

O sr. Adrião de Seixas, em uma interessante memoria apresentada á Sociedade de Geographia de Lisboa em sessão de 30 de junho de 1877, ácerca do lastimoso estado em que permanecia a industria agricola e florestal no nosso paiz, e dos remedios que convinha dar-lhe, disse: «É evidente, como um axioma, que não podemos sustentar a proponderancia dominadora nas nossas possessões, sem ter-mos attingido o maximo desenvolvimento productivo, sem possuir-mos a inergia industrial e commercial necessaria para as grandes emprezas, a resistencia vital indispensavel para as grandes provações». E accrescentava muito judiciosamente: «Sem o desdobramento completo das nossas forças productivas e economicas, sem a dilatação regular de todas as nossas faculdades, de todas as nossas aptidões, não se póde comprehender a influencia realmente vivificadora e util nas expansões externas.»

Do que se segue que as medidas a emprehender na ordem economica para regenerar-mos as nossas colonias deviam começar na metropole.

O estado financeiro do nosso paiz revela-se pelos

[1] Não passa deste dous ultimos annos a estatistica publicada pelo Ministerio da Fazenda, d'onde extraimos estes dados. (*Estatistica geral do commercio de Portugal*).

seguintes dados extrahidos do orçamento da receita e despeza para o exercicio de 1880-1881, approvado pela carta de lei de 31 de maio de 1880 (*Diario do Governo* n.º 123 de 2 de Junho).

Receita ordinaria:	
Impostos directos	5.624:448$000
Sello e registro.................	2.749:600$000
Impostos indirectos..............	14.222:066$000
Bens proprios nacionaes e rendimentos diversos..................	2.801:858$027
Compensações de despeza (juro dos titulos de divida consolidada interna e externa na posse da fazenda 886:626$000 rs., etc.)...	1.153:368$000
	26.551:340$027
Receita extraordinaria:	
Somma proveniente do emprestimo authorisado pela carta de lei de 23 de março de 1878..........	2.438:000$000
Total réis......	28.989:340$027

Despeza ordinaria	
Junta do credito publico:	
Encargos da divida interna, comprehendendo 5.957:567$051 réis dos juros dos titulos em circulação, 858:175$500 rs. de titulos na posse da fazenda, gratificações aos membros da Junta do credito publico, ordenados aos empregados e outras despesas.............	6.866:262$587
Somma	6.866:262$587

Transporte	6.866:262$587
Encargos da divida externa, comprehendendo 4.986:755$147 réis de juros dos titulos na circulação, e 28:450$746 réis de juros de titulos na posse da fazenda, despezas com a agencia financial em Londres, e outros encargos.....	5.054:092$460
Ministerio dos Negocios da Fazenda: encargos geraes, comprehendendo dotação da familia real, cortes (rs. 92:955$000) juros e amortisação a cargo do thesouro (2.888:988$750) encargos diversos e classes inactivas (657:354$385), e serviço proprio do ministerio (2.113:919$959)	6.324:218$094
Ministerio dos negocios do reino, comprehendendo diversas despezas, entre as quaes, segurança publica 417:012$650 réis, subsidios a municipalidades 280:000$000, hygiene publica 58:534$300, instrucção publica 927:499$785, beneficencia publica 242:652$160, réis.	2.195:416$515
Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça..................	630.588$343
Ministerios dos negocios da guerra.	4.330:246$185
Ministerio dos negocios da marinha e ultramar....................	1.601:426$756
Ministerio dos negocios estrangeiros	277:940$915
Ministerio das obras publicas, commercio e industria.............	2.434:878$859
Somma total.....	29.715:070$714

Transporte	29.715:070$714
E mais a despeza extraordinaria, para estudos, construcção e fiscalisação de differentes obras publicas, subsidios para estradas e subvenção para a construcção do caminho de ferro da Beira Alta............	4.113:000$000
	33.828:070$714

Havendo assim um deficit de réis 4.838:730$687; mas segundo a receita realisada e a despeza effectuada até agosto ultimo parece que será muito attenuado.

A receita ordinaria, arrecadada, no anno economico de 1879-1880 foi de 23:665 contos; no de 1877-1878 tinha sido de 25:364 contos, e no de 1867 a 1868 de 16:510.

O movimento commercial de Portugal com as suas possessões da Africa e da Asia em 1877 foi:

POSSESSÕES DA AFRICA

Importação para consumo........	757:930$000
Exportação	719:004$000
Reexportação	867:821$000
Baldeação	3:900$000
Total réis......	2.348:655$000
Pagando de direitos	103:777$850

POSSESSÕES DA ASIA

Importação para consumo.........	13:363$000
Exportação	62:932$000
Reexportação	71:378$000
	147:673$000
Pagando de direitos	2:955$035

Em 1872 fôra:

POSSESSÕES DA AFRICA

Importação para consumo	723:143$000
Exportação	600:407$000
Reexportação	1.474:138$000
Baldeação	10:448$000
	2.808:136$000
Pagando de direitos	121:566$095

POSSESSÕES DA ASIA

Importação para consumo	30:356$000
Exportação	23:253$000
Reexportação	1:244$000
	54:853$000
Pagando de direitos	3:729$360

E em 1867:

POSSESSÕES DA AFRICA

Importação para consumo	745:138$000
Exportação	414:473$800
Reexportação	744:611$200
Baldeação	1:931$900
	1.906:15[illegible]$900
Pagando de direitos	36:059$360

POSSESSÕES DA ASIA

Importação para consumo	50:042$700
Exportação	49:710$600
Reexportação	6:671$200
	106:424$500
Pagando de direitos	5:819$410

Com mais alguma iniciativa da parte dos nossos

capitalistas este commercio das nossas colonias com a metropole ha muito que teria duplicado.

Para se ajuizar do receio que tem o capital entre nós das emprezas coloniaes, referiremos os seguintes factos.

Tendo o governo por decreto de 26 de Dezembro de 1878 concedido a uma empreza que se tratava de organisar, a exploração de uma importante area de terrenos com as suas florestas e minas na nossa provincia de Moçambique, e em condições extremamente favoraveis, a primeira subscripção no nosso paiz para as acções que lhe foram reservadas, 9:875, metade das 23:000 que deviam constituir o capital da companhia, dedusidas 3250 que se reservavam para os fundadores, e 1000 «para satisfazer a uma subscripção patriotica e espontanea realisada nas villas de Moçambique, Quilimane, Tete, Inhambane, e Lourenço Marques,» dizia o annuncio, fechou no dia 18 de junho ultimo em Lisboa com 41 obrigações! «É incrivel, dizia o *Jornal do Commercio* do dia 20 do mesmo mez, que o capital assim tratasse tão promettedora empreza.»

O valor de cada acção era de 500 francos ou reis 90:000.

Depois subscreveram-se mais 400 acções. O *Jornal do Commercio,* de 31 de outubro ultimo dando esta noticia, accrescentava que não havia ahi de que nos admirarmos «porque a empreza tem um grande futuro, visto que é proprietaria de milhares de leguas de terrenos carboniferos, e de jazigos de carvão conhecidos, com saida facil, pelo *Zambeze,* para o grande Oceano Indico, onde o carvão vae todo de Inglaterra e custa mais de tres libras por tonelada; e além disso, tem a posse de terrenos auriferos, declarados por um cele-

bre engenheiro allemão, que percorreu o paiz, como devendo conter mais oiro do que toda a California e Australia reunidas!»

E decerto o que admira é como á vista de taes circumstancias se tomaram só mais essas 400 acções.

Ha tres annos lembrou-se um cavalheiro que viveu por muito tempo em Moçambique, o sr. Ignacio José de Paiva Raposo, de fundar uma companhia para a cultura e commercio do opio na Zambezia, e para isso appellou para os capitaes portuguezes; esta empreza offerecia os melhores auspicios, e alguns dos nossos capitalistas não duvidaram associar-se ao pensamento do sr. Paiva Raposo; como porem sobrevieram difficuldades, não insuperaveis, mas d'estas que contrariam no principio quasi todas as emprezas desta natureza muitos desses capitalistas perferiram desistir do capital com que tinham entrado (quatro prestações de 5 % ou 20$000 réis por acção de 100$000 réis) a terem de completar a emissão do capital subscripto. Outros acompanharam o sr. Paiva Raposo, e a esses só elogios temos a fazer pela sua nobre e patriotica persistencia, mas aquella empreza não é mais o que foi, ou o que devia ser.

O sr. Eduardo Ayalla dos Prazeres, residente em Loanda, apresentou na sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa de 30 de outubro de 1878 um projecto para a organisação de uma expedição que explorasse o territorio comprehendido entre Loanda e Lourenço Marques. Essa expedição devia tratar do reconhecimento de um caminho de ferro entre os dous pontos, e ao mesmo tempo de estabelecer relações commerciaes com os povos com quem communicasse, para o que, á maneira como o fazem as expedições Belgas, iria munida com os necessarios artigos de commercio.

Um outro cavalheiro tambem de Loanda, o sr. Francisco de Salles Ferreira, publicou um excellente trabalho acerca da cultura do tabaco em Angola [1] mostrando as vantagens que poderia tirar uma empreza que emprehendesse a cultura daquelle producto em grande escala.

Os nossos capitalistas conservaram-se surdos e cegos a estes appellos esclarecidos e patrioticos.

O sr. Ayalla converteu o seu projecto de exploração portugueza em um projecto de exploração internacional tendo por base a construcção de um caminho de ferro do centro ao norte do continente africano, entroncando com outro do oriente ao occidente, projecto grandioso, de que podia resultar a mais prompta civilisação da Africa, e que elle enviou ao congresso internacional de geographia reunido o anno passado em Bruxellas, onde foi muito bem recebido.

O sr. Salles Ferreira callou-se.

Se exceptuar-mos a creação do Banco Nacional Ultramarino, cujos serviços ás colonias são incontestaveis, mas que não é pela sua indole das emprezas a que me quero referir, nada temos feito do que podiamos para tirarmos das nossas colonias o resultado que ellas nos offerecem inutilmente.

Na colonia ingleza do Cabo em uma superficie de 582:811 kilometros quadrados, comprehendendo a Cafraria britannica, o Basutoland, e o Griqualand occidental havia em 1875 uma população de 893:962 habitantes, dos quaes 236:783 eram Brancos, 10:817 malaios, e o resto Negros e mestiços. A capital do Cabo tem 25:000 habitantes. O movimento commercial daquella

[1] *O tabaco em Angola*, por Francisco de Salles Ferreira, Lisboa 1877.

colonia regula por vinte a vinte e cinco mil contos de importação, e quinze a vinte mil de exportação. Nesta avultam principalmente as pedras preciosas, e seguem-se os cereaes, as lãs, pelles de cabra e carneiro, pennas de avestruz, peixe salgado, etc. A receita eleva-se a 13.184:000$000 réis, e a despeza a 15.426:000$000 réis. Ha naquella cololonia 650 kilometros de caminho de ferro em exploração, e outros tantos aproximadamente de linhas telegraphicas. O sr. Augusto de Castilho, distincto official da nossa armada, e que foi governador de Lourenço Marques, diz que a colonia do Cabo gastou já sete milhões de lb. na construcção dos seus caminhos de ferro, e se propõe a gastar outros sete. [1]

Este é resumidamente o estado da colonia ingleza do Cabo, e apresentamol-o aqui para se ver o que póde uma administração intelligente, e o esforço e a iniciativa particular.

Disse M. Vivien de Saint-Martin no seu *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*, artigo *Afrique portuguaise* referindo-se ás nossas duas possessões de Angola e Moçambique, que nós possuimos na Africa dous estabelecimentos «que teriam uma grande importancia se a importancia se medisse pela extensão». E com effeito a caracteristica das nossas possessões da Africa é esta: area vastissima, recursos naturaes riquissimos, e contrastando com estes elementos o mais injustificavel abandono. Parece á primeira vista que ou temos colonias de mais ou juizo de menos.

E não é esta uma idéa ou asserção vaga. Muita gente pergunta se nós podemos sustentar, no sentido util desta palavra, todas as nossas colonias.

Occupar-nos-hemos no seguinte capitulo deste assumpto.

[1] *Jornal do Commercio* de 15 de outubro de 1880.

II

A questão da conservação ou não de todas as nossas colonias. Varias opiniões. Considerações a este respeito.

Ha no nosso paiz a respeito da questão de que nos vamos occupar, como acontece quasi em todas as questões, opiniões medias e opiniões extremas. Para uns a integridade dos nossos dominios ultramarinos é um dogma, que nem sequer se discute. Para outros não ha ahi nada de absoluto, e a questão resolve-se como se resolvem todas as questões, segundo as circumstancias especiaes de cada uma, e as regras e principios que a todas são communs.

Exponhamos algumas dessas opiniões.

Um illustre deputado, o dr. José Vicente Barbosa du Bocage, explicando na sessão da camara dos srs. deputados de 18 de fevereiro de 1878 algumas palavras que tinha dito na sessão anterior, com referencia á organisação da nossa provincia da Guiné, e em que dera a entender que se tinha uma opinião firme quanto a conservação de algumas colonias, restavam-lhe duvidas quanto a outras, disse:

«São diversas, como a camara sabe, as possessões que conserva a coroa portugueza largamente espalhadas pela Asia, Africa e Oceania, onde o nosso dominio recorda as mais gloriosas tradições da nossa historia. Dessas possessões, em vista dos dados e estudos rapidos que tenho podido fazer, considero Macau, a India e Timor como das que deverão ser conservadas, e que não poderão facilmente escapar por qualquer circumstancia ao nosso dominio e posse.

«Digo isto de Macau, porque me parece ser uma grande feitoria portugueza; da India, que considero como uma provincia estreitamente ligada a despeito da enorme distancia á metropole, e em condições iguaes pelo menos as da provincia de Cabo-Verde. Considero em circumstancias semelhantes a possessão que temos na Oceania...»

E tendo exposto as razões não só economicas, mas politicas e historicas, que militavam em favor da conservação das colonias a que se referira, e ainda das de Cabo-Verde, Guiné, e S. Thomé e Principe, continuou:

«Ha porem uma vasta possessão africana que occupa uma extensa zona de territorio nas duas costas, a grande possessão de Angola, e a vasta possessão de Moçambique.

«Nas circumstancias em que actualmente se encontram, tenho acerca da conservação destas possessões uma idéa condicional. Quero dizer, que a conservação no dominio portuguez das nossas possessões continentaes africanas está, em meu conceito, subordinada á attitude que o governo, o parlamento e o paiz quizerem tomar em relação a essas possessões.

«Todos sabem, que está merecendo muito particularmente a attenção dos homens illustrados a situação economica e grave da Europa, a necessidade de dif-

fundir a sua população por mais vastos territorios, e mais ainda de levar productos da sua industria a novos mercados.»

Desenhando a largos traços a difficuldade que se oppõe ao estabelecimento do Europeu na Africa, o illustre orador continuou:

«Mui diverso problema é ir occupar o territorio, promover nelle a agricultura, e desenvolver a industria com o trabalho do indigena, e procurar eleval-o pouco a pouco pelo contacto intimo de todos os dias, ao grau superior de civilisação até que elle possa vir a ser o productor que a Europa deseja, assim como o consumidor de que a Europa necessita.

«Este resultado podia ter-se já alcançado em grande parte, se os nossos tres seculos de occupação não fossem tres seculos de erros e de ignorancia,...» «Quanto ás raças africanas, sobre tudo as que se encontram ora agglomeradas, ora dispersas na vasta area comprehendida nos limites geographicos da nossa região, creio que não devem ser consideradas como primitivas, mas sim n'um periodo já adiantado da sua evolução, com quanto muito inferior ao da civilisação europea e em direcção diversa.

«Essas raças são mais infantis do que atrasadas, e por isso é necessario tomal-as no estado de infancia em que se encontram, e transportal-as rapidamente para o periodo da adolescencia, periodo a que a Europa precisa que ellas sejam elevadas.»

Quanto ao aperfeiçoamento moral do Negro o dr. Bocage não teve duvida em declarar que o missionario era o agente mais efficaz nesse sentido.

Na sessão da mesma camara de 14 de abril do anno corrente o dr. José Barbosa Leão, deputado por Angola, tendo declarado que se deviam levar á conta de

cada colonia as despezas que a metropole com ella fizesse, de modo que se ella se emancipasse ou passasse a um dominio estranho a metropole fosse indemnisada dessas despezas, e explicando momentos depois essas palavras disse, que, «para elle, as colonias podem ser encaradas debaixo de trez pontos de vista: colonias que teem recursos para viver; colonias que não teem recursos para viver, mas que podem vir a tel-os; e colonias que não teem nem podem vir a ter esses recursos». Com relação a estas ultimas declarou, «que nós somos uma nação pequena e pobre, que não pode gastar dinheiro com colonias que não valem nem podem vir a valer.»

Entre os que professam opiniões contrarias ás que acabamos de expor encontram-se authoridades como os srs. Andrade Corvo, e Thomaz Ribeiro, dous dos mais benemeritos ministros que teem gerido e pasta da marinha e ultramar.

Todas estas opiniões são para nós igualmente respeitaveis, por que as devemos crer sinceras, e inspiradas pelo mesmo sentimento de patriotismo.

Nós não pretendemos decidir em tão delicado assumpto. Em principio cremos que não pode haver duvida ácerca do direito que assiste a qualquer nação de conservar ou de se desfazer de qualquer dos seus dominios, não lhe podendo caber censura senão se conservar o que não póde desenvolver, esterilisando assim o que é util, ou se alhear o que podia utilisar para si. Não entendemos de outras regras e preceitos, sem todavia deixar-mos de admittir os casos em que a conservação de uma colonia possa ser dictada por motivos exclusivamente politicos.

Pelo que porém nos diz respeito só uma das nossas possessões nos parece no caso de ser abandonada: é

o chamado estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá na Costa da Mina. Semelhante estabelecimento, fundado em 1680, e abandonado quasi desde 1801, por ter perdido toda a sua importancia, é, como disse o sr. Barbosa Leão na sessão da camara dos srs. deputados de 16 de abril do anno corrente, «uma cousinha que se chama forte; que alem do seu capellão tem apenas uma guarnição de 10 ou 12 soldados, commandados por um official, quando não é por um sargento; que não tem artilheria, ou, se a tem é o mesmo que não a ter; e que tem perto umas feitorias de pouco valor, porque ali não ha porto, e os navios fundeiam muito longe, sendo muito difficeis as communicações entre elles e as feitorias. S. João Baptista de Ajudá, accrescentou o sr. Barbosa Leão com o desassombro com que costuma emittir as suas opiniões, não tem nem passado, nem presente, nem futuro, e representa para nós unicamente algumas vergonhas!» O sr. Barbosa Leão concluio naquella occasião o seu discurso pedindo ao sr. ministro da marinha «não que vendesse o forte de S. João Baptista de Ajuda, porque não haveria quem desse nada por elle, mas que retirasse dali o destacamento, deixando lá o capellão, se este lá quizesse ficar, e acabando com aquella vergonha.»

Quanto as outras possessões nenhuma se acha nos casos da precedente. Se as nossas circumstancias para com algumas são difficeis, não são comtudo insuperaveis, e para com outras são mesmo faceis. As nossas colonias da Asia manteem-se sem subsidios da metropole; Timor lá se vai desenvolvendo com o auxilio de Macau; e quanto ás nossas possessões d'Africa, ainda que algumas onerem por emquanto o thesouro da metropole, os seus recursos são taes que mais nos devem animar a fazer com ellas os sacrificios que ellas exi-

gem e que mais tarde compensarão largamente, do que a descrer do seu futuro. As ilhas de S. Thomé e Principe são um thesouro. Angola e Moçambique são dous campos vastissimos onde todas as explorações por assim dizer se podem intentar com as maximas vantagens. A Guiné mesmo offerece um futuro commercial importantissimo. Cabo-Verde pela sua situação geographica, e pelo seu estado de adiantamento será em breve um districto administrativo da metropole.

Nem a deficiencia da nossa população, nem as nossas difficuldades financeiras se oppõem a que desenvolvamos as nossas vastas possessões, mesmo as d'Africa, até ao grau de prosperidade de que são susceptiveis. Pequena é a Hollanda e ella está realisando maravilhas nas suas importantes colonias sobre tudo da Oceania.

A primeira condição para sair-mos da situação em que nos temos collocado é conhecer-mos as nossas colonias, não apenas em um ou outro ponto, ou no seu contorno geographico, mas em todas as suas condições e elementos.

Nós mandamos á Africa ha tres annos duas expedições scientificas, ou antes uma expedição que se dividiu em duas, e que fez a exploração de umas certas zonas dentro e fora dos nossos dominios, e temos em Angola ha bastantes annos um explorador zoologo, o sr. José de Anchieta, de quem se honra a sciencia, e de quem se deve honrar o paiz. Anteriormente tinhamos feito explorar a flora da mesma provincia por um sabio allemão, o dr. Welwitsch, que enriqueceu os nossos museus com preciosas collecções botanicas. Outros trabalhos de identica natureza se tem realisado em algumas outras nossas possessões, como em Cabo-Verde, Moçambique, etc, e não serei eu quem lhes negue a importancia e o merecimento.

Mas se isto é muito, é tudo ou mesmo é o mais urgente do que deviamos ter feito? Eu responderei afoutamente que não. Nós precisamos de explorar a Africa scientificamente, mas sob um ponto de vista immediatamente util. Precisamos de saber o que ali temos, para o que serve, de que modo póde ser util ao commercio, á industria, á agricultura. E não é esta uma missão menos nobre, ou menos importante para a civilisação e para a sciencia. Não é um dever menos serio para o governo. É uma condição essencial no plano que se deve adoptar para a nossa administração ultramarina. Se queremos construir um edificio não havemos de começar pela columna elegante ou pela cornija graciosa, e sim pelo cimento grosseiro e pelo bloco informe que lhe servem como de esqueleto e mosculatura. Dizem todos que as nossas possessões d'Africa são muito ricas, mas é preciso que se conheçam essas riquezas. Não basta apresentar em um chamado «museu colonial» como raridades para admirar, algumas collecções dos seus productos; — é preciso que se saibam, se possam dizer e se divulguem as condições em que esses productos se encontram. Em um paiz onde a iniciativa é tão timida é preciso esclarecel-a, attrahil-a, animal-a por todos os meios praticos e possiveis.

III

Densidade de população nas nossas possessões d'Africa, — Condições climatericas — Projectos de exploração agricola e commercial para Angola comprehendendo a colonisação branca. — Unico meio pratico de estabelecer essa colonisação. — Pontos a occupar.

É deficientissima como vimos a população das nossas possessões d'Africa. Nas duas provincias de Angola e da Guiné o total da população nem chega a 1 habitante por kilometro quadrado, e em Moçambique é apenas de 0,25 pela mesma superficie. A população branca essa é quasi nulla. Dos 400:000 habitantes de Angola apenas 4:000 são brancos. O destricto de Mossamedes, que é, como se sabe, o mais favorecido a este respeito, contava em 1874 744 europeus, e 118 filhos destes, brancos e mulatos, ao passo que a população negra se elevava a 23:201 individuos, isto já depois de abandonados os concelhos dos *Gambos* e do *Humbe*.

A população civilisada, ou semi-civilisada na mesma provincia incluindo os serviçaes, póde calcular-se em 100·000 individuos: 300:000 por tanto são gentios, e esta proporção é ainda aggravada na Guiné e em Moçambique.

Esta falta de população no que diz respeito á raça indigena explica-se pelos effeitos da escravidão, e mais pela nossa parte do que por parte dos naturaes, sendo o modo como tratámos os escravos um verdadeiro systema de exterminio, e tendo so a provincia de Angola fornecido mais de um milhão de escravos para o Brazil; e pelo que diz respeito á raça branca, pelo nosso desleixo ou falta de methodo com relação ás tentativas de colonisação que temos feito, e tambem pelos obstaculos que nos oppõe o clima.

Detenhamo-nos por um pouco a examinar quaes são as condições desta nossa possessão sob este ultimo ponto de vista.

As circumstancias que em geral constituem o clima, —humidade, pressão atmospherica, direcção e força dos ventos, pureza e serenidade do ar etc.,—apezar de alguns trabalhos valiosos, entre outros os do sr. M. Ferreira Ribeiro, não estão ainda sufficientemente estudadas nas nossas possessões d'Africa. Os srs. Brito Capello e Yvens fizeram agora importantes observações a esse respeito, mas dos seus trabalhos so uma pequena parte está publicada.

A Africa, com relação á altitude, divide-se, como se sabe, em duas zonas principaes, uma das proximidades do equador para o Norte, mantendo-se a 300 ou 400 metros, termo medio, acima do nivel do mar, e outra do equador para o sul, elevando-se, tambem na media, a 1000 ou 1200 metros, e formando um plan'alto, que desce para o littoral em uma e outra costa por successivos degraos, geralmente tres, e apresentando caracteres geologicos differentes. Mas sobre esta superficie varios pontos se elevam muito mais alto, dando-se ahi uma correspondente modificação de temperatura e de clima.

Na nossa provincia de Angola penetrando do littoral para o interior por Benguella, sobe-se primeiro por um degrau formado pela planicie do Dombe, e que vae até cerca de 100 metros de altitude, depois por outro que se eleva até 904 metros em *Quillengues* (Xilengue), e finalmente por um terceiro que se ergue quasi abruptamente sobre a planicie de Quillengues e que chega a 1679 metros em Caconda, a 1627 no Bie, e ainda a 1730 e a 1760 em outros lugares proximos, como foi observado pelos srs. Capello e Yvens; dali o terreno desce para o plan'alto central, que logo na região da confluencia do Quanza com o Coqueima, paiz dos Luchares, se acha a 1350 metros, e na confluencia do Cuando com o Zambeze a 1012, como observou o sr. Serpa Pinto.

Em Mossamedes ha duas elevações principaes a subir; a primeira formada pela planicie que termina em Capamgombe a 518 metros de altitude, e a segunda pela chamada *serra da Xella*, escarpa de cerca de 786 metros, acima da qual se encontram as terras de On-Pata, Jau, Lupollo, e Mucuma, conhecidas pelo nome collectivo de Muilla, declinando dali o terreno suavemente até o valle do Cunene. Muilla, ou antes o Lupollo acha-se a 1690 metros de altitude. [1]

Ao Norte dão-se aproximadamente as mesmas circumstancias, encontrando-se Pungo-Andongo a 1:020 metros de altitude, como observaram os srs. Capello e Yvens.

A temperatura em Quillengues tomada em 18 dias do mez de dezembro de 1877 pelos srs. Capello e Yvens (thermometro centigrado de Baudin, n.° 6625), foi

[1] Estas altitudes são do sr. major de engenheria Henrique dos Santos Rosa, chefe de secção das obras publicas de Angola.

de 23,4 a 30,1; em Caconda em 24 dias do mez de janeiro do anno seguinte de 21,1 a 27,2; e no Bíe em 22 dias do mez de março do mesmo anno de 19,4 a 23,4.

Nos mezes de junho à agosto a temperatura em todos estes pontos é muito mais baixa.

A pressão atmospherica nos mesmos pontos e nos mesmos periodos, foi, em Quillengues de 686,7 a 689,4; em Caconda de 626,9 a 630,1; e no Bie de 625,1 a 630,2. [1]

Nos pontos mais altos a que precedentemente nos referimos, e ainda em outros da costa, de Mossamedes para o sul, póde acclimar-se o Europeu, comquanto ahi mesmo não possa dispensar o auxilio do indigena. Em todos os mais pontos só o Negro pode ser o verdadeiro povoador. Pode ahi o Branco dirigil-o, substituil-o não.

Por mais que esgotemos pantanos, que desbravemos terrenos, que canalisemos rios, quando todos estes trabalhos fossem compativeis com as nossas forças, o que não podemos é destruir completamente as causas de insalubridade que agora se opõem ao nosso estabelecimento alli. A natureza do solo, a disposição das montanhas, a corrente dos rios não são condições que se alterem ou modifiquem facilmente. Em quanto circumstancias geraes não vierem modificar este estado de cousas, se isto todavia tem de acontecer, o clima nesses pontos será sempre uma barreira invencivel á acclimação da raça branca.

O dr. Dutrieux no notavel *Estudo ácerca das moles-*

[1] *Observações meteorologicas e magneticas* feitas pelos exploradores portuguezes H. de B. Capello e R. Yvens, publicadas pela Sociedade de Geographia de Lisboa. 1879.

tias e da aclimação dos Europeus na Africa intertropical, a que já nos referimos, tratando da aclimação pathologica, e concluindo pela impossibilidade dessa aclimação nos paizes propriamente insalubres, observa que mesmo no Egypto, «clima salubre por excellencia, não se encontra uma só familia estrangeira que tenha prosperado e se tenha propagado em uma longa serie de gerações»; e cita ainda o «facto conhecido dos Circacianos que ali formavam a classe dominante dos Mamelucos, e que não podiam sustentar-se senão por meio d'um recrutamento continuo no seu paiz de origem». Mesmo na Algeria «que offerece condições mais favoraveis do que o Egypto a aclimação foi considerada ao menos como difficil; a estatistica estabelece que a mortalidade media dos soldados francezes é ali quatro vezes maior do que em França, e que, a dos habitantes europeus é proximamente do dobro da que se observa neste ultimo paiz.» Com tudo, diz M. Dutrieux, não devemos desanimar da possibilidade de colonisar de algum modo, e com certas precauções, alguns dos plan'altos africanos, mas: «Em nenhum caso, os emigrantes Europeus poderiam entregar-se á cultura do solo. Deviam procurar trabalhadores, á falta dos indigenas, nas raças mais aptas para a aclimação, e podendo entregar-se impunemente aos trabalhos agricolas sob aquellas latitudes, como os chinezes e os hindus.»

E partindo do principio de que os Europeus não poderão exercer na Africa a sua acção civilisadora senão com a condicção de ahi poderem viver, M. Dutrieux termina o seu trabalho, recommendando que os medicos e os hygienistas façam parte das explorações que se tenham de enviar ao centro d'aquelle continente.

Varias tentativas de colonisação se tem feito nas nos-

sas possessões d'Africa, até hoje sem grande resultado pratico.

Ha dous annos o sr. Joaquim José da Graça concebeu um plano de exploração agricola e commercial para a nossa provincia de Angola, trabalho importante, e a que não posso deixar de me referir aqui.

Não pretendo discutir nem mesmo dar uma minuciosa noticia do projecto do sr. Graça, que demais tendo tido duas edicções deve ser bem conhecido do publico [1]. Só pretendo consignar que o colono branco, a que o mencionado projecto se referia não podia ser explorado como instrumento de lucro por qualquer empresa industrial ou agricola.

O sr. Graça propunha-se organisar uma companhia que tivesse por fim:

«1.º Adquirir por aforamento, 100:000 hectares de terrenos na provincia de Angola, quanto possivel no districto de Mossamedes, e especialmente nas margens do rio Cunene.

«2.º Promover a emigração, pelos meios licitos, quer do continente de Portugal, quer das ilhas adjacentes, e até mesmo do archipelago de Cabo Verde e mais possessões ultramarinas, de colonos para as terras que possuisse, offerecendo-lhes as vantagens que iam consignadas no projecto de regulamento.» O numero de colonos não excederia de 6;000.

A companhia daria a cada colono passagem gratuita e alimentação desde o porto de embarque até o local onde se devia estabelecer, casa para ahi habitar e competente mobilia, sendo a importancia descontada pela decima parte dos salarios que esse colono vencesse,

[1] *Projecto de uma companhia agricola e commercial africana* por J. J. da Graça, 2.ª edição, Lisboa 1879.

cinco hectares de terreno livre de encargos, rações de alimentação para trez mezes, sementes para a primeira cultura da sua terra, tratamento nas suas doenças, devendo o colono contribuir para uma caixa de soccorros sanitarios com meio dio de salario em cada mez, e salarios que seriam de 300 réis diarios para os homens, e metade para as mulheres e rapazes de 10 a 15 annos, nos dias em que trabalhassem para a companhia. Estes salarios seriam fixos e inalteraveis.

O colono seria obrigado: 1.º a trabalhar nos terrenos, officinas ou quaesquer misteres, que lhe fossem designados, conformo a sua aptidão, e por tempo que não poderia exceder a 10 horas em cada dia ; 2.º «a prestar o seu serviço quatro dias por semana, pelo espaço de 12 annos desde a sua chegada á colonia» etc ; 3.º a contribuir para a caixa dos soccorros sanitarios a que já nos referimos; 4 º a depositar em um cofre chamado da colonia, a quantia de meio dia de vencimento em cada mez, para a receber ao retirar-se findo o seu tempo de engajamento ; 5.º a ter bom comportamento etc ; 6.º a arrotear e amanhar as suas terras nos dias em que não fosse obrigado ao serviço da colonia ; 7.º a respeitar os actos religiosos que fossem praticados pelos seus companheiros etc.

Ora o que é certo, e sem nos querermos deter, como dissemos, a discutir ou analysar rigorosamente o referido projecto, é que ou esse colono havia de ser estabelecido nos pontos onde os productos agricolas são mais ricos, mas onde o clima é mais insalubre, e nesse caso não poderia ser empregado nos trabalhos da lavoura, fim para que éra contratado, e se o fosse era sacrifical-o inutilmente com perda total para a companhia, ou havia de ser estabelecido nos pontos mais salubres, onde poderia prestar algum serviço d'aquella

natureza, mas onde a pobreza dos productos não dava margem para qualquer lucro para a empreza, mesmo que elle podesse cumprir a clausula das 10 horas de trabalho em cada dia, o que nem sempre lhe seria possivel. De um ou de outro modo o resultado seria sempre mau, tanto para a companhia, como para o colono, que tendo de trabalhar doze annos para outrem ao fim desse tempo se não estivesse morto estava exhausto de forças e pouco para si poderia produzir.

Antes do projecto do sr. Graça apparecêra um outro tambem para a nossa provincia de Angola, e com intuitos semelhantes pelo que diz respeito á exploração agricola, comprehendendo mais uma linha de navegação por vapor a partir de Hamburgo, tendo por pontos de estação diversos portos da Hollanda e da França, assim como Lisboa, Madeira, e varios portos d'Africa até Mossamedes.

Ambos estes trabalhos como esforços contra a inacção e a rotina em que temos jazido merecem o nosso mais sincero louvor, e muito têem de aproveitaveis para as bases de uma empresa definitiva de exploração agricola; na parte porem da colonisação branca nem um nem outro são exequiveis.

So o governo, desenganemo-nos, pode realisar essa colonisação. So elle, que não visa a um interesse immediato, nem a um resultado exclusivamente economico, pode intentar com bom exito uma empresa dessa natureza. O plano para ella é que convinha estudar tendo por base, na sua parte economica, o levantamento e emprego de um capital de que o colono tivesse apenas o encargo da amortisação e juro, quer dizer de que auferisse as maximas vantagens com o indispensavel encargo. Os terrenos concedidos a estes colonos, bem como as bemfeitorias que elles fossem

fazendo ficariam hypothecadas ao Estado até completo embolso do capital dispendido.

Só assim o colono, — o colono laborioso, e era preciso haver na sua escolha o maximo cuidado — não estando sujeito a um salario fixo, sabendo que trabalhava para si, e podendo auxiliar-se do indigena, encontraria forças para luctar com as primeiras difficuldades, e realisar o seu ideal de ambição, natural a todos os que trabalham, e muito mais a quem longe da patria só póde ser animado por esse estimulo.

Na nossa provincia de Angola os pontos onde estabelecer essa colonisação seriam os da região alta precedentemente indicada, e que ainda se prolonga muito de Mossamedes para o sul.

Em Mossamedes alem das terras do Lupollo, Jau, On-Pata e Mucuma, onde se poderia estabelecer uma população branca consideravel existem mais os terrenos da *Munda do Bambo*, que passam tambem por muito ferteis e salubres.

No Lupollo já em tempo foi estabelecida uma colonia agriola, composta de allemães, e depois outra militar, não dando o resultado que se esperava, mas isto não por effeito do local, e sim pela ma administração de uma e de outra.

Todas as colonias deviam ser estabelecidas o mais contiguamente possivel afim de se auxiliarem no caso de alguma aggressão dos gentios, e refiro-me á passagem das guerras, em quanto estas não podessem ser evitadas, pois quanto ás relações com os povos visinhos tudo dependeria da nossa conducta para com elles.

É este um assumpto que eu deixo apenas esboçado, mas dos que mais devem merecer a attenção do governo.

IV

Os serviçaes. — Sua origem — O que são e o que podem ser no futuro

A nossa provincia de Angola, e eu refiro-me a esta porque das nossas possessões d'Africa é a que eu mais particularmente conheço, e porque a este respeito as condições de uma são aproximadamente as das outras, é habitada quasi exclusivamente, como vimos, pela raça indigena, a qual se divide principalmente em dous grupos: povos mais ou menos gentilicos constituindo mais de dous terços da população total, e povos civilisados ou semi-civilisados, comprehendendo o resto. Destes o mais importante pelo seu numero é o dos serviçaes do qual nós vamos occupar.

O que valem os individuos desta classe como elementos de população e instrumentos de trabalho?

Para nos pronunciar-mos a este respeito é preciso ter-mos presente não só as suas circumstancias actuaes, mas tambem os seus precedentes, e mesmo a sua origem.

O serviçal é entre nos o escravo transformado ou, que tende a transformar-se, mas de sua natureza é o mais inferior dos Negros.

Como eu disse em outra parte deste livro o principal factor da escravidão é a guerra; so os individuos menos vigorosos e destros são feitos prisioneiros, e destes só são vendidos como escravos os que não pódem ser resgatados pelos parentes. Opera-se assim uma especie de selecção pela qual só os mais inferiores, geralmente, tanto sob o ponto de vista physico como intellectual, são reduzidos á condição a que nos referimos. Estes individuos são susceptiveis de receberem uma certa educação, de se aperfeiçoarem até um certo ponto, mas são os menos aptos para isso.

Vejamos agora qual é a sua situação legal entre nós.

Data de 1836, depois de implantado o regimen liberal, digamol-o com satisfação, a primeira medida tendendo a modificar em Africa o direito que se arrogavam os senhores de disporem dos seus escravos como se fossem uma mercadoria, exportando-os e fazendo com elles um commercio barbaro e repugnante. O decreto de 10 de dezembro daquelle anno firmado pelo nobre marquez (então visconde) de Sá da Bandeira, por Antonio Manoel Lopez Vieira de Castro, e Manoel da Silva Passos prohibiu a exportação de escravos por mar e por terra em todos os dominios portuguezes, e a importação por mar, com excepção dos que fossem condusidos por colonos nacionaes ou estrangeiros de uma para outra das nossas possessões d'Africa, onde fosse estabelecer-se, regulou o modo como podia ser feito esse transporte, e estabeleceu diversas providencias, penas e multas tanto para os infractores como para as authoridades negligentes. Os escravos apprehendidos ficariam immediatamente livres, e seriam «dados

de soldada em hasta publica a mestres de officios mechanicos que se obrigassem a ensinar-lhes os mesmos officios.» Esta medida porem, não poude desde logo ser executada, e isso deu lugar a que a Inglaterra nos impozesse o tratado de 3 de julho de 1842, e respectivos annexos, para a abolição do trafico da escravatura.

Varios projectos de lei foram depois apresentados para a abolição parcial ou gradual da escravidão nas nossas colonias, devidos á iniciativa do marquez de Sá da Bandeira, com o concurso de outros não menos distinctos estadistas, como o duque de Palmella, o marquez (depois duque) de Loulé, Rodrigo da Fonseca Magalhães, etc.

Mas só em 1854 poude triumphar definitivamente aquella idéa. O decreto de 14 de dezembro daquelle anno, firmado pelo visconde de Athoguia declarou os escravos pertencentes ao Estado livres com a obrigação de o servirem por o praso de sete annos, e libertos os escravos importados dali por diante do sertão, estes com a obrigação de servirem os patrões por um praso de 10 annos, e sendo transmissiveis os serviços. Por esse mesmo decreto sendo ordenado o registo de todos os escravos existentes nos nossos dominios ultramarinos verificou-se que o seu numero era em Angola de 60:690, e em Moçambique de 40:086. Hoje deve ser muito maior em uma e outra provincia.

Em 1856 sendo ministro da marinha e ultramar o illustre marquez de Sá da Bandeira foram adoptadas as seguintes providencias: Cartas de Lei:—de 30 de junho concedendo a liberdade aos escravos pertencentes ás camaras municipaes e ás misericordias nas mesmas condições estabelecidas para os escravos do Estado; de 5 de julho abolindo a escravidão no districto

do Ambriz desde o rio Lifune até o rio Zaire, e nos territorios de Cabinda e Molembo; de 24 de julho declarando livres os filhos de mãis escravas, com a obrigação de servirem os senhores destas ate á idade de 20 annos; de 25 de julho estendendo as disposições consignadas no decreto de 14 de dezembro de 1854 com relação aos escravos do Estado, aos escravos das Igrejas; e a de 18 de agosto considerando como se fossem de condição livre os escravos embarcados a bordo de embarcações portuguezas, que entrassem em algum porto ou outro qualquer ancoradouro do reino de Portugal ou dos archipelagos da Madeira e dos Açores, assim como os que, pertencendo a estrangeiros, desembarcassem nos mencionados territorios, ficando assim revogado o alvará de 10 de março de 1800, e alterada na parte correspondente a mais legislação em vigor. Por decreto de 23 de dezembro foi abolida a escravidão em Macau, por terem os senhores dado a liberdade aos seus escravos, e sendo louvado o respectivo governador, o sr. contra-almirante visconde da Praia Grande por o que para esse acto concorrêra.

Em 1857 tendo-se dado identico caso na ilha de S. Vicente do archipelago de Cabo-Verde, foi tambem a escravidão ali abolida, portaria de 10 de março, e louvado o governador geral daquella provincia o sr. conselheiro Antonio Maria Barreiros Arrobas, como o torna a ser logo depois em portaria de 6 de maio do mesmo anno, por conseguir acabar tambem com a escravidão em outra ilha do mesmo archipelago, a de S. Antão, convencendo muitos senhores a darem a liberdade aos seus escravos, e resgatando outros a sua custa, como o fizera em S. Vicente. Estes actos são honrosissimos para os dous benemeritos governadores, e o marquez de Sá da Bandeira mencionando-os no seu livro *O Tra-*

balho Rural Africano presta-lhes a devida homenagem e attesta o seu valor. Pela nossa parte muito folgamos de poder honrar com elles as paginas deste livro.

Mas a estas medidas preparatorias para a abolição da escravidão era preciso que succedesse uma medida geral e decisiva e foi ao que veiu satisfazer o decreto de 29 de abril de 1858, data da outhorga do nosso codigo politico, fixando em 20 annos improrogaveis o praso para a abolição completa da escravidão em todos os nossos dominios onde ella ainda existisse, devendo assim acabar em 29 de abril de 1878. Os senhores seriam indemnisados pela forma que uma lei especial determinaria. Era o marquez de Sá quem firmava este decreto, e era elle ainda quem, 11 annos depois sendo presidente do conselho assignava o decreto de 25 de fevereiro de 1869, abolindo desde logo o estado de escravidão, com a obrigação para os individuos tirados desta classe de servirem os seus antigos senhores até 29 de abril de 1878. Era isto, no fundo, apenas uma mudança de nome, e não o desconheceria sem duvida o illustre estadista, mas era mais uma affirmação de que o estado ominoso da escravidão estava irremissivelmente condemnado, e acabaria com effeito em 1878.

Na sessão da camara dos dignos pares de 13 de janeiro de 1874 apresentou ainda o marquez de Sá um projecto de lei abolindo desde logo a condição dos libertos, e declarando-os livres. Era então ministro da marinha o sr. Andrade Corvo, liberal sincero e convicto, o qual associando-se de coração á proposta apresentada, a fez sua e foi convertida em lei com a data de 29 de abril de 1875. Essa lei determinando que um anno depois da sua publicação todos os negros libertos seriam livres antecipava de dous annos o prazo fixado em 1858. Parecia que o marquez de Sá prevendo o seu

fim proximo, queria antes de morrer deixar completa a sua obra. Com effeito a 6 de janeiro de 1876 o illustre general dava a alma ao Creador. O marquez de Sá da Bandeira, foi no nosso paiz o mais extrenuo deffensor de todas as liberdades bem entendidas, o mais denodado campeão de todas as causas justas. A sua vida foi um exemplo a presentes e vindouros de honra e lealdade, de nobre e acrisolado patriotismo. Honra e paz á sua memoria!

O decreto de 31 de outubro de 1874 firmado pelo sr. A. Corvo declarou livres os libertos existentes em todo o archipelago de Cabo-Verde. A emancipação da mesma classe de individuos fez-se em Angola e Moçambique no prazo marcado, abril de 1876. Em S. Thomé fez-se alguns mezes antes (lei de 3 de fevereiro de 1876) por terem os senhores desistido dos seus direitos até o fim daquelle tempo.

Assim se effectuou a abolição da condição servil nas nossas colonias, sem as consequencias que muita gente receava, e que eram de esperar se a lei fosse executada rigorosamente.

O regulamento de 21 de novembro de 1878 estabelece a fórma como podem ser feitos os contractos de prestação de serviço com os actuaes serviçaes. O prazo para esses contractos é de 5 annos, podendo ser prolongado até 10 se se tratar de aprendisagem de alguma arte ou officio. Os curadores geraes e os governadores vigiam pela sua execução. Os serviços são voluntarios. Só os vadios julgados e condemnados como taes são obrigados ao trabalho por um prazo que não excede a dous annos nos estabelecimentos do Estado. Outras disposições são ali estabelecidas no sentido de proteger os individuos desta classe contra as fraudes, ou violencias, dos patrões, e tambem para facilitar a acqui-

sição dos braços necessarios á agricultura, para o que são permittidos os resgastes dos escravos entre os gentios sendo contratados perante a authoridade como livres. Em 17 de agosto do anno corrente foi promulgado um regulamento para a provincia de S. Thomé, estabelecendo varias e acertadas disposições para a execução do de 21 de novembro de 1878, tanto na parte que diz respeito ás condições a estabelecer nos contratos entre os colonos negros e os patrões, e obrigações reciprocas entre estes, como no que se deve observar com relação ao transporte de colonos por via maritima para aquella provincia.

Esta é legislação que lhes diz respeito. Quanto á liberdade effectiva de que elles gosam se de direito são livres, de facto pouco mais o são do que os antigos libertos, e destes dizia com rasão o honrado ministro Andrade Corvo, que elles «de libertos só tinham o nome». Não são livres, mas é preciso que se accrescente, — nem o podem ainda ser. Uns, o maior numero, acabando de sair da escravidão, depravados por esse regimen embrutecedor, e sem se lhes ter dado o ensino preparatorio indispensavel não teem da liberdade a noção conveniente. Outros resgatados no interior entre os gentios independentes, onde a escravidão não foi nem podia ser abolida, e postos em contacto com aquelles adquirem naturalmente os mesmos habitos e os mesmos vicios. E como nem os patrões nem o governo tratam de melhorar esta situação o serviçal permanece proximamente nas condições do antigo escravo. Quando se tratou de abolir o serviço dos libertos, e prevendo os transtornos de toda a ordem que esta medida iria causar se fosse executada como me parecia que o devia ser, porque as leis ou se fazem para se cumprirem ou se não fazem, propuz que os

negros libertos que passassem á condição de livres fossem obrigados ao trabalho, sendo só considerados cidadãos em toda a plenitude dos seus direitos civis e politicos os que soubessem ler e escrever ou aprendessem alguma arte ou officio, mas proporcionando-se-lhes largamente os meios de adquirirem essas habilitações pela creação de escolas de ensino primario e profissionaes, que seriam obrigados a frequentar. Essas escolas podiam ser creadas por meio de um imposto especial sobre a importação e tambem por uma contribuição paga pelos patrões por cada contracto de serviço.

«É de grande justiça dar-se a liberdade aos pretos, dizia eu no *Jornal do Commercio* de 19 de junho de 1874, mas a liberdade que lhes não possa ser nociva, e de que elles saibam e possam aproveitar-se. Considerados livres tratem-se como taes, e paguem-se-lhes escrupulosamente os seus serviços, mas obriguem-se ao trabalho. Essa obrigação, sendo-lhes imposta como um meio de os civilisar, e assim praticada, não nos parece incompativel com o principio da sua liberdade. O ensino obrigatorio em vigor em alguns Estados não é de certo um attentado contra a liberdade, e o trabalho nas condições em que o propomos é um meio de ensino para o Negro.»

Tratando-se de uma necessidade de momento, e não se tendo até ali empregado meio algum para desenvolver nos Negros gentios livres habitos assiduos de trabalho, de maneira que voluntariamente viessem substituir os libertos no serviço da agricultura, propunha eu tambem que se permittissem os resgates dos escravos entre aquelles, para entrarem no mesmo regimen creado para os serviçaes como, a final, pouco mais ou menos se fez.

Era em taes circumstancias na minha opinião, o meio

de attender tanto aos interesses dos patrões como dos serviçaes, no que nelles havia de rasoavel, e ao mesmo tempo de se ir creando com os Negros que assim se iam educando a população laboriosa e livre que nos é indispensavel crear ali.

O governo podia perfeitamente garantir aos Negros naquellas circumstancias a sua liberdade. Estabelecesse as condições em que deviam ser feitos os contractos, e fiscalisasse attentamente a sua execução não permittindo quaesquer fraudes ou abusos.

«Declaramos, diziamos nós a este respeito, que escrevemos estas linhas com a maior boa fé e sinceridade; se nos podessemos convencer de que a execução desta medida seria impossivel, ou improficuos os seus resultados; se tivessemos de reconhecer que o preto continuaria a ser o que ainda hoje é em muitos casos,— instrumento e victima da ambição de alguns homens que nem sequer lhe querem reconhecer a sua qualidade de creatura humana,— nesse caso, por mais graves que fossem as consequencias, nós optariamos sem mais hesitação pela sua liberdade completa, sem restricções de especie alguma, preferindo antes a ruina da provincia ou o prejuiso de muitos dos seus habitantes, aos abusos detestaveis que ainda hoje por ahi vemos praticar.

«Ninguem mais do que nós se revolta contra essa tyrannia estupida que por ahi vemos exercer em nome do proprio interesse a alguns homens que se dizem civilisados, e que pouco mais valem, se não valem menos, do que esses a quem chamam seus escravos.

«Assim como prezamos a liberdade de que gozamos, assim como desejamos a liberdade e a emancipação de todos os opprimidos, desejâmos a liberdade do preto

e queremos que ella seja uma realidade e não um sophisma.»

É prevendo os abusos a que aquella medida podia dar lugar accrescentavamos:

«Nós tambem temos algumas apprehensões a este respeito, tambem receamos da demasiada complacencia das authoridades para com os patrões, e quereriamos todas as garantias, toda a cautela e vigilancia neste sentido. Quereriamos que nenhuma suspeita podesse restar de que o preto, com quanto obrigado ao trabalho, era effectivamente livre, e assim tratado.

«Com esta certeza nos satisfariamos. Somos pela liberdade na sua significação mais pura e mais lata, mas nos bons principios tambem ha exagerações; no modo de realisar certas idéas, alias justas, tambem ha perigos, e nós, querendo fugir a umas e a outros, optamos pelo meio que nos parece o unico adequado, nas presentes circumstancias, á transformação social e economica que se deve realisar.» [1]

O governo não quiz impor aos Negros serviçaes nas condições a que nos referiamos a obrigação do trabalho, mas tambem não lhes facultou os meios de adquirirem uma verdadeira liberdade. Obrigou os que acabavam de sair da condição de libertos a contratarem-se com os seus antigos patrões por 2 annos (lei de 29 de abril de 1875 art. 5), submetteu-os durante esse tempo a uma tutela publica, que terminou em 29 de abril de 1878, conservando dali por diante os curadores ge-

[1] O digno governador do Banco Nacional Ultramarino, o sr. conselheiro Francisco de Oliveira Chamiço, referindo-se no seu relatorio de 15 de julho de 1874, a este nosso artigo qualificou-o de um modo muito honroso para nós, mas como decerto não merecemos. Aqui agradecemos penhoradissimos a S. Ex.ª

raes, creados pela lei de 29 de abril e decreto de 20 de dezembro de 1875, para vigiarem pela execução dos contratos escriptos de prestação de serviços na conformidade do regulamento de 21 de novembro de 1878, e prohibiu a vadiagem. Quanto á sua instrucção e educação estabeleceu (referido regulamento) que «nas escolas que se achassem estabelecidas ou o fossem nas differentes povoações conforme os respectivos regulamentos de instrucção publica o professor teria obrigação de ensino aos domingos e dias santificados, mediante a retribuição que lhe fosse arbitrada» (art. 103); que «a essas escolas seriam pelos patrões mandados os menores contratados desde a edade de sete a quinze annos», sendo «esta obrigação considerada como condição expressa em todos os contratos» (art. 104); que «todo o individuo que tivesse contratado ao ser serviço na mesma localidade duzentas pessoas, ou mais, daquellas a quem o regulamento de que se trata se refere, era obrigado a manter uma escola elementar de instrucção primaria, a cuja frequencia seriam obrigados os individuos nas condições de que trata o art. antecedente,» (art. 105); finalmente que «Os patrões seriam obrigados a franquear a livre pratica da doutrina religiosa e moral e da sua instrucção aos seus colonos ou serviçaes pelos respectivos parochos e missionarios mandados pelo governo, e pelos professores que a tão nobre quanto util fim se prestassem.» (art. 106). Escusado é accrescentar que destas boas disposições nada se cumpriu, nem podia cumprir, por que taes escolas não existiam, nem taes professores, nem taes parochos, nem taes missionarios. O serviçal ficou pois em materia de instrucção e educação no mesmo estado dos antigos libertos, e proximamente nas mesmas condições para com os patrões. Estes não cui-

dam da sua educação, não acreditam mesmo nessa economia, e tratam de tirar do serviçal todo o partido que pódem, conservando-o pouco menos que escravo com uma apparencia de livre. [1] E o governo que creou este estado de cousas, vê-se assim na alternativa: ou de permittir que os patrões illudam mais ou menos a lei, e continuem a tratar os serviçaes como d'antes tratavam os libertos, ou, cumprindo rigorosamente a lei, de dar cabo completamente da agricultura.

Se os serviçaes podessem contratar-se ou não, a maior parte delles preferiria retirar-se para as suas terras a servir os seus antigos ou quaesquer outros senhores. Esta é a verdade, embora se possam allegar algumas excepções.

É esta a condição do serviçal actualmente. O governo vela pela sua segurança e quer a sua liberdade; a portaria de 15 de novembro de 1879, ordenando aos governadores geraes das nossas provincias ultramarinas que «observem e façam observar nos dominios dos seus respectivos governos os preceitos humanitarios da legislação portugueza, tolhendo a quem quer que seja o arbitrio de maltratar os indigenas, e entregando logo aos tribunaes competentes todo o infractor das citadas leis para ser devidamente punido», é uma prova de que elle toma com effeito a serio a sua missão nesta parte, e só louvores nos merece por isso. Mas outros deveres lhe incumbem, e emquanto não

[1] É sobremodo instructiva a este respeito a conferencia que acaba de fazer perante a Sociedade de Geographia de Lisboa (sessão de 20 de novembro) o sr. J. B. Ferreira de Almeida, distincto e illustrado official da armada real e ex-governador do districto de Mossamedes.

tratar de promover o ensino e a educação dos Negros desta classe, pelos meios que tem ao seu alcance, o serviçal será o que é hoje, um elemento precario em vez de uma força productiva e fecunda.

Só a instrucção transformará o Negro, é preciso que nos desenganemos disto.

Quanto aos outros individuos de que se compõe este grupo e que fazem parte da população dos diversos concelhos, em numero talvez de 50:000, o meio de adiantar o seu estado de civilisação é ainda o do ensino primario e profissional, na fórma adequada ás suas circumstancias e intelligencia. E aqui devemos consignar as palavras do novo governador geral de Angola ao tomar posse do seu governo: S. Ex.ª entre os meios que ennumerou como os mais apropriados para se promover a prosperidade daquella provincia mencionou em primeiro logar «as escolas primarias.» É com effeito esta a primeira necessidade daquella e das outras nossas possessões d'Africa, sendo muito para applaudir que as authoridades superiores a quem são confiados os seus destinos a reconheçam, e tratem naturalmente dos meios de a satisfazer, como de certo fará o novo e illustrado governador de Angola.

Passemos agora a tratar dos Negros gentios livres.

V

Os indigenas das nossas possessões d'Africa. — A questão do trabalho. — Ensino do Negro

Resta-nos agora tratar dos Negros gentios das nossas possessões d'Africa, os quaes so em Angola attingem o numero pelo menos de 300:000, representando assim uma força enorme perdida para a civilisação.

Não só o nosso dever mas o nosso interesse nos obrigam a cuidar da civilisação desses povos.

O trabalho é a condição essencial do progresso do Negro. Será possivel trazel-o a esse habito salutar? Este é o problema.

Diz-se, e nós levantamos aqui esta asserção porque convem destruir todos os preconceitos que nos fazem olhar o Negro como elle não é, que o indigena das nossas possessões d'Africa prefere estar preso a trabalhar. É a mania constante de caracterisar toda a raça por qualquer facto particular. Ha Negros que com effeito preferem estar presos a trabalhar; mas quem são? São os que vivem sujeitos ao trabalho como nós

lh'o impomos, sob um regimem cruel, e sem uma remuneração sufficiente. O Branco collocado em identicas circumstancias faria o mesmo. Mas pode dizer-se outro tanto do Negro gentio livre? Os serviços voluntarios que elle presta ou executa desmentem completamente semelhante asserção. O homem que por um sol abrasador, ou sob um diluvio d'aguas, transpõe, com um pesado fardo ás costas, um espaço de 60 e mais leguas, comendo mal, dormindo mal, caminhando por veredas intransitaveis, nas quaes ás vezes nem agoa encontra para beber, — que tal é o serviço do carregador em Africa, — e tudo isto pela insignificante paga de 25 réis por legua, ou 1$500 réis de Gambue a Mossamedes, esse homem nessas occasiões não só trabalha, mas trabalha muito e muito barato.

De uma estatistica que temos presente, destinada a mostrar o progresso que tem tido o movimento commercial e agricola de Angola póde ver-se ao mesmo tempo a parte importante com que o Negro livre para ahi concorreu. Em 1857 a exportação do café era de 76:675 kilog., em 1867 elevava-se a 913:325, e em 1872 a 2.418:874. A exportação do algodão em 1857 de 9:878 kilog. era de 276:669 em 1867, e de 817:631 em 1872. A da ginguba de 12:280 kilog. em 1857, era de 1.880:732 em 1867 e de 3.426:480 em 1872. A da borracha, apenas de 759 kilog. em 1870, era dous annos depois, em 1872, de 363:265. Emfim o azèite de palma, cuja exportação ascende hoje a 2.000:000 de litros, a gomma copal e outros productos, teem tido um augmento proporcional. Se se attender a que alguns destes artigos como a ginguba, o azeite de palma a borracha, a gomma copal, a cera etc, são devidos ao trabalho exclusivo do Negro, e que outros como o café e o algodão lhe são ainda devidos em parte, não nos

referindo senão ao seu trabalho livre, havemos de reconhecer que é pelo menos exagerada a idéa que se faz da sua inercia e da sua indolencia.

Quando se fundou o estabelecimento de Mossamedes muitos individuos da tribu dos Ban-Dombe, que ali habitava, aprenderam a nossa lingua, e pozeram-se ao serviço dos Brancos. Os proprios Ba-Kuisse não são refractarios ao estimulo do ganho. Os Ban-Kumbi tem sido contractados para differentes serviços da agricultura em Capámgombe. Tanto estes como os Ba-Nhaneca acceitam com facilidade varios serviços de empreitada. É conhecida a aptidão dos Cabindas para a vida do mar.

Em uma representação da Associação Commercial de Loanda dirigida ha pouco tempo ao governo por motivo da retirada da Expedição das obras publicas allega-se que tendo sido difficil em principio desenvolver os trabalhos por falta de jornaleiros voluntarios, depois o preto procurou o trabalho, e até por um preço muito modico. «A continuação das obras publicas, diz a representação, radicando esta tendencia, permittirá o emprego do trabalhador livre, mais util e mais barato em geral do que o serviçal.»

Aqui estão factos, aqui estão provas podemos dizer, de que o Negro das nossas possessões d'Africa trabalha. Não tem de certo habitos assiduos de trabalho, mas se este lhe for offerecido nas condições em que elle por emquanto o pode acceitar, sob a fórma de pequenas empreitadas, sem violencia nem oppressão, e sufficientemente remunerado, ha de affeiçoar-se-lhe, e ha de ser por fim o jornaleiro, o operario, o industrial.

O que temos nós feito, ou que tem feito outra qualquer nação para crear no Negro o amor ao trabalho?

Nada, absolutamente nada, ou o contrario do que devia-mos fazer. Como escravo sacrificamol-o, como livre expoliamol-o, e como elle não acceita a nossa tyrannia como um beneficio, e ainda em cima nol-a não agradece, dizemos então que elle é inimigo do trabalho e incapaz de se civilisar!

O meio para trazer-mos promptamente o Negro das nossas possessões d'Africa á communhão das nossas ideas e principios e consequentemente dos nossos habitos está naturalmente indicado: é instruil-o, moralisal-o, interessando-o realmente nos beneficios da civilisação, e não querendo que elle seja della a victima.

Este meio ainda nenhuma nação o emprehendeu, em uns casos porque podendo substituir a raça indigena por individuos da sua raça não teve necessidade de educar aquelle, e preferiu repellil-o, ou mesmo exterminal-o, em outros porque não teve coragem, não teve fé, não teve mesmo sufficiente civilisação para o emprehender.

É isto tambem o que tem acontecido entre nós.

Mas actualmente o problema da civilisação da Africa impõe-se ás nações da Europa com tal força, e o Negro é ahi um elemento tão essencial, tão indispensavel de trabalho, que forçoso tem sido encaral-o de mais perto, e assim se tem reconhecido que elle não é tão indolente, tão inerte, tão refractorio á civilisação como se pensava. Começa-se mesmo a perceber que elle chegou já a uma organisação social mais avançada do que se suppunha, que no seu espirito ha já muitas idéas justas, que nos seus costumes nem tudo é barbaria. Não trabalha muito, mas trabalha, e trabalhará mais se o souber-mos estimular a isso. Reconhece-se emfim que é preciso estudal-o mais attentamente, e procurar os meios adequados de o auxiliar na sua evo-

lução em vez de o contrariar como até agora. E a nação que não souber realisar este *desideratum* nas suas colonias d'Africa terá lavrado o diploma da sua incapacidade.

Temos pois tambem de resolver esta questão no campo pratico, e temos de a resolver com urgencia. Promover a aclimação do Branco em Africa onde ella fôr possivel e tratar da civilisação do Negro são os dous pontos para onde devem convergir todos os nossos esforços. O Negro é para nós, pela força das circumstancias, o instrumento activo de trabalho, como o Branco o elemento necessario de direcção e de progresso. As duas raças encontram-se assim em um campo onde os seus interesses perfeitamente se combinam; em lugar de se hostilisarem precisam de se auxiliar mutuamente. Esta é que deve ser a comprehensão da nossa politica colonial, este o sentimento que devemos e podemos incutir pelos nossos actos, no animo dos Negros.

Dos meios que temos a empregar para civilisar o Negro, a escola,—o evangelho do a b c,—como lhe chamou o sr. Luciano Cordeiro em um trabalho importante a que me hei de referir em outro lugar é o mais efficaz. Mas para que esse ensino seja mais prompto nos seus effeitos deve ser ministrado na lingua indigena estudando-a nós previamente para esse fim. Quando se discutiu na nossa Sociedade de Geographia uma proposta apresentada para o estudo das linguas que se fallam nas nossas colonias alguns dos nossos consocios combateram esta idéa, uns sob pretexto de que era a nossa lingua que devia prevalecer sobre a dos indigenas, e por tanto a que se lhes devia ensinar, semelhantemente ao que se pratica em algumas nações mais poderosas, outros de que sendo as linguas africanas

destinadas a desapparecer o seu estudo só podia ter um valor scientifico, e outros emfim que achando-se as linguas africanas ainda em um estado de formação muito atrasado não haveria talvez quem as podesse aprender e ensinar.

A estas objecções responderam triumphantemente outros dos nossos consocios.

Pela nossa parte o que affirmâmos é que o ensino do Negro gentio na sua propria lingua será o mais prompto e efficaz. Nós mesmo carecemos desse estudo para bem o comprehendermos. Ninguem imagina quanto é differente o communicar com um Negro por meio de um interprete, avaliando-o por o que este diz, ou ouvindo-o na sua propria lingua, singela e inculta, mas expressiva e pittoresca, sem a elevação, mas tambem sem os grosseirismos da nossa. [1]

[1] Cannecattim no prologo das suas *Observações grammaticaes sobre a lingua Bunda ou Angolense*, publicadas em 1805, diz o seguinte ácerca da necessidade do estudo d'esta lingua:

«Os soberanos d'esta monarchia, sempre attentos á felicidade dos seus povos, teem muitas vezes mandado a Angola homens instruidos para examinarem o estado d'aquella conquista, e se providenciar no seu melhoramento; porém estes indagadores reconheceram pela propria experiencia o obstaculo que a ignorancia da lingua offerecia aos progressos e fins de seus trabalhos, e ás sabias vistas do governo que ali os enviára, prestando-lhes avultados dispendios.»

E accrescentava, (d'onde tambem se pode ver, que o desleixo das auctoridades locaes por este assumpto não é de hoje): «Assim mesmo aquellas noticias, que a fadiga de muitos annos e de muitos homens tinham descoberto, e que franqueadas ao publico deviam subministrar util ensino em beneficio das artes, das sciencias, da agricultura e do commercio, quiz a desgraça que umas morressem no seio de seus descobridores, e outras sendo depositadas nos archivos de Angola viessem a servir de pasto á devoradora traça do paiz chamada *salalé* (formigas termites), insecto a cujas ruinas apenas escapam os marmores e os bronzes.»

A hypothese de que as linguas africanas estão destinadas a desapparecer parece-nos pelo menos temeraria. Ellas elevaram-se já da fórma monossylabica á fórma agglutinativa, e este facto mostra que ellas são progressivas.

Por mais que seja facil ensinar ás crianças uma qualquer lingua, como ainda se disse, não basta crear cadeiras de instrucção primaria da lingua portugueza entre os gentios das nossas possessões d'Africa para que estes venham voluntariamente frequental-as, e obrigal-os a isso seria impossivel.

Emfim os factos mostram que o ensino do africano na sua propria lingua é o mais util e efficaz.

Casalis e os missionarios da sociedade das missões evangelicas de Paris, que em 1833 fundaram o estabelecimento de Morija, e depois o de Thaba Bossiú ou Bosigo, e outros no paiz dos Ba-Suto, conseguiram por aquelle meio resultados maravilhosos.

Em Thaba Bossiu, fundado em 1838 por Casalis, o intervalo dos serviços religiosos era consagrado áquelle estudo. «Homens e mulheres, diz Casalis, velhos e crianças applicavam-se com ardor a aprender a ler por meio de alguns exercicios de sollecetração e de um pequeno cathecismo que nós tinha-mos feito imprimir na colonia». A principio aquella boa gente duvidava do seu exito, e achava mesmo que era ridiculo esperar que um dos seus *fizesse fallar o papel*, mas bem depressa se convenceu de que não era esse um privilegio exclusivo dos Brancos. Accentuando-se os seus progressos uma bella manhã uns 10 ou 12 dos mais estudiosos descobriram que podiam sem auxilio estranho achar o sentido de algumas phrases.

«Este facto teve um echo immenso. Os adivinhos do paiz declararam que nós provavelmente tinhamos

transformado o *coração* dos seus compatriotas por meio de um philtro poderoso. Não fizemos caso do que elles diziam.»

A concorrencia ao estudo era tal que em Bethulia M. Pelissier, apezar de auxiliado por um collaborador que lhe tinha vindo de França, M. Lauga, a custo podia satisfazer as exigencias da gente que se lhe apresentava. Em Bersabea M. Rolland via a sua escola cheia a tal ponto que os alumnos mais jovens corriam o risco de serem suffocados pelos adultos. Em Mekuatling M. Daumas não se achava menos embaraçado tendo de leccionar cerca de 200 estudantes em uma barraca.

Os missionarios animavam esta applicação ao estudo por meio de premios. Em Morija os dous primeiros Ba-Suto que aprenderam a ler correntemente, Sepitta e Monga Katela, receberam o primeiro livro impresso na sua lingua, e em cuja capa estava escripto o seu nome com algumas palavras de animação [1]

Isto fazia-se no Cabo ha mais de quarenta annos!

Outros muitos exemplos poderiamos apresentar no mesmo sentido.

No Gabão como observou o secretario do governo de S. Thomé e Principe, por occasião da visita que fez áquelle estabelecimento, [2] e em Landana, como presenciou o sr. N. de F. Queriol, joven e intelligente official da nossa armada [3] poderam os missionarios da Congregação do Espirito Santo e do Sagrado Coração de Maria instruir na lingua franceza um certo numero

[1] Casalis, *Les Bassoutos*. Paris 1859. p. 88, 89 e 90.

[2] *Commercio de Lisboa* n.º 442 de junho de 1880.

[3] *As Missões Catholicas em Africa* por N. de F. Queriol. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* n.º 1 da 2.ª serie.

de indigenas, e isto faz o elogio desses missionarios, mas se alguns daquelles educandos eram confiados aos cuidados da missão pelos pais, o resto era obtido dos regulos do interior por compra, e é claro que nunca será de tal modo que se conseguirá a civilisação da massa que constitue o povo, e quē é a que importa realisar.

Em todo o caso todos estes factos provam que os Negros chegaram geralmente a um estado intellectual que lhes permitte de receber com proveito um ensino methodico e regular.

Tudo depende pois de nós no problema do ensino do indigena das nossas possessões d'Africa.

Não poderemos realisar um vasto, um dispendioso systema de educação no sentido exposto, mas podemos nos limites das nossas forças,—estudando desde já as linguas que se fallam nas nossas possessões africanas, e que se ligam todas a um idioma commum, o *on—bundo*, —organisando as primeiras grammaticas, e estabelecendo os primeiros methodos de ensino, —creando a receita indispensavel, e approveitando os individuos habilitados que devem existir em cada uma dessas provincias,—estabelecer dentro em muito pouco tempo um certo numero de escolas, emquanto se criem e instruam devidamente novos e mais habilitados professores. No principio esta tarefa será modesta, por que temos tudo a crear, mas póde ser desde logo muito util.

E não nos impressiona a objecção de que civilisar os indigenas das nossas possessões d'Africa é o mesmo que emancipar essas colonias. Se ao mesmo tempo que educando o Negro tratarmos de aclimar o Branco onde isso for possivel este será ainda por muito tempo um apoio seguro para nós. Mas dado que afinal a co-

lonia se venha a emancipar,— e esse é o destino de todas as colonias, — que devemos preferir: conserval-a esteril e improductiva como até agora, ou convertel-a em uma nação amiga, e mesma irmã ao menos sob o ponto de vista da civilisação e dos costumes?

O nosso dominio em Africa,—desenganemo-nos,— só se affirma e produz os seus effeitos politicos pela sua utilidade real. Ora o Negro é o nosso auxiliar indispensavel nessa empreza. Se civilisando-o o tivermos emancipado, nem por isso teremos deixado de conseguir o nosso fim, antes o teremos conseguido plenamente. Oxalá que a Europa, a civilisação, a humanidade nos tivessem a lançar em rosto muitas destas faltas!

VI

Missionarios

Ter-se-ha notado que tendo-me referido, para provar a aptidão dos Negros para se civilisarem, aos resultados obtidos por alguns missionarios eu não tenha aconselhado o emprego do mesmo elemento para conseguir-mos resultados analogos nas nossas possessões de Africa. É que eu não vejo no clero do nosso paiz padres capazes de realizar uma missão semelhante, e para os importar-mos de fóra se isso nos tem de custar a introducção das ordens religiosas, quer na metropole, ou nas colonias, prefiro que passemos sem elles, por mais que essa falta nos seja sensivel, e a devamos lastimar.

Em uma serie de artigos que publiquei em 1872 no *Jornal do Commercio*, e que se encontram de n.º 5:562 a 5:576, indicava eu o missionario como o que devia consolidar pela educação moral e religiosa o que a conquista fosse fazendo pela espada, mas queria que esses missionarios «fossem exemplo das virtudes que ensi-

nassem, e não falsos apostolos de doutrinas que desacreditassem com os seus actos.» Ora d'estes missionarios não vejo eu no nosso paiz, nem os vi nunca em Africa. Entre os membros do nosso clero apparecem ás vezes verdadeiras illustrações que a politica que no nosso paiz tudo absorve arrebata e esterilisa pela maior parte: os que ficam exercem o seu ministerio como podem, alguns com uma certa dedicação, é verdade, mas o seu zelo apostolico apenas os leva até ás provincias do Minho ou da Beira, e quando muito até ás ilhas dos Açores ou da Madeira, onde, segundo parece, abundam os pagãos e os herejes. São muito catholicos, mas muito inimigos das febres, e é talvez por isso que elles se não animam a fazer uma digressão mais longe até á Guiné, a Moçambique ou a Angola.

Por outro lado, nós já tivemos missionarios em Angola, e o resultado que deram ali com relação á civilisação e á moralidade daquelles povos foi quasi nullo. Quem quizer saber qual foi a conducta desses padres leia o notabillissimo livro do Marquez de Sá da Bandeira, *O Trabalho Rural Africano*, ao qual já por vezes nos temos referido, de pag. 127 a 136, e ficará completamente edificado. Por ali se vê o que são muitas vezes as catechezes dos centos e milhares de pagãos que se diz convertidos as christianismo, e em que se traduz a abnegação, o desinteresse e o sacrificio dos missionarios.

Na India, diz o honrado homem de estado «com quanto lá tivessem existido, durante seculos, diversas congregações religiosas, e que a inquisição de Goa houvesse feito muitos autos de fé nos quaes foram queimados vivos numerosos individuos», — «apesar disso, uma grande parte da população não tinha sido convertida ao christianismo.»

...«Na Africa oriental portugueza, onde os jesuitas e os dominicanos possuiram boas propriedades e tiveram missões, e onde funccionaram muitos frades, mandados da India, a população está, com pouca differença, no mesmo estado de paganismo em que fora achada por Vasco da Gama.» ...«Em Angola e no Congo varias missões de frades, subsidiados pelo estado, existiram durante seculos. Apesar disso, a grande massa da população não é christã.»

E cita factos, e transcreve numerosos trechos de correspondencias dos governadoras da India, de Angola e de Moçambique em que estes se queixam contra «o irregular e escandaloso procedimento» de muitos membros do clero regular e secular.

«O que fica referido, accrescenta elle, á cerca do procedimento na Africa e na India, dos individuos pertencentes ás congregações monasticas, é sufficiente para se apreciar a inconveniencia que haveria se elles por ventura, fossem readmittidos nas colonias portuguezas onde não são necessarios, como o mostra o facto de se acharem as numerosas missões da India situadas nos territorios portuguezes e britanicos, servidas por ecclesiasticos seculares, procedentes dos seminarios diocesanos do real padroado.»

E propunha que se reformasse o collegio das missões ultramarinas, estabelecido em Sernache do Bom Jardim, de modo a poder fornecer bons missionarios. Estes «deviam aprender a lingua dos povos que se destinassem a instruir, e bem assim os principios de agricultura, de medicina e de alguma arte util.»

Tem-se propalado ultimamente, ouvimol-o nos, que o illustre homem de estado pouco antes de fallecer se desdissera desta opinião, pronunciando-se a favor da introducção das ordens religiosas. Não o acreditamos.

semelhante affirmação não é, não pode ser mais do que um estratagema, uma dessas «piedosas fraudes», com que se procura dispor os animos para a readmissão das ordens religiosas, não se hesitando em macular a reputação de um homem que foi adversario declarado do clericalismo, mas adversario honrado e leal. O modo como a gente a que alludimos está explorando a nossa questão colonial, não nos deixa duvida alguma a este respeito. E já agora dedicaremos mais algumas palavras a este assumpto.

Ha no nosso paiz uns certos liberaes theoricos e optimistas para quem as lições da historia parecem como letra morta, e que confiando tudo dos principios, sem attenderem ás circumstancias, não estariam muito longe de acceitar os missionarios, mesmo a troco da introducção das ordens religiosas. Dizem elles que querem a liberdade para todos, mas não vêem que o nosso paiz não está no caso de gosar de todas essas liberdades, que mesmo algumas lhe não são consentidas, nem em absoluto ha direito algum que se possa sustentar, que os proprios sectarios do absolutismo temperam o seu systema com uma tal ou qual dose de liberdade, que tudo é relativo, que consentir tudo em nome da liberdade seria o mesmo que negar tudo em nome do principio opposto, o que praticamente seria impossivel e absurdo, e finalmente que introduzir de novo as ordens religiosas no nosso paiz, estando nós felizmente livre dellas seria o mesmo que capitular ante a reacção, ceder ou transigir vergonhosamente, confessando-nos vencidos sem peleja, e ainda mais, sem necessidade. Na Inglaterra, nos Estados-Unidos e outras nações como estas instruidas comprehende-se que os governos observem uma certa longanimidade com as pretenções e as maquinações clericaes, que ahi mesmo

não poem a mira muito alto; mas no nosso paiz em que a instrucção publica está tão atrasada, entregar o nosso povo desarmado á milicia clerical, organisada e disciplinada, confiar nas forças dispersas do partido liberal contra a potente organisação das corporações religiosas, protegidas por um partido que com quanto pouco numeroso, dispõe ainda de muitos meios e influencias, e constitue na Europa uma vasta associação contra as ideas liberaes, fazer isto, dizemos, seria não só commetter um grave erro politico, mas um verdadeiro crime.

Nós não precisamos das ordens religiosas, não as devemos querer nem admittir por principio algum. Nada as reclama. A nossa sociedade hoje não é menos moralisada, antes mais, do que no tempo dellas, sendo então mais *devota* ou mais fanatica.

O socialismo nasceu na Allemanha no meio dos jesuitas, e de outras corporações religiosas. A França replecta dos mesmos elementos produsiu a communa com os seus execraveis excessos. A Hespanha com uma educação fradesca e jesuitica teve os seus incendiarios de Carthagena e de Alcoy. Nós sem corporações religiosas não temos tido estes flagellos sociaes, e com ellas tivemos Alcacer-Kibir e 60 annos de sujeição á Hespanha.

Se as corporações religiosas não concorressem para o mal estava ao menos provado que eram impotentes para o conjurar. Mas ellas são perniciosas porque fanatisam e embrutecem, porque abatem o espirito e a alma.

E nem estão no caso das simples associações como se pretende. «Uma cousa é associação, disse ha pouco um illustre jurisconsulto e homem de estado, outra congregação. Entre a associação e a congregação ha

esta differença, que a associação augmenta as forças do individuo, ao passo que a congregação as aniquila.»

Se, para obter-mos os missionarios precisamos de admittir as congregações religiosas então passemos sém ellas.

De tudo o que fizeram, prégaram e ensinaram os missionarios capuchinhos em Angola, o que é que ficou, ou qual foi o fructo principal? Uns rudimentos de ensino primario. Ora esse ensino tanto pode ser dado com padres como sem elles. Façámos boa administração, e teremos feito bons missionarios. Ha uma religião universal, base de todas as religiões, e da qual todos podem ser apostolos: é a religião do dever, da justiça e da moralidade.

O melhor methodo de ensinar os indigenas d'Africa, mesmo em materia de religião, é dar-lhes bons exemplos, em vez de grandes definições dogmaticas, e convencel-os mais pelas obras do que pelas palavras. O argumento dos factos convence a toda a gente, mesmo aos selvagens. Se nós lhes mostrar-mos, se lhes fizermos sentir que a nossa civilisação tem vantagens reaes sobre o estado em que elles se acham, e que lhes é possivel alcançal-as; se, pelo gozo da paz lhes mostrarmos o desastroso da guerra; se pelos beneficios do trabalho os convencer-mos dos inconvenientes da ociosidade, elles acreditarão mais em nós, isto é, nestes factos, do que na nossa eloquencia por mais sublime que esta seja, e quer seja profana ou sagrada. Ora estes meios podem ser postos em pratica com ou sem missionarios: melhor com elles, mas sem que elles sejam absolutamente indispensaveis. Se formos bons e justos para com os Negros, se formos benevolos para com a sua ignorancia, se lhes formos uteis, em vez de prejudiciaes, elles virão a nós sem receio e antes com

confiança e boa vontade. Se lhes dermos bons exemplos elles os seguirão de bom grado.

Para se tornar mais urgente a necessidade do missionario. e por ella a da readmissão das ordens religiosas allega-se a extrema dissolução dos costumes dos povos gentilicos, e descreve-se mesmo Loanda como mergulhada nos vicios mais hediondos. Os costumes dos povos a que se allude, sem serem tão depravados como se diz, e pelo contrario havendo nelles mais innocencia do que verdadeira perversão moral, offerecem com tudo grandes manchas, de que convem expurgal-os, mas devemos lembrar-nos que não é de repente, nem violentamente que essas modificações se operam. Com missionarios ou sem elles não vamos nós aperfeiçoar de mais. Não vamos a titulo de os morigerarmos levarmos a correcção demasiado longe como tem acontecido em outras partes. Contentemo-nos com o que podemos ir obtendo n'uma medida progressiva e rasoavel. O temperamento desses povos, o clima em que vivem, etc., não lhes permittem de adoptar desde já costumes iguaes aos nossos. Sendo o fim da civilisação o mesmo, os meios teem de ser forçosamente adequados ao tempo e ás circumstancias. E quanto a Loanda o que podemos afiançar é que essa cidade é hoje muito mais morigerada, e civilisada, do que no tempo dos frades.

O sr. Adolpho Coelho pensa que a religião mais apropriada ás raças africanas seria a musulmana, «mas essa accrescenta o illustre professor de philologia comparada, não seria decerto la levada pelos portuguezes.» [1]

[1] *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, n.º 4 (dezembro de 1878.

E ha quem pense que não se achando o Negro africano no caso de comprehender as maximas da doutrina christã, a introducção entre elles d'esta religião equivaleria apenas a introducção de mais um fetichismo.

Os pretos, com effeito, dão aos padres o nome de *Gala-Ganga* «Branco feiticeiro», e Cannecattim querendo traduzir no seu *Diccionario da Lingua Bunda* Padre, Abbade, e Cardeal escreveu: *Tata Nganga* (pai faiticeiro), *Ngánga Cota* (feiticeiro mais velho), e *Mòna gua Papa* (filho do Papa), o que todavia não quer dizer que se não possam exprimir aquellas palavras de outro modo.

Emquanto a mim por mais atrasada que seja a concepção do africano em materia de religião, a doutrina que lhe ensine a noção do bem não pode deixar de achar um echo no seu coração, tanto mais que os sentimentos de humanidade e justiça já ahi brotam com toda a força; e neste sentido o christianismo prégado e ensinado por sacerdotes exemplares deveria produzir incontestaveis beneficios.

Livingstone diz que a religião christã é accessivel a todos os homens, tanto aos mais inferiores como aos mais elevados: que «o ensino das suas verdades sublimes deve differir segundo as diversas classes da familia humana, adaptando-se ás circumstancias em que o individuo se acha collocado»; e finalmente que se deve dispensar para os pretos certas formas ostentosas e exteriores, attrahindo-os antes pela «bondade, poder magico, que é um encanto e uma descoberta dos tempos modernos.» [1]

Os factos confirmam a asserção do illustre missionario. Nenhuma duvida resta de que a religião christã

[1] Explorations du Zambeze et de ses affluents 1858-1864.

assim comprehendida e ensinada seria um poderoso auxiliar para se trazerem aquelles povos mais rapidamente ao seio da civilisação.

Temos nós de renunciar a esse meio salutar por falta de padres, de missionarios portuguezes que ali vão exercer a mais nobre missão do seu ministerio? A descrença absoluta n'este ponto levar-nos-ia bem longe, muito mais longe do que pode parecer á primeira vista, porque nos faria descrer do futuro mesmo da nossa patria. Não, não devemos suppor que o amor do bem, a justiça, o desinteresse, a abnegação, sejam virtudes desconhecidas ou extinctas no coração dos portuguezes, quando tantas provas ahi vemos todos os dias do contrario. Se o estado em que se acha o clero entre nós é deploravel, é isso filho de circumstancias accidentaes, e não se segue que esse mal seja irremediavel. Envidem-se todos os esforços para levantar o collegio das nossas missões ultramarinas á altura em que é necessario para que elle corresponda ao grande fim da sua instituição, estimule-se o zelo religioso dos educandos, abra-se-lhes uma carreira em que elles possam achar o justo premio aos seus esforços, e a devoção apparecerá, e a vocação trará ao exercicio da vida ecclesiastica as dedicações e os elementos que agora lhe faltam. Diga-se embora que a recompensa não faz o bom padre, ella é não obstante um estimulo, e se for combinada com penas severas para os que delinquirem, ha de produzir um equilibrio util na conducta dos missionarios que por esse meio se criem.

A portaria do ministerio da marinha e ultramar, de 28 de agosto ultimo, nomeando uma commissão de prelados e outras pessoas competentes, (de que faz parte o primeiro secretario geral da Sociedade de Geographia de Lisboa), «para estudar o serviço das missões

em todas as regiões do padroado ultramarino, e examinar o estudo dos seminarios diocesanos...», «indicando os meios que devam adoptar-se para que estes estabelecimentos prehencham cabalmente o fim a que são destinados», é uma prova de que se trata de resolver esta questão de accordo com as leis e com os nossos verdadeiros interesses.

O que é preciso é não nos descuidar-mos deste assumpto. O missionario como hoje está sendo empregado por algumas nações é mais um instrumento politico do que religioso.

Com missionarios ou sem elles é preciso que nos defendamos das invasões que estamos soffrendo nos nossos dominios d'Africa. Veja-se o que se está passando no Xire, região do Nyassa, ou Nbanja, na nossa provincia de Moçambique. Em 1873 e 1875 estabeleceram-se ali alguns padres missionarios; iam para moralisar e civilisar os indigenas. Mas depois veiu a *Livingstonia Central Africa Company Limited*, uma empreza commercial, e hoje já se vai chamando a toda aquella região occupada pelos missionarios *Colonia Livingstonia*.

Na costa occidental a Congregação da Propaganda estabelece uma perfeitura apostolica na Simbebasia, paiz annexado a colonia ingleza do Cabo, mas dali estende já a sua circumscripção até a margem esquerda do Cunene entre este rio e o Cubango, e pelo N. E. até á margem direita do Kassai superior dispondo-se a occupar o Nano, e tendo já estabelecido, segundo consta, uma missão no Quanhama.

Na Africa central os missionarios evangelicos, e no valle do Zambeze as missões catholicas dos jesuitas continuam activamente a sua obra.

Se não nos adiantarmos, se não tratarmos de traçar

desde já o limite das nossas fronteiras pelo interior, e, á falta de missionarios, não occupar-mos os pontos que ahi nos convenha guardar, por meio de estações commerciaes e scientificas como faz a Sociedade Internacional Africana; se perdermos esta ultima occasião de assegurarmos os nossos interesses futuros; se não affirmarmos assim a nossa sollicitude e vigilancia pelos nossos interesses africanos, e a nossa vitalidade como nação colonial, seremos em breve desapossados dos melhores territorios que possuimos naquella parte do mundo, e redusidos á estreita facha do littoral, até que tambem esta nos seja de qualquer modo espoliada.

Neste campo, neste pensamento estamos e devemos estar todos de accordo, quaesquer que sejam as opiniões politicas que nos separem.

VII

Reformas politicas e administrativas para o ultramar

O adiantado deste trabalho não me permitte de dar um grande desenvolvimento aos assumptos do que ainda tenho de me occupar. Resumirei pois o que tenho a dizer em poucas palavras. [1]

É hoje uma opinião quasi geral entre os que se occupam de estudar a vida e as condições das nossas colonias, que as reformas para o ultramar deviam começar na metropole.

A creação de um ministerio especial das colonias seria, na opinião de alguns, a primeira reforma a fazer, e só assim as nossas colonias poderiam ser bem administradas. A simples reforma da repartição, no

[1] Acerca da organisação administrativa judicial e militar das nossas possessões pode consultar-se o excellente trabalho do sr. Lobo de Bulhões *Les colonies portugaises* Lisboa 1878.

ministerio da marinha, por onde corre o serviço colonial, alargando-se na medida conveniente, e dotando-se com os elementos necessarios para o seu melhor funccionamento seria, segundo outros, uma medida sufficiente. Ambas estas opiniões têem pros e contras, e a favor da primeira militam razões de economia, a que não é possivel deixar de attender nas circunstancias financeiras em que nos achamos. O modo de realizar qualquer dessas reformas depende de um estudo especial, e que sae fora do modesto plano da nossa obra.

Depois desta a primeira questão que se apresenta é a de saber qual convem mais, se conservar os governos geraes na forma e no numero que teem actualmente, se redusil-os ou augmental-os. Ainda aqui se dividem as opiniões; uns querem que todas as nossas colonias se dividam em dous governos: nm comprehendendo a India, Macau, Timor, e a Africa Oriental, e outro a Africa occidental (Angola e a Guiné), S. Thomé e Principe, e Cabo-Verde; e outros que todos ou quasi todos os governos subalternos passem á cathegoria de governos geraes. O meio termo será de certo o mais rasoavel. Nem todos os governos subalternos estão no caso de formar governos independentes mas outros ha que, no nosso entender, deviam ser elevados a essa cathegoria, e desse numero são os dous districtos de Benguella e Mossamedes, que deviam formar um só governo da cathegoria do de Cabo-Verde. A contiguidade destes dous districtos, a igualdade das suas zonas interiores, a identidade das suas necessidades, os meios geraes que ahi devem ser empregados para desenvolver o seu commercio, a sua industria, a sua agricultura, as difficuldades que ahi encontram os governadores em realisarem certas refor-

mas pela dependencia em que estão do governo central, [1] e difficuldade mesmo para este em superintender a uma administração tão vasta, em territorios tão separados, e com os escassos meios de acção de que dispõe, tudo indica que os dous districtos deviam formar uma provincia separada, dando-se ainda a circumstancia de terem ambos reunidos os recursos economicos necessarios para as suas despezas.

Com Moçambique alguma cousa havia a fazer no mesmo sentido.

Quanto á qualidade civil ou militar das authoridades a quem seja confiada a administração superior das nossas colonias, questão que tambem se agita, parece-me que tanto os individuos de uma classe como da outra podem prestar bons serviços, se houver o devido escrupulo na sua escolha.

Com relação á administração dos concelhos, devia ser confiada a individuos da classe civil, creando-se para sua habilitação o curso colonial proposto em 1878 pela Sociedade de Geographia de Lisboa e garantindo-se-lhes uma aposentação rasoavel. Parece á primeira vista que isto seria mais caro, mas não o era, porque assim se evitavam muitas desordens, guerras, e revoltas que agora resultam da má administração, prepotencias e vexames dos chefes militares, e que custam alem de muito sangue muito dinheiro.

A administração dos concelhos não pode, não deve continuar com a organisação actual.

Os chefes de concelho accumulam actualmente alem das funcções propriamente de administradores, as de regedores de parochia, de chefes de policia, de juizes

[1] V. *As Colonias Agricolas em Africa,* conferencia pelo Sr. F. Amaral, p. 26 e 27.

de paz, de juizes ordinarios, de agentes do ministerio publico, de commandantes da força, de medicos, de pharmaceuticos, e em alguns casos de presidentes do municipio, e de administradores das alfandegas! E não incluimos aqui as de *sobas*, que lhes são mais particularmente gratas, já por que os dispensam de consultar quaesquer codigos, já porque lhes são as mais proveitosas.

Esses funccionarios recebem apenas 10$000 réis de gratificação pelo exercicio desses cargos, alem do soldo das suas patentes, e é de de notar que fazem ás vezes altos empenhos para os obterem. O phenomeno explica-se pelas vantagens que auferem negociando, e fazendo da authoridade um meio de se enriquecerem.

Ha excepções, e muito honrosas, mas a regra é esta.

Não posso deixar de transcrever aqui as seguintes linhas do *Jornal de Loanda* de 24 de novembro de 1878, onde se encontram factos curiosos e se fazem considerações muito sensatas acerca da administração no interior daquella provincia.

«Nós já vimos diz o referido jornal, um processo volumoso por causa de um peixe que um particular comprára e o chefe queria para si. O resultado foi perder o particular os poucos haveres, e estar fora de sua casa por muito tempo, pronunciado, aguardando o julgamento que se fez esperar muito.

«Bem sabemos que os vencimentos de um chefe são ridiculos, e leva o governo a maior parte da culpa da pessima administração colonial; mas cumpre a authoridade superior ser circumspecta, e procurar para chefes aquelles que mais garantias offerecem de probidade e honradez.

«Porque ninguem imagina a que ponto chegam os

abusos da authoridade no interior. Os meios de que se serve um senhor chefe, para satisfazer caprichos, fazer vontades, excedem a nossa comprehensão. Este por uma leve infracção ou pelo acto que como tal consideram, leva duzentas varadas, aquelle que mora distante, porque não fez a vontade ao senhor chefe, é chamado inopinadamente, fóra de todas as leis e é vexado. A est'outro arma-se-lhe um processo e apparece quando menos cuida, debaixo de uma escolta, ás authoridades em Loanda.

...«Nos concelhos mais proximos não ha porque receiar, nos concelhos distantes porém, sem meios de pelas armas conservarmos o nosso prestigio, vemol-o ir e atraz delle as colonias que os estrangeiros nos admiram com olhos invejosos.

....

«O indigena é espancado na presença e com consentimento ou ordem das principaes authoridades, isto faz-nos muito mal. Nos limites dos nossos dominios tal facto é sufficiente para sacudirem a vassalagem. A rāzão é simples. Não podem considerar o mal que soffreram originado só pelo chefe, porque está presente o governador do districto e não obsta a elle.

«Não podem queixar-se á authoridade judicial, entidade que ainda tem uma aureola de respeito, porque o proprio juiz fecha os olhos ás injustiças.

«Nunca deve um juiz fazer a sua correição ao interior com a primeira authoridade do districto, ou da provincia. Esta quasi sempre militar leva as cousas por um caminho pouco legal acostumado aos rigores da sua classe. O juiz de duas uma; ou ha de obstar ao conflicto e collocar-se em antagonismo com o governador, ou ha de fechar os olhos e eis perdida a sua dignidade para com os naturaes.

«Podemos apresentar destes tristes exemplos.

«E os resultados são, roubos, extorsões e violencias, cujos processos se não levantam, ou se alguem os intenta é para logo desapparecerem.

«Queimar uma *cubata*, açoitar um preto livre, obrigal-o a trabalhar por uns quantos dias, são cousas triviaes na administração do interior.

«Quando se exproba este procedimento vem os argumentos de ordem publica e necessidade de manter o nosso prestigio.

«Triste prestigio este que só se mantem á custa de injustiças e iniquidades.

«Se o indigena se levanta cançado de soffrimento, gritam que é insubordinado, e que é ingrato, elle, que soffre, e soffre resignado, até não poder mais.»

Isto faz-se ainda em Angola, apesar e contra as leis!

Um dos mais distinctos governadores que tem estado a testa daquella provincia, o fallecido e bravo contra-almirante F. A. Gonçalves Cardoso, em pleno parlamento, declarou com a nobre e corajosa franqueza que o caracterisava que os desastres e as revoltas que se succediam em Angola eram devidos na maior parte á conducta criminosa e ignobil dos chefes.

E note-se que ha quem diga que nós precisamos de governar as nossas colonias com um certo despotismo; — que é preciso abandonar ali o *regimen da liberdade!*... Irrisão ou ignorancia?

As camaras municipaes precisavam tambem de ser profundamente modificadas. Actualmente algumas dessas corporações servem mais de encargo e vexame aos povos do que de verdadeira utilidade. Em muitos pontos bastava que as attribuições destas corporações fossem limitadas ao lançamento e applicação dos impos-

tos municipaes, ficando a cargo do Estado toda a parte executiva.

A organisação militar precisava de ser adequada aos respectivos serviços, e em conformidade com as circumstancias de cada colonia. Um soldado em Africa armado e equipado como na Europa é uma cousa verdadeiramente absurda. As forças militares agora dispersas pelos diversos pontos do interior deviam concentrar-se em um certo numero de pontos estrategicos, previa e devidamente estudados, e occuparem-se ahi exclusivamente de exercicios militares, e dos trabalhos de fortificação necessarios. Tanto aos officiaes como aos soldados devia ser prohibido sob penas severas o occuparem-se de commercio. O armamento dessas tropas devia ser igual ao melhor do exercito da metropole.

A força de primeira linha em cada colonia devia ser composta, de tropas indigenas occupando os pontos mais insalubres e fazendo todo o serviço ordinario, e de tropas destacadas do exercito da metropole tendo o seu quartel nos pontos mais saudaveis, e entrando em campanha só quando assim fosse absolutamente necessario.

Estas tropas deviam ser auxiliadas por outras de 2.ª linha, mas so em casos extraordinarios, e que se dividiriam em moveis, e sedentarios, dando-se-lhes uma organisação conveniente. O modo como está organisada esta milicia em Angola, e o serviço permanente que em alguns pontos do interior se lhe exige é um verdadeiro vexame e uma injustiça.

O regimento do ultramar organisado segundo a lei de 3 de fevereiro de 1876, e tendo o seu quartel em Lisboa não pode satisfazer ao fim para que foi creado, sobre tudo com relação a Africa. Como pode um des-

tacamento desse corpo prestar bons serviços no momento que alli chega sem estar acclimado? O sr. marquez de Sá da Bandeira era de opinião que «em Angola, na India e em Macau houvesse sempre tropa de linha destacada do exercito de Portugal.»

Eu bem sei que a creação daquelle corpo foi uma transigencia com o exercito, que se não presta de boa vontade a ir servir no ultramar, mas em honra do proprio exercito devemos acreditar que essa reluctancia não prevalecerá por muito tempo.

E a prova de que nos não enganamos está nas seguintes palavras de um dos mais distinctos officiaes desse mesmo exercito o sr. tenente coronel Agostinho Coelho.

«O exercito de Africa, diz o sr. Agostinho Coelho no n.º 20 da *Galeria Militar*, tal qual se acha organisado é de uma inutilidade manifesta, é d'uma immoralidade revoltante. Compõe-se de alguns soldados voluntarios doentes e exhaustos pelas febres indigenas, de negros cuja estupidez e falta de senso moral todos nós conhecemos, e de degradados![1]

«Impor como castigo n'Africa, honestidade e honra a quem no seu paiz deu garantias de ter sobre estas duas cousas idéas menos verdadeiras, é ridiculamente

[1] Eu devo aqui observar que o batalhão de Negros organisado em 1869 em Angola pelo Sr. A. Coelho, para ir servir em Moçambique era um modelo de disciplina, como o attestava toda a gente em Loanda, e por tanto ao menos com chefes como o Sr. A. Coelho é possivel fazer bons soldados daquelles individuos. A modestia do illustre militar não lhe permittiu dizer isto, mas não temos nós as mesmas razões para o occultar. A alguns distinctos officiaes do exercito d'Africa, temos nós ouvido dizer que em campanha mais se querem algumas vezes com soldados negros do que com soldados brancos.

absurdo. Comprehende-se bem, aliás, a boa vontade com que aquelles ex-cidadãos cumprem os seus deveres militares, e que resultado dê o amalgama de todos estes elementos, a que se dá o nome de exercito ultramarino.

«A officialidade composta, em parte de alguns nativos das colonias, e em parte de sargentos e officiaes do exercito do continente, de todas as classes de empregados do estado é sem duvida a mais desgraçada. Pessimamente paga n'um paiz extremamente caro, recebendo umas gratificações miseraveis quando são obrigados a destacar para o interior, não se lhes proporcionando nenhuma das commodidades indispensaveis naquelles climas, obrigados a permanecer longos annos n'Africa para poderem alcançar uma magra reforma, se a morte os não alcança a meio caminho, não espanta que apresentem o aspecto de desmoralisação physica e moral inevitavelmente fatal a quem é obrigado a viver nàquelles climas mortiferos, nas pessimas condições em que elles vivem.

...«A continuação do estado actual das nossas colonias, no momento em que quasi todas as nações da Europa começam a conhecer as riquezas a explorar no continente africano, tende infallivelmente a tornar-se fatal para nós n'uma epoca mais ou menos proxima. Entre as medidas cujo alcance nos parece ser de maior vantagem, a passagem alternada dos regimentos do exercito do continente pelas colonias d'Africa é uma das que ha muito se deveria ter effectuado.

«Conhecemos os grandes obstaculos que se opporiam á realisação desta idéa, e a repugnancia que ella encontraria em parte do exercito; mas digamol-o francamente n'um paiz que, como Portugal, tem a sua existencia tão intimamente ligada a existencia e de-

senvolvimento das colonias, só este facto poderá justificar a manutenção d'um exercito exclusivamente dedicado á policia do paiz, e sem proveito para uma parte integrante da nação.

«As vantagens que resultariam para o proprio exercito, para as colonias, e por tanto para o paiz são evidentes.»

Estas palavras do sr. A. Coelho, tão sensatas como patrioticas, devemol-as tomar como a expressao dos verdadeiros sentimentos do nosso exercito.

Por portaria do ministerio da marinha de 30 de setembro ultimo foi nomeada uma commissão para «organisar a força militar das provincias ultramarinas em harmonia com o desenvolvimento progressivo que vão manifestando, com as circumstancias pecuniarias de cada uma, com a sua situação geographica, e em relação ao destino especial das respectivas guarnições». Com relação ás tropas indigenas é pois de crer que fique este assumpto tratado e resolvido como convem a especialidade do seu serviço. Resta resolver quanto ás tropas que sejam enviadas da Europa.

VIII

Reformas para o ultramar. Continuação e conclusão

As Juntas Geraes de provincia como agora estão constituidas, são, como dizia um correspondente de Goa para o *Jornal do Commercio* em 9 de março do anno corrente, «uma completa inutilidade, e teem o grande defeito de sobrecarregar os primeiros funccionarios das localidades com um accrescimo de trabalho improficuo, e que vantagem alguma publica compensa.

«Acabar com ellas ou dar-lhes maiores attribuições, accrescentava o correspondente, parece-nos de palpavel necessidade.»

E estas são tambem as circumstancias que se fazem sentir em Angola. O alargamento das attribuições dessas corporações é pois, e na medida rasoavel, uma necessidade a que se deve attender de prompto. No projecto de lei de reorganisação administrativa das nossas provincias ultramarinas apresentado á approvação das cortes na ultima sessão legislativa encon-

tram-se algumas disposições a este respeito approveitaveis.

O systema eleitoral nas nossas colonias precisa tambem ser profundamente modificado.

A provincia de Angola elegia antes de 1869 dous deputados. Depois pelo decreto de 18 de março de 1869 passou a eleger um só. Os habitantes daquella provincia representaram em 1876 pedindo para eleger quatro deputados, um por Loanda com o Bengo, a barra do Dande, o Alto Dande, Calumbo e Ambriz, um pelo resto dos concelhos de leste, um por Benguella e outro por Mossamedes. Esta reclamação foi em parte attendida restabelecendo-se pela carta de lei de 8 de maio de 1878 a anterior divisão dos circulos, que com respeito a Angola era assim constituida: 1.º circulo: Loanda (freguezia da Sé), Barra do Bengo, Zenza do Golungo, Dembos, Golungo Alto, Casengo, Massangano, Calumbo. 2.º circulo: Loanda (freguezia da Conceição) Barra do Dande, Libongo, Ambriz, Encoge, Alto Dande, Pungo Andongo, Ambaca, Duque de Bragança, Mallange, Talla Mugongo, Cambambe, Villa do Dondo, Muxima, Novo Redondo, *Egito* (alias Mussito), Benguella, Catumbella, Dombe Grande, Caconda, Mossamedes, (Decreto de 21 de dezembro de 1859, Carta de lei de 26 de novembro do mesmo anno). Escusado será dizer que os dous destrictos de Benguella e Mossamedes, não teem verdadeira representação, sendo os seus votos completamente supplantados pelos dos *eleitores* de Ambaca.

Para que as eleições de deputados fossem naquella colonia uma realidade era preciso que fossem feitas pelo systema indirecto, mantendo-se o systema directo só para as eleições municipaes, parochiaes e das Juntas Geraes. A cargo destas Juntas podia ficar a eleição

dos deputados, dando-se-lhes para isso o competente mandato.

A continuar o systema actual, e a não se attender á representação a que nos referimos com relação a Benguella e Mossamedes, deviam estes dous districtos formar um só circulo, e eleger o seu deputado. O direito eleitoral só devia ser concedido a quem soubesse ler e escrever, ou pagasse uma verba mais elevada do que a actual de contribuições para o Estado.

No projecto de reorganisação administrativa a que ha pouco nos referimos propunham-se algumas medidas de que não podemos deixar de fazer aqui menção, e taes são: a creação de colonias agricolas, a de juntas protectoras da emigração, os depositos de degradados, e as missões civis.

O estabelecimento de colonias agricolas e do ensino pratico da agricultura é uma das primeiras necessidades das nossas colonias de Africa, e a que tem sido até hoje menos attendida! Creou-se um serviço de agronomia (Carta de Lei de 7 de abril de 1876 e regulamento de 27 de dezembro de 1877) em cada uma das nossas provincias ultramarinas com um posto experimental de agricultura accessivel ao publico, e onde se deviam effectuar «diversos ensaios tendentes a demonstrar as vantagens dos systemas culturaes aperfeiçoados, de praticas agricolas racionaes e economicas, e do emprego de materias fertilisantes», e um curso elementar de agricultura e zootechnica, exceptuando nesta parte o Estado da India, mas esta medida, revelando um esforço louvavel da parte do illustre ministro a quem é devida, permanece sem effeito, na sua parte util.

E todavia a agricultura é tudo em Africa; é por ella que nós podemos levantar as possessões que ali temos do vergonhoso abatimento em que se acham.

Em certos pontos do interior onde existissem authoridades nossas conviria crear pequenas colonias agricolas, como escolas praticas para o gentio, e que poderiam ser formadas pelos serviçaes condemnados como vadios, e por alguns degradados, nas bases applicaveis do que se acha disposto no decreto de 9 de dezembro de 1869 para o cumprimento da pena de degredo. A authoridade, ou o encarregado da pequena colonia, estaria munido de sementes, e até de utensilios e instrumentos agrarios, para fornecer aos gentios — aquellas gratuitamente, e estes pelo preço do seu custo e despezas até ali.

Á medida que a instrucção primaria fosse sendo diffundida entre os povos onde se estabelecessem essas colonias, o governo devia fazer imprimir e destribuir profusamente pequenos compendios de agricultura adequados ás condições da localidade.

O ensino da agricultura e a educação intellectual e moral do Negro, não me cançarei de o repetir são os dous meios seguros e infalliveis de regenerarmos as nossas colonias de Africa. É preciso que os pratiquemos, com tenacidade, com fé, com ardor, e os mais satisfatorios resultados coroarão os nossos esforços.[1]

As juntas protectoras da emigração podiam prestar um bom serviço, dando-se-lhes os meios e as faculdades para poderem prestar aos emigrantes os auxilios

[1] A portaria do ministerio da marinha e ultramar de 4 de dezembro do anno corrente de 1880, a qual muito estimamos de poder ainda citar, observando quanto convém «preparar o indigena para a civilisação, pela religião, pela escola e pela officina», e ordenando ao governador geral da provincia de Angola para que ouvindo o curador geral dos serviçaes e colonos «procure chegar a algum accordo com as camaras municipaes, e especialmente com a de Mossamedes, ácerca da fundação de estabelecimentos da indi-

e os soccorros de que estes carecessem, como se faz nos Estados-Unidos.

O nobre e actual ministro da marinha, acaba de tomar algumas providencias que indicam o firme proposito de resolver o problema da emigração para as nossas provincias africanas, já prevenindo o governador civil de Ponta Delgada para esclarecer os emigrantes que queiram ir para Angola, para que o não façam sem o governo ter adoptado as medidas necessarias para que elles encontrem «os meios de abrigo, accommodação hygienica e alimentação necessaria até entrarem na posse dos terrenos que, de accordo com a legislação, lhes sejam destinados», e o que espera ter preparado no decurso do proximo futuro anno, (officio de 3 de novembro de 1880), já ordenando que se dê execução na provincia de Angola ao decreto de 30 de dezembro de 1852 que creou nas provincias ultramarinas um *fundo especial de colonisação* com o producto dos direitos aduaneiros cobraveis sobre a importação do vinho e da aguardente de Portugal, e observando que «na dita provincia os mencionados direitos representam verba annual sufficiente para a garantia de juro e amortisação de uma operação de credito não inferior a 200:000$000 réis, que permittirá solver os gastos da installação de uma colonia de algumas dezenas de familias açorianas ou de qualquer outra proveniencia, e

cada triplice educação dos serviçaes, devendo tal serviço ficar a cargo dos corpos municipaes, embora com subsidios que lhes conceda o governo central, a par de auctorisações que se tornem precisas», é uma medida que manifesta as boas intenções do digno ministro,—assim as camaras municipaes para quem se appella sejam tão sollicitas no desempenho do serviço que se lhes commette como se espera, e se não descure da instrucção dos Negros gentios livres tanto ou mais necessaria do que aquella.

custear-lhe as despezas em quanto ella não cria rendimentos em seus proprios recursos». (Portaria de 23 de novembro de 1880).

Estas ideas do illustre ministro, e ainda a intenção que se lhe attribue de levantar um grande emprestimo para continuar a obra do seu antecessor o sr. A. Corvo, com relação ás obras publicas em Angola e outras colonias, estão perfeitamente de accordo com as nossas, e só fazemos votos para que se realisem. Será um padrão de gloria para S. Ex.ª, que já tantas provas tem dado da sua illustração e patriotismo, e um serviço importantissimo para as colonias e para o paiz.

Os depositos de degradados viriam satisfazer a outra necessidade urgente e impreterivel. O decreto de 9 de dezembro de 1869, a que ha pouco nos referimos, devido a um ministro que assignalou a sua gerencia na pasta da marinha e ultramar por actos da mais corajosa e intelligente iniciativa, Luiz Augusto Rebello da Silva, e o qual estabelecendo as colonias penitenciarias, tinha por fim «realisar conjunctamente com a expiação dos delictos, a regeneração moral dos condemnados», tomando por meios «o trabalho a instrucção e a educação moral e religiosa», ficou completamente lettra morta. Não se executou não sabemos porque, e os degradados continuaram a levar nas nossas colonias uma vida que longe de os regenerar, se converte em galardão e premio para alguns, e é um verdadeiro incitamente ao crime. Dizia um correspondente de Loanda no *Jornal do Commercio* de 17 de abril ultimo, depois de se ter referido aos degradados que são condemnados a trabalhos publicos: «O degradado porem que não tem a pena de trabalhos tem logo, quando desembarca, quem o affiance e lhe estabeleça uma taverna, onde pratica grande numero de extorsões, de que geralmente a vi-

clima é o Negro, que não sabe comprehender a sua superioridade para com um criminoso, e que, pelo contrario, sujeita-se aos roubos e violencias que com elle praticam, porque o indigena não julga que o Branco possa ser-lhe inferior. — Assim o reprobo vive regaladamente e o unico castigo que soffreu foi a mudança de clima. — Esta porem soffrem-n'a muitos com um passado honroso e sem auferir as vantagens do criminoso. Ha pouco tempo retiraram para o reino dous degradados por toda a vida, pelo crime de homicidio e cujas penas tinham sido commutadas. Qualquer delles não levava fortuna inferior a 40 contos, e um ja aqui voltou. Agora vai outro nas mesmas condições. Desde que aqui chegaram estabeleceram se com tavernas e assim fizeram fortuna.»

Nós em um artigo que publicamos no *Jornal do Commercio* de 22 de novembro de 1873 mostrámos a inconveniencia, a injustiça e a immoralidade de um tal estado de cousas.

Está nomeada uma commissão para propor as providencias a tomar sobre este assumpto; oxalá que breve se resolva a este respeito, pondo-se cobro a um estado de cousas que a moral condemna, que é uma affronta ao espirito da lei, e que tão perniciosa influencia está tendo nos costumes.

As missões civis seriam utilissimas se para ellas encontrassemos individuos nas condições, sobre tudo moraes, de bem as desempenharem, o que eu não julgo impossivel, havendo o necessario escrupulo na sua escolha. Ellas eram evidentemente destinadas a supprir a falta das missões religiosas, com quanto no referido projecto se diga que umas e outras deviam existir conjunctamente. O seu objectivo seria «a civilisação dos indigenas das terras avassalladas, e das que, pertencendo

á coroa, não estão entretanto definitivamente occupadas». Seriam exercitadas por individuos habeis, que fossem residir entre os ditos indigenas para os educarem praticamente com o exemplo da vida civilisada nos trabalhos agricolas e nos officios mechanicos. «Estes individuos exercerão tambem entre os indigenas as funcções de delegados da authoridade portugueza, para os conciliar em pleitos a que não chegue a acção dos tribunaes, e para promover tudo quanto possa chamar os mesmos indigenas á civilisação.» O pensamento parece-nos excellente, somente o quereriamos mais completo, e mais pratico. As estações hospitalares e scientificas que a Associação Internacional Africana está fundando no interior d'Africa teem esse caracter. Diz M. Wauters, secretario da Sociedade Belga de Geographia, no relatorio de dezembro de 1879, sobre o modo de se formar umas dessas estações: «O primeiro cuidado do chefe da estação é de edificar uma casa para habitação, de a munir de provisões, de mercadorias, de medicamentos, d'armas e de instrumentos necessarios aos viajantes que possam ir pedir repouso, cuidados, ou auxilio: é o lado hospitaleiro da estação. O colono — porque é ainda um dos titulos do viajante,— procura depois tirar partido dos recursos do paiz estabelecendo ahi uma exploração agricola a fim de que a estação possa ao fim de um certo tempo abastecer-se a si mesma..». Resta ainda o lado scientifico. «O chefe tem por missão levantar uma carta do paiz circumvisinho, formar collecções geologicas, botanicas e zoologicas; redigir o vocabulario do paiz; emfim criar um diario relatando todos os acontecimentos e todas as observações dignas de serem mencionadas.»

São estas, ao que diz M. Wauters, as instrucções da Associação Internacional, e ainda que naturalmente, não

estejam ahi expressas todas as suas vistas e meios de acção, o plano é comtudo concebido com notavel bom senso e acerto.

Aqui estão algumas indicações que poderão servir, senão para as nossas missões civis, para as estações como as da Sociedade Internacional, que nos convem estabelecer em varios pontos dos nossos dominios de Africa.

Muito mais haveria a fazer. Por varias vezes tenho eu indicado algumas medidas, especialmente com relação ao districto de Mossamedes.

Em 1861 achando-me em Gambue dirigi ao governador que então era da provincia, o sr. conselheiro Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes um memorial em que lhe expunha algumas condições do interior do districto, e a necessidade de se occuparem os territorios entre os rios Cunene e Cubango, podendo ahi criar-se um novo districto com a séde no Quanhama. Aquelle memorial não chegou a ser entregue, por descuido da pessoa a quem encarreguei de o apresentar; mas em 1872, em um artigo que publiquei no *Jornal do Commercio*, referi-me áquella occupação, e depois, em 1876, em outro artigo que publiquei no n.° 6869 do mesmo jornal, inseri a parte principal da alludida memoria. Trabalho inutil. Ninguem me ouviu: só agora depois de vermos cubiçadas aquellas terras, e occupado o Quanhama por alguns missionarios estrangeiros, segundo se diz, é que reconhecemos a sua importancia.

Com aquella occupação nós abriamos ao nosso commercio os ricos e vastissimos sertões d'aquem e d'alem do Cubango,—Bacusso, Genge etc: e se, assegurando o nosso dominio nos pontos occupados, e evitadas as guerras do Nano pelos meios que eu tambem pro-

punha, conseguissemos garantir sufficientemente a propriedade e a vida, a criação dos gados, a que então se poderiam dedicar os Brancos, viria constituir mais um dos elementos que com a benignidade do clima tornariam aquelle districto o mais florescente e rico da nossa provincia de Angola. Não quizeram isto, e o districto de Mossamedes ahi vai arrastando uma existencia precaria, vivendo á custa do de Benguella, e sem esperança de melhor futuro.

Como meio de darmos á agricultura naquelle districto, e em geral em Angola, o impulso de que ella necessita, e para que os resultados que se obtivessem podessem servir de estimulo a novos e successivos emprehendimentos, lembrei eu ha muito a conveniencia de se mandarem a alguns paizes da America, especialmente aos Estados-Unidos e a ilha de Cuba, individuos encarregados de estudar alli os processos mais aperfeiçoados das culturas similares. O governo inglez adoptou ha pouco tempo uma medida semelhante, mandando dous distinctos agronomos, M. M. Read, e Pell, ao Canadá e aos Estados-Unidos estudar as condições da producção agricola, especialmente do trigo, e a criação de gado para alimentação. Aquelles cavalheiros, segundo noticiava o *Jornal do Commercio* de 19 de fevereiro ultimo percorreram cerca de 17:000 milhas ou 23:353 kilometros, e por aqui se pode calcular a somma e variedade de informações que devem ter trazido ao seu governo. «Na maior parte do terreno percorrido, diz o referido jornal, acharam sob o ponto de vistà da occupação e cultivo do solo, condições muito differentes das da sua patria, mas na California, Minesota e Dakotach, assim como nas margens do rio Colorado, viram o systema inglez de grandes proprietarios e grandes colonos, alguns dos quaes possuem condados in-

teiros, cujos limites comprehendem milhares de hectares, e cujos productos se calculam em centenas de milhares de francos.

«Os proprietarios destas explorações immensas são mais que agricultores, capitalistas, que applicam ao cultivo do solo os processos da grande industria. São banqueiros e negociantes de Nova York que consideram a agricultura como uma especulação lucrativa e que, graças aos baixos preços dos jornaes e ao emprego em grande escala da mechanica agricola, obteem dos seus capitaes lucros annuaes de 30 e 40 por 100. Estes capitalistas não residem no paiz nem a elle os une laço algum, porque exploram o negocio por meio de intendentes assalariados.

Quando veremos nós os nossos capitalistas imitarem estes exemplos, dedicando á exploração agricola das nossas colonias o capital que agora, ás vezes, quasi malbaratam de outro modo?

Dando noticia no *Jornal do Commercio* n.º 6:035 de 12 de dezembro de 1873 da exploração feita á foz do rio Cunene em novembro de 1854 pelo governador de Mossamedes F. da Costa Leal, mostrava eu a necessidade de se effectuar a exploração daquelle rio em todo o seu curso inferior desde a foz até o Kumbi. O sr. F. A. Pinheiro Bayão em uma das primeiras sessões da Sociedade de Geographia, em 1876 propoz que a Sociedade promovesse a exploração das regiões do rio Cunene e Cubango, com «o fim de ligar por meio de postos intermedios de occupação as duas costas africanas de Angola e Moçambique», e o sr. Luciano Cordeiro em sessão de 30 de julho de 1877 renovou aquella proposta mostrando em uma interessante memoria a necessidade e a urgencia daquella exploração. Em 1876 e em 1877 em dous artigos que publiquei no *Jornal do*

Commercio tinha eu insistido tambem na mesma necessidade. A nada porem se attendeu. So em dezembro de 1878, sendo governador de Mossamedes o sr. F. Amaral, e por sua iniciativa, se fez segunda exploração á foz daquelle rio, sendo essa missão incumbida aos dignos commandante e officiaes da canhoneira *Tamega* os srs., segundos tenentes Almeida Lima, commandante, e A. Gonçalves Pinto immediato, guardas marinhas N. de F. Queriol, e J. A. Nunes da Silva, e facultativo J. S. Rollão Pinto. Acompanhou tambem a expedição o negociante José Guerreiro Nuno, e prestou-lhe um valioso concurso o agricultor Joaquim de Paiva Ferreira. Foi levantada uma planta da barra corrigindo-se os erros da anteriormente feita por occasião da primeira exploração, e seguiu-se o rio até umas sete milhas para o interior, verificando-se que até ali, e naquella occasião, não era navegavel. São dignos dos maiores elogios todos os que directa ou indirectamente cooperaram para aquella expedição. É preciso porem que se não abandone a idéa da exploração do Cunene, porque se este rio não é accessivel em todo o tempo na barra, nem navegavel em todo o seu curso, deve-o ser em parte, e é essa uma vantagem ainda assim consideravel. Alem disso é preciso conhecer a natureza dos terrenos que lhe formam as margens, e que ao menos na região correspondente a Capamgombe devem ser muito ferteis, reunindo a circumstancia de ser ahi o clima muito saudavel. Não é só uma necessidade, chega a ser uma vergonha que isto esteja ainda por conhecer.

Em um artigo que publiquei no *Jornal do Commercio* de 2 a 8 de março de 1878, indicando varias medidas a adoptar para as nossas possessões d'Africa, e especialmente para Angola, mostrava as vantagens que se tem tirado em algumas colonias inglezas da cultura

da chinchona, e insistia na utilidade da plantação dos eucalyptos globulos, á cerca da qual tinha publicado em 1875 no *Cruseiro do Sul* de Loanda uma noticia extrahida da *Revue Des Deux Mondes*, de 1 de janeiro do mesmo anno. Esta preciosa arvore encontra-se já abundantemente em Mossamedes, graças ao distincto e honrado capitão tenente da armada o sr. Lucio A. Pereira Crespo, que sendo governador daquella colonia, foi quem alli introduziu a primeira semente, e aos esforços do digno facultativo J. C. P. Lapa e Faro em a propagar. Para que porem os effeitos desta arvore sejam mais salutares, sob o ponto de vista hygienico, é preciso plantal-a em grandes massiços, o que supponho que ainda se não tem feito.

Referir-me-hei agora a representação que a nossa Sociedade de Geographia de Lisboa acaba de dirigir ao governo, expondo-lhe varias necessidades, e pedindo-lhe a adopção de um certo numero de medidas que lhe pareceram mais urgentes para promover os progressos materiaes e moraes das nossas colonias. Esse trabalho devido á penna do illustre escriptor e primeiro secretario geral da sociedade, o sr. Luciano Cordeiro, é um estudo substancioso e profundo, digno de ser meditado por todos quanto se interessam pelas nossas cousas d'Africa [1]. O resumo em que se condensam as indicações que a Sociedade de Geographia faz ao governo é o seguinte:

[1] O sr. Luciano Cordeiro está publicando neste momento no *Diario de Noticias* desta cidade um estudo interessantissimo ácerca das nossas *Questões Ultramarinas*; é mais um documento da sua elevada intelligencia, e do zelo e interesse que dedica aos nossos assumptos coloniaes. Em muitos pontos estamos perfeitamente de accordo com o illustre escriptor e nosso amigo.

«Que se continue a exploração geographica dos territorios africano-portuguezes e circumvisinhos, organisando expedições que investiguem e estudem a geographia physica, zoologica, botanica, geologica, ethnographica, linguistica e commercial desses territorios.

«Que se promova o estabelecimento de estações portuguezas de exploração e de protecção interessando ao desenvolvimento do commercio, da agricultura, e em geral do trabalho culto os potentados e povos indigenas.

«As primeiras destas explorações deverão ser estabelecidas nos seguintes pontos: *Africa occidental:* Cabinda, Noki (Zaire), Congo (S. Salvador), Cassange, Bie, Quangari, Quanhama, Humbe, Gambos. *Africa oriental:* Cabo Delgado (Bahia de Tungue), Nyassa, (Cabo Mac-Lear), Sofalla, Zumbo, Manica, Dist. de Lourenço Marques (rio Inhampura), Idem (Lodidi, paiz do Mussuate).

«Que se promovam as missões portuguezas em Africa como as adoptam as nações que possuem colonias, e que se reforme o Seminario do Bom Jardim, tornando-o apto para a formação de bons missionarios africanos, os quaes deverão receber uma sufficiente instrucção de sciencias naturaes, noções de sciencias medicas, de agricultura, e de varios officios, bem como das linguas africanas.

«Que se procure sanear os pontos onde temos começada e onde convier começar a colonisação, promovendo-se a dessecação dos pantanos».

«Que se organise o curso de estudos coloniaes que foi em 1878 proposto pela Sociedade, especialmente destinado a preparar o funccionalismo ultramarino.» etc.

«Que se promova o melhoramento das communicações e o alargamento e segurança das relações para o

interior, creando as referidas estações de protecção e facilitando o transporte de productos.» Lembra a este respeito a domesticação dos elephantes, e o estabelecimento do caminho de ferro de Ambaca.

«Que se trate de melhorar o estado dos portos das nossas costas africanas em harmonia com as exigencias da navegação e as seguranças e facilidades do commercio», etc.

Este resumo, que nós ainda abreviâmos para não darmos a este capitulo uma extensão demasiada mostra a importancia dos assumptos de que se occupou a Sociedade de Geographia, e a sua louvavel attenção pelos nossos interesses coloniaes.

Somos chegados ao fim do nosso trabalho, e vamos concluir.

São riquissimos os elementos de prosperidade que se encontram nas nossas colonias, tudo está em os sabermos aproveitar.

Os nossos meios não podem ser os que empregam outras nações. Nós não temos população para colonisar nem exercito para conquistar; e mesmo quando podessemos dispor destes meios, e tivessemos ainda muito dinheiro para despender, e coragem ou iniciativa para o gastar, o que não podiamos era substituir o Negro na maior parte das nossas possessões d'Africa por individuos da raça branca. Todos os nossos esforços devem tender pois para o civilisar, para o auxiliar na sua evolução,—não por meios violentos, não maltratando-o, não exigindo-lhe mais do que elle por emquanto pode fazer, que isso seria o mesmo que destruil-o, e é o que temos feito até agora, com a mais ignorante imprevidencia, e a mais revoltante injustiça,—mas pelo estudo e pela pratica de todos os meios, sensatos, justos, adequados, que nos possam levar a um semelhante resultado.

A escola é a nossa grande alavanca nesse sentido. Onde o mal são trevas o remedio naturalmente indicado é a luz. É preciso que vejamos que comprehendamos bem isto. É preciso que todos os nossos esforços convirjam para este fim. Governo da metropole, authoridades coloniaes desde o chefe do concelho até o governador geral devem convencer-se desta suprema necessidade; devem trabalhar para este fim ao mesmo tempo patriotico, civilisador e humanitario.

«Nos concelhos, disse eu n'um artigo a que já me referi, os chefes tornando-se verdadeiras authoridades de paz, executores fieis da lei, e protectores do direito de todos, pódem, tornando-se sympathicos aos povos, exercer nelles uma influencia salutar, trazendo-os á pratica e cumprimento de deveres que até alli lhes pareciam difficeis de cumprir. O trabalho logo que livre e pacificamente exercido, sem entraves, nem violencias, e dando um resultado remunerador, trará com o bem estar adquirido, o estimulo para esforços maiores, e o habitante indigena desse concelho pensará em ser rico, em adquirir maiores commodidades, em rivalisar com o Branco. É esse o nosso interesse, porque com a riqueza desses individuos se creará a riqueza publica em que nós somos igualmente interessados.»

Um dos mais distinctos membros do congresso internacional anthropologico que este anno se reuniu em Lisboa, M. Henri Martin, manifestando em uma carta dirigida ao *Siecle* as suas impressões ácerca do nosso paiz, e notando que a nossa vida publica carecia por assim dizer de intensidade, accrescentou: «mas de-se a este povo, por meio de uma educação nacional, um impulso para um alvo que a sua imaginação e a sua razão abranjam, proporcionem-lhe um mobil de actividade, e é de crer que despertará; esse mobil podem

indicar-lho nas suas colonias d'Africa.» É um estrangeiro que assim falla, que assim vê, n'um relance, onde está a nossa regeneração politica e economica.

Hoje felizmente todos assim pensam e sentem entre nós. Quando o sr. visconde de S. Januario na sessão da camara dos dignos pares de 25 de maio ultimo dizia: «Tanto mais pequeno é o territorio de um Estado, maior importancia deve obter das suas colonias como supplemento á exiguidade do seu territorio», manifestava um sentimento e uma aspiração nacional.

E quando ainda accrescentava: «Os embaraços provenientes de uma legislação centralisadora cançam e esmorecem os governadores; em quanto que as faculdades concedidas á sua auctoridade e á dos corpos locaes despertam e estimulam a sua iniciativa, pondo assim em movimento os recursos e a vitalidade daquelles governos», formulava um programma de administração colonial, que a necessidade, e a razão impoem,—que hão-de seguir todos os ministros que se succederem na gerencia dos negocios da marinha e ultramar, e que S. Ex.ª decerto, pela sua parte, e como os seus actos nos promettem, ha de brilhantemente realisar.

Quiz lançar alguma luz sobre a nossa questão colonial, não sei se o consegui; o meu fim ao menos foi esse conduzindo o leitor perante os factos e a realidade.

FIM

APPENDICE

As origens da civilisação por Sir John Lubbock, e «os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi no interior de Mossamedes», artigo publicado no «Jornal do Commercio», de Lisboa, n.os 7:114 a 7:120, de 28 de julho a 4 de agosto de 1877. (Revisto)

I

Não temos a pretensão de apresentar aqui um trabalho critico, litterario ou scientifico a altura do assumpto a que dedicamos estas linhas.

Tendo-nos referido no artigo que ultimamente publicamos neste jornal *Povos primitivos e povos civilisados* ao importante livro de Sir John Lubbock *As origens da civilisação*, e tendo ainda alguma cousa a dizer ácerca dos povos de que então nos occupamos, é nossa intenção, presentemente, dar daquelle livro ás pessoas que o não conheçam uma idea geral, ainda que imperfeita, e ir-mos dizendo dos povos a que nos referimos o que se nos for offerecendo e tiver relação com os assumptos de que formos tratando.

O livro de Sir John Lubbock não carece dos nossos encomios. Fructo de 10 annos de um estudo conscencioso e profundo, resume e synthetisa tudo o que até aqui de mais importante se tem escripto acerca dos

costumes e do caracter dos povos selvagens, e chega a conclusões do mais alto valor para os interesses e o destino da humanidade.

Analysando e descrevendo os costumes de todos os povos selvagens actuaes em todas as partes do mundo, sir Lubbock faz-nos assistir ao desenvolvimento da nossa propria historia, em épocas cujas trevas nos não foi possivel penetrar, e pelos progressos feitos até hoje, faz-nos antever os que o futuro nos prepara.

Os agouros dos Cassandras dos nossos dias recebem assim o mais formal desmentido, e o homem cobra animo para affrontar as difficuldades do presente, por isso mesmo que melhor conhece o seu passado.

Esse passado ja não é uma ficção. O homem tem emfim a consciencia do que é, do que vale; sente-se mais responsavel, mas por isso mesmo mais nobre; a humildade da sua origem, em vez de o abater levanta-o. Perde em orgulho o que ganha em dignidade.

Sem renunciar á esperança do ceo, elle sabe que tem na terra uma missão a cumprir. Se alguns tibios procuram detel-o, elle arrasta-os comsigo. A historia e a sciencia ensinam-lhe que tudo em torno delle se desenvolve, se aperfeiçoa. O nosso mundo moral, como o nosso mundo physico, obedecem ainda ao movimento progressivo que lhes imprimiu o Creador. Quando uma civilisação succumbe, outra logo lhe succede, e a humanidade caminha sempre para um destino mais nobre e mais feliz.

O homem tende irresistivelmente a aperfeiçoar-se, como tudo o que o cerca, a tornar-se melhor, a conceber cada vez noções mais perfeitas da moral e da justiça, a alcançar, emfim, um grao de felicidade maior, que é todo o problema da civilisação, e que é uma necessidade da sua existencia.

«O problema da civilisação, diz sir Lubbock em alguma parte do seu livro, consiste em saber como podemos gozar da plenitude das nossas faculdades e da belleza do mundo em que habitamos.»

Esse problema resolve-se pelos nossos progressos no bem, pela cultura da nossa intelligencia, pela melhor applicação das nossas faculdades. Foi por esse meio que chegamos ao estado em que nos achamos hoje, é por elle que havemos de chegar a um estado muito mais perfeito para o qual caminhamos.

Vamos pois dar desse livro notavel uma idea aos nossos leitores, mas antes temos que nos deter por alguns momentos, para darmos dos povos a quem teremos de nos referir alguns esclarecimentos indispensaveis.

II

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi occupam a região que se estende desde o alto da Xella, a E. e a uns 100 kilometros do littoral de Mossamedes, até o rio Cunene, e desde os 15° até os 17° de latitude austral, confinando pelo N. com os povos do sertão do Nano, pelo O. com os Ba-Cubale, pelo S. com os Ba-Ximba, ou Ba-Simba (conforme os dialectos) e por E. com os Bana-Cutuba e os Ba-Nhemba d'alem do Cunene.

Os Ba-Nhaneca dividem-se em sete povos distinctos: os Ban-Gambue, os Ba-Xipungo, os Ba-Lupollo, os Ban-Jau, e os Ban-Pata, estes independentes, e os Ba-Habe, e os Ba-Xihita tributarios do primeiro; e os Ban-Kumbi em cinco: os Ban-Kumbi propriamente ditos, os Ba-Kamba, os Ba-Mullondo, os Ba-Handa, e os Ban-Dipá-Xinbungo.

Antigamente o Lupollo, o Jau, e a On-Pata formavam um só estado com o nome de Muilta, nome que

collectivamente ainda se dá áquelles povos, e que nós damos ao Lupollo por ser alli que residiam os antigos regulos do Muilla, de quem os actuaes do Lupollo são os descendentes.

A população de todos estes estados comprehendendo as duas raças andará por 140:000 a 150:000 habitantes; os mais povoados são os dous primeiros, Gambue e Kumbi.

Tanto os Ba-Nhaneca como os Ban-Kumbi teem a tradicção de terem para alli ido do norte, do lado do Nano, paiz d'onde parece que foram expulsos pelos Bin-Bundo.

A paginas 486 da 1.ª serie dos Annaes e Boletins do Conselho Ultramarino, de fevereiro de 1854 a dezembro de 1858, parte não official, em uma memoria da Camara Municipal de Mossamedes com data de 31 de dezembro de 1856, diz-se a respeito da origem dos Ba-Muilla, que os conquistadores deste paiz se fundiram com a raça Ba-Ximba que ahi habitava, formando a raça actual. Se isto é exacto com relação aos Ba-Muilla deve-o ser tambem com relação ao resto dos Ba-Nhaneca e mesmo dos Ban-Kumbi, mas a fusão com os Ba-Ximba não seria tão completa como se suppõe, encontrando-se hoje estes em grande numero no paiz que é banhado pelo rio Cunene no seu curso inferior, e para onde decerto se retiraram.

A O. dos Ba-Nhaneca estabeleceram-se mais tarde os Ba-Cubale, que emigraram do paiz do Dombe, no sertão de Benguella, e dos quaes dous grupos foram occupar as margens das torrentes Béro e *Gira-ulo* (abreviatura de *Gira iá húlo* «cabou-se o caminho»), ao norte e a pouca distancia da bahia de Mossamedes.

A lingua de todos estes povos é o *on-bundo*, ou *lunbundo*, grupo numeroso, representado em differentes

dialectos, ou idiomas particulares. A maneira de designar cada um desses dialectos é antepor ao nome de cada terra, ou raça a que se quer alludir, o prefixo *lu* ou *xi*, mais propriamente o primeiro, e que variam para *lun* e *xin* conforme a eufonia, exemplo: *lu-nhaneca, lun-gâmbue, lun-kumbi, lu-kâmba, lu-ximba, lu-cubale* ou *xi-cobale*, etc.

Cannecatim (Fr. Bernardo Maria de) no seu *Diccionario da lingua bunda* explica assim a origem do nome d'esta lingua.

«Parece que a lingua Bunda nasceu em Cassange, ou nas terras do Ginga, e que depois de ter crescido em proporcionada longitude, e latitude nos referidos lugares, e nos dos Libolos, Giacas ou Giagas se viesse depois estendendo pelos districtos que hoje chamam de Ambaca, Gollungo, Icolo e Bengo, e chegasse em fim a Loanda, correndo o longo terreno, que principia ao sul do rio Luffuni, e acaba ao sul do rio Quanza, etc.

«A vista do que a lingua Bunda occupa nas praias do mar, uma pequena extensão de quarenta a cincoenta leguas, que representa como um caminho, que ella tem da sua casa até ás margens do mar, nas quaes porisso é de presumir, que ella não nascera, mas que alli viera a ter assento com os povos victoriosos que a fallavam: sendo destas mesmas victorias que provavelmente teria a sua origem o chamarem-se estes povos de Angola *Abundos*, e o Reino *Abonde* ou antes mais propriamente *Bónde*, ou *Nbónde*, e a lingua destes povos Bunda, por ser fallada por estes povos Abundos. Pois estas palavras de *Bundo* e *Abundo* tanto na lingua do Congo, como na de Angola, não significam outra couza mais que *Batedor*, e *Batedores*, isto é Vencedor, e Vencedores; donde allusivamente podemos dizer, que estes Povos se chamam *Abundos*, a sua lin-

guagem *Bunda*, o reino *Bonde*. Com tudo o nome proprio do reino é *Dongo* como diremos mais abaixo.

«Ao contrario os habitantes do Congo, que se julga serem os povos batidos ou vencidos continuaram a chamarem-se com o mesmo nome de Mucha-Congo e Acha-Congo isto é, conguez e conguezes, que vale o mesmo na lingua do Congo que *Regulador*, e *Reguladores*. Porem os Abundos as ditas palavras trocaram-lhes o significado, e no sentido destes querem dizer *Devedor*, e *Devedores*; e estas palavras *Ngana Muchino ria Congo*, que no sentido dos Conguezes significam o *Senhor Rei da Regra*, no sentido dos Abundos exprimem: *o Senhor Rei da Divida ou o Senhor Rei Devedor*. D'aqui se deve inferir, que os adjectivos *Bóndo Bónda*, *e Bónde* são apropriados aos Angolenses, ao seu Reino, á sua lingua, com allusão as victorias, que estes povos antigamente alcançariam. Porem o nome proprio do Reino de Angola é *Dongo*, que foi um termo bem adequado, em rasão da sua figura desproporcionadamente comprida. Por quanto na lingua Bunda esta palavra, *Dongo*, nada mais significa do que uma casta de embarcação a que chamam *canóa*, que é toda construida de um só pau; quando esta é pequena dão-lhe o nome de *Longo;* e quando grande, *Dongo;* porem por maior grandeza, e largura, que tenha a canoa chamada *Dongo*, sempre é uma embarcação desproporcionada, que ao mais tem sete palmos de largo, e de comprido oitenta, e noventa: e sendo mui semelhante á figura do reino de Angola, lhe deram os antigos o nome *Dóngo*, que parece bem apropriado.

«Mas reconquistada uma porção deste Reino por um Sova Vassalo do Rei do Congo, chamado Angola, a erigio em Reino, dando-lhe o seu nome de Angola (ou seja

Dongo-Angola) que ficou conservando até ao presente. A outra parte principiou a chamar-se o Reino de *Mutamba*, ou *Dongo-Mutamba*, até que entrou a governar este Reino a famosa Rainha D. Anna de Sousa, chamada no Idioma do Paiz *Ginga-amena*, e desde então tambem se começou a chamar o Reino da Ginga até ao dia de hoje, e os povos se appellidam os Gingas. [1] Conclue-se pois, que a lingua Bunda teve o seu nascimento no sertão do Reino de Angola em um lugar dos Dominios dos Reinos apontados de Cassánc'i (Cassange), Mutamba, Giaca, Libolo, que julgo seriam todos no seu principio de um mesmo senhor: e que emfim a mesma lingua, se principiaria a chamar Bunda por allusão as victorias alcançadas pela gente que a fallava.»

Eu devo advertir que *congo*, *é-congo*, ou *xi congo* significam prisioneiro, o que está de accordo com a tradição de terem os Ba-Xicongo sido vencidos pelos taes Abundos. Pelo que diz respeito a *dongo* não significa so canoa; no interior de Mossamedes dá-se este nome a um enfeite muito estimado, e que é formado de pequenas rodelas de uma casca de marisco enfiadas em uma linha; e ainda a quem se apresenta em certas condições de riqueza, formosura e joventude; a um individuo em taes condições chamam *mun-dongo*.

M. Vivien de Saint-Martin no seu *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universel*, artigo BENGUELLA, diz, fundando-se em Ladislau Magyar, «o unico viajante

[1] Estas appellações são os Brancos que as estabelecem e não os Negros, como se pode ver de numerosos exemplos. Pode um povo no caso dos Ma-Kololo adoptar um nome particular, allusivo as suas façanhas, ou a sua origem e que os distinga da raça conquistada; os nomes das terras são invariaveis. Os Ma-Kololo mesmo não mudaram o nome ás terras que conquistaram.

que tenha dado á Europa uma relação do interior de Benguella, onde se tinha estabelecido, e de que fallava a lingua», que a lingua bunda é o «membro principal d'uma familia prodigiosamente ramificada em toda a Africa austral», e que «a localisação deste nome em Benguella (paiz dos Bin-Bundo), pareceria alli collocar ou berço desta fracção da familia». E em outro artigo, BOUNDA, diz que «Ladislau Magyar cita como os principaes dialectos bundos o (*kimbunda* ou *nâno* (xinbundo ou lu-nano), o *lovar* ou *lobalé* (lu-bále), o *lunda* ou *moropu* (*lun-da*), o *munyanéca* ou *humbé* (lu-nhaneca o lun-kumbi, o que todavia não é o mesmo), e o *kanyâma* (lu-quanhama) ou ovampo! Esta indicação porém só mostra quanto L. Magyar ignorava a lingua.

Voltando a Cannecattim, e quanto á origem dos Abundos.

O Libollo, ou Lubollo, paiz situado ao sul do Quanza no seu curso medio, e um dos quatro *reinos* com Cassange, Mutamba e Giaca, d'onde, na hypothese de Cannecattim, póde ser oriunda a lingua bunda está situado no extremo limite norte do paiz do Nano, do qual se póde dizer que faz parte, e que é habitado pelos Bin-Bundo.

O termo *Bundo* não sei se significa *batedor* nas linguas de Angola e Congo, como diz Cannecattim; sei que no interior de Mossamedes, e entre os proprios Bin-Bundo, *bunda* significa familia ou descendencia, e *bunga* parente.

Notemos ainda outra circumstancia. Nano decompõe-se em *na*, signal de distancia e de lugar, e *no* radical de gente, ou pessoa, em dialecto lu-nano, no qual *mún-tu* se pronuncia *mu-no*.

Teriamos assim uma palavra que significaria approximadamente «lugar da origem da gente».

Se esta hypothese se verificasse era alli talvez que se devia procurar a origem da lingua que se falla em toda a Africa austral, e o nome mais apropriado dessa lingua seria o mesmo *on-bundo*.

Mas eu devo confessar que não me informei sufficientemente a este respeito quando estive no interior de Mossamedes, e porisso não quero ir muito longe nesta conjectura.

A proposito direi aqui que o nome dado por Bleek a todas as linguas da Africa do sul, e já adoptado por alguns linguistas, de Bantu, é o mais mal escolhido possivel. Bántu, e não Bantú, como temos ouvido pronunciar, é o plural de *mun-tu* «pessoa», e ás vezes em sentido geral «gente». E nem estas palavras se devem escrever *ba ntu* e *mu ntu* como pretende Bleek, e sim *ban-tu*, *mun-tu* sendo compostas da raiz *tu* e não *ntu*, e dos prefixos *ban* ou *ba* que lhes designam o plural ou o singular. *Tu* é tambem a raiz de «carne», e esta palavra pronuncia-se *si-tu* ou *hi-tu*, e não *si-ntu* ou *hi-ntu*. Os prefixos *ba* e *mun* são ampliações de *ba* e *mu*, exigidas pela euphonia. (vid. nota a pag. 97 deste livro). Dizer linguas Bantu, com relação ás linguas que se fallam no sul da Africa é o mesmo que dizer que as linguas que se fallam em tal região da Europa são linguas «pessoas» ou linguas «gente». M. Hovelacque, referindo-se á lingua cafre, e certamente fundado em Bleek, diz que «*umntu* quer dizer «homem» e *abantu* «homens». Mas estas palavras teem as equivalentes, as quaes no interior de Mossamedes são *ba-lume* «homens», *mu-lume* «homem»; e para mulheres *bá-cai* ou *bá-ricandi* no plural, e *mu-cai* ou *mu-ricandi* no singular. M. W. G. Whitney andou muito mais avisadamente regeitando a denominação de Bleek, e dando áquelle grupo de linguas o nome de «linguas sul africanas».

Eu creio ainda que esta familia de linguas para a qual em vão se tem procurado um nome, se se não estende a toda a raça negra que povoa a Africa, com excepção dos Hottentotes e dos Boschjemans, comprehende um numero muito maior de idiomas para o norte do que se julga.

Entre os Ba-Nano ou Bin-Bundo, e os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi ha grandes differenças. Aquelles não usam a circumcisão, e estes teem esse uso. A descendencia entre os primeiros é pela linha masculina, entre os segundos pela feminina.

Entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi ha tambem uma differença notavel. Os primeiros fazem uma festa annual que tem muitas semelhanças com a que se celebrava antigamente no Egypto em honra do boi Apis, festa a que em outro lugar me hei-de referir, e os Ban-Kumbi não a praticam. No mais os seus costumes são muito semelhantes, e recordam alguns dos arabes. Como estes praticam a circumcisão, rapam a cabeça deixando no occiput uma ou mais pequenas tranças de oito a dez centimetros de comprimento, repetem as saudações trez ou mais vezes, choram os seus defuntos celebrando-lhes e exaltando-lhes as virtudes, bebem o leite azedo, fabricam a manteiga quasi do mesmo modo, etc.

Como informação complementar acerca da indole e costumes destes povos transcreverei aqui alguns trechos de um artigo que publiquei em 1871 no *Jornal do Commercio* com o titulo *Povos primitivos e povos civilisados*, e ainda que sob um outro ponto de vista.

III

«Quem vive na Europa ou em qualquer parte do mundo civilisado, se pensa alguma vez no que se passa

entre os povos que dizemos barbaros e selvagens, é para suppor que elles são todos crueis e ferozes, que não fazem mais do que darem-se caça mutuamente, que desconhecem todas as regras e deveres em que se fundam as sociedades regularmente organisadas, que não respeitam nenhuns direitos, ou que só reconhecem o direito do mais forte, emfim que o seu atraso é, ao mesmo tempo que a prova da sua grande inferioridade o mais brilhante documento de quanto nos temos adiantado.

«Por mais lisongeira que seja para nos semelhante conclusão, e que ella se funde nas apparencias, a verdade é que nem sempre o estado social de alguns povos selvagens é tão barbaro como nos parece, nem tão superior é tambem a alguns respeitos aquelle a que temos chegado.

Tendo residido entre os Ba-Nanheca e os Ban-Kumbi, no interior de Mossamedes, desde 1851 até 1862 pude observar, e mostrarei com os factos, que se os costumes e o estado de civilisação de uma sociedade gentilica, por mais adiantada, não são para nos servir de modelo, os costumes que por cá temos, os erros, os preconceitos e os abusos que por ahi imperam, nos estão assemelhando mais do que geralmente pensamos a esses povos primitivos, e nos fazem mesmo excedel-os ás vezes em actos de requintada malvadez e perversidade

«Nos *Gambos* e no *Humbe* (Gámbuè e Kumbi) nunca se praticou, em quanto alli estive, assassinato algum não obstante todos os homens andarem armados, e não haver policia nem força alguma publica encarregada de manter a ordem. Só depois da occupação militar d'aquelles pontos pelo nosso governo, é que se deram alguns casos de assassinatos em soldados por

gentios; mas esses factos, tendo um caracter politico, por significarem uma reacção contra o nosso dominio, e alem disso sendo provocados pelos excessos das nossas authoridades, devemos excluil os dos crimes ordinarios. Perguntámos alli se alguma vez um filho tinha attentado contra os dias do seu pai ou mãi. Nem sequer nos comprehenderam; e depois só nos responderam com o espanto. Naquelles espiritos *inferiores* nem sequer se admitte a possibilidade de crimes tão espantosos. Não ha alli exemplo algum, proximo ou remoto de se ter perpetrado um crime semelhante. [1]

«Entre nós e apezar dos meios de força que se empregam para prevenir e evitar estes crimes, não só os simples assassinatos mas até os parricidios e outros crimes desta ordem são vulgares.

«Entre aquelles selvagens ha gente mais ou menos favorecida dos bens da fortuna, ou relativamente pobre, mas a miseria, como se apresenta entre os povos civilisados, repugnante e degradada, é alli desconhecida. Alli o necessitado pede francamente, naturalmente podemos dizer, sem humilhação nem baixesa, o que precisa, e que não pode obter de outro modo; aqui a civilisação engendra a miseria repugnante e feroz que inventa as ulceras e cega os olhos ás crianças para excitar o sentimento da caridade.

«Os bens materiaes que constituem a riqueza consistem, em primeiro lugar, nos gados; cada chefe de

[1] Nas suas luctas dynasticas, os pretendentes ao estado assenhoream-se as vezes do poder, assassinando ou fazendo assassinar o *soba* reinante, seu irmão, tio ou sobrinho; mas estes factos, sendo praticados por individuos que, pelos privilegios de que gozam se julgam fora ou acima da lei, devem ser do mesmo modo considerados.

familia possue ao menos algumas vaccas, algumas cabras ou carneiros.

«A terra é do *soba*, o que quer dizer é de todos; cada um cultiva a porção que lhe é necessaria, segundo o numero de pessoas que tem a sustentar. Os fructos, a caça, e tudo o que a natureza espontaneamente produz são bens de todos.

«A fome entre elles só é conhecida por occasião das grandes secças, que com as guerras constituem as suas maiores calamidades. Entre nós morre-se de fome mesmo em tempos normaes...

«A mulher honra-se em ser mãi; entre nos o sentimento materno nem sempre impede que muitas mãis abandonem ou matem os seus filhos.

«Alli ha a liberdade de costumes, que mais é innocencia ou ignorancia do mal do que verdadeiro vicio, mas não ha a prostituição asquerosa e immunda como se acha estabelecida e «organisada» entre nós.

«A escoria social a que entre nos se dá o nome de canalha tambem alli não existe.

«Não teem hospitaes nem asylos, mas tambem não teem prisões nem dellas carecem.

«O roubo é geralmente praticado com o simples caracter de furto. São raros os assaltos aos caminhos, não obstante estes atravessarem extensas matas solitarias, e os que se praticam são quasi sempre devidos a represalias entre dous povos inimigos, sendo muitas vezes respeitadas as fazendas dos Brancos, principalmente se estes se conservam estranhos e imparciaes a essas dissensões.

«Entre nos, o roubo violento á mão armada pratica-se ahi em qualquer estrada, dentro do paiz, armado e policiado, e ás vezes dentro mesmo de povoações importantes.

«Aqui estão alguns contrastes entre a nossa civilisação e aquella *selvageria.*

«Mas analysemos ainda: entremos mais pela organisação politica e social daquelles povos.

«Ha entre elles uma nobreza, que se divide em duas classes: uma hereditaria ou dos *hambas* [1] que é a dynastica, e que se compõe unicamente dos membros da familia reinante, outra vitalicia e que é formada pelos chefes, especie de cheiks, [2] encarregados de administrar a justiça e velar pela ordem nas diversas circumscripções administrativas, e da qual saem os conselheiros effectivos dos Hambas.

«Os poderes do Hamba ou chefe do estado são absolutos, mas mais paternaes do que tyrannicos, e subordinados ás leis tradicionaes representadas nos costumes.

«Os conselheiros do Hamba teem a seu cargo a interpretação e applicação dessas leis nos differentes casos de litigio que se propõem ou sobem á decisão deste.

«O Hamba raras vezes se encontra em desacordo com os seus conselheiros, conformando-se geralmente com a opinião destes. Dão-se mesmo casos de prevalecer a opinião do conselho contra a do Hamba. Isto porém depende até certo ponto do caracter deste.

«O conselho effectivo do Hamba compõe-se de um certo numero de senhores de terra, parte dos quaes residem junto deste, e ahi exercem funcções permanentes, e outros servem temporariamente.

[1] A palavra *hamba*, formada de dous elementos, *ha* ou *ham*, signal de negação e *ba* designativo de gente, parece querer dizer «differente da outra gente», ou «superior á outra gente».

[2] Vide nota a pag. 122.

«Cada senhor de terra administra a justiça na circumscripção que tem a seu cargo, mas tão sómente em juizo de conciliação; se as partes se não conciliam dirige-se com ellas ao Hamba, e este ahi decide, com audiencia e consulta do seu conselho em ultima instancia. Estes processos verbaes e summarios são extremamente rapidos, e as sentenças, são quasi sempre justas. A prova testemunhal é admittida, e a pena de morte raras veses applicada. Ordinariamente substitue-a, como entre todos os povos no mesmo estado de civilisação, uma multa, mais ou menos importante conforme a gravidade do crime.

«Com os defeitos inherentes a uma tal organisação judicial e administrativa, os abusos ainda assim são raros, bem como as injustiças.

Todos os cargos publicos são gratuitos. Só o Hamba cobra uns como emolumentos dos pleitos que se decidem perante elle, mas relativamente modicos.

«Tambem não ha impostos, a não se querer considerar como taes os presentes de pouca valia que os senhores de terras dão aos Hambas, sem comtudo os exigirem dos povos que administram, ou os serviços pessoaes, raras vezes exigidos, a que todos estão subjeitos.

«A unica contribuição que tal nome merece é a que se acha estabelecida para os caçadores de elephantes, os quaes são obrigados a dar ao Hamba um dos dentes de cada elephante que matam.

«Os Hambas teem o tratamento de *Táte-culo*, que se pode traduzir por «meu grande pai», e que é o epitheto mais respeitoso que elles conhecem.

«Os homens mais importantes pela sua riqueza ou posição official, e até o proprio Hamba são accessiveis a toda a gente. Muitos pretos, simples subditos, ou

simples *escravos*, como elles dizem no sentido politico que ambem tem esta palavra, ousam dizer aos Hambas verdades duras e amargas.

«Os ricos e poderosos quanto mais alto collocados, mais benevolos e attenciosos se mostram para com os menos favorecidos da fortuna.

Não teem uma religião definida, com symbolos ou quaesquer formas externas, mas acreditam na existencia de Deus, ou pelo menos de um Deus, e chegaram já a um estado de consciencia muito elevado. O juramento entre elles tem a seguinte formula: *assim eu te injurie*, ou *assim eu injurie os mais velhos*, ou ainda, e este é o mais forte de todos, *assim eu injurie meu pai ou minha mãi*, — expressão candida que esta a revelar o que ha de pureza em taes consciencias.

«A escravidão é uma instituição legal entre elles, mas os escravos são tratados como pessoas de familia.

«Não ha um preto gentio possuindo escravos, que lhes dê publicamente este nome, e sim o de filhos ou sobrinhos. E, com effeito, na falta de herdeiro legimo (sobrinho filho de irmã ou irmão filho da mesma mãi, que tal é a ordem da successão entre elles) é adoptado como tal o escravo mais antigo.

«As mulheres são excluidas da herança, mas podem possuir o que adquirirem, e estabelecer casa propria.

«Os filhos tomam sempre o nome de familia da mãi, isto é, da *anda* ou *totem* a que esta pertence.

«Todos os homens são soldados, isto é, servem na guerra, e todos andam armados, mesmo em tempo de paz. As guerras, tendo por pretexto offensas ou injurias a vingar, ou direitos dynasticos a sustentar, teem por fim verdadeiro a conquista ou usurpção dos bens alheios, isto é, são sob uma fórma mais simples o que são ainda entre nós.

«Parecem-nos desnecessarias as demonstrações a este respeito. Excepções tambem alli as ha.

«Nas guerras não são mais barbaros do que nós nas nossas, e ás vezes menos. Com effeito seria impossivel exceder o que ainda ha pouco referiram os jornaes da recente guerra turco-servia, ou ainda das barbaridades praticadas na Hespanha pelos ferozes carlistas.

«O duello entre elles tem uma forma original, e que merece ser aqui mencionada. Quando dous homens se indispõem a ponto de procurarem aggredir-se o que todavia é raro, os parentes ou amigos de ambos dão a a cada um uma pequena vara, colhida, no momento, de uma arvore qualquer, tiram-lhes as armas, e convidam-os a baterem-se d'aquelle modo *para lhes passar a raiva do coração*. Então os dous campeões fustigam-se mutuamente até que um, ou ambos, se deem por *satisfeitos*, terminando o combate geralmente por uma mutua reconciliação. Será brutal isto, mas os nossos duellos, principalmente os de morte, estendendo as suas fataes consequencias as pessoas que dependem do que succumbe, não nos parece menos barbaro.

«Sem conhecerem a imprensa, teem comtudo um meio de publicidade que merece ser referido.

«Todo o homem qne encontra outro conta-lhe tudo o que sabe do occorrido n'aquelle dia, e recebe delle uma confidencia egual. Deste modo as noticias communicam-se aos pontos mais distantes ás vezes com uma rapidez prodigiosa.

«Neste estado de civilisação tão inferior, sem escolas, sem academias, sem sociedades litterarias ou scientificas, sem systemas philosophicos, sem religião ou acreditando simplesmente em Deus, sabendo de algumas cousas apenas o que não podem ignorar, e entregues á maior liberdade, aquelles povos vivem felizes

e satisfeitos, sem os requintes da civilisação é verdade, mas tambem sem os vicios hediondos e a profunda desmoralisação, que são o seu triste apanagio das sociedades mais adiantadas.

«Disse ha pouco um viajante inglez *que do puro africano ainda não maltratado pelo europeu podia fazer-se o que se quizesse*. E disse uma grande verdade. Com effeito a aguardente, a polvora e o chicote são os unicos instrumentos de civilisação que nós os civilisados lhe temos fornecido. O chicote era-lhes um instrumento tão estranho que se viram obrigados a adoptar-lhe o nome: *chócóte* dizem elles.

«M. Wallace citado por Sir J. Lubbok observa que os povos civilisados «deixaram atraz de si os selvagens «pelo que diz respeito á intelligencia, mas que os seus «progressos não teem sido tão sensiveis quanto á mo«ral.»

«Em um estado social perfeito, accrescenta elle, a «organisação intellectual de cada individuo deveria ser «sufficientemente esclarecida para lhe permittir com«prehender a lei moral em todos os seus detalhes, e «para que, sem outro motivo, a impulsão da sua pro«pria natureza o levasse a obedecer a essa lei. Ora ha «um facto notavel, é que os povos cuja civilisação se «acha no estado rudimentar se aproximam de alguma «sorte deste estado perfeito.»

«M. Wallace affirma mesmo que «a massa das nos«sas populações não tem feito nenhum progresso sobre «o codigo moral dos selvagens, e em muitos casos tem «caido abaixo».

De algumas tribus que visitou faz-nos M. Wallace o seguinte quadro: «Cada individuo respeita escrupulo«samente os direitos do seu visinho, e estes direitos «não são nunca ou são raramente infringidos. Uma

«igualdade quasi perfeita reina nestas tribus. Não se «encontra alli nenhuma das enormes distancias de edu«cação e de ignorancia, de riqueza e de pobreza, de «amo e de servo, que são o producto da nossa civilisa«ção; alli não ha divisão determinada do trabalho, a «qual, se augmenta a riqueza, tende tambem a produ«zir interesses contrarios.»

«Esta descripção concorda perfeitamente com o que tambem observamos entre os povos a que nos referimos do interior de Mossamedes. Sir Lubbock nega que taes factos provem que esses selvagens tenham um grande senso moral; a ser assim as abelhas e os corvos tambem o teriam, e adduz outras rasões e argumentos, que, apezar do grande respeito que temos por este escriptor, com cuja opinião concordamos a outros respeitos, não nos parece serem das mais concludentes para o assumpto.

«Na nossa opinião, e sem pretendermos decidir na materia, o estado social dos povos a que nos temos referido não é certamente superior ou preferivel ao nosso, mas, apezar das imperfeições que lhe são proprias, assenta em bases naturaes, que nos deviamos estudar com mais attenção, não para o seguirmos cegamente abandonando o que de bom e util temos conquistado mas para emendarmos muitos erros.

«Aquelle estado não é preferivel ao nosso, tornamos a repetir, mas as nossas sociedades civilisadas achamse corruptas até á medula, desvairadas por todos os erros e gangrenadas por todos os vicios, e se quizermos entrar em uma via larga de progresso, teremos de nos inspirar a alguns respeitos na pureza e simplicidade dos costumes primitivos.»

É tempo porém de passarmos ao livro da sir John Lubbock.

IV

Divide o illustre ethnologo o seu livro em dez capitulos, o primeiro com o titulo de introducção, o segundo tratando de artes e ornamentos, o terceiro e o quarto do casamento e parentesco, o quinto sexto e setimo da religião, o oitavo dos costumes, o nono da linguagem, e o decimo das leis. Seguil-o-hemos pela mesma ordem.

No primeiro capitulo expõe-nos sir Lubbock em um quadro desenhado a largos traços varios costumes de alguns povos selvagens, e mesmo de outros mais adiantados, ou já civilisados, em differentes partes do mundo, e mostra-nos, pela semelhança desses costumes e importantes considerações ethnologicas que adduz, que a humanidade obedece desde a sua origem a uma lei de aperfeiçoamento geral e continuo. Contrariamente á opinião de alguns escriptores que pretendem que o homem civilisado nunca passou por um estado social tão inferior como o de alguns povos selvagens, e que estes são os representantes de uma raça degenerada e condemnada a extinguir-se, Sir Lubbock, sem pretender que todas as raças selvagens actuaes sejam susceptiveis de se civilisarem sem auxilio estranho, mostra comtudo que em algumas se teem realisado progressos notaveis, e que nós não podemos ter deixado de passar por estados sociaes ao menos muito semelhantes.

...«A condição social, os costumes dos povos ainda selvagens, diz sir Lubbock logo no principio do capitulo a que nos estamos referindo, recordam, a muitos

feitos, ainda que não absolutamente, os dos nossos antepassados em uma epoca muito afastada; explicam, nas nossas sociedades modernas, bastantes costumes que não teem evidentemente nenhuma relação com o nosso estado social actual, assim como algumas idéas, fixas por assim dizer em nossos espiritos como fosseis nas rochas e permittem-nos levantar, pela comparação, um pouco do véo que separa o presente do futuro.» Não obstante a historia não nos revelar ... de uma condição social tão grosseira, tão ar... como a que se nota entre alguns povos selva... actuaes, é certo que as nações mais civilisadas conservam signaes de barbaria antiga. O «uso das facas de pedra em certas ceremonias egypcias, faz-nos remontar a um tempo em que este povo se servia habitualmente de instrumentos de pedra.»

«O casamento por coempção entre os romanos indica certamente uma epoca da sua historia, em que se comprava habitualmente as mulheres, como tantas tribus selvagens ainda hoje fazem. O simulacro do roubo da mulher na ceremonia do casamento, entre todos os povos, não se pode explicar senão pela hypothese de que o roubo das mulheres era antigamente a triste realidade. Em casos taes a continuidade é evidente.»

Mr. Lubbock nota que, comquanto os conhecimentos que nós hoje temos dos costumes e dos sentimentos dos povos selvagens sejam mais consideraveis do que eram em outro tempo, não são ainda tão completos nem tão exactos como seria para desejar. «Os viajantes acham naturalmente que é muito mais facil descrever as habitações, as embarcações, os alimentos, os vestuarios, as armas e os instrumentos dos selvagens, do que estudarem e chegarem a comprehender os seus pensamentos e os seus sentimentos.» Por outro lado

«a condição mental do selvagem é tão differente da nossa, que é frequentemente muito difficil seguir o que se passa no seu espirito, e comprehender os motivos que o fazem obrar.» D'aqui os erros em que caem muitos escriptores e viajantes. «Todavia comparando as narrações dos differentes viajantes pode-se, n'uma certa medida, evitar bastantes erros; e o que mais a isso nos auxilia é a semelhança notavel de costumes que se dá entre as differentes raças. Essa semelhança é tão surprehendente, que differentes raças chegadas ao mesmo grao de desenvolvimento, offerecem mais analogias entre si, do que cada raça comsigo mesma, em differentes epocas da sua historia.

Com respeito ás vantagens para o seu paiz do estudo da vida e do caracter dos povos selvagens, diz Sir Lubbock.

«O estudo da vida selvagem tem alem d'isso uma importancia muito particular para nós inglezes cidadãos de um grande imperio, que possue em todas as partes do mundo colonias cujos habitantes indigenas se acham em todos os graos da civilisação.»

E cita M. Hunter que diz que os inglezes teem estudado e comprehendido as populações das terras baixas da India, como conquistador nunca estudou nem comprehendeu uma raça conquistada; que elles conhecem perfeitamente a historia desses povos, os seus habitos, as suas necessidades, as suas fraquezas, os seus prejuizos mesmo; e que desse conhecimento teem resultado as medidas politicas e administrativas que teem satisfeito a expectativa publica. A companhia das Indias orientaes não regateava honras nem recompensas pecuniarias a quem quer que se esforçava por comprehender e descrever os costumes dos povos que ella governava.

Infelizmente esse estudo limitou-se ás classes mais elevadas ou aryanas da população, e assim as authoridades inglezas não podem proceder com o mesmo acerto para com as outras. M. Hunter deplora que por esse motivo não só se não comprehendam, mas se julguem mal as raças não aryanas. «Sem o conhecimento perfeito de um povo, diz elle, os calculos politicos são impossiveis.»

No capitulo II, artes e ornamentos, começa Sir Lubbock por notar que as artes mais antigas pertencem a idade da pedra, em uma epoca em que a renna abundava no sul da França, e o mammouth não tinha ainda desapparecido.

Estas obras d'arte consistindo em esculpturas e em desenhos feitos com um silex sobre um osso ou sobre umas pontas de animaes, offerecem um grande interesse, não só pela sua grande antiguidade, pois pertencem algumas a epocas anteriores ás mais antigas estatuas do Egypto, como por representarem scenas da vida daquelle tempo, e pela habilidade que denotam.

Um facto notavel é que nas epocas successivas da pedra polida e do bronze, aquelles desenhos desapparecem quasi inteiramente, «e que durante estas duas primeiras epocas, a ornamentação consiste unicamente em differentes combinações de linhas direitas e curvas.» Este facto fornece-nos a prova de uma alteração na população da Europa occidental nestas differentes epocas.

«É possivel que um dia se encontrem desenhos nas nossas cavernas da Europa occidental que nos revelem até certo ponto os habitos dos povos que ali habitaram.»

Mas se a arte nas suas tentativas ou esboços mais

rudimentares remonta ás primeiras epocas da vida do homem, e se acha representada entre um grande numero de povos selvagens é certo comtudo que alguns destes a desconhecem inteiramente, e que em geral é grande a difficuldade que experimentam para comprehender sequer um desenho.

A arte de escrever, mesmo sob a forma grosseira dos hyerogliphos, foi certamente ignorada pelos povos da idade da pedra. Os peruvianos, tão adiantados já na epoca da conquista hespanhola tinham apenas chegado ao *quippo*, systema mnemonico que consistia em uma epecie de franja pendente de uma corda de cerca de dous pes de comprimento, e em cujos fios, de differentes cores, e com differentes significações se iam dando nós.

«Este singular methodo de mnemotechnia, diz Sir Lubbock encontra-se na China e na Africa.»

O systema dos hyerogliphos é já um progresso. As esculpturas que se tem descuberto em alguns rochedos da Europa occidental até agora indecifraveis, talvez um dia se venham a comprehender pelo estudo aprofundado das esculpturas dos selvagens.

Em fim sir Lubbock, descreve alguns usos entre alguns povos selvagens, mostrando a relação que entre elles existe, segundo o desenvolvimento de cada um desses povos.

Muitos desses usos são communs aos povos do interior de Mossamedes. Os Ban-Kumbi usaram em outro tempo uma pequena vara atravessada na cartilagem do nariz, e é notavel a tradição que existe entre elles, e entre os Ba-Nhaneca, de terem passado por usos e costumes muito mais barbaros. Respeitando muito tudo o que é antigo, é todavia com um certo espirito malicioso e epigrammatico que elles referem varias ane-

cdotas de outro tempo, com que pretendem dar a conhecer a rudeza e ingenuidade dos seus antepassados.

No capitulo III e IV sobre o casamento e o parentesco entre os selvagens, diz sir Lubbock o seguinte:

«As idéas dos selvagens sobre o parentesco fornecem-nos talvez o melhor meio para comprehendermos a sua verdadeira condição social; estudando este assumpto reconheceremos tambem as immensas vantagens da civilisação no ponto de vista das relações dos dous sexos.»

«O casamento, as relações de parentesco de um filho com seu pai e sua mãi, parecem-nos tão naturaes, tão evidentes, que estamos dispostos a consideral-as como fazendo parte da essencia mesmo da raça humana.

«Está porém, muito longe de ser assim,

«Os selvagens não conhecem a instituição do casamento; o amor é-lhes quasi inteiramente desconhecido; e o casamento, ou antes, o ajuntamento entre homem e mulher, não é de nenhuma forma um acto de affeição.»

Em abono desta opinião, sir Lubbock cita Kolbein, Lichstenstein, Lewin, Dalton, Bruce e outros.

Sir Lubbock adverte, porém, que pelo facto de faltarem quaesquer ceremonias a estes actos não se deve d'ahi inferir que elles sejam necessariamente frageis. E cita Cook que diz que no Tahiti as mulheres casadas, apezar das poucas ceremonias, «são tão fieis a seus maridos como as outras nas mais partes do mundo.»

«Nas sociedades selvagens actuaes, partindo das mais atrasadas, os filhos são considerados primeiro como parentes somente da tribu; depois da mãi e não

do pai; depois do pai e não da mãi; e por fim do pai e da mãi.»

Depois de referir varias fórmas de casamento, em que se notam varias analogias com o que se passou em Sparta e em Creta, e se passa ainda actualmente na China, sir Lubbock diz que «ha todos os motivos para crer que os selvagens vivam ou tenham vivido em um estado que se poderia chamar o casamento em commum e a que Bachofen deu o nome de *hetaïrismo*». Com effeito a polyandria, ainda hoje existente entre alguns povos, parece attestar a generalidade de um tal costume em uma epoca anterior. «Na China diz Sir Lubbock as mulheres foram communs até o reinado de Fouhi e na Grecia até a epoca de Cecrops.»

Outros povos antigos não conheciam o casamento.

Entrando na analyse dos differentes estados que succederam ao estado primitivo do hetairismo, ou communidade das mulheres, sir Lubbock mostra-se contrario, tanto á opinião de Montesquieu, que pretende que «a obrigação natural que tem o pai de sustentár o filhos, fez estabelecer o casamento», e que «em todos os paizes e em todos os tempos a religião se ingeriu n'esses actos», como a de Bachofen, que pretende que as mulheres, no fim da epoca do hetairismo «escandalisadas por um tal estado de cousas se revoltaram e estabeleceram um systema de casamento em que ellas tinham a supremacia sobre o homem, fazendo passar a descendencia para o seu sexo,» etc.

Sir Lubbock observa que se não vê facto algum na historia por onde se mostre que as mulheres tenham em tempo algum reivindicado os seus direitos, e pensa que as mulheres selvagens seriam as que menos o poderiam fazer.

Nas raças menos civilisadas como, por exemplo, na

Australia, a posição das mulheres é a da sujeição absoluta e parece-lhe perfeitamente claro que a idéa do casamento é fundada não sobre os direitos da mulher mas sobre os do homem.

Portanto a origem do casamento é independente de todas as considerações sagradas ou sociaes; a affeição mutua ou a sympathia não tinham em principio ahi parte alguma; um consentimento mutuo era inutil, e o casamento consistia não em demonstrações amorosas de um lado e terna dedicação do outro, mas em violencia brutal e em submissão forçada.

Mesmo entre os selvagens chegados a um estado social mais adiantado a idéa do casamento differe essencialmente da nossa; ella é toda material e não espiritual; o casamento repousa sobre a força e não sobre o amor; a mulher não é a companheira e sim a serva do homem.

Na lei ingleza ainda se encontram vestigios, e mais do que vestigios de um systema analogo; pode mesmo dizer-se que os costumes alli teem feito mais progressos do que as leis, por que as mulheres occupam uma posição que a lei lhes não confere.

Das luctas para a posse da mulher ainda hoje se encontram os symbolos em certas ceremonias usadas no acto do casamento por alguns povos chegados a um estado de civilisação ja adiantado.

Em Sparta o noivo arrebatava ordinariamente sua mulher á força, o que evidentemente não era senão um simulacro.

Os romanos tinham um costume semelhante. Na Polonia, na Lithuania, na Russia, e em algumas partes da Prussia, segundo Gaya, os mancebos arrebatavam ordinariamente as amantes, depois pediam o consentimento dos parentes.

O casamento dentro ou fora da tribu a que M. M. Lenmam deu os nomes de endogamia e exogamia corresponde a circumstancias especiaes de cada epoca ou de cada tribu.

Na Australia segundo M. Lang, citado por sir Lubbock, nenhum homem pode desposar uma mulher tendo o mesmo nome da tribu que ella, ainda que não haja o menor grao de parentesco entre os dous, segundo as nossas idéas europeas.

Na Africa equatorial, segundo du Chaillou cada tribu divide-se em *clans;* os filhos na maior parte das tribus pertencem ao clan da mãi; em nenhum caso podem casar entre si por mais atrasado que seja o grau de parentesco.

Na India tambem se notam alguns d'estes costumes. Na China segundo Davis, o casamento entre pessoas tendo o mesmo nome de familia é illegal.

Os indios Tsimsheean da Colombia britannica dividem-se tambem, segundo Richardon em *totens* ou *brazões* communs a todas as tribus. Os brazões são a baleia, a tartaruga, a aguia, o lobo, a rã, etc. Ha parentesco mais proximo entre as pessoas tendo o mesmo brazão do que entre as da mesma tribu; estas podem casar entre si, aquellas não lhes é isso permittido, isto é, uma baleia não pode desposar outra baleia, etc.

A endogamia, ou casamento nas proprias familias, é praticada por algumas tribus na India, na America, em Java, etc., no entanto é muito menos commum do que a exogamia.

Sir Lubbock explica a polygamia principalmente pela precocidade das mulheres nas regiões tropicaes, e sua rapida decadencia physica. A necessidade da aleitação tambem póde para ahi contribuir.

O parentesco entre os selvagens apresenta differen-

ças notaveis, conforme o grao de adiantamento destes. M. Morgan publicou uma memoria em que indica os systemas de parentesco de 189 raças ou tribus.

Ainda que este seja o trabalho mais completo que tenha apparecido até hoje nada diz comtudo quanto aos siberios, aos americanos e aos verdadeiros negros. Todavia pelas informações que contem pode ajuizar-se das idéas que predominam em muitas raças humanas a este respeito.

Notando que entre varios povos selvagens, as interpretações de tio irmão de pai, de tio irmão de mãi, etc, assim como dos filhos destes, são distinctas, diz Sir Lubbock que não somos nós, talvez, os que a este respeito estamos na interpretação mais verdadeira.

Por outro lado «a idea de parentesco entre os selvagens, como a do casamento, repousa, não sobre o dever, mas sobre o poder; com a elevação moral e gradual da especie humana é que o segundo foi subordinado ao primeiro.»

No tempo da communidade das mulheres o filho pertencia á tribu, depois á mãi, e só por ultimo, em algumas sociedades selvagens mais adiantadas, ao pai e á mãi.

«É evidente, diz Sir Lubbock, que com o systema da communidade das mulheres, ou mesmo com a polygamia, os laços entre pai e filho devem ser muito ligeiros. Todavia muitas causas devem tender a reforçar os laços entre o pai e o filho, e sobre tudo entre a mãi e seu filho.

Uma destas causas é sem duvida a mudança frequente nas ligações conjugaes, comprehendendo-se que com taes costumes o laço que une o filho á mãe seja muito mais forte, do que o que o liga ao pai; «assim vemos diz Sir Lubbock que em quasi todas as ra-

ças inferiores da humanidade, o parentesco é pelas mulheres, e podemos comprehender que os herdeiros de um homem não sejam os seus proprios filhos, mas os filhos de sua irmã.»

Segundo Herodoto, a herança pelas mulheres existia entre os Lycianos. «Polibio indica o mesmo costume entre os Locrianos: e sobre os tumulos etruscos a genealogia é indicada na linha feminina.»

Entre os germanos, segundo Tacito, deprehende-se que este costume tambem alli existiu.

No reino dos Pictas até o fim do oitavo seculo, não se encontra nenhum filho que tenha succedido a seu pai.

Nós não podemos acompanhar Sir Lubbock no longo desenvolvimento que elle dá a esta materia, o que seria exceder muito as proporções assignadas a esta especie de escriptos.

Sir Lubbock conclue rejeitando toda a idéa de degradação nas raças inferiores em materia de parentesco.

Temos agora a dizer sobre o assumpto o que sabemos com respeito aos Ba-Nhaneca e aos Ban-Kumbi.

Entre os povos destas duas raças a união entre o homem e a mulher effectua-se pela livre escolha das duas partes interessadas, e consentimento previo e indispensavel da familia da mulher pretendida.

Não ha mulher livre ou escrava que possa casar sem esse consentimento. E dizemos escrava, porque o casamento tanto é permittido entre os individuos desta condição como entre estes e os de condição livre.

O pedido de casamento de uma mulher deve ser acompanhado de um presente mais ou menos importante, segundo a riqueza do pretendente, e offerecido

por este aos pais da noiva. A esse presente dão o nome de *nontunha.*

O casamento contraido por aquelle modo só póde ser dissolvido dando-se os casos previstos pelos costumes. No caso de separação o presente é devolvido ao marido, sem o que a mulher não pode tornar a casar, embora viva delle separada. A mulher não leva dote algum ao marido, nem tem direito a quaesquer bens deste. No caso porem de separação, metade dos mantimentos que ella cultivou pertencem-lhe e póde retiral-os.

Os filhos pertencem de direito á mãi, no entanto nos casos de separação vai-se introduzindo o costume de os repartir entre o pai e a mãi. Se porem a mulher for escrava, os filhos pertencem ao senhor desta; e se for livre, mas o pai escravo pertencem á mãi.

A mulher não é de forma alguma a propriedade do marido; longe disso goza da maior liberdade pessoal, e não se sujeita a qualquer mau trato. Se o marido a desacata ou offende, quer por palavras ou por obras, ella retira-se para casa de sua familia, e ou o marido lhe dá as satisfações que ella exige, acompanhadas sempre de um presente, ordinariamente um boi, em signal de reconciliação ou *pagamento da injuria*, ou o contracto conjugal se dissolve. Pela sua parte a mulher é obrigada a observar a mesma conducta para com o marido.

A descendencia entre elles é tambem pelas mulheres. As irmãs da mãi são consideradas mãis, distinguindo-se pelos seus nomes proprios, e os irmãos do pai pais, distinguindo-se do mesmo modo. Os filhos destes entre si consideram-se irmãos.

Familia entre elles tem o nome de ***bunda***, ou ***anda*** se se refere ao grupo constituindo o totem: ***anda*** do

elephante, da cobra, etc, isto é, familia de todos os individuos que descendem do elephante, da cobra, etc. Os casamentos ou ligações conjugaes tambem são prohibidos tanto no primeiro caso como neste ultimo.

O escravo tambem de certo modo é considerado como parente. Na falta de herdeiros legitimos é elle o herdeiro dos bens do senhor. Havendo mais do que um escravo prefere o mais antigo. É certamente por este motivo que os senhores dão aos escravos o titulo de sobrinhos.

Ésta ordem de successão começa-se a achar injusta lamentando os pais não poderem deixar o que possuem aos filhos, e vendo com maus olhos os sobrinhos. Muitos pais vão dando em vida aos filhos o que podem.

Passemos agora aos capitulos V, VI e VII ácerca da religião.

Começa sir Lubbock por declarar que é este um assumpto que offerece bastante interesse, mas ao mesmo tempo o mais espinhoso de quantos trata no seu livro.

Procurará comtudo não offender as consciencias dos seus leitores, e observa que por mais grosseiras, e mesmo ferozes que sejam entre os selvagens as formas rudimentares com que se apresenta a religião, «o homem religioso deve experimentar uma profunda satisfação ao ver desenvolverem-se dellas gradualmente ideas mais correctas e crenças mais elevadas.»

Pensára dar a este capitulo o titulo de «superstições» em vez de «religião» mas preferia este ultimo em parte pela razão acima exposta, e tambem porque lhe repugna condemnar em absoluto crenças honestas, ainda que imperfeitas.

A idea religiosa nasce e desenvolve-se nos individuos de um modo aproximadamente identico; os Nat-

chez e os Persas, por exemplo, adoravam o sol; as superstições passam gradualmente a concepções mais elevadas, no entanto entre os selvagens a religião é ainda muito differente do que é entre nós. Os seus deuses são bons e maus; fazem de algum modo parte da natureza; o meio de os supplicar é a dança e não as orações, «e elles approvam mais frequentemente o que nos chamamos vicio do que o que estimamos como virtude.» Ha entre aquella e a nossa religião a mesma differença que ha «entre a astrologia e a astronomia ou entre a alchimia e a chimica.»

Segundo o testemunho de muitos viajantes ha muitos povos na America Oceania e Africa que não teem religião.

«O selvagem olha naturalmente a morte como uma especie de sonho. Daqui provavelmente todo o cuidado que elle toma pelo cadaver, e tambem a importancia que liga aos sonhos.»

«Quando o corpo fica inanimado, o selvagem conclue d'ahi naturalmente que o espirito o deixou.»

«Durante o somno elle julga tambem que o espirito deixou o corpo, e divagou por onde lhe pareceu. Assim elle crê «que ha um espirito que pode deixar o corpo.»

«Quando sonham com os seus amigos ou as seus parentes fallecidos, os selvagens creem firmemente que são os espiritos desses que os veem visitar, e creem assim, não na immortalidade da alma, mas em uma especie de sobrevivençia do corpo.»

Segundo o capitão Burton «os negros creem em um phantasma, mas não em uma alma; em um presente immaterial, mas não em uma vida futura.»

«Entre os kols de Nagpore, segundo o coronel Dalon, attribuem-se todas as molestias que affligem os

homens e os animaes a uma das duas causas seguintes: ou á colera de algum espirito malfazejo, que é necessario aplacar, ou aos encantos de algum magico, ou feiticeiro.» Os circassianos e alguns chinezes participam da mesma crença.

A morte é sempre attribuida a magia. Dobritzhoffer attesta que quando um Abipone morre das suas feridas, d'uma queda ou de velhice, os seus compatriotas negam que seja essa a causa da morte e procuram descobrir quem foi o feiticeiro que o matou e por que rasão.»

O culto do fogo é quasi universal. Muitos selvagens acreditam que o fogo que elles entreteem nas suas cabanas se acha de algum modo ligado á vida.

Todas estas crenças são mais ou menos communs aos povos do interior de Mossamedes, e com respeito ao fogo quando alguem escapa a algum grande perigo dizem referindo-se ao chefe da familia: *uafacana*, «fez, ou fizeste bom fogo»; o que porem não implica a idea de um culto.

Segundo Seeman «nas ilhas Viti quando se quer matar alguem recorre-se a um feiticeiro, a quem se leva algum objecto que tenha pertencido áquelle a quem se quer matar; o feiticeiro queima esse objecto com certas folhas, e assim se julga ser esse um meio efficaz para aquelle fim. Emprega-se o mesmo meio para descobrir ladrões.»

O mesmo tambem se faz entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi, e é devido a esta crença que os roubos são tão pouco frequentes entre elles. Áquelle feitiço dão o nome de *ontico*, e os magicos ou feiticeiros que o fazem não são perseguidos, porque o poder que se lhes attribue limita-se a punir os ladrões. Os outros feiticeiros, a quem se attribuem poderes malfazejos, são

punidos d morte, ou vendidos como escravos para fora da terra. O dom da magia é espontaneo em alguns individuos ou transmittido por algum espirito.

A crença d'aquella gente no terrivel poder do *ontico* é absoluta.

Em outras crenças não são tão firmes: por exemplo, na que attribue aos hambas o poder de dar as chuvas, no dom ou sciencia dos adivinhos, etc.

Elles admittem a discussão em todas as suas crenças, e convencem-se em muitos casos, da impostura dos seus magicos, com quanto acreditem profundamente na magia.

A crença na magia, diz sir Lubbock, é universal em todos os selvagenes.

«Muitos feiticeiros creem realmente que possuem um poder sobrenatural.»

O padre Merolla, o padre Labat e até alguns missionarios modernos, segundo Williams, acreditam na magia. O proprio Williams, diz sir Lubbock, pensava que ella não era impossivel!

O culto dos animaes representa um estado immediatamente superior, ao que é caracterisado pelo fetichismo. Pluthareho, Dioduro e outros, procuraram explicar esse culto por causas com que não concorda sir Lubbock.

«A verdadeira causa do culto dos animaes, diz elle, é muito mais simples e toma naturalmente a sua origem no costume tão geral de dar aos individuos primeiro, e ás familias depois, o nome de certos animaes. Uma familia, por exemplo, tendo o nome do urso, olhava este animal primeiro com interesse, depois com respeito, por fim com uma especie de superstição.» O costume de adoptar os nomes de animaes é geral entre todos os selvagens.

«Na Australia, o totem ou como alli lhe chamam *kobong*, parece estar a ponto de ser deificado. Um certo laço mysterioso existe entre a familia e o seu kobong; assim segundo sir G. Grey, um membro de uma familia não matará um animal da especie à qual pertence o seu kobong.

«Isto provem de que a familia julga que um animal d'essa especie é o seu melhor amigo, e que matal-o seria um grande crime.»

«Da mesma fórma, um individuo que tem uma planta por kobong não deve arrancal-a em certas circumstancias, e em certas epocas do anno.»

Este respeito pelo totem ou kobong não chegou geralmente ainda a um culto, mas na America tem-se tornado já uma verdadeira religião.

O animal mais geralmente reverenciado ou adorado é a serpente. Na antiguidade, e recentemente ainda entre muitos povos chegados a um certo grao de civilisação a serpente é um dos seus deuses. «Da Liberia ao Benzuella, ou até mais longe, a serpente é o deus principal. É a ella que se dirigem para fazer cessar a secca, as doenças, ou quaesquer outras calamidades.» «Não adoram porém senão as serpentes inoffensivas.»

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi não adoram, mas tambem não fazem mal a estas serpentes, e creem antes que ellas são *indicio de felicidade.*

A zoolatria estende-se a muitos animaes; e tanto na America, como na Oceania, na India, etc., adora-se o lobo, o urso, o bisão, a lebre, e até peixes e aves.

Vem aqui a proposito dar noticia de uma ceremonia que usam os povos Ba-Nhaneca, e que se não é propriamente um culto, para elle se encaminha.

Esta ceremonia tendo por fim celebrar o estado de

paz e de abundancia da terra, tem por symbolo ou objecto apparente um boi a que dão o nome de *Geroa*. O boi Geroa deve ser branco e preto, e acha-se entregue a guarda de um dos mais considerados senhores de terra, o qual tem o titulo de *Muene-Hambo*, que quer dizer «o maior pastor» ou «o pastor por excellencia»; e é ahi acompanhado por outro boi, que tem o nome de *Xicaca* e por uma vitella com o nome de *tembo-onjuo*, como «dona da casa».

No fim das colheitas, de julho a agosto, que é quando para elles termina o anno, e com o apparecimento da lua nova, é conduzido processionalmente o boi Geroa e seus companheiros, xicaca e tembo-onjuo, desde a residencia do Muene-Hambo até a do Hamba, distancia que em Gambue é de umas sete leguas, servindo-lhe de cortejo um numeroso acompanhamento de donzellas enfeitadas na cabeça com grandes enfiadas de bagos de varias sementes, e de homens com as caras pintadas de um barro branco, a que dão o nome de *peio*, e que tem uma significação de felicidade. Na residencia do Hamba, primeiro o Muene-Hambo, depois aquelle, chegam á bocca do boi Geroa o pó de uma casca de pau, bastante amarga, e a que dão por isso o nome de *bungurullo;* se o boi lambe aquelle pó é um bom agouro, e o Muene-Hambo recebe toda a sorte de felicitações e obsequios, tanto do Hamba como dos principaes da terra, se o não lambe é um presagio mau, e nesse caso o Muene-Hambo deve pagar com a vida aquella predicção funesta. Escusado é dizer que o boi lambe sempre o po, ao que facilmente tem sido acostumado.

Immediatamente a este acto o Hamba toma a palavra, e profere um discurso em que relata o estado das suas relações com os povos visinhos, e diz o que pre-

tende fazer no novo anno. Nestes discursos dão por vezes provas de uma grande sagacidade.

Depois do discurso segue-se uma dança em honra de uma das mulheres do Hamba, que tem o titulo de *Xiui*, e outra em nome da Tembo, e assim termina a festa, seguindo-se-lhe a do *ufico*, ou das raparigas, de que me occuparei em outro lugar.

Desde que começa a festa do boi Geroa so se canta a canção ou hymno especial que o acompanha, na procissão a que nos referimos, e só é licito tambem tocar uns certos instrumentos, creio que de uso mais antigo, a que chamam *mangongue*, sendo excluido o tambor, *goma*, seu instrumento favorito.

Quando o Hamba morre é ainda aquelle o hymno que o acompanha.

Durante os dias que dura a festa a alegria deve ser tão geral que não é permittido chorar os mortos.

Por essa occasião não se perseguem os delictos, sendo de notar que raros são os que se commettem.

Tal é a festa da Geroa. Não parece haver em tudo isto uma vaga reminiscencia do culto do boi Apis, tambem branco e preto, tambem presagiando o futuro, e acompanhado por uma vacca?

Cada Mu-Nhaneca chefe de familia tem um boi da sua particular affeição em cuja pelle é envolvido quando morre. Por estes factos se vê que se o boi não é ainda adorado está talvez muito proximo de o ser.

Boi genericamente tem o nome de *gombe*, vaca *gindi*.

Muitos povos, diz sir Lubbock, adoram as pedras e as montanhas. «Os Southals do Industão central adoram uma alta collina chamada Marang-Boroo.»

Os Ban-Gambue teem em uma grande veneração uma montanha da sua terra denominada Tongo-Tongo.

Nos paizes quentes olha-se o sol como um ser malfazejo; e o contrario nos paizes frios.»

Segundo o testemunho de muitos viajantes, os cafrès e outros selvagens, não teem religião ou idéa da existencia de Deus.

Os Ban-Kumbi e os Ba-Nhaneca dizem indistinctamente quando alguem morre: foi o sol que o chamou; ou foi Deus que o chamou.

O sol, *é-kumbi*, nome que parece referir-se á fórma circular d'este astro é como que a manifestação visivel d'esse Deus.

Perguntando um dia a um Mun-Kumbi que fórma ou figura tinha Deus respondeu-me que a fórma humana. Perguntando onde estava, respondeu-me que em toda a parte, que via tudo o que nós faziamos, e sabia tudo o que nós pensavamos.

O conego Callaway pretende explicar o systema religioso dos cafres amazulus, na parte que se refere a creação por uma falsa interpretação do termo *onkulo-kulo*, que só pode significar, diz Sir Lubbock, o primeiro homem, o Adão Zulu, e não um Deus ou creador.

«A tradição de mais complica-se, accrescenta Sir Lubbock, pelo facto de que não somente o ascendente commum a toda a humanidade, mas tambem o pai de cada tribu se chamava onkulo-kulo, de tal sorte que ha alli muitos onkulo-kulos.

Conhecemos tambem aquelle termo que se pronuncia do mesmo modo entre os povos do interior de Mossamedes, ou ainda *mussungo-sungo*, cuja significação é a mesma, e quer dizer simplesmente «muito velho» ou «muito antigo», e por fórma alguma Deus creador, ou mesmo Adão quer branco ou preto. O que elle quer dizer neste caso, naturalmente, é o chefe mais antigo da tribu ou o fundador da nação. Podem os cafres ama-

zulus reconhecer ou não a existencia de Deus; se a reconhecem o termo para a designar não é certamente aquelle.

O fetichismo, segundo Sir Lubbock, é simplesmente o magismo, e não constitue uma verdadeira fórma de religião, antes é a negação della. «O negro suppõe que a posse de um fetiche, representando um espirito lhe permitte de governar á sua vontade esse espirito.» Elle bate no seu fetiche se as suas orações não são attendidas. Assim não se pode dar o nome de idolo ao fetiche.»

O fetiche pode mesmo não representar a figura humana; qualquer objecto serve para isso, até mesmo uma espiga de milho.

Acima do fetichismo, «de que nenhuma raça de homens se acha ainda desembaraçada», a fórma religiosa que se lhe segue é a que se poderia chamar o *totemismo* ou adoração de tudo: arvores, pedras, rios, montanhas, corpos celestes, e animaes; fórma em que os deuses superiores não podem mais ser forçados a obrar pela magia. «No entretanto esses deuses não são considerados ainda como creadores; não recompensam a virtude nem punem o vicio, e habitam a terra.» «No fetichismo as divindades não são humanas; no totemismo são sobre humanas; e só se tornam sobrenaturaes em um estado de religião mais avançado.»

Depois do totemismo vem o shamanismo, especie de religião em que apparecem os extases, produzidos á força de excitação e em que ós individuos «pretendem que n'esse estado o espirito, em nome de quem elles fallam, os inspira, e lhes permitte de pronunciar oraculos e predizer o futuro.» O shamanismo, originario da Siberia, mas que constitue uma verdadeira phase religiosa, «não tem nenhum dogma, nem é, diz Wrangel

um systema transmittido de geração em geração; antes parece tomar a sua origem em cada individuo separadamente.

Os Ban-Kumbi e os Ba-Nhaneca partilham d'estas differentes formas de religião. Ao passo que creem na existencia de um Deus attribuem quasi o mesmo poder ao sol, *é-kumbi*, veneram o boi Geroa, a montanha Tongo-Tongo, são dados aos extases e creem nos vaticinios dos adivinhos, mediante a intercessão dos espiritos.

A idolatria é a forma religiosa immediatamente superior ao shamanismo, por isso que ella se não encontra entre povo algum collocado no mais baixo da escala social. «Póde dizer-se em geral, diz sir Lubbock, que o maior numero dos povos selvagens não tem idolos.» O que se tem tomado por idolos são quasi sempre feticbes.

Alguns povos barbaros, ainda que raros, creem em uma vida futura: taes são os vitianos, algumas tribus dos indios da America septentrional, e até os pretos de Dahomey.

No capitulo VIII sobre os costumes, observa sir Lubbock que os dados que temos sobre o caracter dos povos selvagens são deficientes e por vezes contraditorios. Os viajantes, diz elle, teem algumas vezes exprimido opiniões, que evidentemente não repousavam em cousa alguma.

Reconhece-se, porém, que em geral o sentimento moral é muito pouco desenvolvido entre os selvagens.

Segundo Mariner, os habitantes das ilhas dos Amigos, e são os mais adiantados, relativamente, em civilisação «não teem termos para exprimir as idéas de justiça, ou de injustiça, de crueldade ou de humanidade.»

«O roubo, a vingança, a violação, e o assassinato, em muitas circumstancias não constituem crimes.»

«Elles não creem em recompensas nem castigos nem em uma vida futura.»

«A castidade não é para elles uma virtude.»

Teem comtudo qualidades boas: as mulheres são boas mãis, e desconhecem quasi as dissensões domesticas.

Burton diz que a consciencia não existe na Africa oriental, e que os negros do Yoruba, na costa occidental d'Africa, tambem a não possuem.

Este escriptor porém contradiz-se. Sir Lubbock todavia acredita que ha povos completamente destituidos de senso moral, e que isso se prova sobretudo «pela ausencia de toda a idéa de arrependimento e de remorso.»

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi não estão tão atrasados em moral, que não tenham uma certa consciencia do bem e do mal, e que não respeitem o direito alheio. Elles teem o termo «direito» *xiabiuca* que empregam não só para designar um objecto de forma direita mas tambem para qualificar um procedimento justo.

Muitas vezes em questões que eu tinha com elles, e em que a razão estava do meu lado, apenas se convenciam disto, diziam: *xiabiuca*, está direito, isto é, conforme a lei ou razão superior a que todos nos devemos submetter. E o que ainda é mais notavel, de quem falta á sua palavra, ou é pouco fiel aos seus contractos, dizem, como nos: tem duas palavras, *un'o non-daca bari*.

Ninguem dirá que aqui não se manifesta já um certo sentimento de honra. O juramento tambem é disso uma prova.

Do ladrão dizem: é como o lobo, e as suas leis permittem-lhes que o matem em flagrante delicto.

Não nos lembra nem podemos asseverar se elles

teem o termo «remorso». Vivemos 12 annos entre aquelles povos, mas ha 15 que d'alli saimos, e não admira que a memoria nos falhe em um ou outro ponto, quando o que escrevemos é quasi tudo de reminiscencia.

Lembra nos porem que elles teem o termo *curibelu* arrependimento, que já é uma aproximação, assim como *xiambango* alheio. *mutima mua* bondade ou bom coração, *canquenda* compaixão ou pena, *o xari* generosidade ou liberalidade, etc.

A castidade não é tambem entre elles uma virtude, mas ás donzellas é imposta até á idade nubil sob penas terriveis, e das mulheres casadas pode dizer-se o mesmo que Cook disse das do Tahiti.

No capitulo IX sobre linguagem Sir Lubbock não concorda com a opinião dos escriptores que pretendem que algumas tribus selvagens não tenham linguagem. e diz que as raças mais inferiores a teem ainda que complicada com um grande numero de signaes.

A origem divina da linguagem so pode ser admittida no sentido de ter sido creada pelo homem em virtude de uma faculdade com que a Providencia o dotou.

Mr. Renair distingue entre palavra e linguagem, e é de opinião que esta «foi formada de repente, e como saindo instantaneamente do genio de cada raça.»

Seja como fôr «a existencia de um systema grammatical complicado, entre as tribus selvagens, prova que este systema lhes é natural e que não é um simples indicio de um tempo em que elles eram mais civilisados.»

A civilisação tende a simplificação das formas grammaticaes.

«Adam Smith faz nctar que o verbo «ser», o mais abstracto e o mais metaphysico de todos os verbos,

não pode ter uma origem muito antiga. Elle suppõe que a ausencia deste verbo foi provavelmente a causa das conjugações complexas».

«O numero das palavras nas linguas das raças civilisadas é immenso; o chinez por exemplo tem 40:000 termos; mas a grande maioria deriva de certas palavras originaes, ou raizes, cujo numero é muito pequeno.»

Ha cerca de 450 raizes no chinez, 500 no hebreu e aproximadamente o mesmo numero, segundo Millier, no sanscripto. Segundo mr. Dorsey «um camponez ordinario não conhece mais de 300 palavras.» Este facto simplifica muito, como diz o professor Millier, o problema da origem da linguagem.

Ainda hoje se reconhece que muitas palavras tiveram simples onomatopeias por origem, as quaes devem ter-se produzido como as alcunhas e os calões. Os termos abstractos não podem ter tido uma origem tão simples, mas é preciso notar que esses termos faltam nas linguas inferiores.

Contra a opinião de Max Muller que pretende que a palavra «pai» vem de uma raiz do sanscripto «pa» que significa. não engendrar, mas protejer, sustentar, nutrir, e que o termo «mãi», «matar», tinha entre os primeiros aryanos, o sentido de productor, de «ma» produzir, sir Lubbock pensa e demonstra com 102 termos de pai e 118 de mãi, que apresenta, dentre raças differentes não aryanas, omittindo todas as linguagens derivadas do sanscripto, que os sons mais faceis que uma criança pode pronunciar significam pai e mãi no mundo inteiro, que a raiz «ba» ou «pa» indica *baby*, do mesmo modo que pai, e emfim que o verbo sanscripto «pa» proteger, vem de «pa» pai, e não viceversa.

Cabe aqui dizer que a palavra pai em linguagem lu-nhaneca·ou lun-kumbi pronuncia-se *osse;* meu pae *tate;* mãi *ina;* minha mãi *meme.*

«Os vocabularios das differentes raças, diz sir Lubbock, apresentam um grande interesse, pois que elles nos permittem julgar a condição social d'aquelles que os empregam.

«Os Ilus da India central não conhecem os termos da affeição.»

«Os indios Tinne do outro lado das montanhas Rochosas não tinham termo equivalente a «caro» ou «querido».

Lichtenstein diz que os Boschjemans não teem nomes proprios, nem parecem sentir a sua falta.

Segundo Bailey a linguagem dos Viddahs, em Ceylão, é tão pobre e «o seu dialecto tão grosseiro e tão primitivo, que é necessario empregar as periphrases mais singulares para descrever as acções e os objectos mais ordinarios da vida.

«Os Tasmanianos não teem termos para exprimirem qualidades, taes como duro, doce, quente, frio, comprido, curto, redondo, etc.»

Os Ban-Kumbi e os Ba-Nhaneca teem todos esses termos.

Segundo Lichtenstein «os Boschjemans não podiam contar alem de dois; Spix e Martius constatam o mesmo facto entre os indios do Brazil.»

Os habitantes do cabo York na Australia contam de 1 até 6, repetindo e combinando de modos differentes os dois primeiros numeros, *netat* um, e *naes* dous.

Os Damaras segundo Galton, não empregam nenhum termo alem de tres.

Os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi contam até 10 pela ordem seguinte: *móxi, bári, táto, quána, táno, pándo,*

pándo-bári, *xmáne* ou *xibe*, e *e-cumi*. De 10 por diante *dez e um*, *dez e dous*, *dez e tres*, etc. até vinte, *duas vezes dez*, trinta *tres vezes dez* etc. Para 100 teem a palavra *xita*. Tambem contam pelos dedos a começar pelo dedo minino até cinco, e para designarem dez juntam as duas mãos.

Não obstante a pobreza de termos numericos entre todos os povos selvagens e a imperfeição do seu methodo de contar, logo que se lhes extravia uma rez dão pela sua falta, «o que é devido, como diz Galton, a que elles notam a ausencia de uma figura do seu conhecimento.»

O mesmo se verifica entre todos os povos do interior de Mossamedes. Elles teem nomes especiaes para as cores dos bois conforme a combinação e disposição das malhas que ellas formam, e assim os conhecem.

«O systema decimal em arithmetica, diz sir Lubbock procede naturalmente daquelle modo de contar: 8 ou 12 porem teria sido mais commodo, por serem mais facilmente divisiveis.»

No capitulo X e ultimo do seu livro, quanto ás leis, diz sir Lubbock que o estudo desta materia é um dos mais importantes com relação á historia da humanidade.

É impossivel comprehender perfeitamente as leis dos povos civilisados, sem se começar por estudar as dos povos selvagens, que engendraram aquellas.

Infelizmente essas leis ou esses costumes são-nos ainda muito pouco conhecidos.

Sir Lubbock diz que Goguet pretende que «o governo monarchico é o mais universalmente estabelecido», mas que «se tivesse pesado com mais cuidado as provas que lhe forneciam os selvagens modernos

teria provavelmente modificado a sua opinião. Goguet diz por exemplo, accrescenta sir Lubbock, «que não «é difficil mostrar por que razões o governo monar«chico foi o primeiro cuja idea se devia apresentar. Era «mais facil aos povos quando pensarem estabelecer a «ordem na sociedade reunirem-se sob um só chefe do «que sob muitos: a realesa é a imagem da authori«dade que os pais tinham originariamente sobre os «filhos, sendo os paes n'esses tempos os chefes e os «legisladores da familia.»

Pelá sua parte sir Lubbock, pretende ter provado nos primeiros capitulos do seu livro «que a familia entre as raças inferiores estava muito longe de ser tão perfeitamente constituida», e cita contra a opinião de Goguet a de sir G. Grey que diz fallando dos australianos: «As leis destes povos não podem convir ao go«verno de uma so familia; a maior parte d'ellas não se «adaptam senão ao governo de um so grupo ou con«juncto de familias; essas leis não proveem assim de «regras impostas pelos pais a seus filhos, nem mesmo «de regras dadas por uma assemblea de pais a seus filhos, etc».

A nós parece-nos que uns e outros destes escriptores teem razão, segundo o seu ponto de vista, ou segundo as circumstancias a que se referem. A familia não poude, decerto, *desde o principio*, fornecer o typo do primeiro governo, quer monarchico ou outro. Mas desde que ella verdadeiramente se constituiu, desde que formou o vinculo que reune o homem em sociedade, não podia deixar de estender a esta o seu regimen, de dar aos governos o seu caracter, primeiro sob a forma patriarchal, depois sob a forma monarchica. Por muito imperfeito que seja ainda hoje o estado da familia entre os selvagens, e elle não o é tanto, em ge-

ral, como o suppõe Sir Lubbock, já ahi existe um chefe que se faz obedecer da mulher e dos filhos, e cuja authoridade é incontestavel e incontestada.

Nós tivemos diante dos olhos, no interior de Mossamedes, o quadro das diversas phases porque se opera a transição do que podemos chamar o *regimen da familia* para a primeira forma politica de governo, e vamos aqui desenhal-o em poucas palavras.

No mais baixo da escala apparecem os agrupamentos de familias, cada uma obedecendo ao seu chefe, mas unidas por um interesse commum, quasi sempre o da defesa, e guiando-se, no que diz respeito aos interesses da tribu, pelos conselhos dos mais velhos, ou dos mais influentes. É desta especie o *governo* que Sir G. Grey viu entre os Australianos, e no interior de Mossamedes se acha representado pelos Ba-Kankala em ultimo lugar. Os *Ba-Ximba,* tambem nomades, mas já pastores, estão acima destes, e os *Ban-Dongona* e os *Ba-Hinga*, visinhos dos Ban-Kumbi, pastores e agricultores, são os mais adiantados do mesmo grupo. Superiormente apparecem os povos entre os quaes um só chefe em uns casos hereditario, em outros não, começa a ser obedecido por toda a tribu; taes são os Ba-Cubale. Depois é que se encontram os povos constituindo verdadeiros estados, ou formando as primeiras sociedades politicas; os seus chefes formam uma classe separada, a dos *hambas*, e exercem um poder absoluto. A forma de governo entre estes é effectivamente a monarchica.

Tratando da propriedade diz Sir Lubbock que, ainda que alguns povos selvagens tenham dividido a terra em propriedades individuaes, entre outros ella permanece indivisa. Os direitos de vender e testar a terra, mesmo para esses que a possuem são-lhes desconheci-

dos. Segundo Campbell, citado por Sir Lubbock, a propriedade territorial, tal como nós a comprehendemos, quer dizer, a terra tornada mercadoria de que temos o direito de dispor, podendo vendel-a ou compral-a, não é uma instituição antiga, mas um progresso moderno, ao qual só entre alguns povos muito civilisados se tem chegado.»

Entre os Ba-Nhaneca e os Ban-Kumbi a terra é considerada propriedade do Hamba. Cultiva-a porem, quem quer, e por todo o tempo que quer, sem onus ou dependencia de licença, ou de outra qualquer formalidade. O individuo que se acha na posse de um terreno póde transferir o seu direito a outro, sem comtudo dar a esse acto o caracter de venda.

Sir Lubbock diz que alguma gente pensa que o selvagem tem a vantagem de gozar mais liberdade pessoal do que o homem civilisado, mas que é isso um profundo erro, e que pelo contrario «no mundo inteiro, a vida quotidiana do selvagem é regulada por uma quantidade de costumes, privilegios e prohibições absurdas e frequentemente muito incommodas, sendo as prohibições applicadas ás mulheres e os privilegios aos homens». Em abono desta opinião cita mr. Lang, Sir G. Crey, Whimper e outros.

Nós o que observamos no interior de Mossamedes é que se alguns dos costumes daquelles povos são menos razoaveis, outros se justificam perfeitamente, e quanto aos que podemos considerar mais ou menos absurdos não nos faltam por cá outros que lhes correspondem, e bem menos justificaveis.

Na Australia e em outros paizes diz Sir Lubbock ha o costume de o pai e a mãi tomarem os nomes dos filhos: Kadlipuma, por exemplo, o pai de Kadli.

Tambem entre os Ban-Kumbi e os Ba-Nhaneca e em

significação restricta. Não pode haver alguma cousa de semelhante com o nome de Bassuto?

Se perguntar-mos a um Mun-Gambue, ou a um Mun-Kumbi, como se chamam os povos que habitam o sertão do Nano, em lugar de responderem, *ó Ba-Nano*, ou *ó Bin-Bundo*, dirão *ó Ba-suto* «os incircumcidados» alludindo a esta circumstancia, ou *Bin-Bimbe*, os gaviões» alludindo as suas guerras de rapina, e se não conhecermos bem a lingua tomaremos aquelles nomes por os verdadeiros daquelles povos, quando elles são apenas alcunhas injuriosas. Casalis sabia a lingua dos Ba-Suto é verdade, mas escapam-lhe ás vezes significações de certos nomes, como a de *Mutito* «homem ou mulher pequeno», Balala «os que dormem», etc.

Livingstone tambem escrevia *Sebituane* por *Xibitano*, *seseke* por Xi-Seque, etc., ignorando talvez que xi-bitano se refere ao numero cinco e xiseque quer dizer terra solta ou arenosa, etc.

Seja como for parece-nos que haveria algum interesse em averiguar isto.

A terceira ceremonia, que ainda pode passar por um baptismo, consiste na adopção do nome que se pode chamar viril. Para isso é preciso que se pratique algum feito notavel na guerra; dado este caso, devidamente provado pelo testemunho de alguem, o homem que pretende adoptar um novo nome reune os seus *tabas*, parentes e amigos, e ahi no meio de uma festa ou banquete que lhes offerece toma a palavra e declara o nome que adopta, descrevendo ordinariamente com enthusiasmo o feito, ou feitos que praticou. Esse nome deve dar uma idéa do facto a que se allude. Se, por exemplo, se trata de uma acção de ligeireza, o nome adoptado pode ser o de *Nangolo*, zebra, isto é, veloz como a zebra; se é de uma acção de força o nome pode ser

de *Jamba*, elephante, isto é, forte como o elephante, etc.

As mulheres, como já dissemos, só teem um baptismo, no entanto assim que chegam á edade nubil, passam por uma ceremonia importante e que referiremos em poucas palavras.

No principio de cada anno, logo depois da festa da Geroa, tem logar essa ceremonia que é especial ás donzellas, e tem o nome de *ufico*, em Kumbi, e *uhico* em Gambue, de *cufica* ou *cuhica*, «chegar». Em cada familia onde ha uma donzella chegada á idade nubil começam por a surprehender despojando-a do vestuario que ella usa até essa idade, e que é especial do seu estado de donzella, e recolhem-a em uma casa. No dia seguinte pela manhã é conduzida para junto de uma arvore *múti-ie-panda*, que quasi sempre ha do lado de fóra do cercado que defende a habitação, e alli vem desfilar os bois do pai, dos quaes ella escolhe um, cuja carne hade servir para o banquete que é de costume dar por aquella occasião, e cujo couro, que elles reduzem a um estado de flacidez quasi como o do panno, hade servir para o seu novo vestuario. O couro desse boi deve ser preto. Durante os quatro ou cinco dias que dura a festa, a rapariga é sempre conduzida de manhã para o muti-ie-panda e de tarde, ao voltar para casa, ha um simulacro de resistencia, defendendo uns a entrada da casa, e outros atacando-a, e vencendo sempre estes. Acabada a carne do boi, e preparados os couros que hão de servir de vestuario á rapariga, é esta lavada, trançam-lhe os cabellos á moda das mulheres, mas ainda sem contas, põem-lhe missangas ao pescoço, e assim preparada deixa de ser *mucandona*, isto é, donzella, e passa a ser *mufico*, isto é mulher que chegou ao estado de casar. Até

áquelle momento a mucandona que apparece gravida é condemnada á morte, e a um genero de morte terrivel; é amarrada de mãos e pés e lançada viva ao rio para servir de pasto aos jacarés. Nunca, porém, durante os doze annos que eu estive entre aquelles povos se deu alguma execução destas pelo simples facto de não ter havido motivo para ella.

Esta ceremonia é commum a muitos povos d'Africa. Livingstone presenciou-a entre os Man-Ganja nas proximidades do lago Nyassa, onde tem o nome de *muari*, expressão que em sentido restricto quer dizer «mulher recem-parida, ou, «que amamenta uma criança», mas que neste caso deve significar, «mulher que se destina a ser mãi.» Entre os Be-Xuana a mesma ceremonia tem o nome de *boyalé*.

«Entre as raças inferiores, diz sir Lubbock, os chefes mal se occupam dos crimes, a menos que não attinjam directamonte os interesses da tribu em geral.

«Entre os indios da America do Norte quando um homem é assassinado, só a familia do defunto tem o direito do pedir satisfação.

«Parece, accrescenta Sir Lubbock, que o unico objecto da lei, n'esta especie de crimes, não é tanto de punir o criminoso como de limitar a vingança da familia da victima».

«Na Australia o criminoso pode resgatar o seu crime em se apresentando e em permittindo á pessoa offendida de lhe dar estocadas com a lança em certas partes do corpo, na coxa, na barriga da perna, ou no braço. A parte a ferir é indicada para cada crime».

E isto explica-se, pois que na origem não se olhava o crime se não como um negocio pessoal, não interessando senão o aggressor da victima, e não importando em nada á sociedade; todo o crime, mesmo o assassi-

nato, podia resgatar-se pelo pagamento de uma somma de dinheiro sufficiente para satisfazer os parentes do homem assassinado.

Este pagamento era proporcionado ao mal feito e não tinha nenhuma relação com o crime considerado como crime.

Segundo o direito romano, e mesmo de outros paizes, o ladrão apanhado em flagrante tornava-se, segundo a lei das doze taboas, o escravo da pessoa roubada, ou, se elle já era escravo, era morto. O ladrão apanhado muito tempo depois de ter praticado o roubo era obrigado a satisfazer duas vezes o valor dos objectos roubados.

Mais tarde modificou-se a severidade da pena imimposta ao ladrão apanhado em flagrante, obrigando-o a reembolsar quatro vezes o valor dos objectos roubados.

Os indios da America do Norte applicam o mesmo principio.

E o mesmo se pratica com pequena differença entre os povos Ban-Kumbi e Ba-Nhaneca. A multa é a pena geral para todos os crimes, quer de roubo, ferimento ou morte. Quem faz sangue a outro paga-lhe pelo menos um boi; se o ferido ficar aleijado, paga-lhe pelo menos um escravo. O criminoso que não tiver bens para pagar a multa que lhe foi imposta fica escravo da pessoa que offendeu.

Os crimes de roubo, injuria ou ferimento simples, não são punidos senão quando a parte offendida se apresenta a accusal-os. O assassinato, e a gravidez nas donzellas, são considerados crimes publicos, e accusados perante o Hamba pelos chefes ou senhores de terras, onde esses delictos se commettem.

Já aqui dissemos que é licito o casamento entre ho-

mem livre e escrava, e vice-versa, e que o escravo herda algumas vezes os bens do senhor.

Agora referiremos o costume ou a lei que protege o escravo contra os abusos do senhor. O escravo que é maltratado pelo senhor, tem o direito de escolher outro á sua vontade, e sem indemnisação alguma para aquelle.

A este acto chama-se *ó cuximba*, e effectua-se partindo o escravo ao sehor que quer servir qualquer objecto do seu uso, e declarando expressamente que lhe quer pertencer. Do senhor mais poderoso o escravo pode ir *ximbar* ao proprio Hamba, que nunca deixa de o acolher.

Esta lei presta-se a alguns abusos por parte dos escravos, mas os seus effeitos em geral são beneficos.

As passoas livres tambem podem *ximbar*, se isso lhes convier, e é esse um costume muito frequente entre alguns povos de outras raças, como os do Nano, mas muito raro entre os Ba-Nhaneca e os Bam-Kumbi. A miseria é sempre a causa determinante d'aquelle recurso desgraçado.

Sir Lubbock emfim diz «que a condição dos selvagens actuaes representa fielmente as differentes phases pelas quaes tem passado a raça humana. A historia da humanidade não tem sido mais que um longo progresso.»

Nem todos os povos, nem todas as raças teem progredido é certo, algumas mesmo tem estacionado, e outras é evidente que estão condemnadas a desapparecer mas a regra geral é aquella.

E estabelece as seguintes conclusões.

«Os selvagens actuaes não são os descendentes de antepassados civilisados.

«A condição primitiva do homem era um estado de barbaria absoluta.

«Muitas raças se teem elevado acima deste estado.

«Estas conclusões, diz elle, derivam de considerações strictamente scientificas, que nós devemos adoptar com tanto maior prazer quanto ellas nos fazem entrever um brilhante futuro».

E termina assim:

«No ultimo capitulo do *Homem antes da historia* admittindo os encantos que apresenta a vida selvagem, tentei indicar as immensas vantagens da nossa. Agora contentar-me-hei de accrescentar que, se a historia da humanidade não representa senão degeneração, pouca esperança podemos ter de progressos futuros. Se, ao contrario o passado representa um longo progresso, podemos esperar que assim será no futuro; que os beneficios da civilisação se espalharão, não somente sobre outros paizes, e sobre outras nações, mas que penetrarão mais no meio de nós, de tal sorte que não tenhamos mais de ver, como acontece hoje, um grande numero de nossos compatriotas levando uma vida peior do que a dos selvagens, não gozando das vantagens reaes destes, ainda que grosseiras, e não podendo attingir os destinos mais nobres que estão ao alcance do homem civilisado.»

Palavras nobilissimas, fundadas nos dados mais positivos da sciencia, e inspiradas por um sincero amor da humanidade.

Apesar, porem, da rectidão e generosidade de taes idéas, e das reservas mesmo que Sir Lubbock se impos a alguns respeitos, o seu livro foi logo violentamenta atacado, principalmente pelo duque d'Argyll e pelo arcebispo de Dublin, dr. Whately, como se vê do appendice á mesma obra, e cujos argumentos Sir Lub-

bock rebateu triumphantemente. É sina de toda a obra de progresso o ser furiosamente atacada por estes salvadores encartados da humanidade, que julgam que a moral e a virtude só pelo embuste e pelo artificio se podem manter.

Sir Lubbock diz: «A religião e a civilisação são solidarias, não avançando uma sem a outra, e todo o passo para diante feito pela sciencia traz-nos uma depuração correspondente na religião.»

«Durante o ultimo seculo, diz elle ainda, a sciencia purificou a religião na Europa occidental, extirpando a sombria crença da magia, que manchava o christianismo.»

Pode dizer-se com o illustre ethnologo que «não se tem até ao presente avaliado no seu justo valor o immenso serviço que a sciencia tem feito á causa da religião e da humanidade.

Em outro campo apparecem uns impugnadores á lei do aperfeiçoamento do homem, pretendendo que o homem foi, é, e sempre ha de ser mau, e por tanto que é escusado sonharmos com qualquer felicidade chimerica, por mais longe que colloquemos a mira. A historia é quem os confirma neste juizo. A historia a nós diz-nos exactamente o contrario. Se o homem nunca foi completamente bom, tambem nunca foi completamente mau. O bem e o mal são dous termos, ou duas condições até certo ponto necessarias da vida humana, e nós vemos que é o primeiro que prepondera.

O homem sempre mau, absolutamente mau, incapaz de se aperfeiçoar, e somente de se perverter, é um ideal que não sabemos onde nos podia conduzir... Emquanto a nós a humanidade deve procurar em ideaes mais nobres, em aspirações mais legitimas, a realisação dos seus altos destinos.

Como sir Lubbock, nós preferimos acreditar «que a historia da humanidade não é senão um longo progresso, e que nós podemos encarar o futuro com esperança e confiança.»

A. F. Nogueira.

INDICE

SEGUNDA PARTE

APPENDICE

ERRATAS

A precipitação com que foi impresso este livro fez com que passassem muitos erros, como,— extranho por estranho, celula por cellula, aliaz por álias, accudir por acudir, inergia por energia, trez por tres, destricto por districto, aclimação por acclimação, edicções por edições, extrenuo por estrenuo, gosar por gozar, couza por cousa, vassalo por vassallo, Fstado por Estado, cololonia por colonia, agriola por agricola, rodelas em vez de rodellas, etc., os quaes o leitor facilmente emendará. Alem destes os mais importantes são :

Pag.	Linhas	Erros	Emendas
7	15	impoem-se-nos	impõe-se-nos
16	6	necessarios	necessarias
20	9	impõe	impoem
30	16	atacaram	elles atacaram'
»	27	emulos?	emulos?»
39	8	que ataca	que ella ataca
51	12	manifestas	manifestos
58	1	Recorremos	Recorreremos
76	15	dos primeiros	do primeiro
98	e outras	Nanno	Nano
132	11	Gambué	Gámbuè
160	17	Ajuda	Ajudá
193	24	Lopez	Lopes
217	34	Não o acreditamos	Não o acreditâmos ;
251	28	ao *Siecle*	ao jornal *Le Siecle*
260	7	ou berço	o berço
»	12	o lun-kumbi	ou lun-kumbi
261	20	Os prefixos *bu*	Os prefixos *ban*
268	2	ambem	tambem
270	3	das sociedades	nas sociedades
271	33	da sir	de Sir
280	19	Richardon	Richardson
284	11	começa-se a achar	começa a achar-se
285	25	as seus	os seus
287	1	d	de
291	12	Perguntando	Perguntando eu
295	9	*o xari*	*ó xári*
299	5	pensarem	pensaram



